

CLOTILDE DE ALMEIDA AZEVEDO MURAKAWA

O PRIMEIRO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

DE

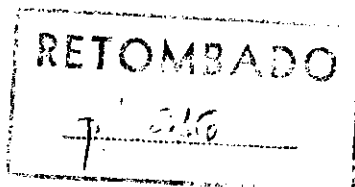
ANTÔNIO DE MORAIS SILVA

ESTUDO CRÍTICO DA EDIÇÃO DE 1813



Dissertação de Mestrado sob orientação da Profa. Dra. Maria Tereza C. Biderman, apresentada junto ao Curso de Pós-Graduação em Letras - Área de Concentração em Lingüística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras, Ciências Sociais e da Educação da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - Campus de Araraquara.

0300073555



ARARAQUARA

SUMÁRIO

	<u>pág.</u>
<u>PREFÁCIO</u>	1
<u>PRIMEIRA PARTE -</u>	
<u>INTRODUÇÃO</u> - Rápido informativo sobre a Lexi cografia Românica e Portuguesa ao tem- po em que Morais realizou o seu traba <u>l</u> <u>h</u> o.	3
<u>SEGUNDA PARTE -</u>	
<u>MORAIS E A SUA OBRA LEXICOGRÁFICA</u>	6
<u>Capítulo 1.</u> Dados biográficos sobre Antônio de Morais Silva.	6
<u>Capítulo 2.</u> O corpus do <u>Vocabulário</u> de Blu- teau, fonte primeira do exemplário de Morais.	12
2.1. O corpus do <u>Dicionário</u> de Morais, edição de 1813. Reconstituição de dados bibliográficos dessas fon- tes de referência.	26
2.2. Obras de autor desconhecido, in- cluídas no corpus do <u>Dicionário</u> . Algumas informações sobre elas.	34
2.3. Obras a respeito das quais não conseguimos obter nenhuma informa <u>ç</u> <u>ã</u> o.	41
2.4. Classificação por assunto das fon <u>ç</u> <u>õ</u> es consultadas por Morais.	41

TERCEIRA PARTE -

<u>CONFRONTO ENTRE O DICIONÁRIO DE MORAIS E O SEU MODELO: VOCABULÁRIO PORTUGUÊS E LATINO DO PE. BLUTEAU.</u>	45
--	----

<u>Capítulo 1.</u> Dados biográficos sobre o Pe. Bluteau.	45
---	----

<u>Capítulo 2.</u> Descrição sucinta do <u>Vocabulário de Bluteau.</u>	49
--	----

<u>Capítulo 3.</u> Confronto entre a obra de Bluteau e a obra de Moraes.	57
--	----

QUARTA PARTE -

<u>A LEXICOGRAFIA PRATICADA POR MORAIS</u>	110
--	-----

<u>Capítulo 1.</u> Falhas de impressão e de referência bibliográfica no <u>Dicionário de Moraes</u> , edição de 1813.	175
---	-----

<u>Capítulo 2.</u> Confronto entre a 1ª e a 2ª edição do <u>Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Moraes Silva.</u>	182
---	-----

QUINTA PARTE -

<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	205
-----------------------------	-----

<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	212
-----------------------------------	-----

TERCEIRA PARTE -

<u>CONFRONTO ENTRE O DICIONÁRIO DE MORAIS E O SEU MODELO: VOCABULÁRIO PORTUGUÊS E LATINO DO PE. BLUTEAU.</u>	45
--	----

<u>Capítulo 1.</u> Dados biográficos sobre o Pe. Bluteau.	45
---	----

<u>Capítulo 2.</u> Descrição sucinta do <u>Vocabulário</u> de Bluteau.	49
---	----

<u>Capítulo 3.</u> Confronto entre a obra de Bluteau e a obra de Moraes.	57
--	----

QUARTA PARTE -

<u>A LEXICOGRAFIA PRATICADA POR MORAIS</u>	110
--	-----

<u>Capítulo 1.</u> Falhas de impressão e de referência bibliográfica no <u>Dicionário</u> de Moraes, edição de 1813.	175
--	-----

<u>Capítulo 2.</u> Confronto entre a 1ª e a 2ª edição do <u>Dicionário da Língua Portuguesa</u> de Antônio de Moraes Silva.	182
---	-----

QUINTA PARTE -

<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	205
-----------------------------	-----

<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	212
-----------------------------------	-----

PREFÁCIO

Quando folheamos pela primeira vez o Dicionário da Língua Portuguesa, 2ª edição de 1813, de Antônio de Morais Silva, não poderíamos imaginar o valor e importância de seu conteúdo para a Lexicografia portuguesa. À medida que fomos desenvolvendo o nosso estudo, passamos a ver a obra de Morais não só como um repositório do léxico português, mas também como um veículo da cultura portuguesa da época em que foi escrito.

Definimo-nos, então, por uma linha de trabalho analisando o dicionário no seu aspecto linguístico e no seu aspecto cultural. Do ponto de vista linguístico, analisamos a obra dentro dos modelos estabelecidos pela moderna Lexicografia, com o intuito de ver como se sustentaria o dicionário em face dos princípios lexicográficos hoje aceitos; e, do ponto de vista cultural, saber se a obra traria em si expressos os padrões culturais de uma época. Pretendemos, portanto, destacar a importância da obra de Morais, que mesmo sendo escrita em fins do século XVIII (1ª edição- 1789) e começo do XIX (2ª edição- 1813), possui ainda grande valor para os estudiosos da moderna Lexicografia portuguesa.

No tocante à exemplificação de verbetes, tanto da obra de Morais quanto da de seu modelo, o Vocabulário Português e Latino (edição de 1712), do Pe. Raphael Bluteau, optamos pelo sistema de xerocópias, por ser a forma mais fiel e precisa de exemplificar, tendo em vista as dificuldades tipográficas que encontramos para a transcrição dos verbetes. Todavia, nem sempre foi possível obtermos cópias nítidas, devido ao papel das obras originais, já bastante amarelado pelo tempo.

As cópias extraídas do Vocabulário de Bluteau deixaram, algumas vezes, transparecer o que estava impresso no outro lado da folha, dando a impressão de falha da cópia.

Da edição de 1789 do Dicionário de Moraes, obtivemos as cópias através da microfilmagem e por isso nem sempre saíram claras. Somente da edição de 1813, mais recente, pudemos conseguir cópias mais nítidas. Mas em todos os casos onde houve falha, tomamos o cuidado de cobri-las com tinta preta, e portanto, podem, algumas vezes, parecer um pouco diferentes do original.

Contrariando as normas que a moderna Lexicografia estabelece para transcrição de verbetes, ou seja, que os verbetes devem ser sempre transcritos conforme a ortografia atualizada da língua, mantivemos a ortografia e a acentuação empregadas por Moraes, toda vez que fizemos citações de seus verbetes, e isto pelos seguintes motivos:

- 1) para dar ao leitor conhecimento da ortografia e acentuação da época em que o dicionário foi escrito;
- 2) para manter certa uniformidade e também fidelidade com relação à ortografia e acentuação dos verbetes, já que ao longo de todo o nosso trabalho, exemplificamos, inúmeras vezes, empregando xerocópias de verbetes extraídos do Dicionário.

Adotamos, também, o mesmo procedimento acima em relação aos verbetes extraídos do Vocabulário do Pe. Raphael Bluteau.

Finalmente, cumpre-nos ressaltar que grafamos sempre todos os verbetes com letra maiúscula, quer sejam do Dicionário de Moraes, quer do Vocabulário de Bluteau.

P R I M E I R A P A R T E

PRIMEIRA PARTE -

INTRODUÇÃO -

Rápido informativo sobre a Lexicografia Românica e Portuguesa ao tempo em que Mornis realizou o seu trabalho.

A Lexicografia, na opinião de lingüistas modernos, e em especial, de Jean Dubois, consiste na técnica de confecção de dicionários e na análise dessa técnica. Como o termo é um tanto ambíguo (o mesmo acontece com o termo lexicógrafo), separa-se a ciência da Lexicografia da prática lexicográfica.

A prática lexicográfica é bastante antiga e remonta aos glossários produzidos pelos gregos de Alexandria e pelos latinos. Naquela época, os glossários visavam à correção de erros e à compreensão de textos literários. Bastante conhecido entre os estudiosos de língua latina é o Appendix Probi, que, através da correção de palavras, forneceu aos lingüistas importantes subsídios para o estudo do latim vulgar.

Na Idade Média, foram elaborados inúmeros glossários e dentre eles destacamos: Glossário de Reichneau (século VII d.C.) e Glossário de Cassel (século IX d.C.) no período do império carolíngio. Na Península Ibérica destacamos as Glosas Emilianenses e Silenses, que datam, segundo Menendez Pidal, do século X d.C., sendo as Glosas Silenses posteriores às Emilianenses.

No período moderno (século XV), os primeiros dicionários espanhóis são: o de Alonso Palencia - Universal Vocabulário - e os dicionários bilingües de Antonio de Nebrija - Latino-Español e Español-Latino.

Em língua portuguesa, a exemplo dos vocabulários latinos de Nebrija, podemos citar as seguintes obras: de Jerônimo Cardoso - Dictionarium Latino-Lusitanicum & vice-versa

Lusitanico-Latinum (1570); de Agostinho Barbosa - Dictionarium Lusitanico-Latinum (1611); e de Bento Pereira - Thesouro da Língua Portuguesa (1646). Os dois últimos já datam do século XVII.

Em contraposição à escassa Lexicografia portuguesa do século XVII, verificou-se na França uma produção de obras de grande valor e importância. Em 1680 foi publicado o Dictionnaire de Richelet, obra de um purista que pretendeu reunir os termos do "bom uso" (bon usage) da língua francesa. Suas definições são exatas e abonadas com exemplos dos bons escritores do século XVII. Em 1690, saiu publicado o Dictionnaire Universel de Furetière, em dois volumes in folio; o valor desta obra é constituído por seu rico acervo, principalmente pela grande quantidade de termos técnicos. O Dictionnaire de Furetière é considerado o melhor trabalho lexicográfico do século XVII.

Finalizando o século XVII da Lexicografia francesa, ressaltamos o famoso Dictionnaire de l'Académie Française, de 1694, obra inferior a de Furetière, mas que serviu de orientação e base para as obras futuras.

O século seguinte - século XVIII - foi bastante produtivo na Lexicografia francesa; época das enciclopédias e do aparecimento de inúmeros dicionários, principalmente de termos técnicos. Em 1718 surgiu a nova edição do Dictionnaire de l'Académie, menos rico em termos técnicos do que o publicado em 1694. Juntamente com essa obra foram publicados vários dicionários de termos específicos das profissões, ciências e artes, como por exemplo: Dictionnaire de Commerce, de Savary de Bruslons; o Dictionnaire Universel de Mathématiques, de Savérien; e o Dictionnaire Universel des termes des arts et des sciences, de Perrault, com um léxico inédito de termos da Química. Entretanto foi o Dictionnaire de Trévoux, a obra mais importante, principalmente pelo abundante vocabulário técnico e científico, em especial da Botânica, além de numerosos termos populares e ar

caicos. Matoré afirma que o Trévoux é o " mais imponente edifício que elevou a Lexicografia francesa". (1)

Bem mais modesto que o anterior era o Manuel léxique do abade Prévost, repertório de termos técnicos publicado em 1750.

Apesar de terem sido publicados inúmeros dicionários no século XVIII, nenhum trabalho lexicográfico suplantou a famosa Encyclopédie, considerável monumento do conhecimento humano, que reuniu artigos de Diderot, D'Alembert, Rousseau, Turgot e tantos outros intelectuais franceses da época.

Se a Lexicografia francesa produziu no século XVII obras de inestimável valor para os estudiosos futuros, a Lexicografia portuguesa, bastante pobre, produziu apenas uma obra com característica mais de enciclopédia do que de dicionário de língua. Foi o Vocabulário Português e Latino do ilustre monge teatino, Pe. Raphael Bluteau. O vocabulário bilingue do Pe. Bluteau pode ser considerado a obra máxima dos primórdios da Lexicografia portuguesa e marco importante para o início da produção de outras obras do gênero; dentre elas a obra de Antônio de Morais Silva, publicada em 1789 (1ª edição): Dicionário da Língua Portuguesa (composto por Bluteau, mas reformado e acrescentado por Morais). A 1ª edição sucedeu a 2ª, de 1813 que neste trabalho é objeto de nossa atenção e estudo.

S E G U N D A P A R T E

MORAIS E A SUA OBRA LEXICOGRÁFICA

Capítulo 1.

Dados biográficos sobre Antônio de Moraes Silva

A biografia que organizamos de Antônio de Moraes Silva foi baseada na obra de Francisco Augusto Pereira da Costa, Notícia Biográfica do Dr. Antônio de Moraes Silva, obra que deve ter sido elaborada com cuidado por parte de seu autor, buscando ser o mais exato possível, tendo-se em vista os poucos dados existentes sobre a vida do lexicógrafo brasileiro.

"Antônio de Moraes Silva, o notabilíssimo lexicógrafo brasileiro, autor, entre outras obras, do primeiro dicionário que houve da língua portuguesa, o sábio e erudito homem de letras, como lhe chamam os mais exímios literatos portugueses, entre os quais se nota o ilustre filólogo D. Frei Francisco de S. Luiz, cardeal patriarca de Lisboa, é um dos muitos vultos notáveis da nossa história, cuja vida é completamente ignorada; não porque a gratidão nacional esquecesse o seu nome, mas pela falta absoluta de dados positivos, que ao menos constituíssem subsídios para ligeiros apontamentos biográficos". (2)

Nasceu Moraes na cidade do Rio de Janeiro em 1755 e era filho de Rosa Maria de Carvalho e Antônio de Moraes Silva.

Com a idade de 19 anos viajou para Portugal e em Coimbra matriculou-se na Universidade, onde fez o Curso Jurídico, formando-se em 1779.

"Recebeu a laura de bacharel "in utroque Ju

re", depois de um brilhantíssimo tirocínio acadêmico, conquistando em todos os exames do curso o mais elevado grau de aprovação". (3)

Após a sua formatura, por motivos pouco explicados , foi ele juntamente com outros acadêmicos denunciados à Inquisição, denúncia essa que lhe causou sérios transtornos.

Morais e seus colegas foram acusados de não terem observado o jejum prescrito pela Igreja durante a Quaresma, na comemoração da festa de formatura. Além disso muitas outras brincadeiras foram realizadas e entre elas a iniciação de um colega, Francisco Cândido Chaves na Maçonaria, e este parece não ter gostado da brincadeira. Tais fatos foram denunciados ao Santo Ofício que os tomou como afronta. Desta forma Morais foi condenado e sua prisão decretada.

Contando com o apoio de amigos, conseguiu fugir de Coimbra para Lisboa e daí para a Inglaterra, onde teve a sorte de receber a proteção de Luís Pinto de Sousa Coutinho, importante figura da política portuguesa e então embaixador de Portugal na Inglaterra.

Aí a vida do lexicógrafo mudou e pôde ele dar continuidade às leituras e aos estudos, pois se viu rodeado de livros da excelente biblioteca de Sousa Coutinho. Esse bibliófilo franqueou-lhe o uso de sua biblioteca. Nesta época, era Morais secretário da embaixada, cargo também conseguido pelo seu protetor.

Em 1783, por motivos ignorados, Morais saiu da Inglaterra para Roma, onde encontrou um amigo seu, Antônio Pereira de Sousa Caldas, já então ordenado padre. Tempos mais tarde, esse amigo, que era pessoa influente no Vaticano, visitou-o no Brasil.

Da Itália seguiu para a França, onde recebeu a ajuda de D. Vicente de Sousa Coutinho, ministro de Portugal, em Paris e parente de seu antigo protetor. Durante sua estadia em Paris, encontrou-se com Francisco Manuel do Nascimento - Filinto Elíseo --, que, como ele, também fora condenado pela Inquisição.

Obtendo um indulto, Moraes retornou a Portugal. Relata o Boletim da 2ª Classe da Academia Real de Ciências, às pags. 239 a 241 que Moraes ao regressar a Lisboa, apresentou-se ao Tribunal da Inquisição, confessando as injúrias feitas ao dito Tribunal e as brincadeiras que ele e colegas haviam feito com Francisco Cândido Chaves, numa simulada cerimônia de iniciação na Maçonaria.

Diante de sua humildade e confissão dos atos praticados, o Tribunal resolveu condená-lo ao ato público de fé. E em 23 de dezembro de 1785, Moraes fez a abjuração e se comprometeu a cumprir o que o Tribunal lhe impusera. Livre da condenação inquisitorial, Moraes começou, então, a se dedicar à impressão e publicação de suas obras.

Foi em 1788 que saiu publicada a sua primeira obra, tradução da História de Portugal, escrita por um grupo de literatos ingleses, e, em seguida, começou a impressão de Recreações de um homem sensível. Um ano mais tarde, vendia Moraes aos editores Borel & Cia. o seu Dicionário da Língua Portuguesa, obra que o imortalizou, dado o seu valor e importância na língua portuguesa.

Permaneceu Moraes em Portugal até o ano de 1794, quando se casou com Narcisa Pereira da Silva, vindo depois para o Brasil e fixando residência em Pernambuco. Começou então a advogar. Foi logo nomeado Juiz de Fora da Paraíba, cargo que não aceitou.

"... não aceitou a nomeação e continuou na sua faina de advogado, dispondo já de uma grande clientela e do alto conceito a que fizeram jus o seu caráter, o seu reconhecido merecimento e a celebridade de seu nome. (4)

O Visconde de Balsemão, Luís Pinto de Sousa Coutinho, voltando a Portugal e estando em posição de destaque no governo, mandou chamar Moraes que, deixando a família em Pernambuco, embarcou para a capital portuguesa. Aí, pouco permaneceu, apesar dos insistentes pedidos de seu protetor, que

(4) Pereira da Costa- Notícia Biográfica do Dr. Antônio de

tanto o admirava. Voltou para o Brasil já nomeado pelo governo português, Juiz de Fora e Provedor dos Ausentes na Bahia, em 1795. Sua permanência no cargo foi de apenas um ano, pois desentendimentos com o chanceler na Bahia fizeram - no regressar a Pernambuco, onde comprou uma propriedade rural em Muribeca, a algumas léguas de Recife.

Benéfico foi o tempo em que passou em sua propriedade, pois estudou medicina e farmácia. Com estes conhecimentos adquiridos através de leituras e a montagem de uma botica, pôde cuidar da saúde da família dos escravos e dos moradores vizinhos, granjeando a simpatia de todos.

Mas toda esta tranquilidade foi quebrada pela Inquisição, em 1806, que não havia se esquecido dele, reabrindo o processo anteriormente instaurado. Sérias acusações foram feitas a Morais, mas em nada resultaram, porque o processo foi definitivamente arquivado.

Seu nobre caráter e sua elevada cultura levaram o governo a conceder-lhe o hábito da Ordem de Cristo e a nomeá-lo capitão -mor da Vila de Santo Antônio do Recife.

Malgrado a sua saúde precária e problemas de visão, continuou Morais seu trabalho de enriquecimento de seu Di-cionário, que saiu publicado em 1813, a sua 2ª edição, a única de que Morais se considerou verdadeiro autor, apondo-lhe seu nome.

Quando em 1817 rebentou a revolução republicana em Pernambuco, Morais procurou manter-se neutro, não se envolvendo nos acontecimentos.

"Não aderindo Morais à revolução, pelos seus princípios ultra- realistas, e pelo seu espírito nimamente conservador; e não querendo responder por escrito ao ofício em questão (convido-o a participar da revolução) porque nessa resposta ficaria em corpo de delito incontestável, ou de sua adesão ou de sua repulsa formal, o que seria provocação ao triunfador

do dia, mandou pessoalmente a seu filho José Roberto de Moraes Silva desculpar-se com suas moléstias das pernas, de que realmente sofria, mas que em tais contingências foi o padecimento exageradamente apresentado. A junta do governo percebeu o subterfúgio e respondeu ao enviado: -Diga a seu pai, que é da sua cabeça, e não das suas pernas de que precisamos; e que quando carecermos dele o mandaremos buscar!"(5)

Mantendo-se afastado do movimento revolucionário e não tomando aparentemente partido, o próprio governo da revolução o nomeou Conselheiro de Estado, cargo que não aceitou. À margem do ofício que Moraes recebeu anotou o seguinte:

"Não aceitei, tirei carta, nem respondi; somente meti-me em cama passados dous dias, e nela estive doente de angurria e mais de espírito, até 10 de maio. Aos 11 parti em uma rede para o meu engenho e ajustado com o mui honrado e leal coronel Manoel Correia de Araujo para fazer na Muribeca o que fiz, e ele ia fazendo distrito de seu engenho quando esperássemos perto o amparo das forças e proteção das tropas de el-rei nosso senhor, a fazer a contra-revolução; e reputavam o coronel inepto e fraco (como a mim velho e fraco) e pateta já, e que só sabia dizer chalaças.(6)

Abatido e cansado pela enfermidade de tanto tempo e depois de insistentes pedidos de sua esposa, resolveu deixar Muribeca e voltar para Recife.

Com a proximidade da morte, Moraes pediu que lhe trouxessem um sacerdote de Muribeca que o atendeu nos últimos instantes.

Faleceu em 11 de abril de 1824, podendo ainda ver publicada a 3ª edição de seu Dicionário da Língua Portuguesa,

(5) Pereira da Costa- Notícia Biográfica do Dr. Antônio de Moraes Silva - p. 38

(6) Idem - ibidem -p. 41

edição organizada e ampliada de cinco a seis mil verbetes por Pedro José de Figueiredo.

Morais foi merecidamente elogiado por muitos eruditos e entre eles Joaquim Manuel de Macedo que no volume Ano Biográfico Brasileiro, consagrou ao lexicógrafo brasileiro as seguintes palavras:

"Foi homem distinto, eminente na primeira fila dos representantes da civilização do seu tempo no mundo português, e ninguém pode ainda hoje negar-lhe a merecida glória de primeiro lexicógrafo da língua portuguesa". (7)

Capítulo 2.

O corpus do Vocabulário de Bluteau, fonte primeira do exemplário de Moraes.

2.1. Embora haja, neste trabalho, um capítulo adiante, destinado ao confronto entre a obra de Moraes e a do Pe. Raphael Bluteau, achamos ser necessário destacar alguns aspectos da época em que Bluteau escreveu o seu Vocabulário e também do corpus por ele utilizado, porque foi neste corpus que Moraes se baseou para elaborar o seu Dicionário da Língua Portuguesa, edição de 1789.

O Pe. Bluteau teve os dois primeiros volumes de seu Vocabulário Português e Latino publicado em 1712 e impressos no Colégio das Artes da Companhia de Jesus. Sua obra está constituída de 8 volumes impressos sucessivamente em diferentes oficinas e anos, até 1721; neste mesmo ano imprimiram-se mais dois volumes de Suplemento.

Longos anos de trabalho levou Bluteau na elaboração de sua obra:

"Nesta obra ofereço a V.M. um retrato de grandes livrarias, e um trabalho de trinta anos; pequeno tributo para tão grande monarca; mas na extensão de oito volumes, grande teatro, para operações de Régio entendimento". (8)

Diante desta afirmativa, acreditamos que Bluteau tenha começado seu trabalho lexicográfico por volta de 1682, ou talvez em época mais antiga, dado o imenso acervo léxico coletado e as informações nele contidas.

Concebido e realizado no século XVII, a obra reflete o Portugal dessa época e sua sociedade; de fato, todos os autores que formam o seu Vocabulário publicaram suas obras neste século, século esse considerado de pobreza literária, e de poucas realizações culturais, comparado ao anterior:

"Considera-se, geralmente, de decadência a época que vamos estudar (seiscentismo). É-o, evidentemente, se a compararmos com a anterior, fremente de maravilhosos surtos que ela desconhece, com mais de um gênio criador a que ela não encontra igual. É-o, também, porque em nenhuma outra o País tanto viveu, espiritualmente, dos seus exclusivos recursos de relações cortadas com a atividade mental do mundo culto.

Portugal é uma nação pequena, onde não pode ser grande o número de gênios capazes de criar e renovar. Para suprir esta deficiência, para que a vida intelectual não se ensimesme num narcisismo infecundo, é indispensável que nela circulem os ventos fecundos de além fronteiras. Ora no século XVII, o único país a cuja convivência não estávamos seqüestrados era a Espanha, fechada como nós à cultura estrangeira."

(9)

Além do domínio espanhol, várias causas provocaram a decadência cultural de Portugal e seu isolamento:

- 1) a ausência de uma corte protetora da cultura em geral, como as anteriores de D.Manuel e de D. João III;
- 2) o Colégio das Artes restrito ao monopólio da Companhia de Jesus, ficando as publicações nas mãos dos religiosos;
- 3) o ensino dirigido pelos jesuítas que pretendiam fazer dos portugueses "bons católicos ainda que menos latinos"; (10)
- 4) a Inquisição e as mesas censórias tolhendo a liberdade de expressão e pensamento.

Assim vivia Portugal culturalmente.

Apesar das dificuldades intelectuais da época, Bluteau, graças ao seu prestígio junto às cortes portuguesas e às figuras de destaque, entre elas, os Condes da Ericeira,

pôde elaborar o seu Vocabulário, consultando as bibliotecas públicas e as particulares que havia.

As obras por ele utilizadas como exemplário de uso lingüístico, pertenceram à época seiscentistas, com raras exceções; contudo, escritores quinhentistas são frequentemente citados, abonando os verbetes do Vocabulário.

Convem lembrar aqui a afirmativa de G. Matoré:

"O vocabulário é a expressão de uma sociedade";

(11)

com base nesta afirmação, analisaremos o corpus utilizado por Bluteau.

Constatamos que Bluteau, utilizando-se de autores de sua época, dos quais muitos eram contemporâneos seus, refletiu a sociedade e o pensamento de seu tempo. E para confirmar a afirmativa acima, basta-nos fazer um levantamento das obras e autores por ele relacionados.

Grande é o número de autores que escreveram obras de prédica, teologia ascética, meditação, cerimônias religiosas e vida de santos, evidenciando a importância e a supremacia da cultura religiosa na época seiscentista; a crítica de Hernani Cidade confirma o fato:

"Fradesca e retraída a nossa cultura...

Na verdade, as cortes de 1687 queixam-se de que há clérigos demais, "o que não convém," porque tudo pertencia às ordens." (12)

Não só as obras de cunho eminentemente religioso estão presentes no corpus escolhido por Bluteau; vários são os autores religiosos que escreveram roteiros, itinerários de viagens e obras moralistas. Essas últimas evidenciam a preocupação constante da época em "conhecer o homem para o edificar segundo a ética cristã". (13). Em todos os setores da vida de Portugal notava-se sempre a influência dos religiosos.

(11) G.Matoré-Histoire des Dictionnaires Français-p.23

(12) Hernani Cidade -Lições de Cultura e Literatura Portuguesas- p. 296

(13) Ídem - História de Portugal - vol.V, p. 461

Nota-se que a censura literária e o Tribunal do Santo Ofício, sendo predominantes na época, influenciaram Bluteau, fazendo com que ele eliminasse do corpus de seu dicionário algumas figuras representativas da cultura portuguesa do Quinhentismo e Seiscentismo. A ausência de tais elementos num corpus lexicográfico que refletia sua época, só pode ter ocorrido pelo fato de terem sido eles censurados ou condenados pela Inquisição. De fato, desde 1547, a Inquisição vinha atuando, e com maior rigor e intensidade no período seiscentista.

A omissão de nomes como os de Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Garcia de Horta, Garcia de Resende, Diogo de Teive e André de Resende, só pode ser explicada da seguinte forma: a atuação da censura eclesiástica aí se fez presente. Nada mais natural que Bluteau, que era qualificador do Santo Ofício, os omitisse, pois seguia ele os padrões ético-religiosos da época.

Gil Vicente teve seus autos condenados pela Inquisição e desses, 1.163 versos suprimidos. Acrescente-se ainda sua atitude pública em favor dos cristãos - novos em 1531, quando ocorrera um tremor de terra em Santarém. Tal fenômeno natural fora atribuído a um castigo do céu por pecados cometidos. Ora, os cristãos - novos começaram a se esconder, receiando a perseguição, já que a sua experiência os levava a temer a acusação de serem eles os pecadores que açulavam a ira divina. Gil Vicente pronunciou eloquente discurso em favor desses cristãos, atitude essa que o fez vulnerável diante do tribunal eclesiástico.

Bernardim Ribeiro teve a sua obra Menina e Moça condenada pelo Index de 1581; Garcia de Horta, condenado pela Inquisição de Goa teve a sua obra Colóquios dos Simples e Drogas da Índia tirada de circulação. Partes do Cancioneiro Geral de Garcia de Resende foram proibidas pela censura em Portugal. E Diogo de Teive e André de Resende foram acusados de luteranismo e portanto condenados.

Os fatos acima mencionados confirmam a nossa afirma

ção anterior de que a censura literária e a Inquisição atuaram, indiretamente, sobre Bluteau que, seguindo as normas ditadas pela sociedade de seu tempo, eliminou escritores de valor de seu importante trabalho lexicográfico.

Continuando a análise do corpus da obra de Bluteau, em confronto com a época, destacamos as obras de história, os itinerários e as relações de viagens. Essas obras, além de ressaltarem os feitos passados e presentes dos portugueses, eram um meio de exaltação da Pátria que se encontrava retraída e submissa ao jugo espanhol.

"Nenhum gênio, tanto como a História, revela o clima espiritual que explica a literatura de Seiscentos. Fé na autoridade, religiosa ou profana, e pronta aceitação do maravilhoso, facilitada por um conceito da verdade mais do que nunca dependente dos motivos subjetivos de adesão a ela. Tais motivos determinavam-nos, por um lado, e espontaneamente, o unânime e ingênuo providencialismo, por outro lado o consciente e calculado propósito de radicar e exaltar a vontade de autonomia da Nação". (14).

O grifo é nosso.

Assim, como os itinerários e relações de viagens, a História desenvolveu-se bastante por obra de religiosos, pois o ambiente dos mosteiros era o mais propício que havia para a investigação histórica. Nesse sentido foi o mosteiro de Alcobaça um dos mais importantes na época. Aí foi produzida a famosa Monarquia Lusitana, cujo relato se inicia com a criação do mundo indo até o ano de 1.385. Essa monumental obra da história portuguesa foi escrita por vários religiosos e entre eles Fr. Rafael de Jesus, que também escreveu Castrioto Lusitano, e Fr. Bernardo de Brito, autor da Crônica de Cister, crônica de sua ordem monástica.

Entre os vários religiosos que escreveram sobre seu tempo, Pe. Baltasar Teles escreveu a Crônica da Companhia

de Jesus; Fr. Luís de Sousa, a Vida de Fr. Bartolomeu dos Mártires e a História de São Domingos; Fr. Manuel da Esperança, a História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de São Francisco; D. Rodrigo da Cunha, a História de seu prelado em Braga, Porto e Lisboa, o Catálogo dos Bispos do Porto, a História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga e História Eclesiástica da Igreja de Lisboa.

Também os leigos deixaram, neste período, obras de valor sobre a história da nação portuguesa: Jacinto Freire de Andrade legou-nos a Vida de D. João de Castro; Jerônimo de Mendonça, Jornada de África; Francisco Brito Freire, a História da Guerra Brasílica; D. Fernando de Meneses, o 2º Conde da Ericeira, a Vida e ações del-rei D. João I.

Além dos nomes acima citados, um elenco enorme de historiógrafos que escreveram sobre Portugal, sobre os feitos dos portugueses na África, Ásia e América e sobre a história das religiões no Reino de Portugal, formam o corpus do Vocabulário de Bluteau.

Ainda que com menor intensidade do que ocorreu no Quinhentismo, os itinerários de viagens encontraram terreno produtivo no século XVII. Várias foram as obras deixadas pelos inúmeros viajantes portugueses que percorreram terras da Ásia e África. Fernão Mendes Pinto e a sua famosa Peregrinação, publicada em 1614, narrou a sua vida de aventuras pelos mares do Oriente, pela costa da Birmânia, arquipélago de Sunda, Molucas, China e Japão. Notáveis também são as obras de Pe. Manuel Godinho - Relação -; de Fr. Gaspar de S. Bernardino - Itinerário -; de Antônio Tenreiro - Itinerário a Índia e Portugal -; de Francisco de Rogemont - Relação do Estado Político e Espiritual do Império da China.

Não só a historiografia portuguesa de seiscentos compõe o corpus do Vocabulário; também as grandes obras quinhentistas o integram. Devem ser mencionados aqui: João de Barros e Diogo do Couto - Décadas -; Damião de Góis - Crônicas del Rei D. Manuel - e do Príncipe D. João. As obras

desses três cronistas portugueses constituíram importante e xemplário para Bluteau, abonando seus verbetes.

Todas essas obras vêm confirmar o grande valor e importância que tais feitos representaram na vida do povo português no século XVII.

Assim como a História, a poesia épica foi considerada como um elemento de exaltação à Pátria, que se encontrava dominada pela nação vizinha-Espanha. O gênero épico constituiu-se numa literatura de resistência que tanto alentou nos portugueses o sentimento de autonomia. A expressão máxima da poesia épica - Camoões -, embora pertencente ao Quinhentismo, encabeça a relação dos épicos da obra de Bluteau. Além do grande épico português, outros de menor expressão são citados: Francisco de Andrade e o Primeiro Cerco de Diu; Luís Pereira Brandão e a Elegíada; Jerônimo Corte-Real e o Naufrágio de Sepúlveda; Gabriel Pereira de Castro e Ulissea ou Lisboa Edificada; Francisco Rodrigues Lobo e o Condestável de Portugal; Francisco Sá de Meneses e Málaca Conquistada; Manuel Bocarro Francês e Anacefaleoses da Monarquia Lusitana; António de Sousa Macedo e Ulissipo. A evocação dos feitos heróicos avivava assim, o sentimento de autonomia da nação portuguesa.

Quanto à poesia lírica, com exceção de Francisco de Sá de Miranda, poeta quinhentista selecionado por Bluteau, poucos foram os que integraram o corpus do Vocabulário, a saber: António Ferreira - Poemas Lusitanos -; Francisco Rodrigues Lobo - Éclogas -; Manuel de Faria e Sousa - Albânia.

Acreditamos que a poesia lírica não foi tão explorada por Bluteau em sua obra, pelo fato de ser ele um religioso e como bem diz D. Francisco Manuel de Melo:

"... a poesia se funda em dois polos que são o amor e a ociosidade! Ora estes dois polos são alheios aos religiosos porque "a mortificação opõe-se ao afeto e a disciplina ao ócio." (15)

Talvez, exatamente pelo fato de ser a poesia lírica alheia ao sentimento do religioso, tenha Bluteau omitido nomes como os de Fr. Agostinho da Cruz, Fernão Álvares do Oriente, Francisco de Moraes e Pero de Andrade Caminha; todos eles representantes da poesia lírica de seu tempo.

Resta-nos considerar ainda o teatro português, que no período seiscentista foi um dos grandes gêneros prejudicados pela situação político-religiosa em que se encontrava Portugal. A Companhia de Jesus substituiu os autos vicentinos por comédias latinas com grande aparato cênico e que se destinavam apenas a uma elite que entendia o latim. Assim, do gênero dramático Bluteau elegeu uma figura importante: Jorge Ferreira de Vasconcelos. Não sabemos, contudo, quais comédias do autor foram utilizadas por Bluteau, porque as mencionou num único título Três Comédias; acreditamos serem elas: Ulissipo, Aulegrafia e Eufrosina; essa última condenada pela Inquisição. Talvez seja por isso que Bluteau as englobou num único título. Além de Ferreira de Vasconcelos, temos Simão Machado considerado uma das importantes figuras do teatro português. Bluteau utilizou suas Comédias no corpus de seu Vocabulário.

Continuando a análise do corpus, observamos que raras são as obras científicas citadas por Bluteau. Em Portugal, a ciência floresceu somente no fim do século XVIII. No século XVII, houve apenas algumas tentativas de sistematização científica, e em especial no campo da medicina, matemática, navegação científica, arquitetura e arte militar, astronomia, geografia e cosmografia. Neste período, as obras que surgiram foram fruto do trabalho de alguns jesuítas e leigos inovadores, já imbuídos de certas tendências positivistas, tendências essas aliadas a critérios experimentalistas e práticos da especulação científica, que começava a se esboçar em Portugal. Na medicina encontramos citados os representantes máximos: Francisco Morato Roma - Luz da Medicina; Manuel dos Reis Tavares - Controvérsias Filosóficas e Médi

cas; João Curvo Semedo -Tratado da Peste-, Poliantea Medicinal-, -Notícias Galênicas e Químicas- e -Observações Médicas, Doutrinais de Casos Gravíssimos -; esse último, médico famoso de seu tempo e inventor de alguns remédios especiais.

Na aritmética Bluteau consultou de Gaspar Nicolas a Prática da Aritmética; e de Manuel de Figueiredo a sua obra principal Hidrografia, Exame de Pilotos.

Na arquitetura e arte militar temos: Luís Serrão Pimentel -Método Lusitano- e Luís Mendes de Vasconcelos - Arte Militar.

Enfim na astronomia, cosmografia e geografia, estreitamente ligadas na época, cabe destacar: André de Avelar e a Cronografia ou Repertório dos Tempos; Antônio de Naxara e Navegação Especulativa e Prática; João de Barreira e Arte Prática de Navegar; Gaspar Barreiros e Corografia de alguns lugares; Luis Serrão Pimentel e Roteiro do Mediterrâneo; e Manuel Pimentel e Arte Prática de navegar.

Ainda constituindo o exemplário da obra de Bluteau, temos algumas obras de autores que trataram da caça de alta volateria, cavalaria, gramática, léxico (dicionários), ortografia, música, jurisprudência e política. Sobre esses assuntos julgamos serem as obras sobre Linguística - gramática, léxico e ortografia- e sobre Política, as que devem merecer algumas anotações à parte.

Quanto à gramática, léxico e ortografia, Bluteau foi buscar nos gramáticos dos séculos XVI e XVII a exemplificação para a sua obra, a saber: Duarte Nunes de Leão, Fernão de Oliveira, Bento Pereira, Agostinho Barbosa, João Franco Barreto e Amaro Roboredo (e não Mauro Roboredo, como consta em Bluteau). Esse último, considerado um dos célebres gramáticos portugueses, sobrepôs-se às idéias de seu tempo, reconhecendo a necessidade de reunir o ensino da língua latina e da portuguesa num mesmo compêndio, além de estabelecer os princípios gerais da gramática.

Finalmente, no tocante às obras sobre economia política e social, observamos que a época apresenta nomes importantes. Embora Bluteau tenha relacionado um número razoável de autores, poucos foram os que, na época, mereceram os elogios da crítica. A primeira obra importante do pensamento econômico foi a de Luís Mendes de Vasconcelos, Sítio de Lisboa, que tratou da política de expansão portuguesa, durante o tempo do domínio espanhol. Passada essa época e recuperada a independência, surgiram alguns escritores que se tornaram importantes pelos seus trabalhos no campo político e social. Foram eles: João Pinto Ribeiro - Desengano ao parecer enganoso que se deu a El-rei D. Felipe - e Discurso sobre os portugueses não militarem em conquistas alheias; Antonio do Carvalho Perada - Arte de Reinar - e - Justificação dos portugueses sobre a ação de libertarem o seu Reino da obediência de Castela; e Francisco Velasco de Gouvea - Justa aclamação do sereníssimo rei de Portugal D. João IV. Todos esses escritores foram considerados clássicos da exposição político-jurídica. A esses nomes foram acrescentados outros tratadistas políticos, cujas obras mereceram a atenção de Bluteau: Sebastião César de Meneses e sua Suma Política; Fr. Jacinto de Deus e Braquilogia de Príncipes; Antônio de Sousa Macedo e Harmonia Política dos documentos divinos com as conveniências de Estado; Manuel Severim de Faria e Notícias de Portugal; e finalmente Duarte Ribeiro de Macedo e Juízo histórico, jurídico e político sobre a paz celebrada entre as corças de França e Castela no ano de 1660.

Um gênero literário bastante desenvolvido na Idade Média foi o gênero didático e várias foram as obras sobre caça de alta volateria, cavalaria e alveitaria que surgiram no século XVII. Os autores que se dedicaram a tal gênero não foram esquecidos por Bluteau. O mais importante foi Diogo Fernandes Ferreira que escreveu Arte da Caça de Altenaria, impressa em 1616. Os demais, Antônio Pereira do Rego que escreveu Instrução da Cavalaria de brida, com um trata-

do de alveitaria; Francisco Pinto Pacheco, Tratado de Cavalaria de Gineta; e Antônio Galvão de Andrada, Arte de Cavalaria de Gineta e Estardiota. Estes últimos foram figuras de menor expressão.

Formado, assim, por um total aproximado de 406 obras de autores dos séculos XVI e XVII, eis, em linhas gerais o corpus utilizado por Bluteau como fonte de citação e exemplário lingüístico. Bluteau reuniu em seu trabalho lexicográfico o patrimônio cultural de então, malgrado algumas omissões ocorridas, provavelmente por causas alheias a sua vontade.

"As palavras não significam por sua natureza, mas por instituição dos homens; e cada nação, assim bárbara, como polida, deu princípio e sentido às palavras de que usa. Daqui nasce, que não temos outra prova da propriedade das palavras, que o uso delas, e deste uso não há evidência mais certa, e permanente, que a que nos fica nas obras dos autores, ou manuscritas ou impressas." (16) (O grifo é nosso)

Antes de Moraes, a produção lexicográfica portuguesa era bastante reduzida. Basta lembrar que antes dele encontramos apenas as obras que, a seguir, nomeamos em ordem cronológica:

- 1) Jerônimo Cardoso - Dictionarium Latino-Lusitanicum & vice-versa Lusitanico-Latinum-Conimbricae excussit Joannes Barrerius, 1570, 4º. (sic);
- 2) Agostinho Barbosa- Dictionarium Lusitanico- Latinum - Braccharae Augustae, apud Fructuosum Laurentium de Basto, 1611, fol. (sic);
- 3) Bento Pereira - Thesouro da Lingua Portuguesa- Lisboa, por Paulo Craesbeeck, 1646, fol. (sic);
- 4) Pe. Raphael Bluteau- Vocabulario Portuguez e Latino - Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1712, fol. (sic).

2.2. Somente em 1789, surgiu a 1ª edição do Dicionário de Morais. No frontespício ele escreveu:

"... composto pelo P.Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antônio de Morais Silva, natural do Rio de Janeiro".

Morais iniciou e concluiu o seu trabalho lexicográfico em Portugal, onde foi editado.

Entre a 1ª edição de seu Dicionário e a 1ª do Vocabulário de Bluteau, há uma distância de 77 anos. Confrontando o corpus que serviu de fonte para ambas as obras, observamos que é o mesmo, via de regra, com algumas supressões e a créscimos feitos por Morais.

Da análise dos dois corpus, notamos que Morais acrescentou ao seu dicionário várias obras de autores importantes da vida cultural portuguesa nos séculos XVI e XVII, autores esses omitidos por Bluteau. Assim, em Morais, aparecem nomes como os de Gil Vicente, Garcia de Horta, Garcia de Resende, Bernardim Ribeiro, André de Resende, Diogo de Teive, Fr. Bartolomeu dos Mártires, Diogo Paiva de Andrade (1º) Gomes Eanes Zurara, Rui de Pina, e muitos outros.

Toda a obra de Luís Vaz de Camões foi explorada por Morais, desde os sonetos, redondilhas, éclogas, odes, até suas peças de teatro, sem esquecer certamente a sua obra máxima Os Lusíadas. Aparecem citações camonianas com grande frequência, como exemplos de uso linguístico. Bluteau, porém, utilizou apenas o poema épico. Acreditamos que o tenha feito em virtude do espírito nacionalista e de exaltação à Pátria imperantes ao tempo da elaboração de seu Vocabulário.

Um aspecto interessante a ser observado na obra de Morais é o fato de ele ter incluído em seu corpus vários autores portugueses que foram perseguidos ou tiveram suas obras condenadas pela Inquisição. Tais escritores, omitidos por Bluteau, serviram de fonte documental para Morais. Isso

nos leva a crer que a perseguição sofrida por Moraes pela Inquisição portuguesa motivou-o a homenagear tais autores em sua obra, sem esquecer-se, naturalmente, do mérito e valor próprio desses autores. Além dos escritores condenados pela Inquisição, Moraes acrescentou outros , cujas obras mereceriam constar de sua relação; foram eles: Fr. Agostinho da Cruz, Fernão Álvares do Oriente, Francisco de Moraes, Manuel de Galhegos, Braz Garcia de Mascarenhas, Bernardo Gomes de Brito e vários outros.

Preocupou-se Moraes em acrescentar obras científicas que, na sua época, começavam a ser publicadas em Portugal . Como bem diz Hernani Cidade em sua História de Portugal, vol. V, p.511 , " ciência portuguesa floresceu somente no fim do século XVIII".

Em 1772, criou-se em Coimbra a Faculdade de Matemática composta de quatro cadeiras: Álgebra e Cálculo Infinitesimal, Geometria, Mecânica e Astronomia. Anos mais tarde acrescentou-se-lhe a cadeira de Hidráulica. Não existiam na época obras que tratassem desses assuntos; sentiu-se, então, a necessidade de traduzir obras de escritores estrangeiros, como: Aritmética e Álgebra de Estevão Bezout; Mecânica do Abade Marie; e Curso de Matemática (Bellidor). Juntamente com estes nomes, apareceram dois portugueses que escreveram sobre engenharia: Manuel de Azevedo Fortes que escreveu o Engenheiro Português, e Manuel da Maia, Fortificação Moderna. Este último foi engenheiro-mor do Reino e autor do plano de reedificação de Lisboa após o terremoto de 1755. Todas essas obras compuseram o corpus do Dicionário de Moraes.

O lexicógrafo brasileiro seguiu os passos de Bluteau; assim, em seu dicionário abundam obras religiosas e moralistas, roteiros e relações de viagens, história, geografia, poesia épica e em menor escala, poesia lírica. Do mesmo modo que em Bluteau, aparecem também as obras de caça de alta vólteria, cavalaria, política, jurisprudência, astronomia, gramática, léxico, ortografia e música.

Embora Moraes tenha elaborado sua obra no século XVIII, a grande maioria dos autores do corpus de seu dicionário é do século XVII.

Moraes juntou ainda à sua relação um número razoável de obras sobre legislação portuguesa, que formam um conjunto interessante constituído pelas Ordenações Manuelinas, Afonsinas, do Rei D. Duarte, Filipinas, além das Leis Modernas: Josefinas e da Rainha D. Maria I. Juntamente com as Ordenações do Reino temos os Editais da Inquisição e os Editais da Real Mesa Censória, os Estatutos da Universidade de Coimbra, e as Constituições do Bispado da Guarda. Além disso, no corpo do dicionário localizamos inúmeros alvarás, editos, editais, regimentos, leis, acordos, posturas e forais que ilustram o dicionário de Moraes e que nos informam como era a legislação portuguesa; selecionamos os seguintes exemplos (*): Edital do Santo Ofício de julho de 1769 (verbe te ILLUDENTE); Regimento de 15 de dezembro de 1472 (verbe te LEALDÁR); Lei de 21 de março de 1800 (verbete LEGALISÁR); Lei de junho de 1800 (verbete LICITANTE); Lei de maio de 1803 (verbete LOCALIDADE); alvará de julho de 1521 e de junho de 1548 (verbete MANCEBÍA); Edito de Évora de 1625 (verbe te MÁTE); alvará de 04 de junho de 1766 (verbete SAPADOR); posturas de Évora de 1318 (verbete TRAVÁDO); foral de Thomar de 1174 (verbete USANTE).

Ao lado destas obras, encontramos outras interessantes como a Arte de Furtar, o Auto do Dia do Juízo, História de Isea, Dedução Cronológica e Analítica, Martirologio Romano, de autores anônimos, e que foram muitas vezes citadas por Moraes como abonações de verbetes.

Às obras anteriormente referidas, destinamos um capítulo à parte.

A obra básica de Moraes utilizada por nós para fazer a presente análise foi a 2ª edição de 1813, por ser a única considerada pelo autor como sendo de sua própria autoria e a primeira que levou seu nome como autor. Se, no entanto, com

(*) - são grafados com letra maiúscula os verbetes extraídos do Dicionário de Moraes.

pararmos a 1ª edição de 1789 com a de 1813, no que se refere ao corpus, vamos encontrar pequenas alterações; ao passo que se a comparação se fizer com as edições subsequentes às de 1813, vamos notar grandes modificações feitas pelos organizadores dessas edições, que alteraram substancialmente a obra original de Antônio de Morais Silva.

2.1. O corpus do Dicionário de Morais, edição de 1813. Reconstituição de dados bibliográficos dessas fontes de referência.

O quadro que organizamos, a seguir, reúne os autores e suas obras e determina a época em que viveram. A fim de completar os dados, em muitos casos indicamos entre parênteses a variante do nome do autor, e às vezes o seu nome de batismo; registramos, também, algumas vezes, ao lado do nome o título que possuíram, a profissão ou a ordem religiosa a que pertenceram.

A interrogação colocada na coluna nascimento/ morte, indica que se desconhece uma ou outra data ou mesmo que se desconhecem ambas; já a interrogação em frente a data, indica dúvida quanto a sua exatidão.

Indicamos também, uma vez ou outra, adiante do título de algumas obras, a data ou a edição consultada por Morais, data esta fornecida por ele próprio na relação de autores. Das demais obras não pudemos saber qual a edição consultada.

O objetivo de nosso quadro é determinar com a maior precisão possível o corpus com que Morais trabalhou para a elaboração de seu dicionário.

	Autor
001	Afonso de Albuquerque (Braz de Albuquerque)
002	Fr. Agostinho da Cruz (Agostinho Pimenta)
003	Agostinho Gavy de Mendonça
004	D. Aleixo de Menezes (prelado augustiniano)
005	Fr. Alpoim (José Fernandes Pinto Alpoim)
006	P. Álvaro Lobo
007	Fr. Amador Arraes
008	Fr. Amador Rabello (Amador Rebello)
009	André de Avelar
010	André de Resende
011	André Nunes da Silva (presbítero secular)
012	P. Antonio Carvalho da Costa (presbítero secular)
013	Antonio Carvalho de Perada (ou Parada)
014	Antonio Correa
015	Antonio d'Andrada (ou Andrade)
016	Antonio da Costa
017	Antonio da Cruz (cirurgião)
018	Fr. Antonio das Chagas (Antonio da Fonseca Soares)
019	Antonio de Castilho
020	Antonio de Freitas
021	Fr. Antonio de Gouvea
022	Antonio de Maris Carneiro (cosmógrafo-mor do Reino)
023	Antonio de Naxara (ou Najera)
024	Antonio de São Bernardo (ou de São Bernardino)
025	Antonio de Sousa Macedo
026	Antonio de Vasconcelos (jesuíta)
027	Antonio de Villas-Boas e Sampaio
028	Fr. Antonio Foyo (Antonio Feo - dominicano)
029	Antonio Ferreira
030	Antonio Galvão de Andrade
031	Antonio Lopes Cabral (Cavaleiro da Ordem de Cristo)
032	D. Antonio Pinheiro (Bispo de Miranda e Leiria)
033	Antonio Pinto Pereira
034	Antonio Prestes

Nascimento Morte	Obras
1500/1580	Comentários de Afonso de Albuquerque
1540/1619	Poesias (1ª edição)
? /1607	Cerco de Mazagão
1559/1617	Jornada do Arcebispo de Goa/Sínodo de Angamale/Falas de D. Aleixo de Menezes
1623/1696	Exame d'Artilheiros
1551/1608	Entrada das Religiões em Portugal
1530/1600	Diálogos: O Diálogo e o Capítulo
1542/1622	Capítulos tirados das Cartas pelos Missionários da Índia
1546/ ?	Cronografia
1495/1573?	História de Évora (ed.1783)/Vida do Infante D.Duarte (ed.1789)
1630/1705	Hecatombe Sacra
1650/1715	Via Astronômica
1595/1655	Arte de Reinar
1 ? /1698	Fama Póstuma
? /1634	Descobrimento do Cataio
/	Fábrica de Relógios
? / ?	Recopilação da Cirurgia
1631/1682	Cartas/Obras Espirituais
? / ?	Comentário do Cerco de Goa/Elogio a D.João III
? / ?	Primores Políticos
1628/ ?	Relação da Pérsia
? /1642	Regimento de Pilotos
? / ?	Navegação Especulativa e Prática/Suma Astrológica
? /1674	Caminho do Céu
1606/1682	Harmonia Política/Domínio Sobre a Fortuna/Ulissipo
? /1622	Tratado do Anjo da Guarda
1629/1701	Nobiliarquia Portuguesa
? /1627	Sermões/Tratado dos Santos
1528/1569	Poemas
? /1689	Cavalaria da Gineta e Estardiota (2ª edição)
1634/1698	Pancarpia
? / ?	Coleção das obras portuguesas (edições de 1784 e 1785)
? / ?	História da Índia

	Autor
035	Fr. Antonio Teixeira
036	Antonio Tenreiro (Cavaleiro da Ordem de Cristo)
037	Antonio Velloso de Lira
038	P. Antonio Vicira
039	P. Balthasar Telles (jesuíta)
040	Barreto Fuseiro (Nuno Barreto Fuseiro)
041	Fr. Bartholomeu dos Mártires (dominicano)
042	P. Bartholomeu do Quental
043	Bartholomeu Guerreiro (jesuíta)
044	Bartholomeu Paxão (ou Pachão)
045	Bento Pereira (jesuíta)
046	Fr. Bernardino da Silva (monge cisterciense)
047	Fr. Bernardo de Alcobaça (monge cisterciense)
048	Fr. Bernardo de Brito (Balthasar de Brito Andrade)
049	Bernardo Gomes de Brito
050	Braz Garcia de Mascarenhas
051	Conde da Ericeira (3º Conde- D. Luís de Menezes)
052	Fr. Cristovão de Lisboa (franciscano)
053	Cristovão Osorio
054	Damião de Gois
055D	Diogo Bernardes
056	D. Diogo da Anunciação Justinia o
057	Diogo de Lemos
058	Diogo Paiva de Andrade (1º)
059	Diogo Paiva de Andrade (2º)
060	Diogo de Teive (Doutor em Direito Civil)
061	Diogo do Couto
062	Diogo do Rosário (dominicano)
063	Diogo Fernandes Ferreira
064	Diogo Gomes Carneiro
065	Fr. Domingos de S. Thomaz
066	Duarte de Sande (jesuíta missionário)

Nascimento Morte	Obras
1602/1687	Epítome de Notícias Astrológicas
? / ?	Itinerário que vem nas últimas edições da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto
1616/1691	Espelho de Lusitanos
1608/1697	Semoões/Cartas/História do Futuro
1595/1675	Crônica da Companhia de Jesus/História Geral da Etiópia
? /1702	A Vida de Sta.Teresa/A Vida do Evangelista/Prática entre Heráclito e Demócrito
1514/1590	Catecismo
1626/1698	Meditações da Infância de Cristo/Paixão de Cristo/Sermoões
1564/1642	Recuperação da Bahia
? / ?	Fábula dos Planetas
1605/1681	Prosódia
? /1641	Defensa da Monarquia Lusitana
? /1478	Vita Christi
1569/1617	Crônica de Cister (1ª edição)/Elogio dos Reis/Geografia/Silvia de Lisardo
1688/ ?	História Náutica-Trágico Marítima
1596/1656	Viriato Trágico
1632/1690	Portugal Restaurado
? /1652	Jardim da Escritura/Santoral
1574/1630	Pancarpia
1501/1521	Crônica do Príncipe D.João II/Crônica d'el rei D.Manuel
? / ?	O Lima/Flores/Rimas
1654/1713	Troféu Evangélico
? / ?	Vida de São Domingos
1528/1575	Sermoões
1576/1660	Casamento Perfeito (1ª edição)
? / ?	Epodos (tradução de Francisco de Andrade- edição 1789)
1542/1616	Décadas
? /1580	Flos Sanctorum (edição 1567)
? / ?	Arte da Caça da Altenaria
? /1676	História do Capuchinho Escocês/Oração Apodíxica
? /1675	Prédica Sacramental
? /1600	Itinerário dos Príncipes Japoês

067	Duarte Nunes de Leão
068	Duarte Ribeiro Pacheco (Cavaleiro da Ordem de Cristo)
069	Estevão Bezout
070	Fr. Faustino da Madre de Deus (franciscano)
071	Fr. Felipe da Luz (ordem de Santo Agostinho)
072	Felipe Nunes (Felipe Chagas - dominicano)
073	D.Fernando Alvia de Castro
074	D.Fernando Correa de Lacerda
075	D.Fernando de Menezes (2º Conde da Ericeira)
076	Fernando Ximenez de Aragão (ou Fernão X. de Aragão)
077	Fernão Álvares do Oriente
078	Fernão de Oliveira
079	P.Fernão de Queiroz (jesuíta)
080	P.Fernão Guerreiro
081	Fernão Lopes de Castanheda
082	Fernão Mendes Pinto
083	P.Francisco Alvares
084	Francisco Cardin
085F	Fr. Francisco da Natividade (carmelita)
086	Francisco de Andrade (Comendador da Ordem de Cristo)
087	Francisco de Brito Freire
088	P.Francisco de Mattos (jesuíta)
089	Francisco de Moraes
090	D.Francisco de Portugal
091.	P.Francisco de Rogemont
092	Francisco de Sá de Menezes
093	Francisco de Sá de Miranda
094	D.Francisco Manuel de Melo
095	Francisco Morato Roma (médico)
096	Francisco Rodrigues Lobo
097	Francisco Soares Toscano

Nascimento Morte	Obras
? /1608	Crônicas dos Reis/Descrição de Portugal/Origem da Língua Portuguesa/Ortografia da Língua Portuguesa
? /1680	Juízo Histórico/Vida da Princesa Theodora/Panegírico Histórico
1730/1783	Aritmética e Álgebra
? / ?	Florilégio Espiritual
? /1633	Tratado da Vida Contemplativa
? / ?	Arte Poética e da Pintura e Simetria
? / ?	Aforismos tirados das Décadas de João de Barros
1628/1685	Carta Pastoral do Bispo do Porto/Vida da Rainha Sta. Izabel/Panegírico do Marquês de Marialva/Vida da Princesa D.Joana/Vida de S.João da Cruz
1614/1699	Vida d'el rei D.João I
? /1630	Renovação do Homem
? / ?	Lusitânia Transformada (nova edição)
? /1581	Gramática da Língua Portuguesa
1617/1688	Vida do Venerável Fr.Pedro de Basto
1550/1617	Relações
? /1559	História da Índia
1509/1583	Peregrinação
? / ?	Informação das Cousas de Etiopia/Paralelos Acadêmicos
1586/1659	Relações do Japão
1648/1714	Lenitivo da Dor
1540/1614	Crônica de D.João III
? /1692	História da Guerra do Brasil/Relação da Viagem do Brasil
? /1720	Vida do Príncipe Eleitor
? /1572	Palmeirim d'Inglaterra (edições 1604 e 1786)/Diálogos
1585/1632	Divinos e Humanos Versos
? / ?	Relação da China
? /1664	Málaca Conquistada
1495/1558	Poesias/Estrangeiros/Vilhalpandos (ed.1784)
1611/1666	Carta de Guia de Casados/Epanáforas/Diálogos/Relógios Falantes/Hospital das Letras
1588/1668	Luz da Medicina
? / ?	Corte na Aldeia/Condestável/Desenganado/Éclogas/Pastor Peregrino/Primavera
? / ?	Paralelos de Príncipes

	Autor
098	Gabriel Pereira de Castro (Cavaleiro da Ordem de Cristo)
099	Garcia de Resende
100	Gaspar Barreiros
101	Gaspar da Cruz
102	Fr. Gaspar de São Bernardino (jesuíta)
103	Gaspar dos Reis
104	Gaspar Estação
105	Gaspar Estação do Amaral (jesuíta)
106	Gaspar Nicolas (matemático)
107	Gerardo de Escobar (Fr. Antonio de Escobar)
108	Gil Vicente
109	Gomes Eanes Zurara
110	Gonçalo Fernandes Trancoso
111	Gonçalo Gomes Caldeira
112	P.Gonçalo Vas (ou Vaz)
113	Fr.Heitor Pinto
114	Fr. Isidoro Barreira (Cavaleiro da Ordem de Cristo)
115	Fr. Jacinto de Deus (franciscano)
116	Jacinto Freire de Andrade
117	Jerônimo Corte Real
118	Jerônimo de Mendonça
119	João Afonso de Beja
120	João Batista Lavanha (Cavaleiro da Ordem de Cristo)
121	D.João Bermudes (patriarca de Alexandria)
122	João de Barreira (tipógrafo)
123	João de Barros
124	Fr.João de Ceita (franciscano)
125	P.João de Lucena (jesuíta)
126	P.João dos Prazeres (monge beneditino)
127	Fr.João dos Santos (dominicano)
128	João Franco Barreto
129	João Pereira da Silva

(*) Moraes não indica as obras de Gil Vicente que lhe

1571/1632	Ulissea ou Lisboa Edificada
1470/ ?	Cancioneiro Geral
? /1574	Corografia
? /1570	Tratado das Coisas da China
? / ?	Itinerário da Índia a este Reino
? / ?	Relação do solene recebimento das Santas Relíquias que foram levadas da Sé de Coimbra a Santa Cruz
? / ?	Antiguidades de Portugal
1592/1645	Relações
? / ?	Prática de Aritmética
1618/1681	Cristais d'Alma
? / ?	(*)
? / ?	Tomada de Ceuta (edição de 1644)
? / ?	Contos
? / ?	Tesouro de Prudentes
? / ?	Cerimônias da Missa
? /1584	Imagem da Vida Cristã
1606/1634	Significação das Plantas
1612/1681	Braquilogia de Príncipes/Escudo de Cavaleiros/ Vergel das Plantas
1597/1657	Vida de D.João de Castro
? / ?	Naufrágio de Serpêlveda/Segundo Cerco de Diu (2ªedição)
? / ?	Jornada de África (última edição)
1510/1585	Parecer que vem nas Memórias d'el rei D.Sebastião
? /1625	Regimento Náutico/Viagem de Felipe II/Nobiliário do Conde D.Pedro
? /1570	Relação da Ethiopia (edição de 1565)
? / ?	Repertório dos Tempos
1496/1570	Décadas/Clarimundo (ed.1601,1742 e 1791)/Elogio d'el rei D.João III/Elogio da Infanta D.Maria/Gramática (edição de 1785)/Opúsculos (edição 1785)
1578/1633	Quadragésimas
1550/1600	Vida de São Francisco Xavier (1ª edição)
1648/1709	Abecedário Real/São Bento em Empresas
? /1622	Etiópia Oriental
1600/ ?	Ortografia
? /1598	Erinício Lusitano

e serviram de fonte;foi impossível recuperar tais fontes.

Autor

130	João Pinto Ribeiro (Doutor em Leis)
131	João Soares de Brito (presbítero secular)
132	Jorge de Lemos
133	Jorge Ferreira de Vasconcelos
134	José Homem de Andrade
135	Larramende (Manuel Larramende - jesuíta)
136	Lázaro de la Isla
137	Leandro Dórea Cáceres e Faria (D.Fernando C.de Lacerda)
138	Leandro Figueira (Leandro de Figueiroa Fajardo)
139	Fr.Leão de São Tomás (monge beneditino)
140	Leonel da Costa
141	Lopo de Sousa Coutinho
142	Fr.Lourenço Garro (prior da Ordem de Cristo)
143	Fr.Lourenço Portel (franciscano)
144	Lucas de Andrade (prior de Santa Maria dos Anjos)
145	Luís Álvares (jesuíta)
146	Luís de Camoões
147	Fr.Luís de Sousa (Manuel de Sousa Coutinho)
148	Fr. Luís dos Anjos (eremita augustiniano)
149	Fr. Luís dos Anjos (franciscano)
150	Luís Figueira (jesuíta)
151	Luís Marinho de Azevedo (jesuíta)
152	Luís Mendes de Vasconcellos
153	Luís Pereira Brandão (Cavaleiro da Ordem de Cristo)
154	Luís Serrão Pimentel (cosmógrafo)
155	P.Manuel Bernardes
156	Manuel Callado (eremita de São Paulo)
157	Manuel Bocarro Francês (médico)
158	Fr.Manuel da Esperança (franciscano)
159	Manuel da Maia
160	Fr. Manuel de Azevedo (carmelita)
161	Manuel de Azevedo Fortes
162	Manuel de Faria (presbítero secular)
163	Manuel de Faria e Sousa (Cavaleiro da Ordem de Cristo)

Nascimento Morte	Obras
? /1649	Preferência das Letras às Artes
1611/1664	Apologia de Camoões
? / ?	Cerco de Málaga
? / ?	Aulegrafia/Eufrosina (ed.1616)/Triunfos de Sagamor/ Ulissipo
1658/1716	Trituração da Jalapa
1690/1750	Dicionário Castelhana e Vasconço
? / ?	Tratado de Artilharia
1628/1685	Catástrofe de Portugal
? /1604	Cômputo Eclesiástico
1574/1651	Benedictina Lusitana
1570/1647	Tradução das Églogas e Geórgicas de Virgílio (1ª ed.)
1515/1577	Cerco de Diu
1556/1464	Doutrina dos Sacramentos
? /1642	Casos Reservados
? /1680	Ações Episcopais/Ilustrações aos Manuais da Missa
1616/1705	Vários Sermões
1524/1580	Os Lusíadas
1555/1632	História da Religião de São Domingos
? /1625	Jardim de Portugal
? / ?	Mosa Espiritual
1574/1643	Gramática da Língua Geral do Brasil (edição1795)
? /1652	Guerra do Além-Tejo/Antiguidades de Lisboa
1550/1623	Arte Militar/O Sítio de Lisboa
1590/ ?	Elegíada
1613/1679	Arte de Navegar/Método Lusitano/Roteiro do Mediterra- neo
1644/1710	Floresta/Luz e Calor/Armas da Castidade
1584/1654	O Valeroso Lucideno
1588/1662	Anacefaleoses da Monarquia Lusitana
? /1670	História Seráfica
? /1768	Fortificação Moderna
? /1672	Correção de Abusos
1660/1749	O Engenheiro Português
? / ?	Frutuário Moral
1590/1649	Versos Portugueses/Catálogo que traz na Europa Portu

164	Manuel de Figueiredo
165	Manuel de Galhegos (presbítero secular)
166	Fr.Manuel dos Anjos (franciscano)
167	Manuel dos Reis Tavares (médico)
168	Manuel Fernandes
169	Manuel Fernandes de Villa Real
170	Manuel Ferreira (jesuíta)
171	P.Manuel Godinho (jesuíta)
172	Manuel Leitão (Mestre em Artes e Cirurgia)
173	Manuel Nunes da Silva
174	Manuel Pimentel (cosmógrafo)
175	Manuel Severim de Faria
176	Manuel Thomas
177	Marco Antonio Sabellico (Marcantonio Cocio)
178	Fr. Marcos de Lisboa (franciscano)
179	Fr.Martin Rosa (Martinho Roa)
180	Miguel Leitão de Andrade (Comendador da Ordem de Cristo)
181	Fr.Nicolau de Oliveira (presbítero da Ordem de Trindade)
182	Fr.Pantaleão d'Aveiro (franciscano)
183	Paulo de Palacio (Doutor em Teologia)
184F	Fr. Pedro Correia (franciscano)
185	Pedro de Andrade Caminha
186	Pedro de Maris (presbítero secular)
187	Pedro Teixeira
189	Fr. Rafael de Jesus (monge beneditino)
190	D.Rodrigo da Cunha
191	Roque Francisco (ourives)
192	Samuel da Silva (Samuel da Silva - médico)
193	Sebastião Cesar de Menezes
194	Sebastião Pacheco Varella
195	Simão de Vasconcellos
196	Simão Estação da Silveira
197	Simão Machado (Fr.Boaventura Machado)
198	Fr.Thomas da Luz

Nascimento Morte	Obras
? / ?	Hidrografia
1597/1665	Templo da Memória
1595/1653	História Universal
? /1686	Controvérsias Médicas
? /1693	Alma Instruída
? /1652	Discurso Político
1630/ ?	Sumárias Notícias das Perseguições da Conchinchina
1630/1712	Horário Evangélico/Relação do Novo Caminho
? / ?	Prática de Barbeiros
? / ?	Arte Mínima
1650/1719	Arte de Navegar
1583/1655	Notícias de Portugal
1585/1665	A Insulana
1498/1504	Encadas
1511/1591	Crônica de São Francisco/Tradução de Marco Marullo
1578/1637	Estado de Bemaventurados
1555/1629	Miscelâneas
1634/1702	Grandeza de Lisboa
? / ?	Itinerário da Terra Santa
? / ?	Suma Caetana
? /1634	Conspiração Universal de Vícios e Virtudes/Triunfos eclesiásticos e seráficos
? /1589	Poesias (edição 1791)
? / ?	Diálogo de Várias Histórias
? / ?	Relações
1614/1693	Castrioto Lusitano
1577/1643	Catálogo dos Bispos do Porto/História de Braga e Lisboa
1659/ ?	Resumo do Valor do Ouro
? / ?	Tratado da Imortalidade da Alma
? /1672	Suma Política
1671/1706	Número Vocal
1597/1671	Notícias do Brasil
? / ?	Relação das Coisas do Maranhão
1576/1640	Comédias
1633/1713	Amalthæa Onomástica

	Autor
199	Fr.Timotheo de Ciabra (Timotheo de Ciabra Pimentel)
200.	Torquato Tasso
201	Vasco Fernandes de Lucena
202	Vasco Mousinho Quevedo (e Castel-Branco)
203	Vicente da Costa Matos

Nascimento Morte	Obras
? /1651	Exortação Militar
1638/1698	Jerusalem Libertada (tradução de André Rodrigues de Matos)
? /1499	Tradução da Apològia, nas Provas da História Genealógica
? / ?	Afonso Africano (ed.1611)/Vida de Santa Isabel, Rainha
? / ?	Perfídia Herética do Judaismo

2.2. Obras de autor desconhecido, incluídas no corpus do Dicionário de Moraes. Algumas informações sobre elas.

Da análise que fizemos do corpus do Vocabulário de Bluteau em comparação com o do Dicionário de Moraes, notamos, neste último, conforme já dissemos em capítulo anterior, a presença de várias obras cujos autores se encontram no anônimo. Existem também outras sobre legislação portuguesa que merecem uma certa atenção, não só por servirem de exemplo aos verbetes, mas também pelo seu valor histórico, literário, religioso e jurídico; constituem documentos importantes e um retrato de uma época.

Com exceção das obras Academia dos Singulares de Lisboa, Ordenações do Reino, Constituições do Bispado da Guarda e Martirologio Romano, todas as demais encontram-se apenas em Moraes e não em Bluteau.

Para melhor organizar nossa exposição, resolvemos agrupar tais obras, a grosso modo, em: históricas, jurídicas, literárias e religiosas.

2.2.1. Históricas.

Dentre as históricas, encontramos uma obra cuja autoria ainda é discutível; há apenas suposições sobre seu autor. Trata-se da Dedução Cronológica e Analítica, bastante explorada por Moraes em seu dicionário, conforme exemplos encontrados nos verbetes AJUDADÒR e APROPRIÁR. Pela apresentação da 1ª e 2ª partes da obra pode-se avaliar a sua importância histórica e o seu conteúdo. Transcrevemos literalmente o texto do autor:

"Parte primeira- Na qual se manifesta pela successiva serie de cada um dos reinados da Monarchia Portuguesa, que decorreram desde o governo do Senhor Rei D. João III até o presente, os horrorosos estragos, que a Companhia denominada de Jesus fez em Portugal e todos seus

domínios, por um plano e systema por ella inal-
teravelmente seguido desde que entrou n'este
reino até que foi d'elle proscripta e expulsa,
pela justa, sabia e providente lei de 3 de Sep-
tembro de 1759. Dada à luz pelo Doutor José
de Seabra da Silva, etc. Lisboa, na Offic. de
Miguel Manescal da Costa. 1767.fol.(sic)"

"Parte segunda- Na qual se manifesta o que suc-
cessivamente passou nas differentes epochas da
Igreja sobre a censura, prohibição e impressão
dos livros: demonstrando-se os intoleraveis pre-
juizos que com o abuso dellas se tem feito à
mesma Igreja de Deus, a todas as Monarchias, a
todos os Estados soberanos, e ao socego publi-
co de todo o universo. Dado à luz, etc. Ibi na
mesma Offic. 1768.fol.(sic)" (17)

No mesmo ano em que foi publicada a 2ª parte, saíram
as Provas da parte primeira (e da segunda) da Dedução Cro-
nológica e Analítica.

Há dúvidas quanto à autoria desta obra, que foi céle-
bre e conhecida na Europa. Ela narra como as pessoas eram
condenadas pela Companhia de Jesus, sem direito a recurso, e
como as ações mais simples eram enegrecidas e interpretadas
malignamente.

Segundo Inocêncio Francisco da Silva nos volumes II
p. 130 e IX p. 108 de seu Dicionário Bibliográfico, a auto-
ria dessa obra foi attribuída a várias pessoas e principal-
mente a José de Seabra da Silva e ao Marquês de Pombal. En-
tretanto o próprio Inocêncio afirma que as averiguações fei-
tas levaram à conclusão de que foi Pombal o seu autor. Em
uma passagem, Fr. Manuel do Cenáculo, illustre colaborador
de Pombal, afirmou:

"No dia 18 de janeiro de 1768 me deu o Conde

de Oeiras (18) a segunda parte de sua Dedução Cronológica." (19)

Esta passagem do Diário de Fr. Manuel do Cenáculo se não deu a Pombal a autoria, pelo menos lha atribuiu.

Morais muito se utilizou, ao longo de seu dicionário, dos Livros Inéditos da História Portuguesa, publicados pela Real Academia de Ciências de Lisboa.

Quando Moraes elaborou seu trabalho lexicográfico, a penas os três primeiros volumes haviam sido publicados; da tam eles de 1790, 1792 e 1793; daí a razão de Moraes citar apenas os Três Tomos Inéditos da História Portuguesa. Os vo lumes tratam dos reinados de D.João I, D.Duarte, D.Afonso V e D.João II. Foram publicados por José Correa da Serra, em Lisboa nas oficinas da própria Academia Real de Ciências.

É interessante notar que cada volume está constituído de livros, crônicas e fragmentos, escritos por vários au tores. Assim, compõem o 1º volume: Livro da Guerra de Ceuta por Mestre Mateus Pisano; Crônica d'el rei D.Duarte e Crô nica d'el rei D.Afonso V por Rui de Pina, cronista-mor de Portugal e guarda-mor da Torre do Tombo. O 2º volume contém a Crônica d'el rei D. João II por Rui de Pina e a Crônica do Conde D.Pedro de Meneses por Gomes Eanes Zurara. Finalmente o 3º volume possui a Crônica de D.Duarte de Menezes por Rui de Pina, Livro Vermelho do Sr. Rei D.Afonso V e Fragmentos da Legislação Portuguesa, extraídos do Livro das Posses da Casa da Suplicação.

Os volumes IV e V dos Inéditos, como os chamou Mo- rais, foram publicados bem mais tarde, em 1814 e em 1827 e tratam dos reinados de D.Dinis, D.Afonso IV, D.Pedro I e D.Fernando.

2.2.2. Jurídicas.

Muitas foram as obras sobre legislação que integra- graram o corpus do dicionário de Moraes; as Ordenações d'el

(18) Marquês de Pombal possuía também o título de Conde de Oeiras.

(19) Apud Inocêncio F.da Silva -Dicionário Bibliográfico- vol. IX, p.108.

rei D.Afonso V, d'el rei D.Duarte, d'el rei D.Manuel e d'el rei D.Felipe formam um conjunto sobre a legislação portuguesa, bastante consultado por Moraes. Além dessas, há também as Leis Modernas que foram feitas durante o reinado de D.José I e de D. Maria I.

Pela ordem cronológica o código mais antigo é o de D.Duarte. Esse, filho de D.João I, deixou um código de leis que recebeu o nome de Ordenações d'el rei D. Duarte, no século XV. Pouco ou quase nada pudemos saber sobre tal código, exceto o que nos informou Inocêncio Francisco da Silva, ou seja, que no Arquivo Nacional há o código de Leis Antigas, que muito se assemelha ao de D.Duarte.

Dentre os códigos antigos, além do de D.Duarte, o mais conhecido foi o d'el rei D.Afonso V. Este código foi mandado elaborar no tempo de D.João I, mas apenas foi concluído no tempo do infante D.Pedro I, duque de Coimbra e regente durante a minoridade de D.Afonso V. A obra foi concluída em julho de 1446 e considerada um notável trabalho de legislação, pois mostrou os progressos e adiantamentos que Portugal tinha feito, naquele tempo, em termos de jurisprudência.

Continuando a ordem cronológica das ordenações portuguesas, encontramos as de el rei D.Manuel, que tiveram a sua 1ª edição em 1514. Constituídas de cinco volumes, todos impressos em Lisboa, foram consideradas como sendo o golpe decisivo contra o feudalismo em Portugal.

Finalmente, temos as Ordenações Filipinas, compilação de leis efetuada por ordem de D.Felipe, no século XVII e as Leis Modernas que englobam as Leis Josefinas, elaboradas durante o governo de D.José I (século XVIII) e as da Rainha D. Maria I, durante o seu reinado (século XVIII).

Ainda dentro desta classificação de obras sobre legislação, acrescentamos as Constituições (Sinodas) do Bispado da Guarda, os Estatutos Antigos da Universidade de Coimbra e os Editais da Real Mesa Censória.

A 1ª edição das Constituições do Bispado da Guarda

data de 1500, mas ignora-se qual o local onde foi impressa. Formam elas um conjunto de leis feitas e ordenadas pelo Sr. D. Pedro, Bispo da Guarda.

Além da 1ª edição, várias outras se imprimiram, sendo a 2ª e 3ª consideradas raras. Acreditamos ter sido a 2ª edição a utilizada por Moraes, tendo em vista que foi esta a consultada por Bluteau. Foi impressa em 1621, por ordem do bispo D. Francisco de Castro, pelo impressor Pedro Craesbeeck.

A obra seguinte, Estatutos Antigos da Universidade de Coimbra, possui várias edições: 1591, 1654 e 1772. Moraes, em seus verbetes, utilizou os Estatutos Antigos e os Estatutos da Universidade de Coimbra. Como Bluteau tomou a edição de 1654 como base para as suas abonações, julgamos que o mesmo se deu com Moraes. Este, porém, além da edição de 1654 (confirmada por D. João IV e mandada imprimir pelo Reitor Manuel de Saldanha), consultou também a de 1591, que foi do tempo de Filipe I, impressa por Antônio de Barreira.

Quanto aos Editais da Real Mesa Censória, poucas foram as informações obtidas. A Real Mesa Censória foi criada através da carta de 5 de abril de 1768, pelo Marquês de Pombal. Esses editais eram relativos à proibição e supressão de várias obras nacionais e estrangeiras. Com a queda de Pombal, a Mesa Censória foi extinta, em 1794. Sofrendo nova regulamentação, voltou a funcionar no ano seguinte, sendo apenas supressa em 1835.

2.2.2. Literárias.

Talvez seja nesta parte que encontremos as obras mais interessantes, consultadas por Moraes para a elaboração de seu Dicionário. Interessantes pelo fato de serem pouco conhecidas, serem obras raras e também por existirem dúvidas quanto à autoria de algumas delas.

A primeira delas é a Arte de Furtar; obra bastante discutida, cujo autor se encontra no anonimato. Foi publicada

em 1642:

"O autor ataca a venalidade dos ministros da Corte, a soltura de costumes e a desonestidade dos nobres e funcionários de alta categoria, increpa asperamente os chamados "assentistas", ou fornecedores do exército em guerra, que se locupletavam escandalosamente à custa dos dinheiros públicos, denuncia a lábia argentária dos advogados e falsos médicos, e, embora manifeste sincera devoção religiosa, verbera rudemente os sacerdotes. Chama ainda a atenção para o latrocínio descarado, único modo de vida dos vadios de Lisboa". (20)

Em 1714 surgiu em Portugal uma edição de 1652 atribuída ao Pe. Antônio Vieira. Fora impressa na Oficina Elvizeriana em Amsterdam. A vários escritores foi atribuída a autoria da Arte de Furtar: a João Pinto Ribeiro, a Duarte Ribeiro, a Tomé Pinheiro da Veiga e a Antônio de Sousa Macedo, além de Vieira. Sabe-se com certeza que o Pe. Antônio Vieira não foi o seu autor, pois o edito de 1755 negou a sua autoria, quando da condenação da obra pela Inquisição.

A Arte de Furtar tem grande valor para melhor compreensão da sociedade portuguesa, após o domínio espanhol. Era o período da Restauração em Portugal.

Obra bastante citada por Morais em seus verbetes foi a História dos Trabalhos da Sem Ventura Isea. Obra rara e que deve ter sido consultada por Morais na biblioteca particular de Luís Pinto de Sousa Coutinho, que possuiu um exemplar, conforme informação de Inocêncio Francisco da Silva em seu Dicionário Bibliográfico, vol. III, p.196 .

A História de Isea constitui um enigma; seu autor é desconhecido; acredita-se que tenha sido impressa no século XV. Inocêncio diz existir uma outra edição espanhola que data de 1560, dividida em 32 capítulos.

Tão citada quanto à anterior foi o Auto do Dia do Juízo. Entretanto as informações que obtivemos foram muito escassas e não nos levaram a um mínimo conhecimento sobre a obra. Foi citada no Índice Expurgatório da Inquisição da Espanha.

Das obras citadas nesta parte do trabalho, apenas uma pudemos consultar no original -Academia dos Singulares de Lisboa-. Sua 1ª edição, impressa na oficina de Manoel Lopes Ferreira, é de 1692. A primeira parte, dedicada a Apolo, está constituída de 18 reuniões, ou academias, tendo início em 4 de outubro de 1663, sob presidência de Sebastião Fonseca e Paiva, mestre do Hospital d'el rei; a última sessão realizou-se em 24 de fevereiro de 1664, presidida por Antônio Lopes Cabral, Capelão de S.Majestade. O volume que engloba a primeira parte, com 18 reuniões realizadas, é uma coletânea de textos em prosa e verso.

Desta Academia restaram apenas dois volumes com o relato das reuniões, sendo o 2º volume de 1698. Moraes, entretanto, só se utilizou do 1º.

2.2.4. Religiosas.

Apenas uma obra de caráter religioso parece ser de autor ou organizador ignorado. É o Martirologio Romano. A 1ª edição foi ordenada pelo Papa Gregório XIII e traduzida do latim para o português por alguns padres da Companhia de Jesus; foi impressa em 1591 nas oficinas de Antônio de Maris. No final desta edição, há o Martirologio dos Santos de Portugal e a relação das festas do Reino.

Depois desta edição, surgiram outras, sendo a 2ª de 1681, com alguns acréscimos feitos pelo Papa Clemente X. Julgamos ter sido a 2ª edição a consultada por Moraes; isso porque em Bluteau encontramos citada como fonte de referência a 2ª edição, e não a 1ª.

É interessante anotar que Inocêncio Francisco da Silva, em seu Dicionário Bibliográfico, no volume I, p.47, rela-

ciona no verbete Pe. Álvaro Lobo, da Companhia de Jesus, todas as edições do Martirologio Romano, levando-nos a supor que todas elas foram organizadas por este jesuíta.

2.3. Obras a respeito das quais não conseguimos obter nenhuma informação.

Da vasta bibliografia consultada por Moraes, poucas foram as obras sobre as quais não conseguimos nenhuma informação. São elas: Bellidor-Curso de Matemática, Bulletin Mémoires sur la langue celtique, Editais da Inquisição, Filosofia de Príncipes e Catecismo Romano.

Conforme verificação feita no corpo do dicionário, estas obras foram consultadas por Moraes, porque aparecem abo-
nando alguns verbetes. Assim a obra Bellidor-Curso de Matemática aparece referida no verbete BALÍSTICA; a obra Bulletin Mémoires sur la langue celtique, nos verbetes ARÊSTO e SOCÁIRO; os Editais da Inquisição no verbete ILLUDENTE, a Filosofia de Príncipes, no verbete AFÁGO e o Catecismo Romano, no verbete ALCANÇADÒR.

Por falta de dados bibliográficos mais completos não pudemos obter maiores informações a respeito dessas obras.

2.4. Classificação por assunto das fontes consultadas por Moraes.

Para a classificação das obras consultadas por Moraes, tomamos por base o sistema classificatório de Dewey, não obedecendo, todavia, o rigor de tal sistema, em virtude do fato de que as informações bibliográficas que obtivemos serem um tanto superficiais, não nos permitindo aprofundar a análise necessária para uma classificação ideal. Entretanto

to, a nossa classificação teve por finalidade dar uma visão de conjunto da grande variedade de obras consultadas pelo lexicógrafo brasileiro. Através dos inúmeros e variados assuntos abaixo relacionados, o leitor terá uma idéia da abrangência das áreas do conhecimento com que trabalhou o nosso lexicógrafo.

1. Obras gerais

1.1. Academias

2. Filosofia

2.1. Ética ou Moral

3. Religião

3.1. Religiões cristãs

3.1.1. Teologia devocional

3.1.2. Teologia moral

3.1.3. Meditação

3.1.4. Preces e livros de oração

3.1.5. Leituras religiosas (romances, vidas de santos)

3.1.6. Teologia ascética

3.1.7. Homilética

3.1.8. Sermões

3.1.9. Vida pastoral

3.1.10. Confraria, irmandade, congregações

3.2. Igreja Cristã

3.2.1. Liturgia

3.2.2. Sacramentos

3.2.3. Missoes

3.2.4. Educação religiosa

3.2.5. Evangelização

3.3. História Geral da Igreja

3.3.1. Concílios

4. Ciências Sociais

4.1. Ciência política

4.2. Economia política

4.3. Administração pública

4.4.1. Ciência militar e naval

4.4. Usos e costumes =folclore

5. Filologia e Linguística

5.1. Ortografia

5.2. Prosódia

5.3. Gramática

5.4. Dicionário

6. Ciências Puras

6.1. Matemática

6.2. Astronomia

6.2.1. Astrologia

6.3. Física

6.4. Química

6.5. Geologia ou Ciência da Terra

6.6. Botânica

7. Ciências Aplicadas

7.1. Medicina

7.1.1. Farmacologia

7.1.2. Cirurgia

7.2. Engenharia

7.3. Agricultura

8. Belas Artes

8.1. Pintura

8.2. Simetria

9. Literatura

9.1. Literatura Portuguesa

9.1.1. Poesia

9.1.1.1. Poesia épica

9.1.1.2. Poesia dramática

9.1.1.3. Poesia lírica

9.1.1.4. Poesia didática

9.1.1.5. Cancioneiros

- 9.1.2. Teatro
- 9.1.3. Romance
- 9.1.4. Oratória
- 9.1.5. Epistolografia

10. História

- 10.1. Compêndios, manuais, cronologia
- 10.2. Narrativas de viagens
 - 10.2.1. Relações de viagens
 - 10.2.2. Viagens marítimas, terrestres, explorações
- 10.3. Antigüidades
- 10.4. Biografias
 - 10.4.1. Genealogia
- 10.5. História Moderna na Europa
 - 10.5.1. Idade Medieval
- 10.6. História do Brasil

A listagem acima discriminada é um rol de temas sob a égide desses assuntos e não a classificação dos itens do corpus da obra de Moraes.

TERCEIRA PARTE

TERCEIRA PARTE -

CONFRONTO ENTRE O DICIONÁRIO DE MORAIS E O SEU MODE- LO: VOCABULÁRIO PORTUGUÊS E LATINO DO PE.BLUTEAU,

Capítulo 1.

Dados biográficos sobre o Pe.Raphael Bluteau

Na opinião de Hernani Cidade, a melhor biografia sobre o Pe. Bluteau é de autoria de D.Antônio Caetano do Bem. Foi com base nesse autor que Hernani Cidade escreveu uma biografia interessante e até certo ponto crítica do Pe. Bluteau, e desta extraímos alguns dados que julgamos importantes.

Filho de pais franceses, nasceu Bluteau em Londres em 1638 durante o período em que seu pai aí se encontrava refugiado. Com 6 anos de idade foi com sua mãe para Paris.

Desde jovem o gosto pelos estudos começou a se desenvolver e a vocação religiosa já lhe aparecia no espírito. Formou-se em Humanidades no Colégio de La Flèche. Ordenou-se, a princípio, minorista, e seguiu depois para Florença, onde fez o noviciado entre os padres teatinos, ordenando-se em agosto de 1661.

Talento e erudição deram-lhe lugar de destaque e prestígio junto à corte francesa. E por ordem de seu superior foi enviado, em 1668, para Portugal, onde a ordem dos monges teatinos tinha sido fundada já havia 20 anos.

Logo cedo aprendeu e dominou com facilidade a língua portuguesa e como diz Hernani Cidade:

"Para o seu prestígio, dentro de muito pouco obtido, tudo contribuiria -fidalgua de maneiras, cultura enciclopédica, larga experiência de clérigo viajado; mas não seriam, entre seus talentos, os de filólogo e poliglota que menos lhe teriam facilitado. Pouco tempo decorrido

sobre a sua vinda para Portugal, alcançava ele entre nós, pregando em português, o renome que já na França lhe ganhara a interessada atenção da corte. Teria ele utilizado a sua capacidade de insinuação e influência para servir, além dos interesses religiosos de sua ordem, a política de Luís XIV em Portugal?"(21)

Bem recebido pela corte portuguesa da rainha Maria Francisca de Saboia, obteve dela proteção; e em 1680 acompanhou o representante da corte, Duarte Ribeiro Macedo, junto ao governo de Turin, encarregado de tratar do casamento da princesa D.Isabel com o Duque de Saboia, Vitor Amadeo. Entretanto Duarte Macedo morreu em viagem e Bluteau ficou encarregado de dar continuidade às negociações, que não se concretizaram.

Com a morte da rainha D.Maria, Bluteau teve algumas dificuldades, sofrendo pressões que o levaram de volta para a França.

Em 1704 retornou a Portugal, mas num período difícil, pois estava declarada a guerra entre Portugal e França e a sua presença se tornou suspeita:

"...entendeu-se em nossa corte -diz o seu biógrafo - que os frutos da França não podiam vir bem sazoados; e reconhecendo-se ao mesmo tempo em Pe.D.Rafael um engenho tão perspicaz e um gênio sumamente político e por outras qualidades tão estimado da principal nobreza, foi mandado para o religiosíssimo mosteiro de Alcobaça". (22)

No Prólogo de seu Vocabulário Bluteau evidencia seus sentimentos de isolamento, nesta época.

Foi durante este período de 10 anos de reclusão que Bluteau concluiu a redação e elaboração do Vocabulário, sua obra máxima.

Quando deixou o mosteiro de Alcobaça em 1713 foi recebido com especial agrado por D.João V, que, às custas da fazenda real, mandou que fossem impressas todas as suas obras. Tal gesto de generosidade valeu a D.João V a dedicação do Vocabulário por Bluteau. Já nesta ocasião Pe.Bluteau se encontrava bem relacionado com os intelectuais da época e entre eles o Conde da Ericeira, D.Francisco Xavier de Menezes, que, de muitos anos era seu amigo. Foi o Conde da Ericeira que em 1680 encarregou Bluteau de contratar técnicos para as suas indústrias, então em início em Portugal, e de elaborar instruções à cerca do cultivo de amoreiras para a criação do bicho-da-seda.

Dotado de um vasto conhecimento enciclopédico e sempre à procura de novos horizontes, o Pe.Bluteau participou de quase todos os setores da vida portuguesa.

"O irrequieto teatino era rico de aptidões e plástico de espírito. Intervinha em questões de ordem econômica como de ordem humanística!"

(23)

Não só ao estudo das humanidades se dedicou Bluteau; possuía vasto conhecimento de Matemática, Física, Geometria, Filosofia e Ciências Naturais; e este conhecimento pode ser facilmente comprovado lendo-se os extensos verbetes de seu Vocabulário, que trataram de termos relacionados a essas ciências.

Respeitado e admirado pelos intelectuais de seu tempo, Bluteau viveu até fevereiro de 1734, com 95 anos de idade.

Além de seu conhecido Vocabulário Português e Latino, publicado de 1712 a 1722, deixou ainda inúmeras obras: - Primícias Evangélicas, ou sermões e panegíricos do Pe. Rafael Bluteau, oferecido a sereníssima alteza de Cosmo Terceiro, grão duque de Toscana- Lisboa, 1679

- Sermões panegíricos e doutriniais, que a diversas festi-

vidades e assuntos pregou- Lisboa, 1732

- Prosas Portuguesas, recitadas em diferentes congressos acadêmicos- Lisboa, 1728
- Instrução sobre a cultura das amoreiras e criação dos bichos da seda. Dirigida à conservação e aumento das manufaturas da seda e dedicada a el-rei D. Pedro II, quando príncipe regente, que as estabeleceu, e com os novos privilégios concedidos por el-rei D. José I, nosso senhor.

Segundo Inocêncio Francisco da Silva, a 1ª edição desta obra foi de 1679. (24)

- Diccionario castellano y portuguez, impresso en Lisboa por ordem de el-rey de Portugal D. Juan V-

Desta obra não conseguimos saber a data da 1ª edição.

Bluteau foi em Portugal o mentor de uma nova mentalidade científica e experimentalista, já na época, em rápido desenvolvimento por alguns países da Europa, mas ainda fechado para Portugal.

"Este clérigo francês de origem, inglês de nascimento, e, pela formação cultural, inglês, francês, italiano e português, dotado de um enciclopedismo acumulado através de várias escolas, bibliotecas e países, não é verdade que constitui como que o símbolo, no limiar do Século experimentalista, do vasto e confuso sincretismo em que se prepara a total renovação do mundo?" (25)

(24) Inocêncio F. da Silva- Dicionário Bibliográfico- vol. VII, .p.45

(25) Hernani Cidade- Lição de Cultura e Literatura Portuguesas - p.44

Descrição sucinta do Vocabulário do Pe. Raphael Bluteau.

Quem se depara com os 8 volumes e mais 2 suplementos do Vocabulário Português e Latino do monge teatino Pe. Raphael Bluteau, fica realmente surpreso diante da imensidade de informações que a obra pode nos fornecer. Torna-se a sua consulta uma agradável e interessante leitura, onde informações linguísticas se completam com informações enciclopédicas, que vêm demonstrar a vasta cultura que Bluteau possuía. Vivendo numa época de total obscurantismo cultural em Portugal, Bluteau conseguiu, após longos anos de trabalho, oferecer à cultura portuguesa uma obra de tal porte, mais verdadeiramente uma enciclopédia do que um dicionário de língua.

No volume I do Vocabulário, o autor apresentou a sua obra ao público português; e no frontespício fez a dedicatória a el-rei D. João V. Os dois primeiros volumes foram publicados, como já dissemos no início de nosso trabalho, em 1712, pelo Colégio das Artes da Companhia de Jesus. Em seguida, vem a dedicatória a el-rei D. João V, vigésimo primeiro dos naturais reis de Portugal. Com uma linguagem elegante em estilo, Bluteau ofereceu seu trabalho ao rei:

"Estava V.M. nas mantilhas da silenciosa idade, quando nos primeiros tomos deste Vocabulário, a juntava a minha curiosidade palavras, que na boca de V.M. se haviam de converter em oráculos; e como os homens que só sabem o idioma com que foram criados, sempre são meninos com a boca ao peito da sua língua materna; para troféu de eloquência varonil, ofereço a V.M. os melhores despojos do Lácio. Suposto isto, nestas folhas tem V.M. os retratos das vozes com que os Romanos se fizeram ouvir em todo o mundo, e com que os Portugueses, são ouvidos em partes, aonde não chegaram os Romanos; mas nestes vocais retratos há esta diferença, que a

língua Latina, já morta, é incapaz de aumento,
e a língua Portuguesa, sempre viva, sempre vai
tendo, para bem do Reino, maiores progressos."
(26)

Pe.Bluteau escreveu esta dedicatória em 28 de março de 1711, no convento de Alcobaça, quando se encontrava exilado.

Continuando a folhear o volume I, deparamo-nos com cartas, epigramas, sonetos, madrigal, décimas, líras, escritos por intelectuais da época em louvor a Bluteau, pela grandiosidade de sua obra. Assim encontramos, pela ordem: Carta do Grão-Duque da Toscana Cosmo Terceiro; um elogio em cinco línguas escrito pelo Conde da Ericeira, constituído de epigrama, soneto, madrigal, décimas e lira; um soneto, tetras-ticon e hexasticon, por Gaspar Leitão A.Fonseca; um epigrama e um soneto de autoria de Troillo de Vasconcelos da Cunha; carta de D.Francisco de Sousa, Capitão da Guarda de el rei de Portugal, quando Bluteau se encontrava em Paris e tencionava imprimir seu Vocabulário; e finalmente um romance endecassílabo por José Soares da Silva.

Em seguida vêm as licenças que autorizaram a publicação dos volumes. Devemos ressaltar aqui que os demais volumes foram publicados nos anos subsequentes e todos eles obtiveram suas licenças da ordem e do Santo Ofício.

A primeira licença obtida foi da ordem a que pertenceu Bluteau e data de 23 de junho de 1698, assinada por D. Gregorius Baucio, de Roma. Em 3 de novembro de 1705 o Santo Ofício enviou ao seu qualificador, Fr.Francisco da Natividade, os dois volumes para a devida aprovação, que saiu em dezembro do mesmo ano. Ao lado das licenças do Santo Ofício, correu também a licença do Paço, que em 26 de janeiro de 1702 encaminhou os referidos volumes para Fr.Gaspar da Encarnação, Cancelário da Universidade de Coimbra, que deu seu parecer em 1º de março de 1707. Finalmente em 28 de março de 1707, com as licenças necessárias, obteve Bluteau permissão

para que sua obra fosse impressa.

Todas essas informações são interessantes e ao mesmo tempo importantes, pois nos mostram o rigor que havia naquela época com relação à publicação de livros.

Ainda dentro da introdução do Vocabulário, encontramos o que Bluteau chamou de Prólogo do Autor; aí há uma exaltação de seu autor, expressa em uma linguagem repleta de erudição e onde Bluteau valorizou, em todos os sentidos, o seu trabalho. Usando sempre a 2ª pessoa do discurso, Bluteau se dirigiu ao leitor benévolo, ao malévolo, ao impaciente, ao leitor português, ao estrangeiro, ao douto, ao indouto, ao pseudo-crítico, ao impertinente e ao mofino. A todos Bluteau endereçou as suas críticas, algumas suaves, outras bastante acirradas, mas que demonstraram sempre sua posição de superioridade intelectual com relação àqueles que, provavelmente, o criticaram na época e o levaram a se recolher ao exílio por longa data.

"Poucos meses depois da minha chegada a esta Corte, a política das guerras da Europa, meteu a Coroa de Portugal na liga contra França; valeu-se desta revolução a sagacidade de meus Êmulos. Excogitaram razões para provar, que o meu regresso a Portugal fora mistério, para me fazerem suspeito; fizeram-me Estadista; acharam-me talentos, para me acharem perfídias; creceu com a suspeição a calúnia; alguns dispêndios no meu trato, ajudados da caridade alheia, foram reputados liberalidades de um Monarca, em prêmio da minha agência; forjou a impostura de litos, cuja execução era em si moralmente impossível, mas fácil, e provável para a credulidade dos néscios. No meio das tormentas de uma infeliz inocência, pouco faltou, que não caísse em mim o raio exterminador da nação Francesa; não me valia o ser Inglaterra minha pátria,

e a língua Inglesa minha língua materna parecia a muitos, que é incompatível coração Português com língua Francesa". (27)

E mais adiante, continuando o seu desabafo:

"Mas é preciso que diga, que para me livrar de populares insultos, fui obrigado a buscar o Real e Religioso asilo de Alcobaça. El-rei D. Pedro II, meu suspirado senhor, foi servido honrar com sua soberana recomendação o meu retiro; por ordem deste Senhor, o Reverendíssimo Padre Fr. Pedro de Lencastro, que então era Geral e como Esmoler-mor assistia em Lisboa, e hoje é digníssimo Bispo de Elvas, escreveu a estes padres, que me dessem bom trato; quanto mais que Sua Majestade não tinha do meu procedimento queixa alguma." (28)

Nos trechos acima Bluteau demonstrou seu ressentimento com relação a todos aqueles que o levaram ao exílio, embora ele mesmo tenha confessado terem sido os anos mais proveitosos para o aprimoramento de sua cultura, o tempo em que esteve em Alcobaça.

Finalmente Bluteau passou a dar as informações inerentes ao seu trabalho lexicográfico. Em primeiro lugar encontramos um catálogo dos autores portugueses que compuseram sua obra; além do nome do autor em ordem alfabética, citou as obras, o local e data de impressão. Segue-se, depois, um catálogo de obras portuguesas, cujos autores são desconhecidos. Bluteau elaborou, em seguida, um catálogo dos autores de acordo com a matéria de que trataram. Completam todo esse conjunto de dados, a lista das abreviaturas usadas e uma sumária notícia sobre os autores latinos mencionados no decorrer de sua obra. Vêm, em seguida, os verbetes que formam o Vocabulário.

Bluteau iniciou a redação do verbete com a definição; certas vezes, registrou antes da definição, a linguagem especial a que pertencia a palavra naquela época.

(27) Pe. Raphael Bluteau - Vocabulário Português e Latino -
Prólogo ao Leitor Mofino.

(28) Idem - ibidem

A definição vem seguida da forma latina correspondente. Vêm depois os exemplos em português, acompanhados da referência bibliográfica e do correspondente latino. Um outro procedimento usado por Bluteau foi iniciar a redação do verbete com informações etimológicas; outras vezes, dados enciclopédicos completam a definição. Depois da definição e exemplos, vêm registrados os diversos valores polissêmicos que a palavra possui e a sua correspondente em latim.

Algumas vezes a redação do verbete foi completada com adágios portugueses que formam um conjunto de dados interessantes.

Uma curiosidade do Vocabulário é que Bluteau registrou também topônimos, tornando o seu trabalho lexicográfico com característica enciclopédica.

Apresentamos, a seguir, alguns exemplos que vêm mostrar os diversos procedimentos adotados por Bluteau para a redação dos verbetes.

ACÓLHER. Receber a alguém, que nos vem buscar. *Aliquem accipere. Cic. Aliquem excipere. Cic.* Elle o acolheu com os braços abertos. *Effuso sinu venientem excepit.*

Acolherse. Porse em salvo. Acolherse a sagrado. *Ad templum, vel in templum confugere, perfrugere, se recipere.* Acolherse à sombra da casa, ou ao amparo de hum Princepe. *Concedere in Principis clientelam. Conferre se infideli, & clientelam Principis.* Acolhestevos por ultima esperança à sombra desta casa. Vieira. Tom. 1.733. Homiziados, que vem a Acolherse a leu amparo. Lobo, Corte na Aldea, pag. 297.

Acolherse a Deos. *Ad Deum confugere.* Para que V.m. se Acolha a Deos. Chag. Obras Espirit. Tom. 2. pag. 313. A todo o tempo, que se Acolherem a Deos, achão nelle brandura. Lobo, Corte na Aldea, Dial. 6. pag. 123.

Acolher em cilada. *Vid. Colher.* Pello Acolher em alguma cilada. Mon. Lusit. Tom. 1. fol. 278. col. 1.

Acolherse. Escapar. Fugir. *Evadere; Aufugere. Effugere. Evolare. Cic.* Ante tempo se Acolheo caminho de Camora. Mon. Lusit. Deliberou Acolherse pellas

ADEVINHAC, AM, Adevinhação. Arte, ou acção de adivinhar. *Divinatio, onis. Fem. Cic. Rerum futurarum scientia, & Fem. Cic. Earum rerum, quae fortunae putantur, praedictio, atque praesentio, onis. Cic. Praesagitio, onis. Fem. Cic. Hariolatio, onis. Fem. Cic.*

Adevinhação, ou (como outros dizem) Adevinha. Sentença, que consta de palavras, que fazem o sentido dellas escuro, & difficiloso de entender. *Enigma, atis. Neut.*

Adevinhação. Modo de adivinhar. A superstição dos Romanos introduzio muitos modos de adivinhar, ou de quer adivinhar. Em palavras aporuguezadas cada huma se verá no seu lugar Alfabetico.

Adevinhação pellas entranhas dos animaes. *Vid. Aruspicina.*

Pello voar das aves. *Vid. Auspicio.*

Pello canto das aves. *Vid. Agouro.*

Pellas linhas da mão. *Vid. Chiromancia.*

Por sortes. *Vid. Sortilegio.*

Pellas feições do rosto. *Vid. Metoposcopia.*

Por pontos feitos na terra. *Vid. Geomancia.*

Pellos sinacs, que se vem nas agoas.

Pello ar. *Vid.* Aromancia.

Pello fogo. *Vid.* Piromancia.

Pellos corpos mortos. *Vid.* Nigromancia.

Da supersticiosa, & falsa arte de adivinhar se achão nos authores muitas outras especies, que passo em silencio, por serem materia indigna da curiosidade de hum Christão. Mas porque pode succeder, que seja necessario a hum prêgador, ou a hum orador fallar nellas, para as confutar, & detestar, tenho apontado as que me parecem mais conhecidas, & seguindo o leitor a ordem Alfabetica deste livro, achará os termos destes modos de querer adivinhar, declarados em huma sô palavra propria, para evitar circumlocuçoes.

CAPECEIRA, Cabeceira. A parte da cama, para onde fica a cabeça, *Leti caput, itis*. Dizemos proverbialmente. Não está fóra de canceyra, quem os pés muda para a cabeceyra.

Cabeceyra da cova. A parte exterior da cova, que responde à cabeça do corpo enterrado. *Scrobis caput*. Com cruces às Cabeceiras das covas. Lucena, Vida de S. Franc. Xavier. fol. 46. col. 1.

Cabeceira da mesa. Entre os assêtos em mesa de muitos he o primeiro lugar o topo, a que chamão Cabeceira, que fica a mão direyta dos outros, entendendo, que ha de ficar huma das partes da mesa livre para o serviço dos ministros della. Lobo, Corte na Aldea, Dial. 12. pag. 147. Está na cabeceira da mesa. *Accumbit superior. Plant, Ad mensam sedet primus. Primo loco sedet ad mensam.*

Cabeceira do rol. Anda na cabeceira do rol. *Primum in indice locum obtinet.*

Cabeceira do governo. *Vid.* Cabeça. Erão as principaes Cabeceiras do governo della. Barros. Decad. 1. fol. 133. col. 2. sam estes Cãçeres as Cabeceiras das Aldeas. Barros 2. Decad. fol. 105. col. 4.

Cabeceiras. Termo de livreiro. He hũ lavor de retroz, que se faz em hum, & outro extremo do lembo do livro. *Sericum opus libri, cu foliorum capita coronans.*

BEIJU, Beijũ. (Termo do Brasil.) As raizes verdes da Mandioca depois de limpas, partemse em diversos pedaços; & estes se poem a secar ao Sol, depois de secas, pizãose em hum pilão, & faz-se farinha, a que os Indios chamão *Typyraiti*, os Portuguezes *farinha crua*. Desta fazem os *Beijus*, que são huns pequenos bolos alvissimos, & delicadissimos, que he o comer mais mimoso, ou em quanto molles, & frescos, ou depois de duros, & torrados. Estes se guardão por muito tempo, & chamão-lhe os Indios, *Miapiatã*, que val o mesmo, que *Biscoito*. Beijũ *Crustulum, ex subacta mandioca radice in farinã.*

DEFUMAR. Denigrir com fumo. *Fumo denigrare*. Este verbo he de Varro.

Defumar. Curar ao fumo, Peixe. v. gr. Presunto &c. *Aliquid fumo siccare.* (O. avi, atum) Ainda que Plato diga, *Hilla infumata*, não se segue diſto, que se diga, *Infumare*, ou *infumari*.

Defumar, Perfumar. *Vid.* no seu lugar. *Defumava* El-Rey com bons cheyros. Mon. Lusit. Tom. 6. 175. Ainda que se abraão os cortiços, & se *Defumã*. Costa, Georgic. de Virgil. 123. vers. *Defumado* com Almecega. Recopil. de Cirurg. 203.

DEMOCRÁCIA, Democrácia. Derivase do Grego *Dimos*, Povo, & de *Crates* Dominar. He hum governo politico, directamente opposto à Monarchia, por que he popular, & nelle a eleição dos Magistrados depende dos suffragios do povo. Nas Republicas de Roma, & de Athenas floreceo a Democracia, ou governo Democratico. *Populare imperium, y. Nent. Democratia, e. Fem.* Ainda q Grego he usado dos modernos. Divide-se o governo em Monarchia, Aristocracia, & Democracia. Brachilog. de Principes, pag. 2.

FALCAM. Falcão. Querem alguns, que se derive do Latim *Falcatus*, que quer dizer coufa, que se encurva, & se vay circular a modo de Fouce roçadoura, porque o *Falcão* voa rodeando; outros derivão a palavra *Falcão* de *Falx*, porque as garras do *Falcão* são compostas de unhas revoltas a modo da dita fouce. He Ave de rapina, que tem a cabeça grossa, bico curto, & revolto, olhos algum tanto vermelhos, pernas compridas, & guarnecidas de pennas, pés amarellos, o corpo cinzento, ou tirante a negro, algumas vezes ruivo, Tou açafreado, & alvadio, & salpicado das ditas côres. Debaxo deste nome *Falcão* se contem sete generos delles, a saber, *Falcão Nebri*, *Falcão Borni*, *Falcão Sacre*, *Alfaneque*, *Gerifalte*, *Aleto*, & *Falcão Bafari*, ou *Tagarote* (que os *Falcoens* *Tagarotes*, aindaque mais pequenos, são contados, & tidos por *Bafaris*) Todos estes são diferentes na grãdeza, talhe, & plumagem, & todos caçam conforme sua inclinação, & industria do caçador; huns são excellentes Garceiros, outros *Perdiguciros*, outros *Grueiros*, & todos geralmente, mais ou menos ardidos, cainhos, apegadores, & altaneiros, não escapando ave nos ares, que elles não prendaão, & prezas, as tragão à terra, & as metão debaxo dos cavallos dos Caçadores. *Vid. Nebri, Borni, Gerifalte, &c. Falco, onis. Masc.* O mais antigo Author, em que se acha o nome Latino desta ave, he *Julio Firmico Materno*, que vivia no reynado de *Constantino Magno*.

Adagios Portuguezes do Falcão. Indaque a Garçavoe alta, o *Falcão* a mata. O Açor, & o *Falcão* na mão.

Falcão. Peça de Artilheria, que tem tres polegadas de diametro, & tira com bala de libra, & meya. *Tormentum bellicum à falcone nomen habens*, ou *Falco bellicus*. Achou de noyte furto hum, Bargantim nosso com hum *Falcão*, & seis Berços. *Barros, Dec. 4. fol. 264.*

HEBRIDAS. Ilhas do Oceano Septentrional, ao Poente do Reino de Escocia. Côtão os *Geographos* algũas 300. Os povos destas Ilhas são muito rusticos, & sem Religião. As suas galas são pannos de varias cores; os mais estimados são rayados de purpura, & azul. Nos seus mayores banquetes bebẽ agoa, ou sorro de leite. Dormem no chaõ, & ao Ar, sem medo das inclemencias do tempo. Toda a sua ambição he ter instrumentos musicos de corda, guarnecidos com prata, & pedraria.

IMPOSTURA. *Impostura*. Calumnia inventada, & coufa, que se impoem a alguem, para lhe fazer dano. *Impostura, e. Fem. Ulpian.* Se deixou levar destas *Imposturas*. *Mon. Lusit. Tom. 5. fol. 15. col. 2.*

IMMUTABILIDADE. (Termo Theologico.) He attributo, com que a essencia divina não admite mudança alguma, nem para melhor, porque possuiue todas as perfeições p. siiveis. *Divina immutabilitas, atis. Fem.*

Immutabilidade. Negação de mudança. *Perseverante estabillidade. Immutabilitas, atis. Fem. Cic.*

Com immutabilidade. *Immutabiliter. Cels. Juriscons.* Só em Deos he virtude a *Immutabilidade*, porque se não pode melhorar. *Cris-dalma, 229.*

RABAÕ. Raiz, & ortalica conhecida. *Chreopes*, ou *Cheops*. Rey do Egypto, occupou cem mil homens pelo espaço de dez annos em tirar pedras dos montes de Arabia, & trazellas arêo Nilo, & empregou outros dez annos na fabrica das mais celebres *Pyramides*; & para o sustento dos officiaes, & trabalhadores, gastou só em rabãos, & cebolas, mil & seiscentos talentos. *Raphanus, i. Masc. Plin. Rapa, e. Fem. Colum. Rapum, i. Neut. Plin.*

Coufa de Rabaõ. *Rapicius, a, um. Semmente de Rabaõ. Semen Rapicium. Cat.*

Grelos de Rabaõ. *Rapicia, orum. Neut. Plur. Plin.* Alguns lem *Rapacia, orum.*

Lugar semeado de Rabãos. *Rapina, e. Fem. Columel. Solum rapis constitum. Idem.*

Adagios Portuguezes do Rabaõ.

Para rabaõ, & queijo, não ha mister trôbeta.

Rabãos, & queijo, mantem a Corte em pezo.

Tal he o rabaõ pela manhã, como a laranja à tarde.

SALVÁTICO, ou **Selvatico**. He palavra Latina de *Sylvaticus*, que val o mesmo que cousta do mato; & *Arbor sylvaticae* Catao quer dizer *Arvore brava*, que não foy cultivada. Assim entre nós *Homem selvático*, he homem agreste, mal criado, sem polleia, nem urbanidade. Gente salvatica. *Gens immanifecta, agrestis, dura*. Estes tres adjectivos são de Cicero, neste sentido.

Vê do Benomotapa o grande Imperio
De Salvatica gente, negra, & nua.
Camões, cant. 10. oyt. 93.

Vida Salvatica. *Vita inculta, & horrida*, ou *Fera, agrestis* que *vita, a. Fem. Cic.* (*Rustica, & Salvatica* vida. Valconcel. Arte militar, pag. 14.)

VALIA. Preço. Oem que está avaliada hũa cousta. *Pretium, ii. Nent. Cic.* (A *Valia* das fazendas será muito avantejada, se, &c. Lobo, Corte na Aldea, 60.)

Valia. Pedreira. A pessoa, de cujo valimento nos valem, para conseguir alguma cousta. Na Corte del Rey minha valia he Pedro, &c. *In aula Regis me sua auctoritate Petrus fulcit, ou munit.* O q tem muitas valias na Corte. *Multorum aulicorum gratia fretus*, ou *nexus, a, um.* (Como neste tempo os homens estão já defenganados de quão pouco valem os merecimentos, que (por elles o não serem) vierão a chamar *Valia* às adherencias, & lhes tem mostrado a experiencia a verdade daquelle risão, que cada hum darça, segundo os amigos, que tem na sala. Lobo, Corte na Aldea, 100.)

VAREJEIRA mosca. He mayor das ordinarias, & azul nas costas, entre as azas. Cria-se nos monturos. Põem hũas lendeas, a que chamão varejas, destas nascem huns bichinhos brancos, pequeninos, que se pégão muito à carne, & se sustentão nella, & logo contrahe mau cheiro. *Vid. Vareja.*

UMBRÁTIL. Termo de Escriturario. Sentido umbratil chamavão os Antigos hum dos sentidos que se contém debaixo do sentido Allegórico, porque as Allegorias, & figuras da ley antiga, não crão mais que sombras das verdades, que em a Ley nova se achão. *Umbram habens lex* (diz S. Paulo ad Hebr. 10.) *futurorum bonorum, non imaginem rerum. Sensus umbratilis.* Este adjectivo he Latino, chama Cicero *Vita umbratilis*, a hũa vida occulta, fora de grande luz, & commercio do mundo. (O sentido Mystico em prophetico, & *Umbratil.* Prompt. Mor. 417.)

Pelos exemplos e aspectos apresentados do Vocabulário do Pe. Bluteau, podemos afirmar que o seu trabalho foi o mais completo no gênero, pela grande quantidade de informações nele contidas, tendo em vista a época em que foi escrito.

Confronto entre a obra de Bluteau e a de Moraes

O objetivo do nosso confronto foi buscar os pontos de identidade, semelhança e diferença que existem entre a obra de Moraes (edição de 1813) e a de Bluteau, tendo em vista que o Vocabulário do Pe. Bluteau serviu de modelo para Moraes.

Selecionamos, para tanto, mil verbetes no Dicionário de Moraes, seleção essa feita aleatoriamente, e em seguida, examinamos os mesmos verbetes em Bluteau. Neste capítulo exemplificaremos apenas com alguns verbetes de um e outro autor para evitar a monotonia. Observamos, então, que tanto a identidade quanto a semelhança e diferença entre os verbetes poderiam ser de vários tipos. Assim, sob o título identidade, semelhança e diferença, agrupamos os diversos tipos encontrados; dispusemos os verbetes, para melhor clareza, em duas colunas, onde na coluna da esquerda se encontram os verbetes extraídos do Vocabulário de Bluteau e, na da direita, os de Moraes.

I - Identidade entre as obras.

Os pontos de identidade entre a obra de Moraes e a de Bluteau são os mais variados possíveis; através de uma exemplificação mais detalhada, pudemos selecionar alguns tipos de identidade entre ambas. Obviamente que esta identidade não invalida em nada o trabalho de Moraes, pois o Vocabulário serviu de orientação e base para o Dicionário de Moraes; tanto mais que o trabalho de Bluteau era o único no gênero na época em que Moraes iniciou suas pesquisas.

Os exemplos que extraímos das duas obras, agrupados em tipos diferentes, vêm confirmar a influência de uma obra sobre a outra.

1 - Identidade de definições

Tomando por referência para a comparação a primeira definição registrada para cada verbete, verificamos que houve identidade e não só na primeira, mas também na definição das sub-entradas, que algumas vezes guarda a mesma ordem da

da por Bluteau; outras vezes aparece em ordem um pouco diversa.

Bluteau

DEMITIR, ou **Dimitir**. Largar de si. *Demitir de si alguma coisa.* *Alcui rei nuntium remittere*, ou *aliquid missum facere*. Cicero diz. *Missos faciant honores.* ; *Demitir* de si rendas, & jurisdições. Mon. Lusit. Tom. 5. pag. 9. O Papa, a quem se *Demitia* o Reyno de Sicilia. Mon. Lusit. Tom. 5. 207. O usu fructo, que vem a *Demitir* a seu neto. Mon. Lusit. Tom. 5. pag. 9. Achando ser prudente *Demitir* espontaneamente, o que de força se há de perder. Marinho, Apol. loger. Discor. 59.

Demitir de si a vótade de fazer obras. *Abjicere Consiliū edificandi*. Cic. Tábê diz este Orador. *Demittere voluntatem discendi*.

Demitir de si a razão. *Repudiare rationem*, a imitação de Terencio, que diz, *Repudiare consilium*. Querem os homens rebellar-se, razão, que de si *Demitem*. Barretto, pratica, pag. 61.

Demitir o seu direyto. *Spoliare se suo jure* Por *Demitere* o direyto em vida. Mon. Lusit. Tom. 6. 248.

Demitir. (Termo militar) Despedir. *Demitir as tropas*, quando acabada a guerra o General despede os Soldados. *Exercitum, ou milites demittere*. Cic. *Legiones bello confecto missas facere*. Cic.

GALGA. A femca do galgo. *Veragus femina*. Vid. Galgo.

Galga. Em lagar de azeite he hum mó de moinho, empinada sobre a mó de baixo; moe a azeitona em pé, encostada a hum pao, que está no meyo do moinho, o qual pao tem hum ferro no meyo, mettido na Galga, com a qual anda juntamente com o pao, dando este tantas voltas, como ella, pello impulso da varanda, & Entrola, & de outras rodas mais pequenas, que estão em cima destas, a que chamão carretes. *Trapes, etis. Masc. Varro. Trapetum. i. Neut. Virgil. Hum, & outro se deriva do Grego Trepein, que vale o mesmo, que Virar, ou voltar. Mola olearia, e. Fem. Moem as gálgas a azeitona. Teritur Siconia bacca trapetis. Virgil. Lib. 1. Georg.*

Morais

DEMITTIR, v. at. Largar de si: v. g. *demitir de si rendas, e jurisdições*. *M. Lus. o Papa a quem se demittia o Reino de Sicilia.* *demitir o uso fructo a seu neto*: *demitir a razão*; não usar della: *demitir o seu direyto*. *M. Lus. §. Despedir, licenciar*: v. g. *demitir as tropas*. p. us.

GALGA, s. f. A femca do galgo. §. Mó de baixo do lagar. §. Galga de paredes. V. Galgar. *Galgas de pedras* são pedras grandes, que se soltão do alto do monte, para virem rodando, e tombando, talvez para combater o inimigo, que vem subindo. *Castan. L. 2. f. 173. P. P. 1. c. 7. Barros, 2. 7. 9. e 1. 8. 8. Tomar galga a pedra solta, e ganhar impetu, e accelerar-se. §. Fome; chulo. Ulisipo, f. 26. y. tamanha galga trazéis.*

Galga de paredes, ou raboas. *Vid. Galgar.*

Galga de pedra. Pedra grande que se tira pello monte, tomada a metaphora das galgas dos ligares, & dos caens d'elle nome, que em lugares escabrosos correm a saltos. Era tanta a pedrada, & Galgas de pedra, que vinhaõ saltando por cima das cabeças della gente, &c. Barros, 2. Decad. fol. 184. col. 2. Na 1. Decada, pag. 163. col. 2. diz, corriaõ pedras, & cetas, que corriaõ, eraõ mais perigosas, por serem grandes, & redondas, ordenadas para aquelle mister, as quaes, como tomavaõ Galga, vinhaõ tão furiosas pella rua abaixo, que pareciaõ vir espedidas de algum trabuco. Quinto Curcio, que delcrevendo outro successo semelhante, diz, *Ingentis magnitudinis faxa per montem prona devolvunt; que incussa saepius subjacentibus petris; maiore vi incidebant.*

RABADA. O rabo do peixe. *Piscis cauda, e Fem.*

Rabada. No traje antigo, era hũa so. trança para traz, cheia de laços de fitas.

RABADA, s. f. O rabo do peixe. §. No tra-
jo antigo, era huma trança para traz cheia de la-
ços de fitas. §. Do navio, galc. Couto, 10. 10.
§. poupa, onde está o leme. "poz-lhe a prôa
pela rabada." Couto, 9. 8.

2 - Identidade de bibliografia.

Inúmeros são os casos de identidade bibliográfica. Moraes faz as mesmas citações que Bluteau. Em alguns casos não só o nome do autor e obra são idênticos, também o são o volume e página. À primeira vista pode parecer ao leitor uma cópia por parte de Moraes; entretanto, como já vimos em capítulo anterior de nosso trabalho, a bibliografia utilizada por Moraes foi praticamente a mesma que Bluteau usou, com algumas exceções; e como a obra de Bluteau foi a que serviu de modelo e orientação para Moraes, não seria de se estranhar que as referências bibliográficas fossem as mesmas.

BluteauMorais

ABORDAR. Chegar huma embarca-

ção ao bordo de outra. A Capitania se abordou com a galê real. *Navis praetoria se ad trirem regiam admovit*, ou *se applicuit*. Fugindo de *Abordar* com as nossas naos. Apologet. Discurs. de Luis Marinho de Azevedo, pag. 43. vers. Nove Galês Castelhanas tinha *Abordado*, & rendido. Mon. Lusit. Tom. 7. fol. 412. *Abordou* huma nao, em que quebrou os remos. Queiros, Vida do Irmão Baſto, 314.

Abordar a alguem. *Appellere ad aliquem*. *Cic.* *Abordandose* inimigos, & ferindo-se contrarios. Mon. Lusit. Tom. 7. 411.

FALCATRUA. Peça cuidada, com q̃ se engana levemente a outrem. He termo do vulgo, de que (como advertio Duarte Nunes do Leão) os homens polidos não devem usar. *Vid.* *Peça*.

ICONICO. Icóxico (Termo de Pintor, ou Escultor) Feito ao vivo, ao natural. *Iconicus*, *a*, *um*. *Plin.* Derivase do Grego *Eicon*, Imagem.

Estatua iconica. *Iconica statua*, *a*. *Fem.* *Plin.* *Iconicum simulacrum*. Para que se possa fazer o retratto bem ao vivo, & *Iconico*. Nunes, Arte da Pintura, pag. 72. verso. Na pag. 40. diz o mesmo Author, (Era costume em a cidade Olympia, donde se disserão jogos Olympios, que aquelles, que vencião tres vezes, a estes lhe fazião retratos do tamanho do seu corpo, & muyto ao natural, a estas chamaõ *Iconicas*.

ABORDAR, v. at. Chegar em alguma embarcação ao bordo de outra, abalroalla: nove galês Castelhanas tinha abordado, e rendido. Mon. Lus. 7. 412. *Amaral*, cap. 5. no fim: *cumpria-lhe abordar o galeão*; se o queria render. *Freire*, *L.* 1. dando toos aos Castelhanos até os abordarem a *traiqueira*: "chegá-los, encostá-los. *Conto*, 7. 9. 7. *Abordar-se*, reciprocamente. *M. L.* abordando-se inimigos, e ferindo-se contrarios: *t. 7. p. 411.* *Fugindo de abordar com as nossas ndos*: *Marinho*, *Disc.* p. 43. abordou com a terra: *Castan.* 8 f. 75. col. 1. §. n. *Estar abordado*, chegado borda com bordo. *Pinto Pereira*, 2: 23. os vallos do inimigo abordavão com os nossos: *Abordar o Castello*: *Conto*.

FALCATRUA, s. f. Peça cuidada, com que levemente se engana alguem. Leão, Orig. diz, que he plebeu, por engano.

(Neste verbete Morais colocou um elemento de precisão que não se encontra em Bluteau: Leão Origens)

ICÓNICO, adj. t. de Pint. e Escult. Feito ao vivo, ao natural: v. g. retrato. —; *estátua* —. Nunes, Arte de Pint. f. 40. Chama *Iconicas* *Imagēs*, porque era costume em a cidade Olympia, donde se disserão Jogos Olympios, que aquelles que vencião 3. vezes a estes, lhe fazião retratos do tamanho do seu corpo, e muyto ao natural, a estas chamaõ *Iconicas*, &c. para fazer o retrato bem ao vivo, e iconico. *Id.* f. 110. ult. ediç.

IMPRECAC,AM. Quando significa

IMPRECACÃO, s. f. Maldição, praga. §. Rogativa de bens para alguem. M. Lus. 1. 171. "sobre a cabeça lhe fazia o ministro certas imprecacões."

BluteauMorais

Praga: *Imprecatio, onis Fem. Senec. Vid. Maldiçaõ. Praga.*

Imprecação, algumas vezes se toma por Bem, que se dezeja, & se pede a Deos por alguém. Fazer *imprecações*, em hum, & outro sentido. *Precari alicui bonam*, ou *malam fortunam. Cic.* Sobre a cabeça lhe fazia o Pontífice Máximo certas *Imprecações*, com as mãos levantadas ao Céo. Mon. Lusit. Tom. 1. 171. col. 3.

Que mal bastando *Imprecação*, ou
(rogo

Nos sanguineos ministros de Ma-
(vorre.

Insul. de Man. Thomas, Livro 9. tit. 150.

MALANDRIM. Deriva-se de *Malandrinnus*, que era usado na baixa Latinidade, & queria dizer *Soldado de cavallo*. Na vida de Henrique V. Rey de Inglaterra, pag. 388. diz Vallingham, *Reductus est ergo, coramque consilio demonstratus, non indumentis Religiositatis redimitus, sed Brigantinorum more, semivestitus, gestans sagittas breves, qualiter utuntur equites illarum partium, qui Malandrini dicuntur.* Porém de ordinario se toma *Malandrinnem* em má parte, não só em Portuguez, mas também em outros idiomas, q' usão da dita palavra. Os Italianos, que segundo a Crúsca, derivão o seu *Malandrino* de *Male andare*, & segundo Ferrari, de *Malus Latro*, significão por esta palavra ao *Ladão de estradas*. No vergato 2. do 1.º Livro; Pedro Lafena deriva *Malandrinnem*, do Grego *Melaranir, genit. andros*. donde os Etymologicos Francezes tomãrão motivo para dizer; que o seu *Malandrinnem*, se soy formando de *Malus*, corrompendo-se em *Malandrinnus*, & finalmente em *Malandrinnus*, & de ordinario se toma por *mao homem, vadio, Magano, &c.* (Não bastavão os naturaes a livrar-se de quatro Malandrins fugitivos, que lhe trazião o pê no pescoço. Mon. Lusit. tom. 1. 383. col. 4.

MALANDRIM, s. m. Mão homem, velhao, vadio, magano. M. Lus. 1. 384. x. col. 2.

Bluteau

UMBROSO. Sombrio. *Vid.* no seu lugar.

A fonte fria na ribeira Umbrosa.

Inf. de Man. Thomàs, liv. I. oyt. 122.

Ao sonoro pranto responde o valle Umbroso.

Camoens, Eclog. 2. Estanc. 4.

Morais

UMBROSO, adj. poet. Onde ha sombra, asombrado, que da sombra, v. g. o rio umbroso, o valle umbroso. Cam. Eclog. 2. o bosque, o pavilhão, a selva umbrosa Encida, IX. 22. a saye umbrosa. Maus. f. 10. y.

XAUTER, Palavra Arabica. He o Piloto, que guia os peregrinos pelas campinas, & areias da Arabia Deserta. (Não quiz o *Xauter* que entrassemos na *Al-dea*. Godinho, viagem da India, 116.)

XAUTER, á. m. Piloto que guia os caminhantes nos areaes desertos da Arabia. Godinho.

3 - Identidade de exemplos.

Este tipo de identidade se relaciona com o anterior; havendo a identidade de bibliografia é porque, quase sempre, houve a mesma citação, e, no caso, o mesmo exemplo. Vários são os exemplos encontrados nas duas obras.

DEPARAR. Usamos deste verbo, quando queremos dizer, que achamos alguma cousa a caso, ou por particular permissão divina. Deparou-me a fortuna este homem. *Homini prater opinionem improviso incidi. Cic.*

Deparou-me Deos este homem na porta, ou entrada das minhas casas. *Hunc mihi Deus hominem praestitit ante aedes.* He imitação de Plauto, que diz *praestare ante aedes*. Deparanos a caça humas teras. *Nanciscimur belluas venando. (Utimum verbo nancisci maximè in ijs, que aut fortuito nobis eveniunt, aut quorum inventus incertus est. Faber in Thesouro)* Deste outeyro, que lhe Deos aqui Deparou taõ longe de sua terra. Dialog. de Hector Pinto, pag. 4. vers. Tom. 2.) Console-se com a Cruz, que Deos lhe Deparar. Chagas, Cartas Espirit. Tom. 2. 170.

DEPARAR, v. al. Dar, appresentar sem ser esperado: v. g. deparou-me Deus um amigo. "console-se com a Cruz, que Deus lhe deparar." "este outeyro, que Deus lhe deparou." H. Pinto, "deparou-me a fortuna huma

sege, que me levou a casa."

Bluteau

FADAR. Determinar, ou declarar o fado, & destino de alguém. *Significare, quo quis fatus natus sit, ou Alicui definire, quod ipsi sit futurum.* João Januense, diz em Baxo Latim *Fatus, Fato destinatus.* Admiravel foy a variedade, & repartição de fortunas, com que Jacob (diga-molo assi) Fadon a seus filhos, quando na hora da morte, &c. Vieira, Tom. 7. pag. 45. Pouco mais abaxo diz o mesmo Author, declarando esta palavra Fadar. Debaxo destas metaphoras significava Jacob a os filhos, quaes haviaão de ser as agoens, & successos de suas vidas.

FERINO. Ferino. Coum de fera. Cru-el, feróz. *Ferinus, a, um. Cic. Sallust.*

Folgar com sangue, & com feridas, he proprio de natureza ferina. *Ferina ista rabies, gaudere sanguine, ac vulneribus.* Seneca Philof.

Mas a natura Ferina.

Camocens, Cant. 4. oit. 35.

Affalta a magoa o animo Ferino.

Barretto, vida do Evangel. 53. 61.

Ferino tambem se diz de doenças, dores, & outras cousas, que atormentaão. De hum taçe Ferina, causada &c. Curvo, observac. Medic. 427.

PADRASTO. O segundo marido, que em razão dos filhos do primeyro matrimonio, que se chamão enteades, se chama padraсто, por succeder ao pay. *Pitricus, i. Masc.*

Padraсто. Monte collina, ou qualquer lugar alto, donde se pôde affentar a ar-telharia do inimigo, para bater a forta-leza, ou Cidade descortinada, & domi-nada do dito lugar. Chamão-lhe padra-сто metaphoricamente, com allusão ao padraсто, do qual sempre se recce o ente-ado, porque he perigoso para a Cida-de o padraсто, que a domina. A Cidade he dominada de hum padraсто. *Monti subiecta est, ou subjacet urbs, ou urbs mons insidet, ou imminet.* (Ficando os seus ba-luartes seguros deste padraсто, com que poderia laborar sem dano a sua artelha-ria. Jacinto Freyre, liv. 2. num. 36.)

Morais

FADAR, v. at. Determinar, destinar, ou regular o destino, a sorte de alguma, inclui nas suas coisas necessariamente. §. Declarar os fa-dos, ou destino futuro, o que se ha de fazer, ou solier no decurso da vida, as felicidades, ou infortúnios della. *Reverde, Cron. J. 2. cap. 123. Ferra: admiravel foy a variedade, e repartição de fortunas, com que Jacob fadon a seus*

filhos quando na hora da morte, &c. §. Deus te fide tem; i. e, de boa fortuna. §. Fadar al-guem das mãos fadus: fazê-lo infeliz. Auto do dia de Juizo.

FERINO, adj. Feroz, de fera: *Lusiada, 4. 35. a natureza ferina*, e a tra não lhe compate-cem e a fella do Leão cercado, e acossado. §. f. O animo ferino. Barreto, Vida do Evangelista. Do-ença —. Curvo.

PADRASTO, s. m. O que casa com a viu-va ou diz padraсто a respeito dos filhos, que ella teve do outro marido. §. Monte, collina,

ou edificio, que sobreleva, e fica superior á valle, ou edificio mais baixo. V. Cavalleiro. *Ficar a padraсто. P. Per. 2. 103. ficar a padra-сто da Cidade. hum 189, que ficava padraсто ao Forte. Cron. J. III. P. 4. c. 92. Freire. "os seus baluartes seguros deste padraсто."* §. fig. Es-torvo: v. g. a accitação de pessoas he o maior padraсто do governo. Marinho. §. Pelle, que se separa do dedo a raiz da unha, espiga gran-de.

BluteauMorais

Padraſto. Metaphoricamente. Impe-
dimento, obſtaçulo, & qualquer couſa,
donde pôde nacer algum dano, detri-
mento, oppoſição, &c. (A aceytação de
peſſoas he o mayor padraſto do gover-
no. Marinho, Diſc. Apologetic. 27. verſ.)
(Extinguir eſte Reyno, como emulô da
ſua ſoberania, & padraſto caſeiro da pre-
ſumida elevação, que &c. Brandão na
Cenſura do livro intitulado, Juizo Hiſt-
torico, &c. pag. 5)

Padraſto. Pella, que ſe ſeparou ao pé
da unha. He mayor que eſpiga. *Reducta*,
& *Fem. Cic. Soluta extra ungues cutis.*

4 - Identidade de expreſſões.

Exiſtem, em toda língua, expreſſões que ſe tornam con-
ſagradas pelo uſo; e não ſeria de ſe eſtranharem que determi-
nadas expreſſões registradas por Bluteau, pudesſem aparecer
em Moraes, principalmente pela curta diſtância de tempo que
ſeparou uma obra da outra, e também pelo fato de alguns ver-
betes pertencerem à linguagem eſpecial. Um dos verbetes ſe-
leccionados para eſte caso foi HIPOTHECA, que é um exemplo tí-
pico; a palavra pertencia à linguagem do Direito, e as ex-
preſſões já ſe encontravam cristalizadas na língua. É inte-
reſſante aſſinalar que eſtas expreſſões encontradas no ver-
bete HIPOTHECA, até hoje exiſtem na linguagem do Direito.

GANCHO. Ferro curvo, em que ſe
pendura. *Uncus, i. Maſc. Cic.*

Couſa, que tem gancho, ou feito a
modo de gancho. *Uncinatus, a, um. Un-*
cus, aduncus, reduncus, a, um. Ovid. Plin.

Gancho, com que ſe tira do poço o
que cahio nelle. *Lupus, i. Maſc. Tit. Liv.*

Gancho, também ſe chama o lucro
das más mulheres.

Preſente de gancho. O que ſe faz pa-
ra ter outro. *Hamatum manus. Plin.*
Jun.

GANCHO, s. m. Ponta de ferro curva enxe-
rida em baſte, ou pregada pelo eſpagio. §. Lu-
cro micetricio. §. O lucro, ou ganho do official
em horas fertadas; ou eſcusas. §. Preſente de gan-
cho: o que ſe dá com eſpera de retorno melho-
rado.

Bluteau

HABITUAL. Habitual. O de que temos feito habito. O a que nos temos acostumado; como quando se diz, Peccado habitual. *Peccatum consuetudine, ac frequenti lapsu confirmatum.* Os Theologos dizem, *peccatum habituale.* Se se fallar no peccado, que fica maculando a alma até se alcançar o perdão d'elle. *Peccatum animo post actum inherens.*

Agraça habitual. *Gratia divina animo inherens.*

Doença habitual. Enfermidade, a que alguém está foyento. *Morbus, cui quis obnoxius est.* Se o mal for de muitos annos. *Morbus inveteratus.*

HYPOTHECA. Hypothéca. (Termo Forense.) Bens de raiz obrigados á satisfação de huma divida. Há tres castas de Hypotheca. *Hypotheca convencional* he com reciproco consentimento do acrédor, & do devedor. *Hypotheca Legal* he aquella, que está expressa na Ley, segundo a qual os Menores, & Pupillos do dia do Acto da Tutoria tem os bens de seus Curadores, ou Tutores Hypothecados, como tambem as mulheres os bens de seus maridos. *Hypotheca judicial*, he a que o Magistrado estabeleceo. *Fundus oppigneratus*, ou *pignori oppositus*, i. *Misc.* *Hypotheca*, e. *Fem. Cic.* Derivale do Grego *Hipotihi*, que val o mesmo, que *Penhor*, ou *materia foyenta*. Quando não há nenhum privilegiado por razão de *Hypotheca*. *Promptuar. Moral*, 179.

Morais

HABITUAL, adj. Em que temos feito habito: v. g. *defeito habitual*; *estudo habitual*. §. *Peccado habitual*; o que sempre nos macula a *consciencia*, até ser perdoado. §. *Doença habitual*; a que alguém padece sempre, ou quasi sempre. §. *Graça habitual*; a que tem feito assento na alma: l. theol.

HYPOTHECA, s. f. Obrigação dos bens de raiz a alguma divida; a qual é *consensual*, feita por convenção dos contractantes; *judicial*, se for feita á ordem do Juiz; e *legal*, se se fizer quando a Lei manda; v. g. a que o pupillo em virtude da Lei tem nos bens do seu tutor.

Há differença apenas de termos: "convencional" e "consensual"; no Direito, entretanto, se equivallem.

TAPAR. Parece palavra Hebraica, porque no Hebraico *Tapar*, val o mesmo q̄ *Coser*, & o que he bem *Tapado*, parece cozido, & bem pegado. *Tapar*, geralmente fallando, he cobrir hũa abertura, applicandolhe, ou metendo nella alguma cousa. *Tapar* hum valo com tampos. *Obturare*, (o, avi, una.) *Plin. Hist.* com accusat.

TAPAR, v. at. Cobrir com tampa, ou tapadoura. §. Cercar com sebe, grades, muros, paredes. §. Toller a entrada, ou a impressão aos objectos; v. g. *tapar os olhos*, *os ouvidos*. §. *Tapar a boca a alguém*, fazer callar, com peita; v. g. com razão convincente, fazer que se não queixe, ou que não reprehenda aquelle a quem se tapa a boca. *Vieira*, §. fig. *Tapar os olhos a consideração do perigo*; i. e., desatender, não quer reflectir.

Tapar com lebre. *Sepio, sepsi, septum.* Cic. Antigamente fazia este verbo *Sepiui*, donde vem *Sepiuiſſent* em Tito Livio, & *Sepiuit* em S. Jeronymo. *Obſepire, obſepſi, obſeptum.* Cic.

Tapar com grades. *Clathrare, (o, avi, atum.)* Columel. *Clathris claudere.* Idem.

Tapar hũa paſſagem. *Transitum claudere.* Tit. Liv. (do, ſi, ſum.) *Obſtruere.* Cic. (*ſtruo, ſtruxi, ſtructurum.*)

Tapar hũa janella, ou porta de pedra, & cal. *Portam, ou fenestram obſtruere.* Caſar.

Tapar todas as entradas. *Omnes aditus claudere, intercludere, obſtruere, obſepire.* Cic.

Tapar os ouvidos, por não ouvir alguma couſa. *Ad aliquid aures claudere.* Cic. *Alicui rei aures præcludere.* Quint. ou *obſtruere.* Senec. Phil. Tapar os ouvidos com cera. *Ceram auribus obdere.* Senec. Phil. (do, obſidi, obditum.) Ouvidos tapados à verdade. *Aures claude veritati.* Cic.

Tapar a boca do forno. *Comprimere præſurnium.* Vitruv.

Tapar a boca a alguém com boas razões; obriſgalla a callarſe. *Comprimere, ou eccludere linguam alicui.* Plant. *Aliquem validis rationibus retundere, & ad incitas adigere.* Plant. *Aliquem elinguem reddere.* Cic. Com eſta palavra tapoume a boca; não ſey o que lhe reſponda. *Reſponſiones omnes hoc mihi verbo eripuit.* Plaut.

Tapar a boca. Eſtar callado. Não dizer palavra. *In claſſo ore tenere linguã.*

Caſull. Tapar a boca a alguém. Impedillo que ſalle, que diga as verdades. *Alicui os opprimere.* Terent. (O reſpeyto deſte nome, & ſuas dependências, ſão as que

Tapão os bocas aos Pyégadores. Vieyra, tom 9. pag. 56.)

Tapar os olhos. *Oculos claudere.* Tapar os olhos a alguém, no ſentido moral. *Excæcare aliquem, ou mentem alicuius.* Plant. Em nós o deſejo da gloria tapa os olhos à confideração dos perigos. *Amore gloriæ incitati, pericula non videmus. Ad pericula ſuavis impavidi.* Tapar os olhos com mimos. *Cæcare mentes largitione.* Cic. O amor proprio. tem os olhos tapados. *Amor ſui cæcus.* Horat. (Eſtremece o amor, & Tapa os olhos à natureza. Vieyra, tom. 4. pag. 152.)

BluteauMorais

TAPAR. Escurecer. *Vid.* no seu lugar.
Hia se Tapando o dia
Com o manto escuro das trevas,
Sem que o Ceo para rasgallas
Mostrasse que tinha estrellas.
 Certo Poeta em hum Romance.

VENCER o inimigo. Sogearlo ao seu poder, desbaratar as suas forças. Aos que sem consultar, venciaõ, castigavaõ os Carthaginezes, & honravaõ aos que havendo tomado conselho, eraõ vencidos. Hum depende da sorte, que não está nos homens, outro da ignorancia, que está nelles. Quando os interesses de hũa guerra se acabaõ, não deixar as armas he haver pelejado por ambição. Archidamo disse a Philippe de Macedonia, havendo vencido hũa batalha: Modéra, o Prin-

cipe, teu desejo, que se medes tua sombra, a acharás igual à que era antes de haver vencido. O mais difficil se vence com o cuidado, ainda sem se acompanhar do valor; & o mais facil perde o valor, se se acompanha do descuido. *Vid.* Vitoria. Vencer o inimigo. *Hoslem vincere*, ou *devincere*, (co, vici, vici-um.) *Cic.* ou *superare*. (o, avi, atum.) *Ovid.* *Potiri hostium.* *Plaut.* *Victoriam consequi.* *Cic.* *Vid.* Alcançar vitoria.

Facil cousa he vencer homens tão tomados do vinho, que se não pôdem ter em pé. *Facilis victoria de madidis, atque meroturbantibus.* *Juven.*

Não se deixar vencer. *Invictum se præstare.* *Non est consentaneum* (diz *Cicero* 1. *Offic.*) *qui metu non frangatur, eum frangi cupiditate, nec qui invictum se à labore præstitit, vinci à voluptate.*

O gallo, depois de vencido, costuma callar, & depois de vencer, canta. *Galli, victi, silere solent, canere victores.* *Cic.*

Vencer o pleito. Ganhar a demanda. *Causam vincere*, ou *litem obtinere.* *Cic.* Recorremos a este tribunal cõ tenção de ganhar, ou perder absolutamente tudo. *Ad judicium hoc modò venimus, ut totam litem aut obtineamus, aut amittamus.* *Cic.*

VENCER, v. at. Levar a melhor do inimigo, ou contrario, que se desbarata na batalha, ou briga. §. *Vencer em juizo*, ganhar a causa, ou demanda. §. *Vencer em dias a alguem*, sobreviver-lhe. *V. do Arc. Prol.* §. Exceder, ser mayor, "o galardão vencia o serviço." *Clarim.* 1. r. 21. ult. *Edic.* §. *Vencer em votos a outrem*, ter mais votos a seu favor. §. *Vencer as paixões*, refreá-las. §. *Vencer o caminho*, chegar ao fim delle. §. *Vencer a ave algum espaço voando*, chegar a elle, vingalo. §. *Vencer soldo, soldada*, merecelo pelo trabalho de certo tempo. *Ord.* §. *O sono vence os homens*; i. é, apodera-se delles a pezar seu, e assim as paixões vencem o homem; i. é, fazemo obrar o que ellas mandão a pezar da resistencia, que elle lhes oppõe. *Barros, Elog.* 1. *A menencoria vence os sabedores.* §. "Vencer com as bombas a agua que o navio fazia"; i. é, dar cabo della, esgotala. *Amaral.* 6. §. Cobrar, adquirir "humã celebridade em fama não se vence em pouco tempo." *V. do Arc.* 1. 26.

BluteauMorais

Vencer em votos. Levar mais suffragios. *Plura ferre suffragia, quàm competitores*, à imitação de Suetonio, que na vida de Cesar, cap. 23. diz, *Cesar ita potentissimos duos competitors, multumque aetate, ac dignitate antecedentes superavit, ut plura ipse in eorum Tribubus suffragia, quàm uterque in omnibus tulerit.* (Se for Vencido em votos. Chagas, Cartas Espirituaes. Tom. 2. 485.)

Vencer em dias, vencer em annos. Viver mais tempo. *Vivendo quempiam vincere.* Plaut. in *Epideaur.* *Cuiuspiam superesse, cuilibet superstitem esse, ou alicui superstitem vivere.* Cic. *Claudere alicui lumina.* Martial. Se eu te vencer em dias. *Si tibi superstes fuero, ou vivero.* Venceo a todos em dias. *Superstes extitit omnium.* Sueton. Vence-vos elle em dias. *Superatque, & vescitur anrâ aetheria?* Virgil. Vid. Sobreviver.

Vencer soldo. *Merere*, ou *mereri stipendia* Cic. Tit. Liv. (Mouros, que *Vencia* soldo. Mon. Lusitan. Tom. 7. 481.) (Macho de quatorze annos *vence* soldada. Repert. da Orden. 351.)

Adagios Portuguezes do vencer.

Vencer as mãos lavadas.

Vencerse a si, he mais que vencer o mundo.

Vencer lingua, he mais que vencer arrayaes.

Quem calla, vence.

Quem quizer vencer, aprenda a soffrer.

No soffrer, & abster, está todo o vencer.

Quem soffreo, venceo.

Acometer para vencer.

Despreza teu inimigo, seràs logo vencido.

De ruim a ruim, quem acomete vence.

5 - Identidade de sinônimos.

A sinonímia é um processo lexicográfico bastante utilizado. O dicionarista não define, neste caso, antes utiliza o sinônimo como recurso explicativo do significado. Em alguns casos os sinônimos empregados por Bluteau podem ser encontrados por Moraes e até mesmo em dicionários modernos

da língua portuguesa. É o caso de IMPOSTOR, onde "embusteiro", aparece como sinônimo em Bluteau, Morais e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. O mesmo procedimento ocorre com MÁCULA. Tal fato demonstra que a obra de Morais serviu de modelo para os dicionaristas modernos.

Bluteau

IMPOSTOR. Impostôr. Embusteiro. *Vid.* no seu lugar. Querem alguns *Impostores* escurecer. Mon. Lusit. Tom. 6. 301. col. 1.

MÁCULA. Mancha (Esta palavra he usada no sentido moral.) *Macula, ce. Fem. Cic.*

Macula na reputação. *Lobis famæ, ou dignitati adspersa. Cic. Vid. Labeo.*

Macula de peccado. *Peccati labe, ou macula.* (Pelos olhos se contrahê a macula do peccado. Vixira, tom. 1 866.)

SALÜBRE. Sadio, saudavel. *Vid.* nos seus lugares.

Mas suave será, de mais calia,

Salubre, pura, regalada, & fria.

Infal. de Man. Thomás, liv. 10. oyt. 79.

Usa elle mesmo Autor do superlativo *Saluberrimo*!

Com as fontes que goza ha tantos dias

Perennes, Saluberrimas, & frias.

Liv. 1. oyt. 31. (Neste caso, já não he veneno, senão medicamento *Saluberrimo*.

Madeyra, 2. part. 181. col. 2.)

Ferida salubre, chamaõ os Cirurgiões à que he facil de curar. *Vulnus facilis curationis.* (As feridas *Salubres* sãõ as pequenas, & não profundas nas partes carnosas, & de poucas veas, arterias, & nervos. Recopil. de Cirurg pag. 149)

Morais

IMPOSTOR, s. m. Embusteiro. *M. Lusit. Tom. 6. f. 301. col. 1. embaidor.*

MÁCULA, s. f. Mancha, nodosa, mágoa: no fig. v. g. "sem macula de peccado." *Vixira, as maculas das almas (pelos peccados). Moraes, 8. 3.*

SALÜBRE, adj. Sadio, saudavel. *Leão, Desc. sítio salubre. f. 14. X. 5 Ferida salubre, a que he facil de curar-se; t. Cirurg.*

6 - Identidade de não-definição do verbete.

Encontramos alguns verbetes onde não há a definição da entrada, mas apenas o exemplo. Tanto Bluteau quanto Moraes se utilizaram desse mesmo processo lexicográfico: a dificuldade de definição faz com que o lexicógrafo dê o exemplo em primeiro lugar, pois através dele poderá o leitor chegar à compreensão do sentido da palavra. Este tipo de definição é muito encontrado no Dicionário de Moraes e é considerado por Dubois como sendo um processo freqüentemente usado na Lexicografia.

Bluteau

ABSORBIDO, Absorbido, ou Abforto. Abforto das ondas do mar. *Hausus mari.* Tit. Liv.

Ser abforto das agoas. *Aquis absorberi,* ou *exforberi.*

Ser abforto da terra. *Terra debiscente absorberi.*

Querendo os Holandezes ostentar a sua destreza em nadar, se embarcarão, & alguns ficarão abfortos das ondas. *Batavi, dum artem nandi ostentant, turbati, & quidam hausti sunt.* Cornel. Tacit. Em outro lugar diz. *Sternuntur milites fluctibus, hauriuntur gurgitibus.*

, Não quer, q̃ e suas ondas quasi *Abforto,*

, Busque paz, ache vida, alcance porto.

Ulyss. de Gabr. Per. cant. 5. oit. 52.

Abforto em extasi. Extatico. *Abalienatus,* ou *abreptus a sensibus.* Abforto na a-

legria. *Impotenti letitia elatus.* Cic.

, *Abfortos* como em extasi ficarão,

, A vista suspêdendo os mais sentidos. Malaca conquist. liv. 2. oit. 108.

Moraes

ABSORTO, part. pass. irreg. de Absorver. *Ab-sorto das aguas*; comido, tragado. 9. Enlevado, transportado, arrebatado fóra de si, extático; v. g. *absorto em Deos.* Arraes. 9. 16. M. Conq. 2. 108.

AFFLICTO, ou Afflito, ou Affligido. Vid. Affligido. Importunado na rua de hum *Afflicta* mulher. Varella, Num.

AFFLICTO: dizemos *estou afflicto.*

Bluteau

HEBRAICO, hebráico, como quando se diz a língua Hebraica, *Hebraica lingua*, *æ. Fem.*

Morais

HEBRÁICO, *s. m.* Lingua Hebraica: v. g. "sabe o *Hebraico*."

LATÍM, *A lingua Latina*, *Latina lingua*, *æ. Fem.* *Latinitas*, *atís. Fem.* *Cic. Latialis sermo*. *Masc. Plin. Romanus sermo*. *Quintil.*

Fallar Latim. *Latínè loqui. Cic.*

Cousas que facilmente se podem pôr em Latim. *Latiali sermone dictu facilia. Plin.*

Traduzir algũa cousa em Latim. *Aliquid Latínè vertere*, ou *reddere. Cic. Aliquid Latina consuetudine tradere. Colum.*

Curio não fallava mal Latim. *Curio non pessimè Latínè loquebatur. Cic.*

Saber, ou entender Latim. *Latínè scire. Cic.*

LATÍM, *s. m.* A Língua Latina: v. g. "saber, fallar *Latim*."

Dos verbetes acima, apenas AFFLICTO, em Moraes, não apresenta nada de original em questão de exemplo, pois não oferece nenhuma informação ao leitor.

II - Semelhança entre as obras.

Assim como a identidade, os pontos de semelhança entre as obras de Moraes e Bluteau são frequentes, comprovando mais uma vez a influência da obra do monge teatino francês sobre Moraes. Inúmeros foram os casos encontrados de semelhança, que passamos a relacionar logo abaixo:

1 - Semelhança de paráfrase.

Em todos os verbetes que se encaixam neste caso e que exemplificamos a seguir, observamos que ainda guardam até hoje, em alguns casos, o mesmo sentido dado por Moraes e Bluteau. A diferença existe apenas nos verbetes ALLIVIÁR, BEIJÁR e NAUFRAGÁR, onde Moraes acrescentou outros sentidos mais que Bluteau.

BluteauMorais

ALIVIAR. Fazer mais leve. Aliviar hum peso. *Onus levare*, ou *allevare*. *Exc. Cic.* Aliviar alguém de hum peso. *Tollere aliquid oneris alicui. Cic.*

Aliviar, he muito usado no sentido moral. Aliviar alguém. *Alicui esse levamento. Cic.* *Afferre alicui levationem. Cic.* *Sublevare aliquem. Cic.* *Levamentum prestare. Plin.*

Aliviar a dor, o trabalho, a pena de alguém. *Levare*, ou *allevare dolorem*; *curam*, *laborem alicujus*, ou *aliquem dolore*, *cura*, *labore levare. Cic.*

Imagina o nosso velho, que em se ellas indo, se verá aliviado dos gastos, que vai fazendo. *Sperabit sumptuum sibi senex levatum esse harum abitu. Terent.*

Aliviar alguém na sua adversidade; *Res adversas alicujus sublevare. Cic.*

Alguna cousa aliviarão as vossas cartas o meu cuidado. *Littere tue aliquâ ex parte sollicitudines meas allevarent. Cic.*

Esta imaginação alivia todos os meus cuidados. *Hæc cogitatio omnes meas molestias extenuat. Cic.*

Não há cousa, que mais alivie a nossa tristeza. *Nihil est, quod tam obtundat, elevetque ægritudinem. Cic.*

O tempo aliviará os vossos trabalhos. *Dolorem minuet, molliet, leniet, obtundet, mitigabit dies. Vis doloris tui cum vetustate languescet. Tibi laboranti levamentum dies afferet.*

Estas cousas aliviaõ a minha velhice. *His rebus mihi levis est senectus. Cic.*

Se vós me aliviardes de huma parte desse pezo, o meu zelo, & a minha industria, me ajudaráõ a levar o mais como puder. *Hoc onus, si vos aliquâ ex parte allevabitis, feram, ut potero studio, & industria. Cic.*

Procuró aliviar os meus males. *Blandior calamitatibus meis. Quintil.*

Aliviar

Aliviar muito a alguém. *Afferre alicui levationem magnam. Cic.*

Muito me aliviaõ as praticas, que todos os dias tenho com vosco. *Quotidianus congressus, & sermo magnæ mihi levationis est. Cic.*

ALLIVIAR, v. at. Fazer leve descarregando do peso, ou carga, §. no t. *Alliviar de mizeza, cuidado, dor, e tudo o que causa pesadume, e gravame, como trabalhos, negocios, &c.* §. *Alliviar*, n. ter allivio. *Resende, Chron. c. 209.* §. Desculpar, diminuir: v. g. *homens que alliviao a feyaldade. Pavia.* "alliviava a culpa." §. Desobrigar, dispensar: v. g. — do governo; da prisão; ferros; tributos; penão, foros §. Consolar, alegrar, divertir. — §. — se, refl. §. — o luto: deixar parte dos vestidos, e aravios de luto; mudar em outra cor.

Bluteau

Aliviar com cartas reciprocas as suas fadigas. *Desiderium alicujus mittendis, accipiensque litteris lenire. Cic.*

Estou certo, q̃ isto vos aliviará. *Scio illam rem tibi levamento fore. Cic.*

Aliviar-se. *Recipere levationem malis. Cic. Reportare solatium ex aliqua re. Cic.* Eu com isto me alivio em os meus maiores trabalhos. *In maximo meo dolore hoc solatio utor. Cic.*

BALAIO, Balão, ou Balayo. Teiga. Ceito de Saloyas. Ceito como redondo, feito de huma palhinha negra, & parda, que vem de Angola. *Cista paleis variet coloris intexta, quam vulgò Balayo vocant. O P. Bento Pereira lhe chama Canistrum Æthiopicum.*

BEIJAR. *Applicar a boca a alguma cousa, em sinal de amizade, amor, respeito, ou veneração*, como quando por devoção se beija a Cruz, ou qualquer reliquia. Beijar alguém. *Aliquem osculari. Cic. Deosculari Mart. Suaviari, dissuaviari. Cic. (or, atus sum.) Aliquem basiare. Mart. (or, atum.)* Em quanto a

L 3

Exof:

Exosculor, adverte certo Critico, que achara hum so exemplo do participio *Exosculatus* em Aulo Gellio no livro 2. cap. 26; & isto em hum sentido figurado, para significar admiração juntamente, & complacencia. *Verborum elegantia exosculatus.*

Beijou os todos, huns depois dos outros. *Dispensavit oscula per omnes. Cic. Ovidio. Divisit ipsis oscula. Horat.*

Beijar os pés ao Pontífice, beijar o pantufo ao Papa. Esta cerimonia tão estranhada, & condenada dos Hereges, teve principio na humilde devoção da Magdalena, que na casa do Phariseo não se fartava de beijar os pés ao seu Divino Mestre, *non cessavit osculari pedes meos. Luca. 7. vers. 45.* como tambem no pio obsequio das devotas mulheres, que admiradas de ver ao seu Soberano Senhor Resuscitado, se lançarão aos seus pés sagrados; *Eccce Jesus occurrit illis*

Morais

BALAIO, s. m. *Especie de cesta de palhinha, de que usão as saloyas; outros há que vem do Brasil, matizados de cores, de palha mais grossa, para varios usos. Leão, Orig. 6. 5. "alquicé, filete, balão."*

BEIJAR, v. ac. *Tocar com os beizos em alguma pessoa, ou qualquer coisa, por mostra de amor, veneração, religião, humildade. 6. fig. Dizemos que o mar beija a praia, chega a ella; poet.*

dicēns, Ave; illa autem accesserunt, & tenuerunt pedes ejus, & adoraverunt eum. Matth. cap. 28. vers. 9. Ao Papa, como Vigario do Summo Sacerdote Jesus Christo, fizeram os mayores Reys da Christandade esta religiosa demonstração da sua piedade; Pepino Rey de França ao Papa Estevão, o Imperador Carlos Magno aos Papas Adrião Primeiro, & Leão Terceiro, Francisco Primeiro a Clemente VII. em Marselha, estando presentes os Embaxadores de Inglaterra; o Imperador Sigismundo a Martinho Quinto no meyo do Concilio Constanciense, &c. *Sūmi Pontificis pedes osculari.*

Beijar a mão. He cerimonia antiquissima, como se vê em varios lugares da Sagrada Escritura, & como era huma especie de adoração, os Gentios a fazião aos seus Idolos; por isso no livro 3. dos Reys, cap. 19. para prova de que huns homens não erão idolatras; diz o Espirito Santo, vers. 18. *Quorum genua non sunt incurvata ante Baal, & omne os, quod non adoravit eum osculans manus.* E quando os Gentios não podião chegar a beijar a mão ao simula-

cro, que adoravão, estendião a propria mão até elle, ou até onde podião chegar, & em lugar da mão do idolo beijavão a mão propria. E assim Job querendo dizer, que nunca adorou o Sol, nem a Lua, diz que olhando para effes planetas, não beijara a mão propria, *Si vidi solem, & lunam, &c. & osculatus sum manum meam ore meo, quæ est iniquitas maxima, & negatio contra Deum maximum. Job. cap. 31. vers 25-28.* Donde se colhe, que *Beijar a mão propria*, por não poder chegar a beijar a mão ao proprio Deos, ou a figura, que affaz dignamente o represente, he cerimonia, que só a Deos se fazia; mas como o tempo passou este uso aos homens. Antigamente em Roma era costume dos Escravos beijar as mãos a seus senhores. Mas Plutarco conta, que despedindose de Catão os soldados com muitas lagrimas, & estêdêdolhe as capas, & os vestidos por onde passava, lhe beijavão a mão; & daqui começarão os livres a usar desta cortezia, de que logo lançarão mão os pretendentes, para grange-

BluteauMorais

aiem animos, & vontades alheas, como diz Seneca, Epist. 118. E logo os Imperadores modernos mandarão, que seus vassallos lhe beijassem a mão, como escreve Pomponio Leto. E os Reys de Hespanha o pozerão por ordenação (como se vê nas del-Rey Affonso, nas leys de Castella, livro 5. título 25. pag. 4.) Daqui (como advertio Francisco Rodr. Lobo, Dial. 12. da Corte na Aldea.) se derivou o *Beijo as mãos de V; M;* que he confessar-se por escravo, ou vassalho daquelle, a quem se faz a cortezia. Beijar as mãos em phrase cortezãa he saudar. Vosso irmão vos beija as mãos. *Salvebis à fratre tuo. Frater tuus te salutat.* Dizei a vosso pay, que lhe beijo as mãos. *Tu patri tuo plurimam salutem* (sobentendendo, ou exprimindo, *Dic*, ou *dices*, ou *dicas velim. Tuum parentem meo nomine saluta plurimum. A me patri tuo salutem nuncia. Patrem tuum jube salvere.*

Beijar mil vezes hum a mão. *Dexteram*

osculis fatigare. Tacit.

A acção de beijar. *Osculatio, onis. Fem. Cic. Exosculatio, onis. Fem. Plin. Hist. Basatio, onis. Fem. Mart.*

MADUREZ, ou Madureza. O estado da bondade, & perfeição de hum fruto, o tempo em que o hão de colher. No sentido moral tambem se diz dos annos do juizo, &c. *Maturitas, atis. Fem.* Cicero diz, *Maturitas frugum, maturitas ingenii, maturitas ætatis, & maturitas sexæstutis.* (A madureza do juizo, com que dispu. nha. Vida do Principe Elektor, pag. 163.)

A juventude leva o terno,

E a madurez do velho o frio Inverno. Inful. de Man. Thomás, Livro 5. Oit. 24.

MADUREZA, s. f. O estado de perfeição, a que chegam os frutos, e madeiras, para poderem servir nos seus usos de alimento, e construção. *S. fig.* Perfeição: *v. g.* madureza dos annos, do juizo, entendimento, formado pelo estudo, uso, e conversação dos homens. *S. fig.* Na pausa, e madureza do passo mostrava o ser da Pessoa Real. *V. do Arc. 6. c. 11.*

(No caso do verbete MADUREZA, a definição dada por Morais, nos parece mais precisa e clara do que a dada por Bluteau).

Bluteau

NAUFRAGAR. Fazer naufrágio. Pa-
der naufrágio. Perder-se no mar. *Nau-
fragium facere. Cic. Navem frangere. Te-
rent. Aufvagium pati. Seneca.*

Naufragar no porto. *Navem in portu
frangere*, ou *mergere*, ou *evertere*. O
primeiro modo de fallar he de Propertio;
o segundo, de hum certo Fabiano
em Seneca; o terceiro he de Cicero.

Naufragar. Metaphoricamente. Não
ter bom successo. Perder os bens, a for-
tuna, o valimento. *In suis susceptis infeli-
tem exitum habere. Facere naufragium rei
familiaris*, ou *fortunarum naufragium
facere*, ou *perire*.

Naufragou a fazenda, & o credito.
Res, & fides perit. Plaut. (As pertença-
ções dos Principes naufragão, & se per-
dem nas ondas das Cortes, & nos ban-
cos, que a travessão. Epanaphor. de D.
Franc. Man. 317.) (Fez naufragar em
grandes Varões, virtudes grandes. Ri-
beiro, Vida da Princ. Theodora, pag 2.

OBLATA. (Termo do Ceremonial da
Missã.) He a hostia, o vinho, & agua no
calix, antes de estarem consagrados.
Oblata, orum, Neut. Plur. He o nome, que
se lhe dá nos livros das ceremonias.
(Quando se incensa a Cruz, antes de se
incensar a oblata. Lucas de Andrade, Il-
lustrações aos manuaes da Missã, pag.
97.)

NAUFRAGAR, v. n. Fazer naufrágio. s. fig.
Arruinar-se, perder-se: v. g. naufragou a fa-
zenda, e o credito. *Atacado. "as pertençações dos
Principes naufragão."* Epanaph. f. 317.

OBLATA, s. f. O vinho, hostia, e agua da
Missã antes da Consagração.

TÉDIO. Fastio. Molestia. *Tedium*, ou
fastidium, *ji. Neut. Cic.*

Ter tédio de alguma cousa. *Alicujus rei
satieta affici. Cic.* Tomey tédio à vida.
Tædet me vitæ. Cic. Tomey tédio às lison-
jas da Corte. *Pertæsum est assentationis
Aulicorum.* Plauto diz, *Pertæsus sermo-
nis*, o que tomou tédio a hum discurso.

Meter tédio *Satietaem*, ou *fastidium*
*afferre. Fastidium movere. Quintil. Tedium
alicui afferre.*

TÉDIO, s. m. Fastio, nojo, molestia.

2 - Semelhança entre a definição dada por Bluteau e o exemplo registrado por Moraes.

Este caso nos pareceu bastante singular, pois Moraes definiu a entrada com um sinônimo, mas se utilizou da definição de Bluteau para registrar como exemplo. Na sub-entrada a definição é semelhante.

Bluteau

BLASFEMAR. Fazer injúria a Deos, ou aos Santos com palavras impias, & sacrilegas. *Atroces in Deum, vel Sanctos voces jactare. Divinum numen verbo violare. Scelesto ore contumelias in Deum effundere. Impia in Deum profundere.* Tibullo (como Gêncio diz) *Solvere verba impia in Deos.* Se a blasfemia for contra a honra dos Santos, ou das cousas sagradas, em lugar de Deus, ou Numen, poderão pôr *Calites. Sancti. Res sacra. Res divina, &c.*

Blasphemar. Injuriar com palavras indecorosas. Fallar sem respeito. *Alicui conviciari, (or, atus sum.) Contumelias in aliquem dicere, ou jactare.* Liv. Cic. *Blasphema* contra a Magestade do Imperio. Mon. Lusit. Tom. 2. fol. 101. col. 2.

Moraes

BLASFEMAR, v. ar. Amaldiçoar: v. g. blasfemar a Deus, aos Santos com palavras impias. Ferr. Tom. 1. p. 230. §. fig. Dizer blasfemias de alguém, ou palavras indecorosas contra alguém: "com grandes brados o maldizão, e blasfemavao." d' Aveiro, c. 43. "Se o moderado governo se blasfema." Cam. Estanc. 2. das est. 11.

3 - Semelhança de definição.

A primeira definição dada por Bluteau à entrada aparece na segunda ou terceira sub-entrada em Moraes. Houve, no caso, uma reestruturação dos sentidos e a hierarquia registrada por Moraes se assemelha ao sentido atual que encontramos para tais palavras.

ADERENTE. O que segue a opinião, ou o partido de alguém. *Seftator alicujus.* Cic. *Studiosus, ac fautor alicujus.* Cic. Todos os aderentes de Antonio foram declarados inimigos. *Hostes omnes judicati sunt, qui Antonij seftam secuti sunt.* Cic. *qui Antonij seftam secuti sunt.* Cic. Ser aderente de alguém. *Stare ab ali-*

ADERENTE, part. (de *adherere* Lat.) Coisa que está pregada, e unida a outra. §. fig. O partidista, sectário, seque de algum partido, seita, opinião. §. O valedor, protector, que terça por outrem, o que serve de empenho para alguém. *Prestes, f. 34. v. §. Os aderentes da guerra:* munições, e aparelhos. *Pragmatic.*

quo. Cic. *Se ad alicujus rationes adjungere.* Cic. *Adjungere se alicui.* Cic. *Adherere alicui.* Cic. *1. offic. 36.* ou *ad aliquem.* pro Sext. 16.

Aderentes de guerra. Tudo o que he concernente a hum exercito ; com todos os aderentes de guerra. *Cum totius belli instrumentis, & apparatu.* Cic. Despeza, que se poderia fazer com todos os mais. *Aderentes* de guerra. Andão estas palavras em humna Pregmatica.

GAFAR (Termo do jogo da péla)
Gafar a péla. Não lançar a péla com a mão solta, retendoa primeiro algũ tempo no concavo da mão. Despedir a péla com a mão mais apertada, do que se deve. *Non explicitâ manu pilam mittere, ou repellere.*

Gafarse de sarna. *Vid.* Sarna. Derivase de *Gaso*, palavra antiga, que (como adverte Duarte Nunes de Leão na origem da Lingoa Portugueza) significa Leproso.

A nevoa faz gafar a azeitona; *id est*, falla cahir molle, & como em papas. *Olivæ nebulâ fluidæ decidunt.*

Gafar. Arrebatar com as unhas, ou com instrumento a modo de gafa. *Vid.* Gafa. *Unguibus arripere* (*pio*, *arripui*, *arruptum*) Embora va o gato, que tem taes unhas, & *Gafa* tão limpo. Cartas de D. Franc. Man. pag. 602.

GALA. Derivase do Grego, *Agallo*, que quer dizer, *Orno*, *Gala.* Vestido novo. *Nova vestis.* *Recens ab sartore vestis.* Sabio com gala nova. *Novis amictus vestibus prodijt.* Botou, ou lançou boa gala. *Lautè vestitus prodijt*, ou *apparuit.*

Gala. Vestido de festa. *Festus cultus*; no genitivo *Festi cultus.* Senec. *Trag.*

Galas. Ricas, & preciosas velliduras. *Cultus mundior.* Que traz muytas galas. *Benè cultus*, ou *ornatus*, *a, um.* Cic. *Ornatio*, se diz, & *ornatissimus*, *a, um.* Fazlhe muytas galas. *Ei vestitu nimio indulget.* Terent.

Gala. Graça, Garbo, Bizarria, &c. *Vid.*

nos seus lugares. Para mayor *Gala* do

GAFAR, v. at. Tirar, puxar, arrebatat alguma coisa com a gafa; e no f. com as mãos, ou garras. *D. Fr. Man. Cartas.* §. Gafar a péla, no jogo; não a lançar com a mão aberta; mas retê-la algũ tempo no concavo da mão. *Preses*, 38. §. "como péla me gafa." §. Gafar-se a azeitona; cair da arvore, molle, e feita em papas. §. — se: encher-se de lepra, fazer-se galo. §. — se de sarna: ficar como galo, ou leproso, coberto, e com as articulações das mãos gafadas de sarna.

GÁLA, s. f. Um estofo de lã fino, e lustroso, quando lhe cã a lèpã. §. Vestido de gala; *i. é*, de festa, em vestidos ricos, e de cerimonia. §. Dia de gala; o em que se vai á Corte vestido de mayor lustre. §. Graça, garbo, Vicia, para mayor gala do mysterio.

Bluteau

OCCORRER. Offerecer à memoria, à
imaginação, ao pensamento, ao discurs-
so. Occurrere, Cic. ou occussare. Plaut.
Plin.

Sobre o particular da nossa jornada
 mil cousas me occorrem. *De nostro itinere*
per multa mihi occurrunt. Cic.

Quando me veyo a vontade de escre-
 ver alguma cousa sobre a velhice, occor-
 re-me que eris capaz para esta empre-
 za. *Cum de senectute aliquid vellem scri-*
bere, tu occurrebas dignus comunere. Cic.

Não me occorrem tantas cousas. *Non*
ita me occussant multa. Plaut.

Occorriame isto. *Illud mihi succur-*
rebat. Cic.

E depois que o passado alli lhe occorre,
 E a memoria lhe fez tudo presente.
 Malaca conquist. livr. 3. oit. 1.

Isto me occorre. *Ea res meo animo oc-*
cursat. Plin. Jun. (Sobre esta palavra,
 Soldados, a primeira cousa que occor-
 re he o soldo. *Vieira, tom. 1. pag. 974*)

Occorrer. (Termo de rubricas) Qua-
 do o dia de hum Santo se encontra, ou
 vem a cair no dia, ou na festa de outro.
Incurrere, com a preposição *In*, & ac-
 cusat. *Vid. Cahir.* (Se no dia octavo oc-
 correr festa de primeira Classe. *Gonçalo*
Vaz, Rubricas do Breviario, pag. 43.)

Occorrer. Acudir. Prevenir. *Vid. nos*
seus lugares. (Antevendo as necessida-
 des do sitio, & occorrendo a todas. *Ja-*
cint. Freire, lib. 1. num. 31.)

Morais

OCCORRER, v. n. Vir ao encontro, offe-
 recer-se: v. g. a quem caminha para o Céo oc-
 corre primeiro o Baptismo. *Arraes, 6. 4. §. 18.*
Vir à memoria, ao pensamento: v. g. occor-
 rão-me mil cousas para lhe dizer. *Adal. Conq.*
III. 1. "e depois que o passado ali lhe ocorre."
 sobre esta palavra soldados a primeira coisa, que
 occorre, he soldo. *Vieira, §. Cahir:* v. g. se no dia
 octavo occorrer Festa da Primeira Classe. §. Acu-
dir, prevenir: v. g. antevendo, e occorrendo às
 necessidades. *Freire, §. Vir a algum lugar:* "seus
 criados que ali occorrerão." *Ined. I. 598.*

Ainda dentro desse tipo de semelhança, encontramos o
 caso inverso: a segunda ou terceira sub- entrada de Bluteau,
 foi registrada por Moraes como a primeira definição, demons-
 trando que os valores polissêmicos da palavra sofreram uma
 reordenação na significação.

Bluteau

CALHANDRO. Vaso para as necessidades da natureza. *Vid.* Bacio, ou fervedouro.

Calhandro. *Ave.* No Commento das Elegias de Camoens, diz Manoel de Faria, que em Portuguez he como Cotovia.

De competir cō o merlo não defcêça
O garrulo *Calhandro*, que enrouquece,
Por não perder calado a confiança.

Camoens, Eleg. 6. num. 6. *Vid.* Calhandra.

CAMINHEIRO, que anda por dinheiro. *Viator conductus.*

Caminheiro, que anda de mando de alguém. *Homo*, ou *viator*, aliquò *missus*.

Chamamos caminheiro aquelle, que por ordem da justiça vay pelo Reyno notificar as partes, & fica às portas da sua casa com dous tostoens cada dia até pagarem. E o dinheiro, que se montava, ao *Caminheiro*. Vida de Fr. Bertholam. fol. 25. col. 1.

GALANTEAR. Dizer galanterias; ou dittos galantes. *Festive joculari (or, atus sum) Martial.*

Galantear huma Dama. Procurar de merecer a sua graça com a cortezania, decencia, & honestidade, que nella arte se guardão nos palacios dos príncipes. *Virginis aulicæ gratiam politâ morum elegantia captare, ou aucupari.*

Galantear huma mulher com mau fim. *Mulieris pudicitiam amatorij blandimentis oppugnare, ou attentare (o, avi, atum).*

JUBILADO. Doutor, ou Mestre jubilado. Aquelle, que depois de ler algumas das cadeiras mayores, com salario, os annos determinados pellas leys da Universidade, logra as immuniidades, & privilegios, que se costumão conceder. *Doctor emeritus.* *Emeritus* he de Luciano, fallando em soldados, que depois

Morais

CALHANDRO, s. m. *Ave.* Camões. V. *Calhandra*. 6. Bacio, vaso de cursar; vulg.

CAMINHEIRO, s. m. Homem, que vai das Terras onde há Relações, e da parte de certos

Magistradas, cobrar executivamente alguma divida, concedendo o salario do caminheiro por contra do executado, ou levar informações, e negocios de justiça, ou como correio particular.

GALANTEAR, v. at. Servir damas por merecer o seu amor. 9. Dizer galantarias. 6. Dizer graças, e dittos lisonjeiros, agradaveis. *Couto*, 6. 10. 18. "galanteando com elle sobre isso."

JUBILADO, part. pass. de Jubilar. 6. f. Consummado, perfeito em saber. *Vieira.*

de servirem o seu tempo, & de fazerem as campanhas, a que estavaõ obrigados, ficão aposentados, & lograõ os privilegios, que a estes raes se concedem. Na sua Epigraphica, pag. 343. o P. Boldonio, reprovando a dicção *Jubilarius*, diz *E Doctoribus evadunt quidam Jubilarij, cum nimirum longo docendi curriculo fessis, optimeque de cathedra meritis datur, sic cessent a negotio, recento stipendio, tituloque honorario. Hos Latine novata illa voce rejeeta Rudiariorum dicemus quasi donatos Rude, ut olim de munere gladiatorio. & honesta missione missos, ut de milita.*

Salario de Doutor jubilado. *Emeritum Doctoris stipendium* ij. Neut. *Emeritum stipendium* (diz Budeo) passivè dicitur, quod peractum est, cum jam milites missionem, ut Veterani impetraverunt. Tambem se pode dizer *Emeritum*, i. Neut. já que (como advertio Basilio Fabio in thesauro eruditionis scholasticæ) *Emeritum substantivè, pecunia dicitur, que dabatur emeritis, seu solutis milita,* & no livro 3. De re auxiliari, diz Modestino, *Qui militie tempus indesertione implevit, emerito privatur. Vid. Lips. ad 1. Annal. Taciti, pag. 40.*

Jubilado. Cabal. Consummado. Perfeito. Sciencia jubilada. *Perfecta, cumulatque scientia.* Cicero diz, *Perfecta, cumulatque virtus.* Não há sciencia tão Jubilada, que não possa deixar de ver, o que ve outra de menos annos. Vici-ra, Tom. 3. 144.

4 - Semelhança de definição pelo sentido oposto.

Usando de um recurso comum da Lexicografia moderna, Moraes e Bluteau definiram alguns verbetes pelo seu sentido oposto. As palavras na língua que podem ser ordenadas no léxico junto com o seu oposto, geralmente podem assim apparecer registradas em dicionários de uso da língua.

BluteauMorais

MAGRO. O contrario de gordo (falando em animaes.) *Macer*, *cra*, *cram*. Virgil. *Strigofus*, *a*, *um*. Columel.

Homen magro. Mal fornido de carnes. *Macilentus*, *a*, *um*. Plaut. *Gracilis*, *is*. Masc. & *feudle*, *is*. Neut. Cels.

Homen muito magro. *Homo grandimacrie torridus*. Masc. Cic.

Estou tão magro, que não tenho mais que a pelle sobre os ossos. *Offa, atque pellis sum miserâ macritudine*. Plant. *Capt. Act. 1. Scen. 11. vers. 32*. Na Comedia intitulada, *Antulária*, diz, *Qui offa, atque pellis totus est*. S. Jeronimo na vida de S. Hilarião, *Sic attenuatus, & in tantum exeso corpore, ut ossibus vix haereret*. Nesta phrase tem imitado o Santo Doutor estas palavras de Virgílio, na Ecloga 3. vers. 103. *Vix ossibus haerent*.

Está muito magro. *Turpis macies occupat illius corpus*. Horat.

Fazer magro, & fazer-se magro. *Vid. Emmagrecer*.

MAGRO, adj. Não gordo. §. De poucas carnes. §. De pouco rendimento. "magro beneficio" *Reinaldo, Vida*, c. 13.

MALQUISTO. Não amado. Aborrecido. *Apud aliquem invidiosus*, *a*, *um*. Cic. *Alicui invidus*, *a*, *um*. Cic.

He malquisto de todos. *In odio est omnibus*. Cic.

MALQUISTO, p. pass. de Malquerer. O que não é bem quisto, intimizado.

III - Diferença entre as obras.

De uma grande quantidade de verbetes, seleccionamos os pontos em que Moraes differiu de Bluteau, embora ainda possamos encontrar alguns casos de semelhança. Entretanto o que observamos foi que Moraes procurou aperfeiçoar, ora restringindo ou ampliando o sentido, ora definindo o verbete de maneira diversa, e outras vezes, acrescentando significados que não constaram da obra de Bluteau.

1 - Diferença de definição.

Morais deu uma definição mais restrita que Bluteau. As definições dadas por Bluteau aos verbetes ABELHA, GAFA NHOTO e RANUNCULO, foram definições longas e mais de caráter enciclopédico do que linguístico. Já Moraes limitou-se a registrar o que lhe pareceu interessante, deixando de lado qualquer outra informação que, à primeira vista, não pudesse interessar ao leitor de um dicionário de língua.

Bluteau

Abalo, Abalo. Movimento leve, ou impulso, com que qualquer couza se move do seu lugar. *Motus levis alienus rei.*

Abalo com força. Grande abalo. *Concussio, concussatio, ou labefactio, onis. Fem. Collocl. Cic. Plin. Hist.*

Abalo, ou tremor da terra. *Terræ motus, ou terræ tremor. Vid. Terremoto.*

Abalo de hum monte. *Nutatio montis. Sen. Philos.*

Isto he remédio, que preserva do abalo dos dentes. *Labefactionem dentium id. inhibet. Plin. Hist.* Em outro lugar diz o mesmo Plinio *Mobiles dentes fissit;* & em outro *Mobiles dentes firmanitur.* Chama o mesmo Plinio ao abalo dos dentes,

Mobilitates dentium.

Abalo do corpo. Abalo dos humores. Procedem as doenças de hum abalo grande, & perturbação dos humores do corpo. *Morbus, & agrotatio ex totius valetudinis corporis concussatione, & perturbatione gignuntur. Cic. cap. 4. Tuscul. 23.*

Abalo de doença. Ameaça della. Abalo de febre. *Febris tentatio, onis. Fem. Commotumculatio. Fem. Cic. Attic. lib. 2. Epist. 12.*

Sente grandes abalos nos Rins. *Renes morbo tentatur acuto. Horat.* Sentir algum ABALO de febre. Chag. Cart. Es. spirit. Tom. 2. pag. 335. *Vid. Ameaço.*

Abalo. Movimento interior causado de alguma paixão. *Animi motus, Affectus concitati, ou commoti. Quintil. Animi commotio, ou permotio, onis. Fem. Quint. Cic. Agitatio mentis. Cic. Quintil. Animi concitatio. Cic.*

Morais

ABALO, s. m. Impressão em alguma coisa física. §. Abalo: motim, bulha, alvoroço. *Prenes, f. 24. §. fazeis abalos por cantares de gales.* §. Tremor. §. Ataque de doença. §. f. Commoção do animo. *Netra.* §. Mudança de opinião, e presu- posto, com razões, ou outro motivo. §. Abalo de tremor, v. p. da terra, do edificio que dá de si. §. Alteração no negocio assentado. *Castan. 2. 137.* §. Partida para facção militar. *Costa, 8. 35.* " nas pre- parações do abalo (do exercito) que tardou pouco, 184

BluteauMorais

Abalo. A impressão, que faz nos ouvintes o discurso de hum Orador, Pregador, &c. Pouco ABALO fazem os nobres sermoens. O P. Anton. Vieira. Tom. 1. pag. 23. *Medicè animos audientium afficiunt*, ou *modicè audientes tangunt nostræ conciones*. (São phrases de Cicero.) Tão pouco abalo fizerão estas palavras, que pouco faltou, que não maltrataassem aos Deputados. *Hæc dicta adeò nihil moverunt quempiam eorum, ut legati prope violati sint.* Tit. Livius. Declamai contra a avareza, & luxo, & quando vos parecer, que as vossas palavras fazem algum proveyto, & que causão no animo dos ouvintes algum abalo, tornai a apertar com maior força. *Dic in avaritiam, dic in luxuriam, cum processisse te videris, & animos audientium affeceris, insta vehementius.* Senec. Philos. Porque isto me faça ABALO. Chag. Carr. Espir. Tom. 2. p. 175.

ABELHA. Insecto volante, & especie de mosca grande, armada de hum ferrão, industriosa artifice do mel, & da cera. Ha muitas castas de abelhas, humas; a que Aldovrando chama *Amphibianas*, que andão pella agoa, & tem o ferrão na boca; Jonstono lhes chama, *Abelhas bravas*. Outra especie de abelhas silvestres se acha nos jardins, & nos bosques; Humas tem huns corninhos muito compridos, outras são felpudás. Das abelhas, a que chamão bairtardas, & com palavra Grega, *Pseudophecæ*, contraõ alguns naturais 24. castas, entre as quaes hã humas, a que chamão *Abelhas devorantes*; & com palavra composta de duas latinas *Muscalopus*, porque comem com os dentes, o que apanhão. Das abelhas, que fazem mel, a que alguns chamão *Operarie*, não se sabe certamente o sexo; tã na abelha meistra, & no abelhão, ou zangano, se descobrem com o microscopio as partes, que servem para a geração, & o famoso Anatomista Stom tem observado na abelha meistra huns ovinhos, evidentes effeitos da sua fecundidade. As abelhas ruficas, que

ABELHA, s. f. Insecto, que recolhe o mel das flores. S. n. prop. de uma Constellação meridional.
S. Planta (*Ophrysmyodes*).

saõ as bẽspas, largão o ferrão, quando picão, & ficando o intestino roto, morrem. Affirmão alguns ter experimentado, que succede o mesmo às abelhas domesticas. Virgilio o diz indifferentemente de todas sem distincção;

Spicula caeca relinquunt.

Affixae venis, animasq; in vulnere ponūt.

lib.4. Georg. vers.237. O Padre Ruco

dando no seu comento a rezão do ditto do Poeta; diz, *Hoc inde fit, quia aculeus cum alvo, sive intestino confertus est, & cum infixus fuit, è vulnere retrahi nequit, sine alvi ruptione.* Dizem, que no couro de hum boy, morto no estio, fechado em huma caza, bem tapada, corrupto, & apodrecido nasce em o cabo de 45 dias hum enxame de abelhas. Quando sahem os enxames de abelhas novas, levão consigo *Alimpadeiras*, & *Aplanadeiras*. Estas saõ do mesmo feitio, que as abelhas, & sã se conhecem por serem mayores. As *Alimpadeiras* saõ como *Carochas*, & entrão primeiro, que nenhuma a *alimpar* o fitio, para onde hão de hir, & depois de limpo, entrão as abelhas, & ellas mesmas as matão, & as deitão fora. A abelha mestra ensina às *Aplanadeiras* a fazer os casulos da cera, para receber o mel; & em os favos estando cheos, se os não creslão a tempo, o comem, porque não querem hir buscar fora o sustento. As *Aplanadeiras* nunca sahem fora, porque sempre estã occupadas a recolher o mel nos casulos, & do que cahe fora delles, se sustentão.

Escrẽvem os antigos, que na contemplação da prodigiosa natureza das abelhas gastã o Philosopho Aristomaco 60. annos. Abelha, *Apis, is. Fem. Ovid. Colum. Martial.* Sem embargo, do que

diz Valla, não quizerã eu dizer, *Apis*, no nominativo singular. No genetivo plural se diz, *Apum*, ou *Apium*, mas melhor he dizer, *Apum*. Abelha mestra. *Rex apum*. Ainda que chamem os latinos à abelha mestra *Rex apum*, esta abelha he feinea, & de ordinario lança mil ovos no espaço de hum anno. He duas vezes mayor, que as mais abelhas. Tem as azas curtas, as pernas direitas, & anda mais grave, que as mais. Na testa rem final para insignia da sua mayoria. Ainda que às abelhas se dê hum Rey, & hu-

ma Raynha, não há entre ellas superioridade dominante ; mas toda a melliflua republica só com amor reciproco se governa.

Leonel da Costa na sua Traducção das Georgicas de Virgilio, pag. 115. vers. chama a abelha meira, Rey das abelhas, & depois de fazer menção do lugar de Aristoteles, que diz, que há dous generos de Reys de abelhas, hum delles louro, & este he o melhor, & outro negro, & mais vario, tambem allega com Plinio, o qual no livro undecimo diz, que os Reys não nacam bichinhos, como as outras abelhas, mas logo nacam com azas, & que nacam muitos, mas despois crescendo a geração, de voto, & consentimento commum, matão os piores, por não destruirem os enxames; diz tambem Plinio, no lugar allegado, que cada hum das abelhas deſeja citar mais chegada ao Rey, & folga de ſer viſta na ſua obrigação, & officio; quando o ſentem cãgado, o levão ſobre os hombros; morto, ou perdido o Rey, logo as abelhas ſe eſpalhão, & vão buscar outro, porque não podem eſtar ſem elle.

Abelha pequena. *Apicula, æ. Fem. Plin. Hiſt.*

Abelha criança, a que começa a ter azas. *Apis novella. Nympha, æ. Fem.*

Abelha brava. *Apis Sylvestris. Apis sylvatica. Apis immanſueta.*

Abelha cazeira. *Apis cicur. Apis manuſucta.*

O ferrão da abelha. *Apis aculeus, ei. Masc.*

O Zunir da abelha. *Bombus, i; Masc. Vid. Zunir.*

Aquelle, que tem cuidado das abelhas. *Apiarius, ij. Columel. Plin. Hiſtor.*

A materia, ou ſubſtancia das flores, & ervas, com que fazem as abelhas o mel. *Meligo, inis. Fem. Plin. Hiſtor.*

O lugar, em que as abelhas fazem o mel. *Apiarium, ij. Neut. Columel. Vid. Colmea.*

Adagios Portuguezes da Abelha.

Não morde a *Abelha*, ſe não, a quem trata com ella. Morta he a *Abelha*, que dava mel, & cera. Diz a *Abelha*, traze-me cavalcira, darei mel, & cera. Quem tem *Abelha*, ovelha, & moinho entrará com el-Rey em deſaſo. Quanto chupa

a *Abelha*, mel torna, & quanto a aranha, peçonha. *Abelhas*, & ovelhas tem suas defesas. O Rey das *Abelhas* não tem agulhão. *Abelha*, & ovelha, & a penna de tras da orelha, & parte na Igreja; dezejava para seu filho a velha. Vaisc o bem para o bem, & as *Abelhas* para o mel. Anno de ovelhas, anno de *Abelhas*. De Deos vem o bem, & das *Abelhas* o mel. Miguel, Miguel, não tens *Abelhas*, & vendes mel. O segredo da *Abelha*.

Abelha (segundo a Fabula, referida por Columella lib. 9. cap. 2.) foi huma mulher de singular belleza, chamada Meliffa, a qual Jupiter converteo em *Abelha*; donde vem, que as *Abelhas* em Grego se chamão *Meliffa*. Homero (segundo refere Vandino) diz, que as *Abelhas* nacerão das Bêspas, & do Sol, que as Nymphas do rio Frixo as crearão, & depois torão amas de Jupiter, na cova do monte Dêteo, em Creta, & por beneficio dos Deoses produzirão o mel, com o qual sustentarão a Jupiter na sua infancia.

Abelha flor. Erva, que produz humas flores, que tôdas se parecem com *abelha*. Parece, que he, a que nas boticas vulgarmente se chama *Abelhinha*. *Vid.* no seu lugar.

Hâ outra *Abelha flor*, que produz huma flor branca, com huma *abelha*, ou *bêspa* picando em huma flor. Parece, que

he, a que Bahuino no 2. Tom. da História universal das plantas, lib. 19. pag. 765. Chama *Orchis fuciflora*, porque como diz o mesmo Author *Fucum pulchrè exprimit*.

GAFANHOTO. Gafanhôto. Insecto volátil, & saltante, destruidor dos câpos, & assolador das searas. Tem seis pernas compridas, & azas, que varião na côr, porque há gafanhôtos com azas vermelhas, ou purpureas; & outros tem azas declinantes a azul, ou verde. Des-

GAFANHOTO, s. m. Insecto vulgar, que tem azas, e dois pés longos, com que dá grandes saltos; anda nas searas.

Tom. II.

creve hum Author moderno dezaseis castas destes insectos. São os machos mais pequenos, que as fêmeas, & não tem cauda, como ellas; mas também só os machos se fazem ouvir, com o sonoro ruido das azas. Dizem, que em algumas partes da India Oriental, há gafanhotos, que tem tres pés de comprimento, & que das suas pernas, depois de seccas, se fazem farras. Com a cauda, que a natureza lhes deu, abrem as fêmeas na terra huma covinha, em que escondem os ovos, ou para melhor dizer huns bichinhos, cubertos de huma tea delgada, da qual sahem voando. O que succede no fim da primavera, & neste mesmo tempo as mães, afogadas por outros bichinhos, que lhe nascem em torno do pescoço, morrem. Em algumas terras são bons de comer; os Persianos os comem fritos em manteiga, & há no Oriente nações muyto golosas deste manjar. Houve annos, em que sahirão gafanhotos em tão grande quantidade, que começaram as novidades de Provincias inteiras. Diz João de Barros no livro terceiro da segunda Decada, cap. 4. que com as trovoadas de Guiné se crião tantos gafanhotos, que cobrem o Ceo, & abrazaõ toda a terra, por onde passão, que dous, ou tres dias antes deste estrago, vem os habitadores o Sol amarello, pela interposição destes volantes insectos; que no interior da Africa algumas vezes se vem nuvens de gafanhotos, que cobrem o espaço de quasi outro legoa de caminho; que passando huns capitaens por humas povoações, além da Cidade de Dabul pelo rio acima, acharam muytas jarras, cheas de gafanhotos em conserva, como vianda, muyto estimada dos Mouros, que se leva por mercadoria do Estreito de Meca para fóra; que outras nações da Africa, em poufando os gafanhotos na terra, os mataõ, & seccos ao Sol, em grandes medaõs os guardaõ para mantimento, & que naquelles desertos não chovendo outro maná aquella triste gente, tem por grande praga a falta desta praga. Gafanhotos

BluteauMorais

to. Na relação da sua viagem da Índia por terra, confirma o ditto o P. Manoel Godinho, pag. 92. Na sua praça (falla na Cidade de Baçorá) foy a primeira vez, que ví vender gafanhótos; & também ví, que se levayão ás rebarinhas. Cozem-nos em agoa, & sal, & não lhe bo-tão fóra mais que os pés, & as azas. Eu os comi, & achei serem muyto bons para quem não tem outra cousa, como S. João Baptista não tinha no deserto. *Locusta, e. Fem. Plin.*

RANÚNCULO. Planta, cujo nome se deriva de *Rana*, porque de ordinario nasce como a Rã, em lugares humidos, & aguas encharcadas, & tem folhas de *Ay-po*, & lhe chamao *Ranunculus palustris*, *Apiastrum*, & *Apium aquaticum*. Outros lhe chamao *Herba stelerata*, porque causa convulsoens, & accidentes mortaes a quem comeo della; outros *Apium risus*, porque nas convulsoens encolhe os nervos de sorte, que parece que se está fin-do aquelle, que as padece, & outros *Herba strumea*, porque tem virtude para resolver alporcas, a que os Latinos chamao *Struma*. Laguna sobre Dioscorides pag. livro 2. cap. 46. diz, que os Portuguezes chamao a esta especie de Ranunculo, *Patalão dos valles*. Tambem ha Ranunculos do mato, do monte, dos sapos, & das pedras. Chamão ao primeyro *Ranunculus nemorosus*, ou *Sylvaticus*, ao 2.º *Ranunculus montanus*, ao 3.º *Ranunculus sylvestris*, & *Ranunculus Batrachoides*, & *Ranunculus Polyanthemus maculatus*, & ao 4.º *Ranunculus saxatilis*. Todas estas especies de Ranunculos se subdividem em outras muitas especies subalternas; algũa das quaes tem as folhas semelhantes aos pés do corvo, & por isso chamao a estas taes *Pes torvinas*. Todos estes Ranunculos contem muyto sal acrimonioso, & corrosivo; matão o gado que come delles; usa-se delles exteriormente contra a Tinha, Alporcas, & excrescencias da carne. O Ranunculo a que chamao *Ranunculus Pratenfis*, ou *Hortensis*, he a flor deste nome, que se

RANÚNCULO, s. m. Planta que dá flores do mesmo nome.

BluteauMorais

cultiva nos jardins, & he muyto fermissa, mas sem cheyro. (Da primeyra especie de Ranunculo diz Varella, Numero Vocal pag. 297 (Como o *Ranunculo* de Sardenha da morte em riso) Chamalhe de Sardenha, porq̃ na dita Ilha ha abundancia delles, por isso chamão ao riso mortal, que o dito Ranunculo causa, *Riso Sardonico*.

2 - Não definição do verbete por Moraes.

Morais não definiu os verbetes, utilizando-se do exemplo como definição. Os mesmos verbetes foram definidos por Bluteau.

DEFUMADO. Coufa denigrada do fumo. *Fumo denigratus*, a, um. Plinio Histor, & Varro dizem *Denigrare*. *Fumo tinctus*, ou *niger factus*, a, um. Cic. in *Pisonem*, 1. diz *Fumosus*, a, um.

Defumado. Dessecado, ou curado ao fumo. *Infumatus*, a, um. Plaut, *Fumo duratus*, ou *sucatus*, a, um. Horacio diz *Fumosus*, a, um. Presunto defumado. *Perna fumosa*, ou *infumata*.

DEFUMADO, p. pass. de Defumar. "ros-
tos defumados," dos hypocritas. Ferr. *Croso*,
2. 6. 3.

GALLEGO. Gallégo. De Galliza. *Gallacus*, i. Mascul. Plin. Adagios Portuguezes dos Gallegos. Somos Gallegos, & não nos entendemos. Jejuia Gallego, que não há pão cozido. Guarre do cão preso, & do moço Gallego.

GALLEGO. *Uva gallego*; especie dellas. §. *Psalterio gallego*; pequeno. *Elucidar*. art. *Psalterio*. V. *Galliziano*.

RASO, ou Razo. Cortado muyto renere. *Rafus*, a, um. Plaut. Cic. Vid. Rapado. (Costumavão cabellos Rasos, & parecia deshonestidade trazeremse crecidos. Carta de Guia, pag. 56. ver L.)

RASO. Tornar tudo raso. Arrasar tudo. Vid. Arrasar.

Dos olhos o virar,

RASO, adj. *Cabello raso*, rapado, e não crescido. *Guia de Casados*. §. *A nao*, navio raso, sem mastros, e obras altas, com tormenta, ou por não os ter ainda. *Castan*. 2. f. 163. *A nao rasa das amuradas*, e obras altas com tiros. B. 3. 1. 4. it. a de pouca, ou nenhuma quilha, que demanda pouco fundo, e desaloja pouca agua. §. *Don-dice rasa*, calva, manifesta. *Cam. Anfitr*. 2. sc. 4. §. *Razão rasa*, simples, clara, idem *Filod*. 1. sc. 7. §. *Tornar tudo raso*, arrasar, abater tudo o que estava elevado. *Cam. fig*. "dos olhos o

Bluteau

Que tornatudo Raso.

Camões, Ode 6. Estanc. 9. Neste lugar diz o seu Commentador. (Tudo avassalla, tudo põem por terra hũa rara fermelura, com hum certo modo de olhar.)

Raso. Donde não ha matos, nem montes. Lugares rasos, campanha rasa. *Camporum patentia æquora*, um. Plur. Neut. *Cic. Loca aperta, orum.* Neut. Plur. *Cæsar. Planities*, ei, Fem. *Æquata agri planities*, ou *planus*, & *æquus ager.* *Cic. Dario*, que desejava dar batalha em campanha rasa, manda à sua gente, que tomem as armas, & os faz pôr em ordenança. *Darius, qui in patentibus campis decernere optabat, armari militem jubet, aciemque disponit.* *Quint. Curt.* Em outro lugar diz, *In aperta, & latâ planitie dimicandum fore.*

Campo raso, donde não ha nem arvores, nem pâes. *Arvum nudum.* *Cacull.* (Devíamos ir buscallo a hũa campanha Rasa. Britto, Guerra Brasílica, pag. 433. num. 839.)

Raso. Couza, que tem a superficie plana, & igual. *Æquus*, ou *planus*, a, um. *Cic.*

A superficie do mar, estando as ondas rasas. *Æquor*, oris. Neut. *Horat. Virgil.* (Toma se geralmente pelo mar.)

Rasas as ondas vão, que a suavidade do vento a agua apenas encrespava.

Ulyss. de Gabr. Per. Cant. 89. Oyt. 72.

Cadeyra rasa. A que não tem espaldas, nem braços. *Expers brachiorum*, dor si que fella, e. Fem. (Os Marquezes tem assento na Capella Real, logo abayxo das grades, em cadeyra Rasa, com almofada. Nobiliarch. Portug. pag. 72.) Entre as ordens, que levou à Índia o Vice-Rey D. Luis de Ataíde, foy, que dêsse cadeyras rasas aos Fidalgos, porque até então lhas davão de espaldas, & o primeyro Fidalgo, a que mandou dar cadeyra rasa, foy a D. João Pereyra, irmão gêmeo do Conde D. Diogo Pereyra, & vindo cadeyra rasa para elle, disse ao Vice-Rey, que elle trazia negocio de pé, & de pouca detença, & não se quiz sentar, &c. *Vid.* o mais, Decad. 8. de Cout. pag. 113. col. 1.

Bala rasa, na Artilharia, he a q̃ he lisa,

Morais

virar, que torna tudo raso. Ode 6.; i. é, põe por terra, avassalla. §. *Lugar raso*, onde não ha montes, nem matos, nem pâes, nem fortificações. *Castan.* 2. 213. *ciudades rasas.* §. De superficie plana, sem altibaixos; v. g. rasas as ondas vão, no mar sereno. *Ulyss.* §. *Cadeyra rasa*, a que não tem encosto, nem braços. §. *Bala rasa*, he a ordinaria, e não tem pontas,

nem he encadeada, ou de ramaes, &c. §. *Seda rasa*; i. é, sem pelo alguma. §. *Taboa rasa*, fig. o entendimento sem noção alguma. *Lacerda.* §. *Escudo raso*, sem ornamentos exteriores como o paquife, mantelet, timbre, &c. §. *Hum vós seco*, e raso, sem mais mercê, nem senhoria. *Bern. Lima, Carta 23.* §. *Cavalleiro raso*, o escudeiro raso, e o cavalleiro que passa a estes estados, tirado de moço da estribeira; sem mais privilegio algum, ou grão de nobreza: o Arceeb. como se fora hum cura raso, confessava &c. *Cron. Dist. 6. c. 21.* *Simplex cura.* §. *Sinal raso*; i. é, sem guarda "assinei este papel de meu sinal raso." *Escritura rasa*, a que faz o Escrivão, ou Tabellião, e assina só o nome sem os sinaes, e guardas do nome usados nos sinnes publicos, e nas escrituras solemnes. *Ord. Af. 2. T. 58.* §. 1. e 5. §. *Raso*, sem mediação em bens, ou estado, v. g. *veja-me tão raso como meus vizinhos.* §. *Homem raso*, sem graduação, ou predicamento civil, plebeu. *M. L. Tom. 1. f. 126. col. 4. e 391. col. 2.* §. *Lançar cavallo raso.* *Ord. Af. 1. f. 478.*; i. é, sem obrigação de manter armas, e só o onus de ter cavallo, para com elle servir na guerra. *V. f. 503. cit. Ord. 5.* Raspado, tespançado nas escrituras.

& não entamada, nem de cadea, nem de pernas, nem de quatro ramais, &c. *Globus ferreus, æquâ superficie.* (Balas entamadas, & de cadea, que com as *Rafas* se obra então muyto menos. Britto, Viagem do Brasil, pag. 307.)

Seda rafa, a que não leva pelo algum. Seda rafa, não lavrada, nem bordada; mas simplez. Panno de seda rafa. *Pannus sericus rafus.* Os gibões poderão ser de seda *Rafa*. Constituições do Bispo da Guarda, pag. 93.)

Taboa rafa. Do entendimento de hum moço, que não tendo ainda recebido impressão alguma, he capaz para receber qualquer doutrina, se costuma dizer, que he *Taboa rafa*: he tomada a metaphora do pano, ou taboa, em que o pintor ainda não tem assentado cor alguma, a qual he capaz para receber todas. E nesta conformidade disse hum Antigo: *Homo nascitur tanquam tabula rafa, in quâ nihil est depictum.* (Em quanto a Taboa está *Rafa*, pode se escrever nella a boa doutrina. Lacerda, Vida de S. João da Cruz, pag. 4) *Vid.* na palavra Tabula, Tabula rafa.

Escudo raso. (Termo do Brazão.) He o que não tem ornamentos exteriores; como folhagens, Paquise, Manteler, Tymbre, &c. *Scutum nudum.* (Podendo os homens de geração humilde ter escudos, hão de ser *Rafos*, & sem Tymbre; porque este se concede só a pessoas principaes. Nobiliarch. Portug. pag. 223.)

Escudeyro raso, Cavalleyro raso. Nas suas Miscellan. pag. 538. diz Miguel Leitão, que antigamente tomavão por moços da estribeyra aos plebeyos da terceyra classe, & dahi os acrescentavão a *Escudeyros rafos*, & *Cavalleyros rafos*, se nobreza, ou privilegio algum; porèm a alguns confirmavão, que dizem *Cavalleyros confirmados*, que he poder gozar de algum privilegio de nobreza; porèm huns, & outros nunca erão acrescentados a *Cavalleyros*, senão depois de serem armados *Cavalleyros*, em algum feyto de guerra. *Cavalleyro raso* *Nomine eques, quitis*, ou *Eques, nullo nobilium jure donatus.*

BluteauMorais

Sinal raso. Termo de Escrivão, como quando diz: Affiney esta certidão de meu sinal *Raso*.

Raso. Pobre. Despido de todos os bens da fortuna. *Homo egentissimus*, ou *rerum omnium egens*. *Cic. Nudus nummis*. *Horat.* (Nascendo eu no proprio signo, & conjunção, me vejo menos abonado, que Platóo, & que muytos inferiores a elle, & tão *Raso*, como meus vizinhos. *Mon Lusit. tom. 1. fol. 126. col. 4.*)

Homem raso, Plebeio. *Vid.* no seu lugar. (De homem *Raso*, & lançado de sua terra, tornasse com a coroa de Rey. *Mon. Lusit. tom. 1 fol 391. col. 2.*)

Neste último verbete -RASO-, é interessante notar que a diferença existe apenas na ausência de uma definição inicial por parte de Moraes; em todo o restante do verbete encontramos identidade e semelhança entre ambos.

Dentro deste mesmo tipo de diferença, o fato contrário também ocorreu: Bluteau não definiu os verbetes e Moraes o fez. Neste aspecto o Dicionário de Moraes mostrou-se mais completo, pois as definições dadas por Bluteau, não ofereceram nenhuma informação ao leitor.

AFASTAR huma cousa da outra. *Aliquid ab aliqua re removere. Cic.*

Afastar o povo. (Como fazem os guardas dos Príncipes.) *Turbam submovere. Tit. Liv.*

Afastarse. *Discedere. Abire. Digredi. Cic.*

Afastarse de alguem. *A latere alicujus discedere. Cic. Recedere ab aliquo. Cic. Afastaiyos. Recedite, Date locum. Virg.*

Vamos sahindo do porto, & as terras, & cidades se vão afastando. *Provehimur portu, terraque, urbesque recedunt. Virg.*

O porto deixa, o alto mar cortando;

Vão se as prayas, & os montes *Afastado*. *Ulyss. de Gabr. Per. cant. 2. oit. 4.*

AFASTAR, v. at. Alongar, apartar alguma coisa de outra. §. — se; alongar-se; separar-se; e fig. distinguir-se. §. Desviar-se: v. g. — da questão, assumpto. §. — da avença: não estar pelo contratado, não o observar, não o guardar. *Ord. Af. 3. T. 25. afastar-se da demanda*; não proseguir nos seus termos; v. g. o que se ausenta para outra terra sem deixar procurador. — do contrato; não o cumprir. *Ord. Cit. 4. f. 205. se pode afastar a fora.*

Bluteau

DELICIOSO. (Fallando nas cousas)

Delicatus, a, um. Cic.

Vida deliciosa. *Delicata, & mollis vita. Cic.*

Lugar delicioso. *Locus voluptarius. Sallust.*

Manjar delicioso. *Suavissimus cibus. Cic.*

Delicioso. Dado ás Delicias. *Volupta-*

rius, ou voluptati deditus, a, um. Cic. In-
voluptates effusus, ou solutus, a, um. O
, mais Delicioso, & inutil homem de seu
, tempo. Mon. Lusit. Tom. 1. fol. 31. col. 3.

GALLADURA Galladúra do Ovo.
Ovi umbilicus, i. Masc. ou gutta eminens
in ovi putamine. Plin. Vid. Gallado. Dar
hum galladura, he tomar o Gallo á
Gallinha. Vid. Tomar. Vid. Gallar.

JARRÔ. *Urceus, i. Masc. Columel.*
Jarro pequeno. *Urceolus, i. Masc. Co-*
lumbel. Petron.

VAREJO. O varejar. Hum varejo de
artelharia. *Muralium tormentorum ver-*
beratio, oms. Fern. ou varejo de

Varejo de lançadas. *Protensarum ietus*
hastarum, ou vibrata hastarum spicula. Ex
Virg. qui ait 11. Eneid. 1. 11. V.

Hastasque reduitis et
Protendunt longè dextris, & spicula
vibrant.

(Dando hum Varejo de lançadas a es-

tes, que, &c. Barros, 2. Dec. 146. col. 2.)

Varejo da azeytona. *Vid. Varejar.*

Varejo de Vereadores, Almotaceis.

Vid. Vereação, ou Varela.

Morais

DELICIOSO, adj. Coisa, que causa delicia,
ou deleite. *§. Homem delicioso; dado a deli-*
cias, que se trata com grande laxo em edi-
ficios, e móveis, &c. B. 3. 7. 4. Vasc. Sitis, f.
50. fiação os homens deliciosos, delicados, las-
civos. "São mui deliciosos em coisas de chei-
ros." B. 4. 9. 3. deliciosos no trajo. Id. 3. 2. 7.
Príncipes deliciosos. Id. 3. 4. 4. Vieira, 4. n.
355.

GALLADURA, s. f. O ponto, ou parte branca,
como clara do ovo, que está atacado á gemma,
e é o esperma do galo, que fecunda os ovos;
visto á luz parece uma corôa de materia mais
transparente.

GALLADURA, s. f. Ponto branco, que se vê

[pegado á gemma do ovo fecundado pelo gallo.

JARRO, s. m. Vaso com asa e bico, em

que se traz agua para lavar as mãos, e por
elle se vasa sobre ellas na bacia de agua as
mãos.

VAREJO, s. m. A acção de varejar azeitonas,
de varejar com artelharia, e tiros "dando hum
varejo de lançadas aos que ficarão na Cidade." *B.*
2. 6. 6. §. O varejamento dos varejadores; aquil-
lo que rende o varejamento "fez-lhe el-Rei mer-
cê dos varejos de Lisboa." Leão, Cron. Af. 5.
f. p. 13. talvez o varejo era ou a siza, que se
paga das varas da fazenda; ou imposição em lu-
gar della; ou por evitar os varejos, e exames
que se fazião nas loges dos pannos, para ver se
conformavão com os despachos, ou houve des-
caminhados; ou a pena que pagavão aquelles, que
nos varejos erão achados em fraude do Lealda-
mento. V. Alcaidlar, e Alcaidamento. Ined. l. f.
237. "os varejos de 7 annos, a que os merca-
dores de Lisboa erão obrigados." §. Dar varejo
nos mantimentos, averiguar os que ha, para ver
se abastão. Andrade, Cron. P. 2. c. 66. e talvez

BluteauMorais

a porção que por avença pagassem os mercadores a título de varejo, por evitar o oppressivo método, e exame da verdade, e pureza dos seus alcaldamentos "da dar varejo ás caixas que levavam nos gasalhados" (examinar se não de mais.) *Cron. J. III. P. 3. c. 70. e P. 4. c. 87.* ' mandou dar varejo áquella torre, cuidando achar nella o tesouro del-Rei" dar busca: dar varejo nas loges buscando contrabandos, ou fazendas descaminhadas, ou tiradas por alto, e não lealdadas. §. fig. Correção, reprehensão aspera.

3 - Definição do verbete por Bluteau através de sinônimo e por Moraes através de paráfrase.

Tanto um lexicógrafo quanto outro usaram de recurso lexicográfico bastante freqüente. A paráfrase, modelo muito usado na definição de verbetes, oferece ao leitor maior clareza; por isso, nos pareceram melhores as definições de Moraes.

- BARALHAR. Misturar. Baralhar as cartas. *Pista folia, ou folia lusoria miscere.*

Baralhar as cartas. Causar embaraços, emburulhadas, confusões na família, comunidade, Republica, &c. Cicero diz, *Rempublicam miscere*, & algumas vezes *Miscere*, sem mais outra coufa. *Rempublicam turbare*, & outras vezes *Omnia turbare*. Tacito diz absolutamente, sem caso algum; *Turbare*, neste sentido. Também com Tito Livio poderás dizer, *Res novare*, ou com Suetonio, & com Tacito, *Res novas moliri*.

- Foi a coufa tão baralhada, que &c. *Tanta fuit rerum perturbatio, ut &c.* Foi, a coufa tão Baralhada, que não se pode particularizar, o que cada hum fez.

Barros, 3. Dec. 245. col. 2.

BARALHAR, v. at. Misturar as cartas umas com outras para as repartir aos jogadores. §. fig. Perturbar a boa ordem, e disposição: impedir a consulta, conselho. *Conto*, 7. 1. 2. *para baralharem a Congregação (do Concílio).*

- CALAMITOSO. Desgraçado. Coufa, que padece grandes misérias, estragos, ruínas. *Calamitosus, a, um. Cic.*

CALAMITOSO, adj. Acompanhado de calamidades: v. g. "tempo calamitoso." *Arraes*, 1. 1. §. O que padece desgraça, o infeliz.

Bluteau

HALITO. Hálito. Exhalação *Hali-*
tus, ús. Masc. Virgil. Tacit. Quintilian.
Fogos artificiaes, cujo *Halito*, fumo,
& vapor ardente, lhe toma a respiração.
Vieira, Tom. 4. pag. 407.

Morais

HÁLITO, s. m. O alento, ou a respiração,
que sai pela boca. §. t. *Halito do fogo*; a ma-
teria subtilissima, que se exhala delle, &c. Vi-
eira.

Também podemos, neste caso, registrar o oposto. Moraes de-
finiu com sinônimo e Bluteau com paráfrase.

ACOLHIMENTO. A acção de aco-
lher a alguém. *Acceptio*, ou *exceptio, onis*.
Verdade he, que ainda que estas duas
palavras sejam de Cícero, parece que
não usa dellas neste sentido. Porém co-
mo estes dous nomes vem dos verbos
Accipere, & *Excipere*, não reparara em
usar delles, em caso de necessidade.
Acolhimento. Modo bom, ou mau, com
que se acolhe a alguém. *Alicujus acci-*
piendi, vel excipiendi ratio, onis. Todos
os que o buscão, achão nelle bom acolhi-
mento. *Completitur, quisquis eum it sa-*
lutatum. Eunt ad eum, salutandi causâ,
perhumaniter accipit. Quam licet huma-
nissime, ou sic ut nihil humanius excepit om-
nes, qui ad illum salutandum accedunt.
Não achei nelles bom acolhimento. Me
jejunê, frigidê, parum liberaliter, durius
accepit, ou excepit. Acharão cortez, &
devido Acolhimento. Ribeiro, Juizo His-
torico. pag. 207.
Dar acolhimento. Acolher. Agazalhar.
Vid. nos seos lugares.
Quero, que Circe com repouso brado,
A pezar de Neptuno, & bravo vento,
Dê à cansada armada Acolhimento.
Ulyss. de Gabr. Per. Cant. 1. oit. 25.

ACOLHIMENTO, s. m. Acolhida, valhacontão
refugio em casa forte, palanque, &c. *B. 1. 3. 11.*
no porto: *Castan. 2. 199.* §. f. Recebimento, agas-
salho, que se faz a alguém com palavras, hos-
pedagem. §. O — das abelhas: — casa. §. "A
qual povoação... sendo somente hum pequeno aco-
lhimento de pescadores." *B. 2. 2. 9.*

GANANCIA. Ganância. O que se a-
crecenta ao cabedal. *Lucrum, i. Neut.*
Questus, ús. Masc. Impedim, ij. Neut. Cic.
Pagar com ganancia hum presente
grandioso. *Impendijs angere largitatem*
muneris. Cic.

Huma grande ganancia. *Fertilis que-*
stus. Plinio.

Filho de ganancia. *Vid. Illegitimo.* Se
por esta receita obrarão as outras mo-
lheres, bem se lhe poderaõ confiar os
filhos, que chamaõ de *Ganancia*. Cor-

GANANCIA, s. f. Ganho, lucro. §. Filho de — :
V. *Gança*: bastardo. *Carta de Guia de Casais.*

4 - Registro por Moraes de sentido diferente ao dado por Bluteau.

Em alguns verbetes, como os que se encontram a seguir, Moraes registrou um sentido diferente daquele fornecido por Bluteau, embora tenha incluído em algumas sub-entradas sentidos semelhantes.

Bluteau

Moraes

IMPOR. Accusar falsamente. Impor a alguém hum crime. *Aliquem calumniari. Alicui falsum crimen obijcere. Criminiis aliquem falso arcessere Cic. Calumniam alicui imponere. Sallust.* Com pretexto de castigar delitos *Impostos.* Jacinto Freyre, mihi pag. 35.

Impor huma obrigação, huma sujeição. *Aliquod onus. in aliquem imponere. Plant.* O cargo de Consul impoz ao pay a obrigação de castigar os seus filhos. *Pæne capiendæ de liberis Consulatus patri ministerium imposuit. Tit. Liv.* Impondo esta sujeição a Castella. Ribeiro, juizo Histor. pag. 91. *Impor* obrigaçoens, aos officiaes da casa. Mon. Lusit. Tom. 4. fol. 100. col. 1.

Impor hum tributo. *Vestigal imponere. Cic. Tributum imponere. Caesar.* Impor aos povos hum tributo, que não podem sofrer. *Plus aliquid imponere populis, quam ferre possunt. Cic.* Tributo, *Imposto* por Augusto. Vieira, Tom. 1. pag. 782.

Impor huma penitencia. *Pænam imponere (no, sui situm) Penitencias Impositas. Mon. Lusitan. Tom. 4. pag. 45. col. 1.* Horacio diz, *Irrogare peccatis pænam.* Os que tem jurisdição Ecclesiastica em o foro exterior, como o Papa, o Concilio, Prelados, & Superiores, podem *Impor* censuras. Promptuar. Moral, 370.

Impor. Allegar em falso. Impor ao Texto. *Ipsis scriptoris verbis aliquid falsi imponere; ou appingere.*

Impor, ou enganar com pretexto de justiça. *Fraudi speciem juris imponere. Tit. Liv.*

IMPOR, v. ac. Pôr em alguém: v. g. *Impôr o Sacerdote, ou o Bispo as mãos, benzendo, dizendo preces. &c.* §. *Impôr a alguém um crime;* assacar-lho, attribuir-lho caluniosamente. Freire. *Impôr falsos testemunhos.* Calvo, Hom. 2. pag. 369. e 373. — a si. §. *Impôr obrigação, ou tributo:* carregar alguém com alguma obrigação. M. Lus. *impôr obrigações aos officiaes da casa: tributo imposto por Augusto. Vieira.* *Impôr penitencia;* obrigar a fazê-la, cumprí-la. §. *Allegar em falso:* v. g. *“impôr ao texto.”* §. *Enganar:* v. g. *impôr com pretexto de justiça.* §. *Pôr:* v. g. *impôr nome.* §. *Entre impressores, impôr a forma em uma rama de ferro com suas guarnições de pão ao redor, e canbas para apertar.* §. *Fazer crece*

com engano. P. P. 2. f. 128. *não falecião conselheiros prejudiciaes, que por se lhe mostrarem amigos o impunhão superior em tudo.* §. *Impor-se:* por-se, ou attribuir-se algum foro, costume; uso: v. g. *impor-se em Fidalgo; as vaidades, e dondices em que vos ides impondo. Ulisipo, f. 14*

Impor hum nome a alguém, ou a alguma cousa. *Alicui, ou alicui rei nomen imponere. Varro.* Aquelle, que impoem o nome. *Impositor nominis. Varro.* Nome, que foy imposto. *Nomen imposition. Varro,* ou *impositivum. Varro. Plin. Hist.* Foy, *Imposto* este nome. Jacinto Freyre na vida de D. João. pag. 12.

Impor a forma (Termo de impressor) He quando depois de meridas as regras na galé, & acabada huma forma, o Compositor a impoem em huma rama de ferro, com suas guarniçoens de pao ao redor, & cunhos, para a apertar. *Formam typographicam imponere.*

IMPORTAR. Ser hũa cousa cõveniente, util, & proveitosa a alguém. *Alicuius interesse (interest, interfuit)* ou *refert (refert, retulit)* Cic. Com estes verbos (quando convem) se poem os genitivos, que se seguem, *Magni, permagni, parvi, tanti, quanti, pluris.* Mas tem para si Vossio, que não dizem bem, os que poem, *plurimum, ou minimi.* Tambem em lugar destes genitivos, se poem adverbios, que tem a mesma significação, & deste modo de fallar há muytos exemplos nos melhores Authores. *Multum, permultum, maximopere, plurimum, vehementer refert, ou interest. Magis, minus, minimè, plus, &c.*

Importa muyto. *Permagni refert, ou interest. Terent. Cic.*

Summamente importa, que se observem as mudanças da Lua. *Infinitum refert lunavis ratio. Plin.*

Nada lhe importa, que não vos acheis no Senado. *Nihil illius interest, quod in Senatum non venias. Cic.*

Importa muyto, que se saiba, se a injuria, que se fez, procedeo de alguma paixão, ou de huma deliberada vontade. *Permultum interest, utrum perturbatione aliqua animi, an consilio fiat injuria. Cic.*

Tenho vontade chegar até á Grecia, muyto lhe importa a meu filho Cícero, ou para melhor dizer, a mim, ou a ambos de dous, que eu lhe appareca de repênte em quanto está estudando. Cu-

IMPORTAR, v. at. Trazer para dentro, introduzir: v. g. — mercadorias estrangeiras. §. f. *Trazer:* v. g. a memoria da minha doce patria importa-me desacostumadas solidades. *Arraes, 1. c. 3 e 7.* os gafanhotos com a destruição das novidades importão dano á Republica. c. 4. *detrimento, que importarão á Christandade, o que tem importado á Christandade grandes desaventuras. Id. 4. 26* *Mausinho, f. 73.* §. a novidade importa admiração. §. v. n. Ter-cerco valor, preço: v. g. a cargação importa em tanto; a despesa importa por-cão, excede ao que podia importar a frota de Salomão, "importão (os direitos de cada não, sem a pimenta, cada anno a el-Rei) 45 contos." e do que importa o ouro da nossa Mina; i. é, somma em valor. *Vascon. Sit. f. 17.* e traz lucro, renda, emulamento. *Id. f. 140.* A Camara importa o terço 8000. (do pescado). §. Ser util, necessario. §. Ser d'importancia, em que nos vai muito; digno de ponderação; cumprir; custar: merecer cuidado, attenção: v. g. importa muito para a boa administração da Republica, que os Regedores sejam intelligentes e bem intencionados, e igualmente activos, e diligentes: estas casas importão-me já em tantos mil cruzados: nada me importa o por vir, se não sei os momentos que heide durar, &c. que lhe não negasse uma coisa, que lhe importava todo o bem do seu Reino. *Cron. F. 3. p. 1. c. 34.* §. Vale, ter o mesmo sentido, sentença, effeito. "cláusulas o mesmo importantes." *Ind. 3 p. 50.*

plô excurrere in Græciam. Magni interest Ciceronis, vel mea potius, vel utriusque, me intervenire discenti. Cic. ad Attic. lib. 4. Epist. 17.

Como nas cousas humanas o que mais importa, he que saibão, se Deos he propicio, ou contrario. *Cum rerum humanarum maximum momentum sit, quam propitio rem, quam adverso agant Deo. Tito Livio, como Gentio, diz, Propitius, & adversis Dijs.*

Em outro lugar mostrarei, quanto importa para o bem commum, que no primeiro dia de Janceyro haja dois Consules. *Ostendam alio loco, quantum salutis communis intersit, duos Consules calendis januarijs esse. Cic.*

Aos Athenienses mais lhes importava, que as suas casas tivessem bons telhados, do que terem elles huma fermosa estatua de Minerva, feita de mármore. *Atheniensium plus interfuit firma testa in domicilijs habere, quam Minervæ signum ex ebore pulcherrimum. Cic.*

Desta morte he principalmente accusado aquelle, a quem importava, que se fizesse; & não aquelle, a quem não importava cousa alguma. *Ea cædes criminis potissimum datur, cuja interfuit, non ei, cuja nihil interfuit. Cic.* Pode-se pôr o genitivo *Cujus* em lugar de *cujus*, que conforme a mais commua opinão he ablativo singular feminino do adjectivo *Cujus*, *cujus*, & que se poem com os verbos *Interest*, & *refert*, como tambem *Meâ*, *tuâ*, *suâ*, *nostrâ*, *vestrâ*. A mim, & a vos importa, que logreis boa saude. *Et meâ, & tuâ interest, te recte valere. Cic.*

Que me importa a mim isto? & que interesse tenho em saber o que estão fazendo os Persas? *Quid ad me, aut ad meam rem refert, Persæ quid rerum gerant? Plant.*

A quem importa? ou a quem mais importa? *Cuja interest? Cic.* As vezes o Genitivo, & o pronome se podem achar juntos com elegancia. Muyto me importa isto. *Illud meâ magni interest.* Nos nomes proprios tambem se ajuntão. A mim não me importa, mas a Cesar. *Non meâ, sed Cesaris interest.* Mas ainda que

BluteauMorais

se pôs dizer *Interest tuâ oratoris*, melhor he usar do Relativo, como neste exemplo de Terencio, *Vehementer interest vestrâ, qui patris estis*. Sanctio, & Scipio (celebres Criticos) querem, que estes casos, *Mea, Tua, sua*, sejaõ accusativos neutros, como quem dissera *Est inter mea negotia*; mas Lourenço Valla, & Vossio, com mais probabilidade sustentão que sãõ ablativos femininos, *Interest meâ, id est, In re meâ est*; porque na Comedia de Terencio, intitulada *Phormion*, se achão as ditas palavras no Ablativo, *Quid nostrâ? nihil*. Não prestaria o verso, se *nostra* não fora Ablativo. O que se deixa ainda ver mais claramente em Plautô, o qual com *meâ* sobentende *gratiâ*, & daqui se colhe a razão do Genitivo, porque quando se diz *Interest Ciceronis*, basta sobentender *Causâ*, ou *gratiâ*, & valerá tanto como dizer, *Interest Ciceronis gratiâ*.

LANCE. Em Castelhana he a sorte em lançar a rede, porque não he cousa certa ocitar muito peyxe. *Vid.* Lanço. Também os nossos Authores dizem Lance por acção, ou occasião. (Hum lance tam difficil. Portug. Restaur. part. 1. 42.) (A poucos Lances levou a ira. Id. ibid. pag. 75.) (Lances, & occasiões em que o Prelado está obrigado a dispensar. Promptuar. Moral. 314.) Lance forçoso. He occasião inevitavel que se não pôde escusar.

LANCE, s. m. Ação, rasgo, que tem alguma coisa particular: v. g. seu procedimento foi um verdadeiro lance de cortezão: foi um lance de villão ruim. Foi um lance de urbanidade; de refinada politica, &c.

5 - Ampliação da definição.

Nos exemplos seleccionados, observamos que a definição fornecida por Moraes se completou com dados que a tornaram melhor, comparada com a de Bluteau. É o caso dos verbetes CABÍDE e TARRÁFA.

BluteauMorais

CABIDE. He huma armação de paos, metidos na parede, em que poem armas, vestidos, &c. *Lignat parieti infixa, & prominentia sustinentis armis, &c.* Vio quantidade de armas em hum *Cabide*. Jacinto, Freire, liv. 4. num. 34.

CABIDE, s. m. Taboa pregada de chapa na parede, com braços, dos quaes se pendurão vestidos, armas, &c. Lobo. *Cavile de chuças*.

SAGACIDADE. Perpicacia nos negocios, subtileza do juizo na investigação, & descobrimento das cousas mais occultas, & remotas. *Sagacitas, atis. Fem. Cic.* (Pela industria, & *Sagacidade*, q̃ mostrava, o elegêrão. Lobo, Corte na Aldea, Dial. 7. pag. 139.) *Vid. Sagaz.*

SAGACIDADE, s. f. Astucia, com que se inventão, e tração os meios de conseguir alguma coisa, e se discernem, e presentem as embaracões, e os meios de os alibar. §. Penetração de espirito, que nos faz descobrir o que ha de mais difficil, e occulto nas sciencias, nos negocios. Lobo. §. *Sagacidade dos animaes*. V. B. *Gram. f.* 279. "os cães do Egypto tem esta *sagacidade*, que bebem no Nilo de passada, para os não tomarem os crocodilos."

TABÁQUE. Atambor de Negras.

TABÁQUE, s. m. Tambor usado dos barba-jos da Costa da Africa, e da Asia. B. *Per.*

TARRAFA. He huresta de rede, que nota hum homem só. *Vid. Rede.*

TARRAFA, s. f. Rede com que pesca hum homem só: é redonda com pezos a borda, lanca-se de pancada, aberta, e tem no centro uma coí-da, por onde se tira, e sai fechada com o peixe dentro. (do Hebreo *Taraph*, *raperet*?) §. fig. e chulo, capa rota, e velha.

6 - Registro de verbete no singular.

Bluteau registrou o verbete DECRETAIS no plural e Moraes o fez no singular. Apesar das definições se equivalerem, Bluteau definiu tendo em vista a pluralidade de cartas papais e Moraes, tendo em vista a unidade. É interessante notar que Moraes registrou na sub-entrada a forma "Decretais" e Bluteau a forma "Decretal". Este exemplo apresenta apenas uma diferença de registro de entrada e não de definição.

BluteauMorais

DECRETAES. (Termo do Direito Canonico) São as cartas de varios Põfices, que o Papa Honorio 3. ajuntou, & que por ordem do Papa Gregorio Nono foram recopiladas em hum volume, *Epistole decretales*. He o termo de que usão os jurisconsultos. *A decretal* de Honorio com que se introduzio a Theologia em Paris. Mon. Lusit. Tom. 5. fol. 160. col. 2.

DECRETAL, s. f. Decreto do Papa sobre materias Canonicas. *g. As Decretals*: o corpo dos Decretos Papaes.

7 - Definição pelo oposto.

Morais definiu o verbete dando o seu oposto e Bluteau o definiu através da paráfrase. O tipo de definição dado por Moraes, apesar de ser usual na Lexicografia moderna, implica no conhecimento do oposto da palavra de entrada por parte do leitor. Já a definição por paráfrase dada por Bluteau forneceu a informação necessária ao leitor. Neste aspecto a definição de Bluteau foi mais completa.

FACILIDADE. Disposição, que se achana nas cousas para se fazerem, para se entenderem, & conseguirem sem trabalho. *Facilitas, atis. Fem. Cic.*

Com facilidade. *Vid. Facilmente.* Com muita facilidade. *Perfacile. Cic.*

Facilidade no fallar. *Expedita, & perfacile currens oratio. Expedita, & profuens in dicendo celeritas. Cic.*

Molher, que tem facilidade em parir. *Facilis uterus. Plin.*

Que tem huma facilidade natural em se explicar. *Naturâ ad dicendum solutus, facilis, & expeditus. Cic.*

Explicar-se com facilidade. *Faciliter verba volvere. Volubiliter orationem finire. Cic.*

Tem facilidade em orar, em se explicar. *Est illi facilitas sermonis. Cic.* Acquirir huma grande facilidade em se explicar. *Parare facilitatem (sobentendese sermonis) Quintil.*

Facilidade. Metaphoric. Sutiliza, & Facilidade da luz. *Vieira, Tom. 1. 252.*

Facilidades. Demasiada familiaridade. *Nimia familiaritas, atis.*

FACILIDADE, s. f. opposto a difficuldade, cur-

so, e trabalho em comprehender, ou fazer alguma coisa: v. g. explicar-se com facilidade, parir, facilitar-se, &c. *g. f. Sutiliza*; v. g. a facilidade da luz. *Vieira. g. Facilidades*; demasiada familiaridade. *g. Inconsideração*; v. g. facilidade em fazer segredos a qualquer. *g. Facilidade no aconselhar*, e tratar os homens, oppos. a *severa*, severidade, e avaria de conselhos, e bons termos. *B. 3. t. 1.* "a facilidade, ainda que seja prodigio no acolhimento das partes, sempre ganhou o animo de muitos, e a severidade avara de outros, e palavras sempre pradeu com todos."

BluteauMorais

VALIDADE. Perfeição, & valor de hū
Acto feito com todas as formas Juridi-
cas. Os Jurisconsultos dizem *Validitas*.
No Direito Civil se funda a validade de
todas estas cousas. *Rata auctoritas harum*
reram omnium à Jure sumitur. Cic. pro Cae-
cin. (Recebida com a *Validade*, q. ordena
a Igreja. Mon. Lusitan. Tom. 7. fol 559.)

VALIDADE, s. f. Qualidade de ser válido,
opõe-se a nullidade. *Escriptura de Saragoça em*
Couto, D. 4. L. 5. c. 1. f. 124. col. 1. legiti-
dade.

O verbete seguinte - IMPACIÊNCIA- apresenta uma cu-
riosidade: Bluteau definiu a palavra pelo seu oposto, e em
seguida, registrou nas sub-entradas, todos os seus valores
polissêmicos através de sinónimos. Moraes definiu a pala-
vra pelo mesmo oposto, seguido dos mesmos sinónimos usados
por Bluteau para indicar os diversos valores polissêmicos
da palavra.

Este exemplo talvez pudesse ser encaixado entre os
casos de semelhança; entretanto, achamos que a semelhança é
pequena e nos pareceu maior a diferença.

IMPACIENCIA. Falta de Paciencia.
Geralmente fallando, he inimiga da Pru-
dencia, & a madrastra das boas acçoens.
Corre o impaciente sem olhar por onde
vai; por isso em tantos erros cahe, quã-
tos passos dá. Deita tempera foi Druso;
chamálhe Tacito, *Impatiens manibus*,
por que puxava da espada por qualquer
cousa. Do Emperador Caio dizem, que a-
os Embaixadores, que vinhão de varios
partes do mundo, fazia por curiosida-
de muitas perguntas, & logo sem espe-
rar que respondessem a huma só dellas,
lhes virava as costas. Muito maiores da-
nos faz a Impaciencia, que o descuido;
mais val fugir de hum precipicio, que
meterse nelle. O que por descuido se
não fez, as vezes se pode fazer; não há
remedio pera o que já está feito. O ho-
mem impaciente he huma chaga aberta,
qualquer toque o irrita. As adversida-
des não matao aos homens; a impaciencia
nellas, sim. A impaciencia pega do
tição pella parte que queima. Impacien-
cia. Vicio, que excede o modo do sen-
timento nas dores, penas, trabalhos, &c.
Impatiëntia, e. *Fem. Senec. Phil. Epist.*
9. Plin.

IMPACIENCIA, s. f. Falta de paciência, pai-
xão, agastamento, ira. 9. O não tolerar, não
toler, não compadecer : v. g. *a todo poder*, e
mando he annexa impaciencia de companhia. *V. do*
Arch. 2. c. 25.

BluteauMorais

Impaciencia. Movimento, com que a alma mostra a repugnancia, que tem em

soffer qualquer pena. *Animi aegrè malum ferentis commotio, onis. Fem. ou motus, us. Masc.*

— Impaciencia. Paixão, com que desejamõs alguma cousa. *Cupiditas, atis. Fem. ou desiderium, it. Neut.* Estou com impaciencia de vos ouvir. *Sum tui audiendi cupidus.* Está com grande impaciencia de vos ver. *Summo tui videndi desiderio flagrat.* Andar buscando alguém com impaciencia, ou desejar com impaciencia ver alguém. *Requirere aliquem impatienter. Plin. Im.*

Impaciencia. Ira. Enfado. *Iracundia, e. Fem. Stomachus, i. Masc.*

8 - Diferença em todo o verbete.

Nos dois exemplos seguintes, Moraes difere bastante de Bluteau, tanto na definição quanto nas demais informações contidas no interior dos verbetes.

Com relação ao verbete -VANTÁGEM -, registramos na coluna de Moraes as formas VANTÁGEM e VENTÁGEM, isto porque Moraes em VANTÁGEM faz uma remissão a outra forma. Bluteau registrou a forma VENTAJEM, que difere bastante das formas apresentadas por Moraes.

EMBARGO de sentença por ordem do juiz. Impedimento, que se põe à execução de hum sentença. Parece, que Embargo se deriva de Embarço. *Intercessio, onis. Fem. Cic.*

Vir com embargos contra a parte. *Adversario intercessionem objicere, opponere. Adversarium suis conatibus intercessione arceret, depellere, prohibere.* Pôr embargo à sentença. *Vid. Embargar.*

Desfazer dos embargos. *Interposita intercessione abire, discedere, decedere. Intercessionem adversario remittere.*

Não lhe receberão os embargos. *Persequenda litis jure submotus est.*

Sustentar os embargos. *Vid. Sustentar.*

EMBARGO, s. m. Estorvo a passada, tornando a porta, aberta. *Gram. J. I. P. 1. c. f. 15.* §. Embargo dos membros; impedimento, tolhimento. §. Empachio, o que impede fazer alguma acção. *Ord. Af. 3. f. 99.* §. Embargo de doação. *Cit. Ord. f. 133. princ.* §. Impedimento, ou suspensão da execução de alguma sentença; do uso livre de alguns bens. §. As razões, com que se requer o embargo: v. g. "veio com embargos:" i. é, allegações de factos, ou direitos, que devem obstar a execução da Sentença, Mandado, Provisão de Tribunal, &c. ou quaes se oppõem, allegão, recebem, admittem, impugnão contrario, sustentão, &c. Os de terceiros; que oppõem um que não é autor, nem réo na causa, mas, lesado por coisa sua, ou direito, que vem a disputa, ou em que se faz execução. §. fig. Razões em contrario de coisa, que passava por averiguada, e verdadeira; ou estava resolvida. *Lobo.*

BluteauMorais

Sem embargo dos embargos. *Intercedendi jure sublato. Sublatâ intercessione.*

Embargo na fazenda. *Bonorum traditio sub custodiam auctoritate Principis, aut Magistratus facta.*

Levantou-lhe o juiz o embargo. *Controversae rei possessionem decrevit iudex secundum ipsam.* Requerer, que se levante o embargo. *Postulare, ut caducorum jure manus injectio solvatur, & res a sequestro abeat.* Todas estas phrases atraz, são tomadas de Budeo.

Sem embargo de que. *Licet, quanvis, ut,* com hum subjunctivo. Sem embargo de tudo isto, partiu os Embaixadores, & fiação-se as preparações para a guerra. *Legati proficiscantur, bellum nihilo minus pareretur.* Cic.

Sem embargo de todas as razões, que trouxesses para o desviar desta jornada, não deyxará de partir brevemente. *Ut multis rationibus ab hac itinere suscipiendo eum advocare contenderis, nihilo secius ille se dabit quam primum in viam.* Ter embargos a alguma resolução. *Alicui consilio, ou propositio intercedere.* Recceuse de que tivesse Fúcio embargos a esta ley. *Veritus est, ne Fuscus ei legi intercederet.* Cic. Vid. Opporfe. Vid. Repugnar. E vos me, dareis licença, para que tire a luz hums, Embargos, que tenho a esta resolução. Lebo, Corre na Aldea, 277.

VENTAJEM, ou ventaje. Superioridade, mayor utilidade, ou mayor commodo para a execução de algũa cousa. Ventajem do sitio, ventajem do lugar. *Loci opportunitas, atis.* Fem. Cic. No dia seguinte deu o Barbaro batalha num lugar muito improprio, & com muita ventajem do sitio para o inimigo. *Barbarus postidie in alienissimo sibi loco, contra opportunissimo hostibus confligit.* Cornel. Nepos. Vid. Ventajoso. (Que não soubera conhecer a Ventaje do sitio. Vasconcel. Arte militar, 177.)

Levar ventajem, ou fazer ventajem a alguem em algũa cousa. *Aliquem aliquâ re superare.* Cic. Faz o homem muita ventajem a todos os animaes. *Homo ceteris animantibus plurimum præstat.* Ex Cic.

§. Desistir dos embargos; não os proseguir, nem sustentar. Receber os embargos o Juiz; havê-lo por dignos de attenção, e de se discutir a sua materia, com suspensão da sentença, a que são oppositos, ou sem suspensão.

§. Sem embargo de: não obstante.

VANTAGEM, s. f. V. Ventagem por uso. A vantagem que fizermos; i. é, mercê de melhoramento. Ord. Af. 1. T. 1. a vantagem da rendição, era $\frac{1}{10}$ do resgate, que os represos na guerra pagavam em certos casos ao Marechal. V. Ord. Af. 1. f. 313. §. 21. e f. 317. §. 6. §. 6. Tomar a vantagem de alguem, passar-se adiante. Incd. II. 465. "que nenhum nom tomasse a vantagem da sua nao." §. De vantagem, mais, ou demais alem do razoado, e honesto, ou justo preço, ou por de vantagem merecellos. Cam. Son. ; i. é, alem do seu valor.

Bluteau

Morais

Nilto de zombarias, fazeis a meu parecer, ventajem a todos. *In jocis, tu longè alius, meâ sententiâ, excellis. Cic.* Faz isto muita ventajem a todos os mais generos de estudo. *Ea res longè ceteris studiis antecedit. Cic.* Faziaô-nos ventajem no numero. *Illi nos numero superabant. Plures erant quàm nos.* (A Ventajem, que os

Celtiberos lhe fazião em numero. Mon. Lusit. Tom. I. 165. col.3.) (A Ventajem que aqui tem a pratica das escripturas alheyas. Lobo, Corte na Aldea, pag. 25.)

Dar vêtajens a alguê. Dar a hũz pelloa cousas com que fica de melhor partido q outra. *Alicui aliquid præcipui dare. Maiorem alicuius rei partem alicui tribuere, quàm alteri.* Neste mesmo sentido poderàs dizer. *Dare alicui maiora commodum quàm alteri*, à imitação do Autor das Rhetoricas, que diz, *Præterea commodum & incommodum considerantur, à naturâ data, aut animo, aut corpori. Auctor Rhetor. ad Herenn.* (A fôra pagas, & Ventajes, que deu aos Soldados. Mon. Lusit. Tom. I. fol. 175. col.3.)

Ventajem, no jogo da péla, he poder ganhar o partido só com hum ponto.

VENTAJEM, s. f. (ou Ventagem de avant.) Dialectal: e no fig. melhoria, superioridade, excesso, a respeito de outro, no lugar, posto, sitio, qualidades, partes; v. g. "o humigo tinha sobre nós a ventagem do posto, numero, e vento." *furia ventagem a todas na formosura*; i. é, era mais formosa de todas: *fazia-lhe ventagem nos annos*; i. é, era mais velho. *q. Lucio*, partido grande, mercê, acrescentamento. *Ord. Alf. 1. 1. princ.* "a a ventagem", que assi fizermos ao nobre." *q. Levam ventagem*, ou *fazem ventagem*, avanteprazo, exceder. *V. do Arc. 1. 5. M. Lusit. q. Dar ventagem a algum*, ser-lhe inferior.

Esq. 1. 1. q. Ser d'avantagem; i. é, melhor. *Esq. 2. 1. q. Na tanto d'avantagem seguir a Religião*, de seguir o mundo, como da verdade á mentira." *q. De ventagem*; i. é, superior, mais. *Cento, 4. 6. q. hiao de ventagem de 38 homens* (passante) "como o numero era tao desigual, e de ventagem de 200 velas. *P. Per.* "a-lém desta perda, se tinha com mais de ventagem a outra da quebra..." *Z. 2. f. 149. Arrais, 1. 16. per causa da ventagem do calor*; i. é, excesso a respeito de outro. *q. Levam ventagem*, ser de melhor condiçõ; v. g. *levam ventagem na vida*, (que se leva melhor que outros.) *Barros, Elog. 1. q. De ventagem*; i. é, superior; v. g. *lira-se marmore de ventagem de outros*; i. é, melhor que os outros. *Leão, Deser. f. 45. y.*

9 - Acréscimo de verbetes.

Na impossibilidade de se fazer um confronto exaustivo de verbetes nas duas obras, a fim de verificarmos se Moraes acrescentou mais verbetes ao seu Dicionário que Bluteau, fizemos uma comparação com base numa amostragem de mil verbetes e constatamos que Moraes realmente cresceu a sua obra de novos termos, num total de 106 acréscimos para mil verbetes consultados. Os verbetes relacionados logo abaixo não constam do Vocabulário de Bluteau.

ABJÉCTO
AIJESÚ
ALPINO
BARGÂNHA

BAJULÁR
BANANA
BANDÚLHO
GABÓLAS

BEATÍSSIMO
 BISTORÍ
 BITÓLA
 CABANÊIRO
 CADÊTE
 CAJÁ
 CALCULÍSTA
 CÁLHA
 CAMBIÁR
 CANÒPO
 DATÍVO
 DÉA
 DEBÓCHE
 DECISÓRIO
 DECOMPÒR
 ÉBRIO
 EFFLÚVIOS
 ELECTRICIDÁDE
 EMBEVECÈR-SE
 EMBÍRA
 EMBURRÁR
 EMISSÃO
 EMOÇÃO
 EMPACHÒSO
 EMPAVONÁR-SE
 EMPIRÍSMO
 FACETÁR
 FACILÍSSIMO
 FÁCTURA
 FADIGÒSO
 FAISCÁR
 FAVORÍTO
 GAANÇÁR
 PALHÁÇO
 PALÍTO

GAMBÍTO
 GÀNA
 HABILIDÒSO
 HABITANTE
 HASTILHA
 HAVÍDO
 HERBORIZÁR
 HERVECÈR
 HERVÒSO
 HESITAÇÃO
 ILLUDÍDO
 ÍMPIO
 IMPRETERÍVEL
 ÍMPROBO
 IMPROVISÁR
 JESUÍTAS
 JOAZÊIRO
 JUSTÊZA
 LACRIMÒSO
 LADEÁDO
 LÁPISO
 MALBARATÁR
 NAMORADÊIRA
 NAPÊIRO
 NASÁL
 NASCÈNTE
 NEGLIGENCIÁR
 OBA
 OBCECAÇÃO
 OBRADÁR
 OBÚZ
 OCÁR
 PACÓTE
 UNDÍVAGO
 URUPÊMBA

PALUDOSO	USUCAPIR
PANTALÔNAS	XAQUEÁR
QUADRATÍM	XARÉO
QUATRÍM	XÁRQUE
QUEDÁR	XERGA
RÁBIDO	XIBANÇA
RACIONALIDADE	XIBANTE
RADIOSO	XIRA
RÂMPA	XOFRÁR
RAPTÁR	XOFRANGO
SABENÇA	XUÉ
SAIÓTE	ZABANEIRA
TATIBITATIBI	ZANGÁDO
UBERDADE	ZUMBÍR

Ao compararmos a obra de Morais com a de Bluteau, ti vemos a intenção de verificar até que ponto o trabalho de Bluteau influiu na obra de Morais. Realmente, pudemos observar que em muitos aspectos as semelhanças e identidades foram acentuadas, mas em nada desmerecem o trabalho do lexicógrafo brasileiro, principalmente por se tratar de uma obra deste gênero, que tem por finalidade registrar a norma culta utilizada por uma determinada sociedade. Como já vimos anteriormente, as obras que serviram de consulta para Morais, foram na maioria, as mesmas consultadas por Bluteau; as intenções de ambos também foram as mesmas: fazer o registro do vocabulário de um estado culto da língua portuguesa numa determinada época e isto justifica plenamente as semelhanças e identidades. Entretanto se a obra de Morais possui aspectos em comum com a de Bluteau, também possui aspectos diversos que fazem com que ela seja classificada como um dicionário de uso da língua (guardadas apenas as observações que fazemos, logo mais adiante, em nosso trabalho sobre o que vem a ser um dicionário de uso

da língua), e a de Bluteau seja considerada um dicionário enciclopédico bilingüe.

Embora a nossa análise comparativa não tenha sido detalhada o suficiente para verificar qual a definição melhor ou mais precisa dada por um ou outro dicionarista, de um modo geral ela nos levou a algumas conclusões objetivas sobre a posição de Moraes em relação à obra de Bluteau. Moraes baseou-se no Vocabulário de Bluteau na medida em que este lhe ofereceu dados sobre a língua portuguesa, e excluiu tudo aquilo que não interessasse a um dicionário de língua. Além disso, Moraes inovou e a sua primeira inovação foi o registro da classe gramatical e também do gênero da palavra, em se tratando de nomes; em se tratando de verbos, registrou a regência, informação não incluída por Bluteau.

Outro ponto a ser realçado: o registro de particularidades gramaticais no interior dos verbetes; algumas vezes a informação gramatical se constituiu numa exceção e se desviou do quadro de generalidades gramaticais apresentado por Moraes no primeiro volume do Dicionário. Toda vez que isto ocorreu, Moraes colocou a observação no verbete.

Resta-nos ainda destacar que as diferenças encontradas entre as duas obras são, até certo ponto, substanciais e evidenciam avanço lexicográfico na obra de Moraes, principalmente no que diz respeito a:

- 1) acréscimo de novos significados;
- 2) diferença na definição;
- 3) ampliação da definição do verbo;
- 4) acréscimo de verbetes ao dicionário.

Todos esses aspectos comprovam o que o próprio Moraes afirmou no frontespício da 2ª edição de seu Dicionário: "novamente emendado, e muito acrescentado;" e aquilo que nós próprios pretendemos demonstrar: Moraes tomou por base e orientação a obra de Bluteau, mas teve a percepção lexi

cográfica suficiente para seleccionar o que de mais interessante havia para montar o primeiro dicionário da língua portuguesa, até então inexistente.

Q U A R T A P A R T E

QUARTA PARTE -

A LEXICOGRAFIA PRATICADA POR MORAIS.

Na época em que Morais elaborou o seu dicionário, a Lexicografia portuguesa era pobre e poucos eram os dicionários existentes até então (século XVIII). Destacamos apenas a obra bilingüe de Bluteau que serviu de orientação e base para Morais redigir a sua.

O Dicionário de Morais pode ser considerado como o primeiro dicionário de uso da língua portuguesa, porque os que o antecederam não podem ser classificados de tal maneira.

Para a Lexicografia moderna um dicionário de uso da língua é aquele que registra o vocabulário usual mais frequente na língua escrita e oral, destacando os diferentes registros e as variações linguísticas regionais. A obra de Morais não se enquadraria totalmente nesse contexto. Todavia se tomarmos os pontos básicos estabelecidos pela moderna Lexicografia para a elaboração de um dicionário de tal natureza, poderemos ver o quanto Morais avançou em relação ao seu tempo. Sua obra foi, daí para frente, o ponto de partida e o exemplo para quase todas as demais obras lexicográficas produzidas em língua portuguesa.

O chamado "Morais" teve e tem ainda valor tanto para o lexicógrafo quanto para o filólogo, embora não seja mais um dicionário moderno; como diz Gladstone Chaves de Melo:

"... quem tem um Morais está bem servido de dicionário, mas deve munir-se de outro mais moderno, se não quer ficar, a cada passo, sem solução para as suas dúvidas e seus escrúpulos sobre matérias de vernaculidade." (29)

4.1. Na Lexicografia, e em especial na Lexicografia francesa contemporânea, principalmente em Jean Dubois e Georges Matoré, encontramos a fundamentação teórica para a nossa análise do Dicionário de Moraes, edição de 1813.

Definido de um modo amplo, o dicionário é uma instituição importante nas sociedades desenvolvidas, que responde às exigências de informação e comunicação; tem uma finalidade essencialmente pedagógica porque fornece ao consulente uma variedade de informações sobre a palavra-entrada ou verbete. Definido como dicionário de uso da língua, ele vem a ser um instrumento para orientar o leitor sobre os meios de expressão através de uma análise semântica, sintática, morfológica e fonético-fonológica da língua. Esses meios de expressão de que dispõe o leitor se enquadram em um dado momento histórico da evolução da língua e em uma norma culta, que, por sua vez, está de acordo com a ideologia da classe social dominante.

Quando elabora um dicionário, o lexicógrafo procura, em primeiro lugar, descrever a norma lingüística e culta vigentes em sua sociedade. A norma lingüística determina para ele a gramaticalidade das formas e a norma culta, a aceitabilidade dos termos e das frases. São esses pontos, portanto, que fazem do dicionário um instrumento cultural, pois informa o leitor sobre a língua e cultura de seu povo. O dicionário de língua fornece informações sobre a língua de uma civilização culta.

Além de normativo e descritivo, o dicionário é também pedagógico, porque oferece respostas didáticas ao leitor sobre a norma lingüística e culta de sua sociedade.

Partindo do conceito de que o dicionário de uso nos dá informações sobre a língua do segmento culto da sociedade, devemos, a seguir, destacar os elementos que compõem um dicionário, de acordo com as pesquisas e teorias da moderna Lexicografia.

4.2. Para a Lexicografia contemporânea, um dicionário de uso da língua pode ser constituído de um acervo variado de palavras; um dicionário básico compõe-se de cinco mil verbetes, aproximadamente; um dicionário médio, de vinte a trinta mil verbetes ou entradas; e finalmente um dicionário padrão de cinquenta mil verbetes. Poderíamos, assim, classificar o dicionário de Moraes como sendo padrão, pois possui cerca de quarenta mil verbetes.

O número de entradas constitui um ponto importante na elaboração de um dicionário e varia conforme o público a que se destina; determinando-se o nível sócio - cultural do futuro usuário, determina-se o número de entradas que terá esse dicionário. Todavia não será o maior ou menor número de entradas que valorizará um dicionário, mas sim a sua precisão e exatidão ao descrever a língua.

Baseando-se no vocabulário bilingüe do Pe. Raphael Bluteau, Moraes introduziu um aspecto novo em seu trabalho: a descrição apenas da língua de seu tempo, não se preocupando com informações enciclopédicas que norteiam do princípio ao fim a obra de Bluteau. São raros os dados deste tipo que aparecem em Moraes.

Determinados o número de verbetes e o público a que se destina a obra, outros dois aspectos interessantes devem ser observados: formato e preço, ou seja, o tamanho e o número de volumes do dicionário e qual o seu valor para venda. Um dicionário de uso deve ser condensado sem que haja com isso prejuízo de seu valor. É interessante notar que já no século XVIII Moraes evidenciou sua preocupação com o formato e o custo do dicionário. A obra de Bluteau, por exemplo, é formada de dez volumes e Moraes sentiu o desconforto representado por uma obra tão vasta, e a impossibilidade de aquisição da mesma por parte de uma grande maioria de leitores. No Prólogo de sua 1ª edição afirmou:

"... basta que (o público) conheça, que lhe poupei a despesa de 10 volumes raros; que lhe

dou o bom que neles há, muito melhorado, e por uma décima parte, ou pouco mais do seu custo, com a comodidade de andar revolvendo tantos tomos; e isto é alguma coisa, enquanto não aparece coisa melhor." (30)

4.3. Depois de se determinar o número de palavras do dicionário programado, baseando-se no tipo de público a que se destina, no caso de Moraes o leitor português do século XVIII, e decidir sobre o formato e preço, o passo seguinte do lexicógrafo é a escolha das palavras. Esse trabalho é complexo e cuidadoso; nos moldes atuais da Lexicografia é feito por equipes de especialistas, onde cada uma fica incumbida de pesquisar um nível de língua. Assim um dicionário de uso que se destina aos membros de uma comunidade, sem se preocupar com as diferenças de geração e classe social, deve apresentar todas as palavras usuais da língua contemporânea.

Neste aspecto, Moraes se preocupou em descrever principalmente a língua escrita de seu tempo, abonando os verbetes com abundante exemplificação de escritores dos séculos XVI, XVII e começo do XVIII:

"Os autores, com que autorizei os artigos são portugueses castiços, e de bom século pela maior parte: bem sei que os críticos têm cada um os seus mimosos, e quizeram que com eles lhe alegassem; mas eu não adivinho, nem ainda assim fora possível satisfazer a todos. Contento-me com autoridade clássica que abone o sentido, e a naturalidade da palavra, e creio que para afiançar de português, tanto presta Barros, como Duarte Nunes de Leão, quase seu contemporâneo, mui lido nos livros portugueses e que trabalhou na língua". (31)

(30) A.de Moraes Silva- Dicionário da Língua Portuguesa- p. X

(31) Idem - Ibidem - p. X

Ao lado do registro de uma norma linguística basea da nos escritores portugueses, principalmente do século XVII, Moraes percebeu a importância que havia em registrar também os diferentes "níveis de fala ou registros", especificando quando uma palavra era da linguagem "familiar", "chula", "vulgar" ou "plebéia", ou mesmo quando pertencia à linguagem "metafórica" ou "figurada", ou "da poesia", como às vezes, preferiu chamá-la; acrescentou o termo "moderno" ao lado de alguns verbetes que acreditamos terem sido palavras novas, recém-introduzidas na língua portuguesa do século XVIII, assim como o termo "antiquado" para informar que a palavra já estava em desuso naquela época. Além disso, preocupou-se em registrar também os termos pertencentes à linguagem técnica das ciências, à linguagem das profissões, ou mesmo de instituições político-religiosas, como a Inquisição. Moraes anotou também se a palavra pertencia à língua portuguesa do Brasil, Ásia, Índia ou China, e ainda a alguma região de Portugal.

É importante observar que houve um certo critério no registro de tais palavras; assim se uma palavra era específica de uma determinada ciência ou profissão, logo no início do verbete aparece a especificação; e se a palavra possuía um sentido amplo e também um restrito, nesse último caso, ela aparece registrada após a 1ª acepção da palavra. Tinha o lexicógrafo brasileiro, já naquele tempo, noção de como redigir um verbete de um dicionário de uso da língua.

Para uma ordenação melhor de tais registros, dividimos os verbetes encontrados no Dicionário de Moraes, em três grupos:

- I- os que pertencem aos diferentes níveis de linguagem;
- II- os que pertencem às linguagens especiais;
- III- os que são empréstimos estrangeiros.

Desses grupos, apenas o grupo I- sofreu uma subdivisão; separamos os registros linguísticos dos regionalismos portu-

gueses.

A seguir, relacionamos alguns verbetes para exemplificar, e assinalamos com asterisco no início da palavra, para indicar que a mesma é específica de um determinado registro ou tipo de linguagem. A ausência do asterisco indica que a especificação aparece na sub-entrada.

I - Níveis de linguagem-

A - Registros lingüísticos- indicam os níveis diferentes que existem na língua:

1. figurado:

ALFÉLOA

CÁNDIDO

CHÃO

CONFÊITOS

TARRÁFA

2. familiar:

*BAJULÁR

*BARGÁNHA

PALÍTO

*PANTALÃO

RACHÁR

3. usual:

*LIBRÉ

4. vulgar:

*FANÍCO

*GABÓLAS

*GANA

*PESPEGÁR

5. plebeu:

*ENGARANHÁDO

*MARRUAZ

*NÁCO

*PODRICÁLHO

6. chulo:

*BANDÚLHO

*LAMBÁDA

PÁBULO

*PALRÁR

*PÁNÇA

*TATIBITATIBI

*XIBÁNÇA

7. gírio (ou gira, como chamou Moraes):

*ARTÍVE

*ENCÀNHAS

*GERINGÒNÇA

*GOMÁRRA

8. injurioso:

*MAZÒMBO

*MARRÀNO

9. moderno:

*ELECTRICIDÁDE

*GRÚPO

HERBORIZÁR

*SURPRENDÈR

10. antiguado:

*GAÀNÇA

*HOMIZÍO

*JEITÁR

*OBA

*OBRADÁR

11. provinciano:

*BOCHÒRNO

12. rústico:

*CATAPERÈIRO

*ENFÉSTA

*GÉLHAS

13. pastoril:

*ENTREZILHÁDO

14. poético:

*DÉA

*ÉBRIO

*FULMÍNEO

*INÉRME

*UMBRÒSO

B - Regionalismos portugueses-

Morais, neste aspecto, fez uma separação interessante entre a palavra específica de uma região portuguesa e aquela que, pertencente à língua em geral, adquiriu um ou outro sentido numa determinada região. Registramos abaixo apenas as que foram registradas como próprias de algumas regiões portuguesas.

1. Minho:

FARAOTA ou FARAUTA

GÁIPO

2. Leiria:

OLHÁLVA

3. Douro:

AZURRÁCHA

4. Beirã:

PÍNCHA

RAPOSEIRO

5. Além- Tejo:

ESCOXÁR

II - Linguagens especiais-

Dentre os vários aspectos interessantes da obra de Moraes, um deles é o registro abundante e variado de termos pertencentes a uma linguagem específica; eles vão desde termos da linguagem do jogo até termos da linguagem científica. Para melhor ordenação, agrupamos os variados tipos de linguagem de acordo com o campo semântico de que fazem parte.

Campo A -

1. Medicina:

ACCIDÈNTE

*ELABORÁR

*HEPÁTICO

*NARCÓTICO

*OBÉSO

2. Farmácia:

*ALUMINÒSO

*BENEDÍCTA

*LOOCH

*OLÍBANO

3. Cirurgia:

*FRÁCTURA

*LANCÈTA

*LÚPIA

NÁTA

SALÚBRE

4. Anatomia:

*APONEVRÓTICO

*ÍLEON

*LIGAMÈNTO

Campo B -1. Química:

*ÁCIDO

*DECOMPÒR

*SOLUÇÃO

SUBLIMÁR

2. Mecânica:

AGÈNTE

*CATENÁRIA

*TENSÃO

*TRACÇÃO

3. Física:

*ANEMÓSCOPO

*FLUIDO

*FÓCO

*REACÇÃO

4. Ótica:

*DIVERGÊNCIA

5. Metalurgia:

*ADUCÍR

Campo C -1. Aritmética:

*ÍMPAR

*LOGARÍTHMO

*NUMERADÒR

2. Matemática:

*FÓCO

*OBLIQUIDÁDE

*PARÂMETRO

*SEMICOMPLEMENTO

3. Geometria:

- *LÊMA
- *PARALLELOGRAMMO
- *PRÍSMÁ
- QUADRÁR

4. Cálculo:

- *INTEGRÁR
- *INTEGRÁVEL

Campo D -1. Astrologia:

- CALCULÁR
- DECANO

2. Astronomia:

- EMERSÃO
- NEBULOSO
- *ÓRBITA
- *PARASELÈNE

3. Cronologia:

- *ÉPOCA
- *EMBOLÍSMO
- *INDICÇÃO

4. Geografia:

- *JAZÈR
- *LATITÚDE
- *PERIÉCOS
- *PERÍSCIOS

Campo E -1. Militar:

- *APRÓXFS
- *BIOÁC

*BLOQUEO

*BÓTA-SÉLLA

2. Artilharia:

*ASSESTO

BARRÍL

CABANEIRO

*OBÚZ

PRANCHÁDA

3. Náutica:

CAÇÁR

*CAIMARÍA

DANÇA

MONÉTA

*PAIRÁR

QUÁRTO

*VELÁCHO

*ZARPÁR

4. Milícia náutica:

RÂNCHO

5. Balística:

*PROJECÇÃO

6. Cavalaria:

*DESMAGINÁDO

Campo F -

1. História Natural:

*BIVÁLVE

*LITHÓFITO

*MADRÉPORA

2. Botânica:

*ÁSSAFÉTIDA

*CÁPSULA

3. Agricultura:

ALUMIÁR

*AMANHÁR

*BALTÁR

*ENCALDEIRÁR

4. Vinhateria:

SACÁDA

Campo G -1. Arquitetura:

*BÁSE

*FRÍSO

*SACÁDA

2. Fortificação:

*FORMAFLÂNCO

*GUARÍTA

*ORELHÃO

*PALIÇÁDA

3. Fortificação marítima:

*BÍCHA

Campo H -1. Carpintaria:

ALMOFÁDA

CABEDÁL

*DESEMPENOS

*RANHÚRAS

SANÉFA

2. Pedreiro:

PAINÉL

*RANHÚRAS

*TACANÍÇA

3. Estofador:
RACHÁR
4. Entalhador:
MÉTA
5. Calafate:
*ENCOSAMENTOS
6. Tanoeiro:
*CHANTÉL

Campo I -

1. Filosofia:
*FÓRMA
*EFFICIÊNCIA
2. Teologia:
*AMATÍVO
*ANTITYPO
EFFICÁCIA
*GRÁÇA
3. Retórica:
*APÓSTROFE
*ENUMERAÇÃO
*HYPÉRBOLE
*TRÓPO
4. Lógica:
*IDÊNTICO
MAIÓR
*PRECISÃO
*PREMÍSSAS
5. Escolástica:
*INTENCIONÁVEL
*MEDIÁTO

*UBIQUIDÁDE

*VELLEIDÁDE

6. Ontologia:

*GÊNERO

7. Metafísica:

*EXISTÊNCIA

Campo J -

1. Gramática:

AGENTE

*APÓCOPE

*CACOFONÍA

*NÔME

2. Metrificação:

*JÂMBICO

3. Ortografia:

*CIRCUNFLÉXO

Campo L -

1. Forais antigos:

CALÚMNIA

MOSTÉA

2. Jurídico:

*DECISÓRIO

GALARDÃO

*MONÍR

*RESOLUTÓRIO

*USUFRÚCTO

3. Foro civil:

INTERDÍCTO ou INTERDÍTO

4. Forense:

- *APEGAÇÃO
- *ASSINAÇÃO
- *HOMOLOGAR
- *INDÚCIAS

Campo M -1. Pintura:

- *ICÔNICO
- *MINIATÚRA
- PAISÁGEM
- TÉRRÈO

2. Escultura:

- *ICÔNICO
- *CARTÃO

3. Música:

- INSPIRAÇÃO
- *RETORNÉLLO
- *SEMIFÚSA
- *SEMÍNIMA
- *SEMITÒNO

4. Desenho:

- *PENNEJÁDO

5. Brasão:

- *BRÍCA
- *GÓLES
- *TIMBRAR
- *VÈIROS

Campo N -1. Joalheiro:

- *JÁÇA

2. Ourives:

*RILHÊIRA

SACÁR

*SEDEÁR

3. Cravador:

*PÁLA

Campo O -1. Impressor:

*COMPONEDÒR

GALÉ

*QUADRATÍM

*REGRÊTA

2. Encadernador:

*ESTRIBÍLHAS

3. Livreiro:

CABECÊIRA

Campo P -1. Alveitaria:

*FLÂME

*MANÁLVO

QUÁRTO

*RANÍLHAS

*SOBRERODÉLLA

2. Volateria:

*ENROFÁDO

*LAVÁDO

*RALÉ

3. Caça:

*CHAMPÍL

*PIOGÁDA

4. Altenaria:

*LÉVES

Campo Q -1. Jogo de truque de taco:

CABANA

RÁIA

*TABLÍLHA

2. Jogo de cartas:

*BRUXOLEÁR

3. Jogo de pela:

*CHÁÇA

4. Jogo:

*ENVIDÁR

Os exemplos seguintes, como não se agrupam por campo semântico com nenhum outro, agrupamo-los em unidades à parte:

Inquisição:

ABJURÁR

CONVÍCTO

*FAUTORÍA

Comércio:

*ACEITANTE

*ENDOSSÁR

*FÁCTURA

Culinária:

*ESTRELLÁR

*REFOGÁR

III - Empréstimos estrangeiros-

São termos que foram acrescentados à língua portu-

guesa e que pertenciam à língua de povos conquistados pelos portugueses:

1. Brasil:

CACHÁÇA

*CAJÁ

EMBÍRA

*JÁCA

*JAQUEIRA

*URUPÊMBA

*XARÉO

*XÁRQUE (em Rio Grande de São Pedro no sul do Brasil)

2. Ásia:

*FARACÓLA

*JÁCA

*GÂNTAS

*MACUARÍA

3. Ásia Portuguesa:

*POTECÁR

*PANCHARATI

4. Índia:

*BENDÁRA

*JAQUEIRA

5. China:

*MANEJOO

6. África:

*MANDÍNGA

Em todos os verbetes transcritos, mantivemos "ipsis litteris" a grafia e acentuação registradas no Dicionário, assim como a terminologia usada por Moraes para indicar os diversos tipos de linguagem especial.

4.4. Segundo a teoria lexicográfica, um ponto fundamental na entrada de dicionário é a definição, que vem a ser, em linhas gerais, uma análise semântica dessa entrada.

A definição lexicográfica se constitui num ponto difícil e complexo, mas que tem, segundo A. Rey, uma única finalidade:

"O programa da definição se reduz para a prática lexicográfica em fazer corresponder a uma unidade léxica supostamente conhecida ou mal conhecida, uma pluralidade de unidades pertencentes ao mesmo sistema lingüístico, organizadas segundo as estruturas sintagmáticas deste sistema, e que se supõe: I- capaz de remeter ao mesmo significado; II- capaz de determinar ao leitor ou ouvinte a elaboração conceitual deste significado". (32)

Para Dubois, toda entrada de um dicionário é um enunciado, onde o sujeito é a própria entrada, e o predicado, a definição. Existe, assim, entre o sujeito e o predicado um verbo "ser", e em conseqüência, um sintagma nominal. Assim, o verbete ADOLESCENTE está constituído do sujeito "a-dolescente" mais verbo "ser" e mais predicado que é a definição: "o que está na adolescência, moço, mancebo, jovem". Diante disto, Dubois afirma que a definição de uma palavra em um dicionário consiste em "dar uma paráfrase que lhe seja semanticamente equivalente" (33). A paráfrase " o que está na adolescência, moço, mancebo, jovem", equivale semanticamente a ADOLESCENTE. A paráfrase, que Dubois chama de "paráfrase sinonímica", pode ser constituída de uma frase ou de uma única palavra, como conferimos em Morais: ÁR-DUO: trabalhoso, áspero; neste caso temos um sinônimo.

Considerando, portanto, a definição lexicográfica como uma "paráfrase sinonímica" da entrada, isto é, uma explicação dessa entrada, podemos relacionar os modelos bá-

(32) Apud J. et C. Dubois- Introduction à la Lexicographie: le Dictionnaire- p. 85

(33) Idem - ibidem - p. 85

sicos da moderna Lexicografia usados para a redação da definição, exemplificando com verbetes de Moraes, para observar até que ponto sua definição se encaixa nesses modelos.

a) A definição pode ser feita indicando-se, inicialmente, um valor semântico genérico da palavra e depois enumerando os traços específicos que determinam a diferença entre uma palavra e outra. Este tipo de definição lexicográfica se assemelha à definição da Lógica que é baseada no "gênero próximo" e na "diferença específica". Ladislav Zgusta afirma que:

"A definição lexicográfica e a definição lógica se recobrem até certo ponto, mas apresentam diferenças notáveis. Provavelmente a mais importante delas está em que, enquanto a definição lógica tem de modo inequívoco que identificar o objeto definido (definiendum) de tal modo que ele deva, por um lado contrastar radicalmente com todos os outros objetos suscetíveis de definição, e por outro lado, caracterizar-se de modo positivo e inequívoco como membro da classe mais próxima, a definição lexicográfica enumera os mais importantes traços semânticos da unidade léxica que bastem para distingui-la das outras unidades." (34)
(O grifo é nosso).

A definição lexicográfica, neste caso, deve ser suficientemente geral para que possa incluir todas as possibilidades sem determiná-las. Os exemplos abaixo, extraídos de Moraes, se encaixam neste tipo de definição.

COMÁDRE, s. f. A mulher, que serve de madrinha a respeito da mãe, ou pai do afilhado. Ferr. Castro, f. 126. El Rei ao neto per madrinha me dá, Comadre ao filho. §. A participante, familiarmente. §. Vaso, em que se deita água fervendo, o qual se mette por entre os lençóis, para aquecer a cama.

MATRONA, s. f. Mulher mãe de famílias, e honesta. *Vasconc. Arte. P. do Arc. L. 4. c. 29. fim.*

NASCER, v. n. Sair á luz do utero materno. §. Sair, brotar da terra; v. g. o grão, semmente que rebenta, pimpolho que abrolha, o gomo que vai crescendo da arvore. §. Rebentar, brotar: v. g. a fonte nasce, o rio. §. Trazer origem, principio: v. g. as artes nascem da experiencia. *Arraes*, 1. 21. *daqui nasceu todo o mal. as Artes, e Sciencias nascêrão na Grecia.* §. Ir-se levantando no horizonte, ou apparecer nelle: v. g. nasce o Sol ás seis horas. §. Fazer nascer: dar origem, sujeitar: v. g. fez nascer esta controversia. §. Principiar: v. g. tranqueira, que nascia da ponta de outra, e se estendia pelo Sertão. *Cast.* 8. 74. col. 2. §. Apparecer no corpo: v. g. nasceu-me um leicção. §. Sair, apparecer; v. g. andando por o caminho encuberta, veyo nascer onde estayão os Christãos. *Ined. Cron. de D. Pedro*, L. 1. c. 39. e *Cron. de D. Duarte*, c. 113.

PALPITAR, v. n. Mover-se, e agitar-se com seu movimento proprio, ou accidental, e preternatural, o coração, as arterias, os musculos pungidos, ou por obra dos espiritos villes. *Caminho*, "D'outros as entranhas palpitando."

ROLAR, v. at. Mover alguma coisa revolvendo-a sobre si. fig. "as correntes e ventos forão rolando o navio (sem mastros, nem leme) para a costa." *V. Couto*, 6. 9. 21. "a não foi rolando para a terra." *ibid.* neutro "cortara de noite a amarra ao galeão, e o fizera rolar a terra." *id.* *D.* 9. c. 12. §. v. n. no fig. as ondas rolão. *Enxada*, X. 74. §. Rolar, n. as pombas, ou pombos rolão, ou antes *arrulção*, e he a sua voz.

Nos exemplos citados, há um termo de sentido mais amplo, seguido de um ou mais traços semânticos que funcionam como diferença específica. A indicação desses traços semânticos deverá ser feita com base naquilo que é relevante para o falante da língua e para que não se dê uma definição demasiadamente científica.

b) A definição pode ser ainda a descrição do objeto da maneira como ele é recortado no mundo pelo léxico da língua. É frequente, neste tipo de definição, o uso de palavras como: objeto, aparelho, instrumento, coisa, planta, inseto,

espécie, etc, quando se tratar de palavras concretas; ou fenómeno, doutrina, sentimento, ação, estado, qualidade, quando se fizer referência à palavras abstratas. Do Dicionário de Moraes extraímos os verbetes seguintes:

BURIL, s. m. Instrumento de abrir, com que lava em metal figuras esculpindo-o. §. Os cravadores também usão do buril.

CHURRIÃO, s. m. Especie de sege, que é uma caixa de coche sobre leito de carro com assentos para 7. ou 8. pessoas.

CLARIDADE, s. f. A qualidade de ser claro, da luz, e corpos luminosos. §. fig. Glorria, esplendor: v. g. claridade do nome. *H. Pinto*. "Escureceo-se a claridade do seu nome." §. Clareza. *Tempo d'Agora*, 2. 2. "para o saber com maior claridade."

COLÚMNA, ou **COLUNA**, s. f. f. d'Arquit. Especie de pilar redondo, que assenta sobre sua base, e remata-se com o capitel: consta de cano, ou fuste, capitel, bocelino, gola reversa, e direita, ábaco, dentilhões, metópas, trigliffos, pinhos, ou pedrões, plinto, base, pedestal. §. *Columna encanada*. V. *Encanado*. §. Nos livros, a separação de escritura d'alto a baixo, mediando claro entre ella, e outra escritura. §. Na Milicia, linha de soldados de pouca frente, e muito fundo, fila longa do exercito em marcha: v. g. "marcha o exercito em duas, ou tres columnas" §. fig. Coisa que sustenta, ou sustem: v. g. a agricultura, e o commercio são as columnas do estado. §. *Lobo*, no *Condest.* C. 10. f. 156. §. Despedem-se saudosos os collumnas da Patria.

DECLARAÇÃO, s. f. O acto de declarar. §. Explicação, ou exposição. §. Denunciação: v. g. declaração de guerra. §. O acto de dar ao manifesto: v. g. declaração de bens. §. Depoimento, testemunho.

EMPREENSADURA, s. f. O acto de empreensar: o estado, em que fica o corpo, que esteve empreensado.

GALERIA, s. f. Lança do edificio ao comprido, coberto, e sustido sobre columnas, ou com muitas janellas. §. na Fort. O trabalho que fazem os cercadores no fosso de alguma praça, para chegarem ao pé da muralha com os mineiros defendidos da espingardaria inimiga. *Exame de Artilheiros*. §. Cavoucos, ou excavações por baixo da terra, que fica como abobada e sustida, para minar, e seguir as veias dos metaes.

Os verbetes acima se enquadram neste tipo de definição lexicográfica.

c) Um outro recurso para se compor uma entrada de dicionário é o recurso aos sinônimos. Segundo Dubois "são sinônimos as palavras de mesmo sentido, ou aproximadamente de mesmo sentido, com formas diferentes". (35)

A técnica da sinonímia, além de ser um recurso bastante usado em um dicionário, é também importante, porque fornece ao leitor uma ampla relação de palavras que podem se substituir em contextos diferentes, e que estão relacionadas semanticamente.

Embora bastante usada e com bons resultados, a sinonímia merece do lexicógrafo um certo cuidado ao ser empregada, a fim de evitar o círculo vicioso, onde um sinônimo remete ao outro e este, por sua vez, ao primeiro, formando um círculo e dificultando ao leitor um claro entendimento.

A técnica da sinonímia é encontrada em Moraes com muita propriedade; de seu trabalho extraímos os exemplos:

ALEIXAR, v. at. Alongar, afastar, desviar. *Cancion.* 11. col. 3. "e não em vos aleixar." §. Aleixar-se, v. reflex. usa-se no adagio: *quem dos seus se aleixa, a Deos leixa*; i. é, se alonga, afasta. *Ulys.* f. 28. 1. sc. 3.

BRITAR, v. at. antiq. Quebrar, arrombar. "as portas foram britadas." *Cron. de Af. I. por Galvão*, c. 28. britou-lhe hum olho: britar os cannos para furtar agua: britar a lança. *Nobiliar.* §. lig. Britar a verdade; faltar a ella. *Cron. J. I. por Lopes*. "britando as portas e telhados." *Concord. d'Afonso K. que britastes os concertos, e perdestes o direito do Reino. Leirão d'Andr.* *Dial.* 20. p. 612. Britar as leis. *Ord. Af.* 1. 23. 55. Britar os foraes por Leis em contrario. *L. 2. 1. 59. §. 9. Resp.*

INCREMENTO, s. m. Augmento, crescimento: v. g. — do calor; da febre. §. Crescente: v. g. "incremento da Lua." §. Incremento na Gram. Lat. o augmento que tem os casos do nome em mais sillabas que o Nominativo;

LABARÊDA, s. f. Ala, chamma: v. g. "ar-dei em labareda." (V. *Lavareda*) §. fig. apagar alguãs labaredas dos alevantados, que ainda havia por aquellas partes. Couto, 12. 5. 1. Levantou tanta labareda de indignação. Fco, Trat. 2. f. 51. Labaredas do amor de Deus. Arraes, 10. 77.

LABORÁR, v. n. Trabalhar. *Alma Instruida*. "Labora para metter dentro aquelles dois miseraveis." §. "Laboraes em nós esta admiravel conversão:" i. é, obtaes. *Alma Instruida*. §. Na guerra: Laborar, n. v. g. "laborava a artilharia inimiga; ii. é, estava em acção," disparava-se. Freire, os inimigos laboravão com a sua artilharia. Couto, 6. 7. 6. "as bombas não podião laborar," (esgotando o navio) por entupidas, &c. Idem. 7. 8. 1. os harris que laboravão em despejar agua do navio arrombado. Couto, 10. 7. 6. os Hollandezes laboravão com tres baterias. Pora Rest. Laborar com as cordas, com os cabos, no navio: trabalhar com elles na mareação do navio, &c.

MANJAR, v. n. Comer, mastigar, "quem primeiro anda, primeiro manja." proverb. quem se adianta, tem primazia, ou vantagens aos atrazados. Ullis. 1. 9.

PRAZENTEIRO, adj. Alegre, festivo. Barros. gente prazenteira dada a lamber, e bailar. Goer. foi homem prazenteiro no fallar, galante. Lus. V. 64. "na vista prazenteiros." §. Nova prazenteira. Naufr. de Sepulv. f. 144. Lobo, Egl. 8. Tu fazes a amor pesado, sendo prazenteiro, e leve; amigo do prazer, e folgar. Ciria prazenteira. Ined. I. 159. bailes prazenteiros. Resende, Vida, c. 11. "mulher reverenda, prazenteira:" que mostra agrado honestamente. Ferr. Ciosa. 2. 1.

QUIÊTO, adj. Quêdo, immovel. §. Tranquillo, pacifico, sem turbação: v. g. animo; coração quieto: o pulso quieto. §. Mar, vento quieto: sem alteração, socagado. §. Nação quieta; povo quieto: de gente mansa, não revoltosa; sem alteração da paz.

Dos verbetes anteriores tomamos por exemplo MANJÁR e PRAZENTEIRO, para verificarmos se houve a repetição de sinônimos. Para MANJÁR Moraes registrou: "comer, mastigar"; e para PRAZENTEIRO: "alegre, festivo". Buscamos, então os verbetes COMER e MASTIGAR, e ALÉGRE e FESTIVO. Como se pode observar mais abaixo, não há a repetição de um sinônimo em outro, exceto na sub-entrada de ALÉGRE, onde aparece "prazenteiro", mas não como primeiro significado da palavra. Isto vem demonstrar um certo cuidado por parte de Moraes, evitando o círculo de sinônimos.

COMER, v. at. Receber pela boca, mastigar, e engulir: v. g. *comer pão, doces*, tomar na boca, e mastigar. *Porco comeu brasas pelo amor de Bruto. Esfr. 2. 7. §. fig. Desfrutar*: v. g. *come doze mil cruzados*: não come palmo de terra. *V. do irmão Basto. §. A ferrugem, a água forte, come o ferro*; i. é, ataca, e gasta. *§. As ondas comem o navio*; submergem. *B. 2. 6. 2. o mar lhe comeu a gale Capitão Simão Martins. §. Acabar, consumir. be para nos comeres (o Tempo) no melhor. Cam. Egl. 11. §. Freire. Cast. 7. c. 85. §. Consumir*: v. g. *a guerra comeu-lhe muita gente, Freire. §. A podridão come as chagas*; as chagas cancerosas comem os membros, e posto que aquella região de idolatria coma o seu corpo . . . não comerá a memoria de sua sepultura. *B. 3. 6. 2. §. Comer-se as mãos de raiva. M. Lus. §. Comer-se huns a outros de raiva. Vitor. §. Comer terras*; viver das suas rendas. *B. 3. 10. 1. "terras, que comão com seus vassallos."* §. *Comer alguém por um pé*; desfrutá-lo, tirar-lhe tudo o que tem. §. *Não profenir*: v. g. *comer uma sillaba. §. No Jogo das damas*, levar uma tabola. §. *Comer Santos*, diz-se do beato, hypocrita, que anda sempre rezando, e beijando Santos. *Picira. §. Comer-se de alguma coisa*: soffrer mal. *Esfr. 2. 3. f. 61. §. "por certo que me como disso (de andares descalço)"* §. *Comerem-se, recipr. fig. terem-se grande odio, e fazerem-se males mutuamente. B. 3. 7. 4. "para este feito erão grandes amigos, e para todo o mais comião-se bem ao guiro."* §. *Comer o trabalho de outrem*; as suas lavoças, e bens. *S. 1. 1. 4.*

MASTIGAR, v. at. Triturar, dividir em partes miudas e comer com os dentes, para se digerir mais facilmente. *fig. mastigar a doutrina aos ouvintes*; dar-lha bem explicada. *Feyo, Trat. S. Como e Dam. Disc. 3. "mastigai bem esta lição, que se vos converta em succo e sangue."* §. *fig. Mastigar as palavras*; não as pronunciar por inteiro, e com clareza. No *Auto do Dia de Juízo* vem: "já me vós faldes Francôis, não o sabeis mastigar": parece que allude a opinião, de que os Francezes mastigão as suas palavras. *V. Lobo, Corte, D. 8.*

ALÉGRE, adj. Que tem alegria. §. Coisa que inspira alegria. §. Esperto. §. Prazenteiro. §. *Horas alegres*, na Universidade, em contraposição *de mistes*. V. §. *Cores alegres* são as mais vivas, como encarnado, amarello; gredelim. §. *Novas alegres*; felices: *searas* —; *fancéis*.

FESTIVO, adj. De festa: v. g. o festivo *fogo*; e festivo *espectaculo*. *Traslado da Rainha Santa*, e *Varella*: dia —; festival.

d) Em determinados casos, há a dificuldade para se definir uma entrada e o lexicógrafo tem que se utilizar de alguns exemplos do mundo extra-linguístico; é o que acontece com as cores; busca-se no mundo extra-linguístico um referente para que a cor seja identificada. Assim: **AZÚL** "cor da massa extraída do anil, a cor, que tem o Céu limpo, é azul celeste". Morais se utilizou de tal recurso e não só para as cores, mas também para outras palavras que era difícil definir. Com relação às cores destacamos de Morais:

AMARÉLLO, adj. Da cor da *gemma de ovo*, do *ouro*, do *tom*, enxofre, &c. §. *Amarillo tostado* é o muito acceso: *amarello pálido* é o muito claro. t. de Pint. §. *Homem amarello*; pallido, desmayado. §. *Peixe amarello*, da China, que anda no mar, e pelo estio se muda em ave, &c.

AZÚL, adj. Cor da massa extraída do anil; a cor, que tem o Céu limpo, é *azul celeste*; alias *pombinho*, fino: o claro é mais aberto que o celeste, *azul ferrete*; *apertado*, *fechado*, *turqui* é o escuro. §. *Servidores de azul*, da Misericórdia, trazem sotaina azul.

Além dos verbetes relativos às cores, registramos em Morais outros casos interessantes, onde às vezes, só o e-

xemplo dado permite ao leitor o entendimento. De Moraes extraímos os seguintes verbetes:

BRÍZA, s. f. Briza ventante: vento frio, e secco da parte do Nordeste, opposto ao venda-val, o qual se esforça para o meyo dia á proporção do calor do Sol. Couto, 5. 8. 10. diz os brizas; i. é, os ventos brizas.

DECISÓRIO, adj. Juramento decisorio; que a parte defere ao adversario, para decidir a demanda entre elles; ou o adversario refere a quem o citou, para jurar em sua alma, r. jurid. juramento decisorio da lide.

MATINAR, v. at. Matinar o falcão; tê-lo desperto. §. Trabalhar com alguém, fazendo-o acordar cedo, e trabalhar; martellar com razões para ensinar, e fazer adoptar inculcando: admartinar. V. Cast. 3. f. 248 matinar os moços com a doutrina; matinou-me com aquella negociação. Ulis. Comed. freq. e f. 10. nunca me outra coisa encomendou, senão que matinasse estas moças. "matinar as filhas com avisos de velhas." Pres-tes, f. 52. Ulis. 1. 9. "por de mais he matinar-te:" quebrar-te os ouvidos com sisos, e avisos uteis. §. "matina-o para se levantar, e rebelar." Cast. 5. c. 71. §. v. n. Acorder mui cedo: v. g. matina o caçador.

MILICIÃO, adj. Gente miliciãna; bisonha, de ordenança, indisciplinada, como os paisanos de recluta. D. Franc. Man. §. Milicianos hoje chamão aos que dantes chamavão Terços Auxiliares. Alvará 1. Set. 1800.

NEFANDO, adj. Pecado nefando; indigno de se nomear, abominavel, qual é o dos sodomitas, contra natura; qual o da Rainha Semiramis com o seu cavallo. Lus. VII. 53. amor nefando, bruta incontinencia. "gente perversa e nefanda." Al. II. 8. §. Barros. Cidades nefandas. Costa, Virg. gentios mais nefandos em torpeza de ritos. Couto, 10. 1. 7.

OBTUSO, adj. Angulo obtuso; mayor que o recto. §. fig. Grosseiro, tosco: v. g. engenho, juizo, entendimento obtusos; que não penetra, nem percebe as coisas abstractas. §. Som obtuso; não agudo. Leão, Orthogr.

UNIGÊNITO, adj. *Filho unigênito*, unico, que se teve. §. Por antonomasia *O Unigênito* he Jesus Christo.

VACÚM, adj. *Gado vacum*, os bois, vacas, bezeros, &c.

e) Resta-nos, ainda, fazer referência a uma última técnica lexicográfica empregada para a definição de entrada: é a definição negativa, isto é, aquela que se faz pelo oposto. Por exemplo: "CRÚ, adj. não cosido". Este tipo de definição supõe uma ordenação binária do léxico, onde uma palavra se opõe a outra. Em Moraes localizamos:

INCRÉDULO, adj. Não creduo. §. O que não cre nas coisas, que são para se crerem.

LÊIGO, adj. Não Ecclesiastico, sem Ordens. *Irmão leigo nas Religiões*; o que não se ordena. §. Que não professa Letras, ignorante. *Vieira*.

MÁGRO, adj. Não gordo. §. De poucas carnes. §. De pouco rendimento. "*magro* beneficio." *Desende, Vida*, c. 13.

MALQUISTO, p. pass. de Malquerer. O que não é bem quisto, inimizado.

OCCASO, s. m. O Occidente, opposto a *Oriente*. §. *O Occaso do Sol*: o pôr-se o Sol: e assim o occaso de qualquer outro Planeta. §. fig. Ruína: v. g. o occaso do Reino, Estado.

Com este tipo de definição deve haver o cuidado do lexicógrafo em não definir um oposto pelo outro e reciprocamente.

Há determinadas palavras que não podem ser definidas através da paráfrase e nem através de nenhum dos modelos citados anteriormente; são os chamados "instrumentos gramaticais", como: preposições, conjunções, artigos, pronomes e alguns casos de advérbios. A única maneira de defini-los é situá-los dentro de contextos lingüísticos diversos, dando, através de exemplos, todos os usos que tais instrumentos possuem nos mais variados contextos. Os instrumentos gramaticais são definidos por Morais seguindo esta técnica lexicográfica. Seleccionamos os seguintes exemplos:

1. **ÁCOLÁ**, adv. de lugar; Aquella parte; o lugar distante que se aponta, onde não está quem fala, nem a pessoa a quem se fala.

ANTE, prep. que denota a posição da coisa, que está diante de outra: v. g. *appareceo ante mim*. §. A da coisa, que se faz com precedencia: v. g. *pagar d' ante mão*; i. é, antes de receber a coisa, por que se dá a paga. §. Do que succede antes, e mais cedo do que era de esperar: v. g. *morrer ante tempo*, *Conspir. Univ.* §. *Ante* por *antes*, de preferencia; mais. *Il. D.* 1. *Prol. quiz usar ante do officio de estrangeiro. qual ante quizer*: ou qual mais quizer. §. *Pé ante pé*: passo, de vagar, por não fazer motim, e sem presteza. §. *Um ante*, substant. i. é, um antepasto, prelibação. §. *Ante*, na composição, contrapôsi-se a *por*, e *tras*; *antepasto*, v. g. e *pospasto*; *anteposto*, e *posposto*; *antecâmara*, e *tracâmara*, &c.

EU, s. c. Que indica a pessoa, que falla a outrem, mostrando, que o que vai dizer é a respeito de si mesmo: é declinavel, e tem as variações singulares *mi*, antiquada; *mim*, *me*, e *migo*. *Mi*, e *mim*, usão-se sempre com preposições; *me* sem ella; *migo* com a preposição com somente. *Me*, e *Mim* são casos de paciente, e termo, *me* sem preposição, porque equival a *a mim* (e por isso se chama caso adverbial), e ás vezes se ajuntão: v. g. *deu-me o livro*, *feriu-me*, *feriu-me o cavallo*; *dai-me vós a mim* o que vos peço. *Mim* nunca é sujeito; sempre deve ser precedido de preposição; e por isso é esse dizer: v. g. "*é mais alva, mayor que mim*:" deve ser *do que eu*. Quando porém usamos dos Infinitivos pessoais, e dos Gerundios com preposições, estas não fazem mudar *Eu* em *Mim*: v. g. "*e por eu querer o que era razao*." "*para eu ver a funcção*." *em eu saindo*; *em eu volcando*;

Éc. porque nestes casos a preposição affecta os Infinitivos, e Gerundios, que são nomes verbais. "Vi-me dançando:" *dançando* é participio, e concorda com *me*. Quando quem falla se considera como dividido em dois homens, en-

tão dizemos *Eus. H. Pinto, Dial. da Religião, c. 3. f. 56. em mim ha' dois eus, hum segundo a carne, outro segundo o espirito.* §. Quando o dito nome se considera do modo referido, é invariavel com as preposições. Nós dizemos feito *per mim*; mas diremos *por outro eu*; ou *com outro eu.* *Ferr. Poem. Carta 4. L. 2. f. 80. ult. Edic.* O mesmo é quando se lhe ajunta o articulo *Um*. v. g. "ajuntai-me dita e saber, e vereis um eu:" e não vereis *um mim*; posto que alias dizemos *vereis a mim.* *Ulis. A. 5. sc. 6. f. 339. 3. Edic. V. Nós.*

LÁ, adv. Alli, naquella lugar. §. Usamos de *lá*, quando indicamos objecto remoto, a pessoa ausente: v. g. *de Roma me escreveste, que lá andava um Fuão.* §. Ao longe. *Este defunto corpo lá o desvia daquella torre, se-me nisto amigo.* *Cam. Son. 185. as minhas esperanças lá m'as levão as auras lisongeiras, que as trouxerão.* §. Ajunta-se aos nomes de tempos remotos passados, ou futuros: v. g. *lá nos tempos antigos, ou futuros.* §. Longe; e no fig. perdido: v. g. *lá vai tado pela agua abaixo.* §. *Prezai-vos lá de filho do Sol. Vieira.* Nesta, e semelhantes frases; v. g. *busei lá o homem da capa parda:* o adverbio determina, quaes são as pessoas, a quem se falla pelo modo imperativo. *Lá se avenhão;* i. é, elles se concertem, sem eu ter parte nisso. §. *Lá* recha-se com preposições, onde agora as omittimos: v. g. *a lá*, ou *allá.* *Ord. Afons. freq. Contra lá. Ined. 2. 265.* "Levar os Christãos *contra lá*:" para aquella parte. Assim se diz *a cá*, *de cá*, &c.

MAS, conj. distinctiva, e adversativa (com a mudo): v. g. *he como este, mas differe na cõr: eu quizera ir, mas não posso.* §. *Mas que*: posto que, ainda que. *Arte de Furtar, Protestação.* §. *Más*: moeda da Asia, que vale 50. reis. *F. Mendes, §. Más, f. plur. de Mdo.*

UM, adj. artic. masc. (*uma*, ou *ũa*, fem.) que limita o nome a que se ajunta indicando individuo unico da especie, mas incerto; v. g. *um homem*; *um boi*; *um João Pereira*: quando dizemos assim *um João Pereira* denotamos pessoa ignobil, pouco conhecida, e distincta. *V. Leitão, Miscellan Dial. 18. p. 549.* "parece descortezia escrever *um Fulano*. . . porque aquelle *um* he la-

zer o outro muito baixo, e vil." §. *Ajuniar-se em um*; i. é, em hum lugar. *Flos Sancti*. p. XCII. §. §. Idêntico; v. g. *a minha vida era uma com a sua*. *Arraes*, 1. 4. "sendo os homens de leis, e linguagens quasi todas *umas*." *Galvão*, *Descobr.* §. O mesmo; v. g. "de *um* louvor quereis pagar o bom, e o máo escrito." *Ferr.* L. 1. *Carta*, 8. "*hum* te deixa Dezembro, *hum* te acha Agosto." (o mesmo, invariavel no caracter.) *idem Cart.* 9. L. 2. §. *Alguem*; v. g. *por mais que resplandeça um em virtudes*. *Arraes*, 3. 2. Comumente escrevem este adj. com *b*, *hum*, *huma*, sem que o peça a Etimologia pois se deriva do Latim *unus*, e menos a pronuncia, porque sendo o *b* sinal de aspiração, nós não aspiramos nenhuma vogal senão é *ah*, interjeição, que devêra escrever-se *ha*! porque a aspiração precede á vogal. De *um* se derivão *unidade*, *unânime*, *unico*, *unissima*, *união*, *uniforme*, e muitos outros que se escrevem sem *b*, e mostrando a origem de *um*, dão mais facil ideya do seu sentido.

Morais empregou a exemplificação indicando os diversos contextos lingüísticos onde tais instrumentos gramaticais são empregados.

Ainda dentro desse aspecto da definição de uma entrada, o lexicógrafo, em se tratando de palavras polissêmicas, deve sempre procurar começar a entrada definindo o seu uso mais freqüente na língua, seguindo-se depois os menos freqüentes. Tal procedimento deve ser adotado, segundo Dubois, principalmente em um dicionário de uso da língua, que é aquele que "apresenta o léxico comum ao conjunto de grupos sociais que constituem a comunidade lingüística." (36)

Os lexicógrafos, neste caso, se utilizam de sua intuição de falante nativo para estabelecerem uma hierarquia de significados.

Não podemos afirmar com absoluta certeza de que Moraes tenha estabelecido uma hierarquia de significados, de acordo com o uso mais freqüente da palavra na sua época. Consultando, todavia, um grande número de verbetes, pudemos inferir que um certo cuidado foi tomado por parte do nosso lexicógrafo, pela maneira como os significados se encontram registrados em seu Dicionário. Selecionamos alguns exemplos significativos que nos levaram a crer na existência de uma

ordenação hierárquica.

Analisando alguns verbetes, determinamos certos aspectos importantes na sua redação que nos levaram a afirmar que Moraes foi cuidadoso quando ordenou os significados polissêmicos da entrada, partindo do uso mais freqüente ao menos freqüente.

a) A presença do significado atual da palavra constou como segundo ou terceiro significado no verbete; houve, portanto, uma reestruturação na hierarquia dos significados, e o contemporâneo, já existente naquela época, se deslocou para a primeira posição. Assim temos:

CENHO, s. m. f. d'Alveit. Doença entre o pelo, e o casco da besta, por corrupção de humor. §. Cenho: curança, que se faz deixando-o cair as sobrancelhas. Os conjurados com... os olhos cobertos de melancolia, e cenho demonstrador dos infernaes pensamentos. *Cron. Cist.* 6. c. 10. *Corte Real, Naufr.* f. 34. v. "cenho horrivel, aborrecido, obstinado;" e f. 76. *subsolano vento com senho espantoso*: *Seg. Censo de Dia*, f. 184. e f. 279. *cenho barrendo do Leão. cenho esquivo.*

GALÉRA, s. f. Carro grande de transporte, e carga, de 4. rodas com dez ou doze bestas; que de ordinario vai coberto com rama, ou cançada por cima. §. Uma sorte de navios pequenos de 2. mastros.

MUSEU, s. m. Templo das Musas: e fig. estado da Poesia, e Boas Artes. *Ferr. Carla* 8. L. 1. tu foste a guia, que ao Museu escondido me guiaste. §. Casa, onde estão guardados os preciosos productos da Natureza, e da Arte, Livros, Medalhas, &c.

PROFESSOR, s. m. O que professou em alguma Ordem Equestre. *Estat. da Ordem de Avis*, f. 1. v. *Leão*, *Descr.* os professores da Fé de Christo; que fazem profissão deila, ou a confissão publicamente. §. O que ensina alguma Arte, ou Sciencia: v. g. professor de *Rhetorica*, ou *Filosofia*.

SIRIGÁI'A, s. f. Huma avezinha, da cor da carriça, com bico longo, trepa pelas arvores. §. fig. Pessoa, e principalmente menina inquietta, andaja.

b) A redacção do verbete evidencia a generalização de um significado que não é o primeiro da hierarquia, mas Moraes completou a redacção afirmando: "hoje diz-se...", "é mui moderno", "é usual"; e em alguns casos o emprego do verbo em tempo pretérito indica o desuso da palavra. Como exemplo registramos:

CADÊTE, s. m. Filho segundo, ou terceiro da casa nobre, em que ha vinculo, neste sentido é mui moderno, e figurado, porque de ordinario os filhos segundos sentão praça §. Soldado nobre, que goza de certas distincções. *Regul. Militar. (Francez, Cadet)*

GALE, s. f. Embarcação de baixo bordo, que anda á vela, e remos, com 15. até 30. remos por banda, a cada um dos quaes corresponde um banco com 4. ou 5. remeiros, que são os galeotes, ou forçados das galéz; leva um canhão grande chamado de cuxia, e outros poucos menores. "galéz Reaes, bastardas (V. *Bastardo* s.) e sotis." *Castanh. 8. f. 269. §. Condenar a galéz; i. é*, ao serviço de remar nellas; hoje que não há galéz, é commutado em serviço de obras públicas, mas differente da calceta, que não irroga infamia, como as galéz. §. t. de Impressor: Peça de táboa, em que o compositor mette as letras, distribuidas em regras, antes de dividir as paginas na rama de ferro.

INGÊNUO, adj. Entre os Latinos, era o filho de pai libertino, ou Cidadão Romano. §. Sincero, singelo, sem dobrez, não refolhado.

LIBERTINO, adj. Entre os Romanos, o filho do Liberto; daquelle, que sendo cativo se forrara: *il. o Liberto. §. O que sacudio o jugo da Revelação*, e presume, que a razão só pôde guiar com certeza no que respeita a Deos, á vida futura, &c. fig. o que é licencioso na vida: neste sentido é moderno.

MÉTA, s. f. O sinal, que se punha, v. g. no fim de uma carreira, onde os cavallos corrião desde as balizas até as metas, e ganhava o que chegava primeiro. §. Termo, limite. *Lus. III. 6.* "*meta septemtrional.*" e *Lus. II. 1.* *Vicira. a meta he a morte, a carreira a vida.* §. V. *Misula*, na Archir. §. Entre entalhadores, Meta, figura de meyo corpo, e o resto feito de folhagens, ou outra figura.

PAGÓDE, s. m. Templo de idolatria na Asia. §. Idolo de porcelana, ou metal. *que visse se trazia algum pagode de ouro, com que se desparcharia melhor, que com as attestações mais honrosas de seus serviços.* *T. d' Agora, p. 1.* §. Moc-da de Balagate, que valia 500. reis. *Conto. §. Fazer pagodes*; i. é, funções, e divertimentos de comestina, e danças, e cantares licenciosos, como os que na Asia fazem as bailadeiras de certos Pagodes. *Ulis. 1. sc. 4.* *nessas meijondas sempre há pagodes, e vinho*: e *sc. 5. pag. 64.* *fazer pagode.* *Ibid. 2. sc. 6.* "*gostem de devassas, fação pagodes.*" *Ibid. 3. 5.* *Florença tem esta noite pagode com o seu caixeiro.* "*os creados vão a estalagem nova fazer seus pagodes.*" *Apol. Dial. f. 226.* Dizem hoje deboches.

PORRA, s. f. (hoje t. obsceno) Significava antigamente clava, pão curto com cabeça, ou peça semelhante de ferro, com que se brigava, para massar as armas, onde não era facil entrar lança. *Cast. L. 6. c. 46.* *he deu com uma porra de ferro na cabeça.* *Sã Mir. andão ás porras, e ás massas.* *Leão, Orig. da Língua, f. 101.*

(**RIDICULARISAR**, v. at. ou
(**RIDICULISAR**, v. at. t. modernos, e usu-
aes. Fazer escarneo, ou representar como ridi-
cula, e digna de riso qualquer pessoa, ou coi-
sa.

SAGUÃO, s. m. Sala baixa, á entrada de alguma casa, da qual se passa para os pátios, côr-redores, &c. *M. Cong. 8. 15. e 10.* §. Hoje diz-se em Lisboa por area, ou aberta entre casas como ha no meio, ou centro dos quarteirões das ruas novas.

c) A ausência do significado atual no verbete, indicando que outros significados eram mais usados naquela época. Atualmente a palavra adquiriu novo valor polissêmico, desaparecendo, em alguns casos, o referente antigo em nossa cultura contemporânea. Neste caso incluímos:

FORMATURA, s. f. O exame, que se faz no fim do anno, que se segue ao anno de Bacharel. §. A ordenança, ou ordem do exercito para dar batalha.

HOSPITAL, s. m. Casa onde se curão doentes pobres. §. Onde se agasalhão hospedes, e viandantes pobres.

LIVRARIA, s. f. Bibliotheca, casa, ou estantes, onde estão os livros. §. Collecção de Livros. El Rei D. Afonso V. foi o primeiro que fez Livraria em seus Paços. *Leão, Cron. Af. V. c. 69.*

MARGARIDA, s. f. Ave aquatiza da alagoa de Obidos. (*mergus maior*)

SECRETÁRIA, s. f. de Secretario, a que guarda segredos; confidente. §. A freira que faz officio de Secretario. §. *Secretaria* de tratos amorosos. *Eufr. 3. 5.*

Antes de concluirmos nossas observações sobre a definição lexicográfica (e de que maneira Moraes procedeu com relação a tal aspecto), julgamos importante acrescentarmos ta parte duas particularidades interessantes do Dicionário:

I - quando tratou de nomes de: frutos, aves, peixes, insetos, árvores frutíferas, mariscos, plantas em geral, ervas e em especial as medicinais, animais e flores;

II - quando tratou de palavras homônimas.

No primeiro caso, limitou-se a definir o verbete através do termo genérico que já forneceu ao leitor um primeiro significado da palavra e a localizou dentro de uma classe mais ampla, deixando de lado os traços taxionômicos que distinguem um elemento de outro no mundo extra-linguístico. Os exemplos em Moraes são inúmeros; selecionamos apenas alguns a título de exemplificação:

IGRANAMIXAMA, s. f. Fruto do Brasil. como cereja, tem embaixo uma coroa-zinha de folha verde. *Vascons. Not.* Lá chamão-lhe vulgarmente *granizema*; são vermelhas, ou roixas.

LAMPAS, s. f. pl. Fruta nova colhida na noite de S. João. §. *Levar as lampas a alguém*; ganhar-lhe por mão; conseguir, por se lhe haver antecipado, aquilo que ambos pretendião. §. *Avantejar-se*, ser de melhor condição. *Lobo, Corte, D. 13. fim.* "quereis que o Cortez... leve as lampas ao liberal?"

MELANCIA, s. f. Fruto vulgar; tem a casca verde, com miolo branco, ou encarnado, e pedidas de varias cores, negras, pardas, ou avermelhadas; é doce.

ANDORINHA, s. f. Ave vulgar. (*hirundo*). §. *Herua andorinha.* (*chelidonia, ur.*) §. O som da voz da andorinha se diz *gazear*.

ARARA, s. f. Ave do Brasil de bico revoltro, e semelhante ao papagayo, com pennas de varias cores; e mayor corpo.

CIBÁNDIO, s. m. Ave feroz, que briga com a aguia até se desazarem, e virem ambas a terra. *Escola das Verdades.*

COTOVIA, s. f. Ave vulgar. (*alauda, galineta, cassita*)

MERGULHÃO, s. m. Ave da especie das marrecas, mas muito mais pequena. §. *Mergulhão da vide*: vara mui longa, que nasce do pé da videira junto da terra, a qual se mergulha nella, abrindo-se segundo o seu longo: uma cova de dois palmos d'altura, e largura igual, deixando-se a ponta de fóra, que se faz videira nova. *Costa, Virg.*

PARAMBÓLA, s. f. Humã ave.

CÍGA, s. f. Peixe. (*Sepia*, ae.)

LAGOSTA, s. f. Peixe de concha dobradiço, o qual cozido se faz vermelho como o camarão. (*locusta*)

SALMÃO, s. m. Peixe vulgar, tem a carne amarelle. §. *Sino*, ou *signo salmão*, são 2 triangulos de metal travados que usão trazer as crianças, como humã especie de talisman, ou enfeite.

BARATA, s. f. Uma especie de insecto caseiro no Brasil, e há outra especie dellas que dão nas plantas. V. *Carochas*. §. *Barata*, ant. venda, negociação, alheiação: donde vem *desbaratar*. *Blucidar*.

FORMIGA, s. f. Insecto vulgar. §. *A' formiga*: pouco, e pouco, como estes insectos levão a sua provisão para baxo da terra. *Arte de Furt.* c. 51. *Costa*, 8. f. 158. *correm embarcações á formiga*: comprar mantimentos á formiga: pouco e pouco, dissimuladamente. *idem*, 6. t. 6.

MOSQUITO, s. m. Insecto; que persegue os animaes, e homens, para se sustentar do seu sangue, dos quaes há varias especies; v. g. *moriscas*; *maratins*, que vivem nos mangues, e são mui miúdos, e deixão ardor na ferida; *borrachudos*, que tem ventre como de moscas, e fazem inchar onde mordem: de *paredo*, &c. tudo vulgar no Brasil.

AMORÊIRA, s. f. Árvore frutífera, de cujas folhas se nutrem os bichos de seda.

MANGUEIRA, s. f. Árvore frutífera, que dá as mangas. §. *Mangueiras*, r. de Naut. páos alcatroados pegados nos embornáes, pelos quaes vai a agua ao mar, sem ser vista de fóra, e serve de encobrir ao inimigo a agua, que o navio faz.

AMÊIJOA, s. f. Marisco vulgar.

MEXILHÃO, s. m. Especie de marisco vulgar. §. fig. chulo, Entremettido.

OSTRA, s. f. Especie de marisco de concha vulgar. §. Uma pedra preciosa da feição da concha da ostra.

CANA, s. f. Planta que nasce em lugares humidos, que deita uma haste acompanhada de espadanas, ócas, com nós: a cana de açúcar é semelhante no feiço, mas cheya por dentro; e assim as canas *Bengulas*. §. fig. A cana do milho, trigo, cevada: a haste em cujo extremo sai a espiga. §. Cana da perna, o osso. §. Cana do leme: o pão com que os marmeiros movem, e governão o leme; está embebida nelle. §. Da artilharia, a porção do cano do canhão por fóra, desde os munhões até á boca. §. Cana do bofe. V. *Aspera*, arteria. §. Cana: flauta rustica, ou assobio feito de cana de cevada. (*stipula*) Ferr. Poem. Tom. 1. f. 187. Lus. Transf.

CANAFRÉCHA, s. f. Planta. (*caulis ferulaceus*)

JALÁPA, s. f. Planta Medicinal purgativa. (*Jalapoum*, *Jalappa vera*; *admirabilis Peruviana*)

ALFAVÁCA, s. f. Herba. (*parietaria*, *muralis*.)

ARGENTINA, s. f. Herva, que floresce em Mayo, Junho, e Julho, a *argentina* dá uma flor mui branca.

BETÓNICA, s. f. Herva Medicinal. (*betonica*, ac.)

CARTAMO, s. m. Herva, cuja semente é purgativa; aliás *açafrão bastardo*, usada na Tinturaria.

LOSNA, s. f. Herva medicinal vulgar. (*absinthium*)

MOSTARDEIRA, s. f. Herva hortense, que dá talo com folhas, e florinhas amarellas; e semente a que se chama *mostarda*. §. Vaso em que vem á mesa a mostarda para molho, ou salsa.

LAGARTIXA, s. f. Animal vulgar da feição do lagarto, que anda pelas paredes, e casas velhas.

LAGARTO, s. m. Animal reptil de corpo quasi roliço, com quatro pés, cauda afusada, focinho como de cobra. §. fig. *Lagarto do braço*; a polpa de carne, ou musculo entre o cotovelo, e o hombro: o *lagarto da perna*. *Cassian.* 3. f. 62. No lagarto da perna esquerda. *Goes, Chron. de D. Al. P. III. cap. 7.* §. Chulamente se diz, que é lagarto, por lagarteiro. V. §. Crocodilo.

ONÇA, s. f. Animal feroz do Brasil, e Africa, como gato, de grandes unhas, &c. §. Medida da Libra Romana. §. A *Onça* das Boticas tem oito *dracmas*; nas Casas da Moeda é uma oitava do Marco. §. Medida de liquidos de Boticario; leva liquido, que pesa uma onça.

RAPOSA, s. f. Animal quadrupede silvestre mui daninho, que faz grande estrago nos galinheiros, e he o simbolo da astucia, (*Vulpes*.) §. *Raposas*, huns cubos de verga, que tirazem batatas, e outras coisas da Ilha Terceira.

JASMIM, s. m. Uma flor branca vulgar, de cheiro mui delicado.

ROSA, s. f. Flor odorifera vulgar, de que ha varias especies, a saber: rosas albardeiras, de Jericó, de Alexandria; brancas, ou moquetas, e rosas mogarias, vulgo bugaris. §. *Diamante rosa*, o que não tem o fundo, e he talhado por cima em muitas facetas. V. *Chapa*. §. *Armas rosas*, setim rosa; i. é, cor de rosa. Palm. 3. p. 26. §. *Rosa náutica*, agulha de marear. Pimentel. §. *Nodoa no rosto*. §. *De rosas*; i. é, boa, excellentemente; v. g. *maré de rosas*; *estamos de rosas*. §. Entre os encadernadores, peças de latão com lavor, as quaes se applicão quentes sobre o pão de ouro, para dourar os livros. §. *Dominga de rosas*, ou da rosa, depois da oitava da Ascensão.

TULIPA, s. f. Flor vulgar (*tulipa*.)

Neste aspecto, Morais se opôs bastante a Bluteau; este teceu sempre inúmeros comentários quando tratou de verbetes do tipo acima registrado, fornecendo variada informação de caráter enciclopédico. Acreditamos que Morais sabendo ser a sua obra um dicionário de uso da língua, limitou-se a fornecer elementos do sentido que dessem ao leitor a informação procurada. Esta posição de Morais vem confirmar o que Ladislav Zgusta disse sobre a definição lexicográfica: ela deve enumerar os traços semânticos mais importantes da unidade léxica que distingam uma unidade da outra. (*)

No segundo caso, o das palavras homônimas, Morais se utilizou de um critério de classe gramatical para reunir ou separar os casos de homonímia. Assim, palavras pertencentes à classe gramatical diferente se encontram em verbe

tes separados. Exemplos:

LÔURO, s. m. Arvore, cujas folhas são aromáticas, e é bem vulgar. *Encida*, VII. 13. Loureiro. (*laurus*) §. fig. poet. O *louro*: a coroa triumphal em premio de acção nobre, e grande.

LÔURO, adj. De cor media entre o branco, e cor de ouro, como a das espigas secas: este epitheto se dá poeticamente ao Sol: v. g. o *louro* *Apollo*. §. *Cabello louro* da vaca; uma substancia *loura* fibrosa, nervosa.

MATRIZ, s. f. Madre, ou a parte onde se cria, e acha: v. g. — de alguma *pedra preciosa*, ou *metal*. §. *Matriz das aguas*; fonte, reservatorio. §. *Matrizes*: moldes de fundic. Lettras d'Imprensa. *Gazeta de Lisboa*, 1729.

MATRIZ, adj. *Igreja Matriz*, que é como mãe das Igrejas, ou Capellas filiaes; e de ordinario Parochia. §. *Lingua matriz*; aquella de que se formáão outras. *Pascoe. Notic.* f. 118.

MÉDICO, s. m. O professor de Medicina; o que a sabe.

⁴ MÉDICO, adj. Que respeita á Medicina: v. g. *estudo medico*; *sensu medico*. §. De *Médico*, que respeita á cura. *Encida*, XII. 93. com a *medica mão tenta a ferida*.

MILITAR, adj. Concernente á milicia: v. g. *vida* —. §. *Ordens militares*, são as instituidas para servirem na guerra os seus Cavalleiros: v. g. as de *Christo*, *Santiago*, e *Aviz*. §. *Testamento militar*; o dos Soldados, que tem menos solemnidades, que os dos paizanos. §. subst. Um *militar*; i. é, homem de guerra.

MILITAR, v. n. Servir, andar na guerra, fazer vida de militar. *Barros*. "victorias em que alguns dos nossos *militarão*." *Militar pela Fé*: fazer guerra aos Infeis. *B.* 1. 1. 1. "militava neste Cerco contra os Jãos." *Lemos. M. Cong.* XI. 8. *que polos poucos seus milita Christo*: i. é, pugna. §. no fig. Ter força, vo-

E palavras homônimas pertencentes à mesma classe gramatical se encontram no mesmo verbete; é o caso de:

BRINCO, s. m. Salto, ou movimento, que se faz por folgar, e por divertimento, de todo o corpo, ou com mãos, pés. §. Joya de adorno, especialmente das orelhas; e figuradamente, tudo o que é bonito, e serve de ornar o corpo, ou casa, &c. *Severim, Noticias*, pag. 3. nov. *Ediç. V. Frandulagens. Cast.* 2. 315. §. Brincos da natureza; as produções formosas, vistosas, que parecem produzidas para seu adorno. *Plum. P.* 3. f. 132. §. jardim, em que a natureza entesourou, todos os seus brincos, e galanterias. §. Peça que se dá aos meninos, vistosa para os entreter com gosto. *Arraes*, 1. 20. §. Dito, acção graciosa, de quem não faz senão zombar. §. Ludibrio, zombaria, estes são os brincos da fortuna, quando hum homem cuida lograr os frutos de seus trabalhos, então acode ella com seus reveses. *Couto*, 6. 4. 5. e *Id.* 12. 1. 2. são os brincos do Mundo, não dar bens a hums sem os tirar a outros. *Clar.* 3. c. 4. "a fortuna, . . . outros empina no cume da mayor altura, que estes são os seus brincos." §. "garídicez, e brincos:" de Ovidio, e Petrarca em poesia. *Barr. Gramm.* f. 221.

CRÁVO, s. m. Piço. Dizemos cravo de ferradura: os cravos com que pregão ao Redemptor na Cruz: e em estilo epico "com hum cravo de diamante;" e não prego. *Alos Sanct. p. CII.* afixá-lo com cravos n'um madeiro. *V. de S. Polisarpo.* §. Floz vulgar, de que há varias especies. Cravo rosa; cravo rajado, roxo, branco, amarello. §. Cravo de dentes; flor também conhecida, amarella, ou amarella tostada. §. Cravo da India: especaria da feição de um preguiinho; vulgarmente se dizia por differença. Cravo girofê. §. Borbulha com raíz, que nasce no rosto, nos pés, &c. *Eufr.* 1. 1. 17. §. vem aos que tiverão boubas. §. Bostellinhas como os cravos, que vem nas plantas dos falcões. §. Instrumento musico de cordas de arame, tocadas por pennas, ou marteellos; tem teclado, e feição diversa do monocórdio, que é oblongo regular; e é mayor que a espinheira. §. Cravo: a brasa que faz o morão da artilharia, ou a ponta dura que elle faz aceso. *Exame de Bombeiros.* §. Cravo: humor que se forma das bandas do casco do cavallo, e aí endurece, e por passar de um lado a outro por cima do casco na quartella, se diz cravo passado, ou repassado: causa manqueira. *Rego.*

MANGA, s. f. A parte da vestidura affeição da aos braços, e que os veste do hombro para baixo: no trajo antigo erão largas as dos capuzes, e outras roupas de Corte. *V. Ullis.* 2. 1. cortição pelo costume dos trajos . . . anda de suas mangas largas de dó. *Couto*, nas *Dec.* refere, que um Secretario do Estado da India ti-

tou da manga uma via das Successões. §. Manga de nuvem: a tromba, que sorve agua ás nuvens, e depois se derrama em chuva. *Vieira*, 8. 410 *a nuvem lança hum manga ao mar*. §. Mangas do esquadrao, na antiga Milicia, são os lados immediatos á guarnição, e são de arcabuzeiros. *Vascon. Arte*, f. 109. §. *Part. 1. e Lobo, Corte*. §. Fruto Indico, e Brasilico, de mui bom sabor, e aromatico, carnudo, cu-
 ja polpa está unida a umas como fibras, e tudo ao catogo; tem casco corada de verde, amarello, encarnado. §. Manga da Rainha: payo chato, e grande da barriga do potco, recheado de linguas, ou lombos. §. Ter alguém de manga: i. é, a seu mandar; poder fazer, e dispor delle o que quizer. *Paiva, Tom 1. f. 69.* "terdes hum Deos. . . de manga, e a vossa mandar." §. Fazer de si mangas ao demo; frase comica, dar-se todo o trabalho, recorrer a tudo para fazer, ou conseguir alguma coisa. *Eufr. 1. 3. Cam. Filod. 2. 1.* "poique lhe não mandei o setim para as mangas, fez de mim mangas ao demo." §. Dar mangas; i. é, meyo; servir. *Eufr. 5. 8.* diz o Lettrado: temos dois Textos, que nos dão grandes mangas para o que queremos provar.

5. Juntamente com a definição da entrada, os exemplos constituem elemento de importância em um dicionário; eles fornecem ao leitor os aspectos principais da significação e do uso, formando um conjunto de paráfrases da entrada. Os exemplos mostram como a palavra-entrada funciona em combinação com outras unidades léxicas.

O exemplário que compõe um dicionário pode ser extraído da língua falada ou escrita na época, ou podem ser construções do lexicógrafo, baseadas na sua competência de falante do idioma.

Um dicionário de uso da língua deve fornecer exemplos que pertençam à língua corrente e que estejam de acordo com a norma culta estabelecida. Por isso Dubois afirma que os exemplos servem:

- I - "para indicar co- ocorrências sintáticas da entrada;
- II- para fornecer proposições que remetam a uma experiência cultural do falante" (37)

Os exemplos fornecem o contexto linguístico inserido no contexto cultural; também implicam na gramaticalidade e aceitabilidade da frase de acordo com os padrões linguísticos

e culturais estabelecidos. Baseando-se nesses dois pontos-gramaticalidade e aceitabilidade-, o lexicógrafo poderá seleccionar o exemplário mais apropriado.

No caso de um dicionário de uso, os exemplos devem ser os mais adequados e representativos da norma culta da comunidade.

Dentro do quadro de referência mencionado, podemos afirmar que a obra de Moraes é abundante em seu exemplário e com um ponto a ser ressaltado bastante interessante: a informação bibliográfica, na grande maioria dos casos, acompanha o exemplo.

Como já dissemos anteriormente, Moraes abonou os verbetes de seu dicionário com exemplos extraídos de obras de escritores dos séculos XVI, XVII -na grande maioria- e XVIII.

Moraes seleccionou da obra de Bluteau o que de mais importante e expressivo havia para um dicionário de uso. Por isso, os autores portugueses, importantes pelo seu valor literário e ausentes em Bluteau, encontraram ampla acolhida em Moraes. Um exemplo típico é Gil Vicente, citado ao longo da obra de Moraes, e omitido por Bluteau.

Parafraseando Jean Dubois podemos afirmar que os exemplos de escritores encontrados em Moraes se ccnstituem mais em definições culturais do que em definições semânticas. A obra de Moraes, além de registrar o vocabulário da língua portuguesa ao seu tempo, dá também testemunho da cultura de Portugal dos séculos XVI a XVIII.

Os exemplos seguintes que seleccionamos nos oferecem informações sobre a cultura portuguesa:

ANQUÍLHA, s. f. Antes da Reforma de 1772.
na Universidade crão quatro Conclusões de ma-
teria escolhida pelo Defendente.

BÚLLA, s. f. Lettras Apostolicas despachadas
na Corte de Roma, em que se contém algu-
ma providencia sobre materias ecclesiasticas, ou
graça espiritual, que S. Santidade concede: v.
g. as de Jubileu, Indulgencia, &c. Este senti-
do é figurado, porque *bulla* propriamente é o sel-

lo de chumbo, que as Letras trazem pendente. V. *Abullado. Orden. Af. L. 2. f. 515. §. Bulla da Cruzada*; pola qual se concedem indulgencias, e certas dispensas a quem der certa esmola para guerra contra os infieis. §. *Bulla de defuntos*; pola qual se dá esmola a favor dos defuntos, por quem a Bulla se toma.

EMBUIZÁR, v. at. Curvar como o arco da boiz. *Barros, 2. 2. c. 8.* "em a não caindo entre as estacas, que ellas foão correndo ao longo das cintas do costado *meyas embuizadas*, quando humma (estaca) veio ter ao lugar da bombarda barafustou pelo barço, com que a não ficou retida." *As estacas estavão embuizadas*, ou arcadas polo costado da não entalada, e accommodavão-se á volta do costado, porque erão de varas tão brandas, que davão o lugar necessario para passagem dos navios, como *Barros* diz á mesmo: não erão pois as cintas da não, que estavão *embuizadas*; e por tanto *embuizar* não significa atochar, nem embutir. (V. o mesmo successo da não de D. Lourenço d'Almeida referido por *Cast. L. 2. pag. 160. e 161.*) "Os cadaveres huns jazião *tendidos* . . . outros com os corpos *embuizados*, apertando com seus punhos a roupa." *Azurara, c. 91. f. 254. col. 2.* (de *abuiz*) Aqui *embuizados*, encurvados, oppõe-se a *tendidos*, ou estendidos ao longo.

EXPECTATÓRIO, adj. Segundo os antigos *Estatutos da Universidade, f. 205.* *acto expectatorio* é o que resultava da questão do Presidente nas Vespertas do Doutoramento; nelle não entrava o Reitor, e Doutores com as insignias, senão depois de começado.

MATRÍCULA, s. f. Catalogo, lista, onde dão os nomes as pessoas de certa corporação, ou obrigadas a certos exercicios: v. g. a *matricula dos estudantes* no principio, e fim do anno lectivo. §. O acto de matricular. §. *Uma matricula*, antes da Reforma de 1772. se dizia na Universidade o estudante, que não residia nella, nem seguia os cursos das lições, mas ia só a matricular-se, e dar o nome nos tempos das matriculas, para vencer o anno.

QUALIFICÁR, v. at. Censurar livros como qualificador. §. Caracterisar; v. g. *asserções que se qualificárão de erroneas*; a *Lei* qualifica essa acção de roubo, ou por hum roubo. §. *Qualificar a pessoa*, dar-lhe hum ser, predicamento, ou qualidade civil, e autorisa-la.

TALENTO, s. m. Certo peso de ouro, ou de prata, de diversos valores, segundo os diversos paizes em que se usava. No *Elucidar. Supl.* se diz que houve da nossa moeda talento de 3600 réis, da metade, e até de 36 réis. §. Habilidade, boa disposição natural para as sciencias, artes. §. *Enterrar os talentos*, não os cultivar. §. *He hum grande talento*; i. é, sujeito de grande habilidade.

Exemplos baseados na competência do lexicógrafo são os seguintes:

EMPESTAR, v. at. Causar peste, feir de peste. as imundicias, e exhalções, que empestão a Cidade. §. "os máos exemplos, e grandes escandalos empestão a sociedade civil:" são contagiosos, e lavião, ou grassão, como a peste.

INHABILITADO, part. pass. de Inhabilitar. — para o serviço publico, ou acção fisica, por doença, aleijão, &c.

INVOCAR, v. at. Chamar em seu favor algum Santo, a Deus. Os poetas invocão as Musas, ou alguma coisa sagrada. §. *Invocar espiritos infernaes*: fazer ensalmos, ou conjuros, para que elles appareçam. *Orden.* §. *Atal. Conq.* 4. 138. "Agora Musa . . . teu favor invoco." §. Chamar pelo nome. *Vieira.*

LIBELLO, s. m. Exposição breve, e distincta em artigos, por escrito, de certa coisa, que o Autor demanda ao Reo, a qual se representa ao Juiz da Causa, ficando o Autor obrigado a provar cada artigo do Libello, ou a reformá-lo. §. *Libello injurioso, diffamatorio*, é o escrito contra os costumes de alguém em particular, ou que descobre, e lhe attribue faltas moraes. *Vieira.* §. *O Autor vem com Libello, fórma-o, offerece-o, propõe; o Juiz recebe; o Reo contraria, ou impugna, ou refuta, &c.*

MATIZ, s. m. A cor diversa da tela da pintura, ou da em que se borda, ou dos fios do chão da que se tece. §. *liq.* O matiz das flores do prado; é os matizes, ou lumes do clo-quencia; as cores, e ornatos.

OBSERVAR, v. at. Guardar, contêr, encerrar: v. g. *hum tesouro observa outro tesouro. Eleg. f. 133. §.* Guardar: v. g. observar *as Letts. §.* Notar, especular, espiar: v. g. observar a movimento dos Astros; um Eclipse da Lua; os effeitos da natureza. §. Reflectir, ponderar, fazer reparo, reflexão. §. Guardar, praticar, usar, *os Profetas observarão estilo tosco. Hospit. das Lettras, f. 313.*

Depois da definição e dos exemplos, outros dados completam a redação de uma entrada: a pronúncia da palavra-entrada, sua ortografia, informações gramaticais e, finalmente, a etimologia.

Nem todos os dicionários de uso apresentam a pronúncia da entrada. Caso ela venha figurar, é importante que o lexicógrafo faça a indicação da pronúncia não só fonética, mas também fonológica, indicando os fonemas da língua. Deve, também, haver um quadro indicativo dos valores fonéticos e fonológicos de cada letra e os sinais usados.

Georges Matoré estabelece três princípios fundamentais que devem ser seguidos com relação à pronúncia:

- "1 - escolher um sistema de transcrição fácil de ser entendido, lógico e aplicá-lo sistematicamente a todas as palavras do dicionário;
- 2 - adotar uma norma que reflita a língua contemporânea, mas preservar um certo número de traços que caracterizem a "pronúncia aceita";
- 3 - evitar as variantes". (38)

Sobre a pronúncia, Morais deu em sua "Epítome à Gramática Portuguesa", que se encontra na edição de 1813 do Dicionário, informações sobre as vogais, consoantes, ditongos, pronúncia e sinais gráficos para indicar o timbre das vogais. É interessante notar que todas as entradas têm assinalada a sílaba tônica com o sinal gráfico grave (`) para as vogais de timbre fechado, e o sinal agudo ou for

te (/), para as abertás; as pretônicas e postônicas, chamou-as de mudas.

No que se refere à pronúncia, é evidente que não poderíamos encontrar em Morais um quadro fonético e fonológico como estabelece a moderna Linguística, mas podemos notar que Morais procurou esclarecer a pronúncia das palavras. Quando o verbete poderia deixar alguma dúvida quanto à sua pronúncia correta, Morais procurou dar as informações necessárias no interior do verbete. Foi o que ocorreu, por exemplo, nos verbetes seguintes:

AFOGAR, v. at. Embaraçar a respiração, tal vez até privar da vida, lançando em água, com fumo, ou apertando a garganta, andando muito depressa. *Casim.* 2. 256. §. f. Fazer o guisado afogado. V. §. f. afogar as sementes; fazer que não nação, v. g. a muita chuva, ou cobertura de terra espessa, ou a terra muito pingue, e pegajosa afoga as sementes. § Afogar os talentos; fazer que não frutifiquem, que não se desenvolvão, e aperfeiçoem. §. As espinhas afogão o pão em berço. *Paiva*, *Serm.* 1. f. 209. § Abafar; impedir a vista, e a correnteza do ar, a luz, cercar de per o em todo: v. g. as serras afogão o valle. *Sopas*. E maisar deste modo: v. g. afogar o fogo. *Barros*: "tapando o buraco afoga-se o fogo que por elle seceia ar, e vida." §. Repremir: v. g. — os suspiros, gemidos. *Flos Sanct.* os suspiros afogavão a voz. §. *Trancoso*, *P.* 3. c. 9. porque a força da dor não afogue as palavras. *H. N.* 1. 114. Afogar as razões. *Lucena*. §. Afogar as tentações. *Vieira*. §. Amortecer: v. g. afogar os peccados no sangue de JESU CHRISTO; em lagrimas de contrição. *H. N. T.* 2. §. Diz-se da coisa accessoria, quando é maior que a principal: v. g. não quero, que o grande preambulo afogue, e summa este breve livro. *Arraes*, *Prolog.* §. Afogar-se: perder a respiração, e a vida com mergulho d'água; fumo e vapores; corpos encalhados na garganta: "afogava-se com o osso." *Sonza*. "afogão-se co fumo." *Alend.* *Pinto*. §. — se: fazer as coisas com pressa. §. Ficar abafado, enleado, sem acção, não vos deixeis afogar dos negócios, como quem desespera de se salvar delles. *Pinheiro*, 1. 219. ficar atalhado, enleado, e "afogar-se em pouca agua:" fr. prov. perturbar-se com pequeno motivo. *Eufr.* 5. 1. §. Afoga-se a palavra de Deos; não fructifica. *Vieira*. §. Afogar-se alguém na consideração dos peccados: perder-se nella de esperando do perdão. *Paiva*, *Serm.* 3. — se a palavra; não acabar de sair, ou proferir-se. *Vieira*. §. Intransit. *Celta*, *Serm.* 1. 85. 4. "afogar, e ir ao fundo." §. Afogar-se: Suffocar-se vindo muito, ou chorando. §. As carretas afogavão-se na areya: metter-se, cravar-se muito por ella. *Conto*, 5. 3. 10. §. — se; suffocar-se: v. g. os suspiros que se afogão no coração: a tristeza que no coração se afogão, e o afogão. *Vieira*. *N. B.* afogar tem o inudo: except. *Indicat.* eu afogo, — ógas, — óga: afogão: subj. eu, elle, afogue, tu afogues, elles afoguem.

BRACHIOLOGIA, s. f. Estilo conciso, e laconico. (ch como k)

EMPERRAR, v. at. Fazer perro, obstinado, raivoso. *Prestes*, f. 2. "isso me *emperra*." §. *Emperrar-se*, ou *emperrar*, neutro, obstinar-se: v. g. *Emperrar-se nos vícios*. *H. Pinto*, *emperrados nos vícios*; não descontinuar com obstinação. §. *Emperrar* tem *ê* em *empérro*, *empérras*, *empérria*, *empérrão*, do Indicativo: no Subj. *empérre*, *empérres*, *empérrem*.

INHERÊNCIA, s. f. União íntima da coisa inherente com aquella, a que está unida. (nh não soa nhe)

PRESÁGO, adj. Que presente o futuro: v. g. *o coração preságo mo dizia*. *Cam. Freire*, "*preságo dos futuros triunfos*." (Lê-se pre-ságo)

QUESTIUNCULA, s. f. (soa o que líquido)
Questãosinha.

QUESTUÁRIO, adj. (o que como cue) Que cuida em lucrar; chatino, tratante. *Arrais*, 5. 6. fig. *ânimo*, *espírito*, *offício* questuario.

QUEXIQUER, s. m. rust. e antiq. Qualquer coisa. *Sã Mir.* de *quexiquer espantoso*, ou que se espanta de qualquer coisa, fala das ovelhas rímidas.

N. B. O qui soa como Ki, ou qi sem u.

Na maioria dos exemplos acima, a dúvida quanto à pronúncia poderia surgir para o leitor em decorrência da ortografia vigente naquela época.

Um ponto bastante peculiar e até mesmo inovador foi o registro que Moraes fez de duas e até três grafias

de uma mesma palavra, o que nos levou a concluir que, na época, havia variantes fônicas do mesmo vocábulo. A grafia diversa mostra a diferença de pronúncia de acordo com o nível cultural do falante. Evidenciamos os seguintes casos:

BORBOLETA / BARBOLETA
CEBOLETA / SABOLETA
CHOVISCÁR / CHOVISNÁR
FLÉGMA / FLEÍMA / FLÈUMA
ICTERÍCIA / TIRÍCIA
LITTERATÚRA / LETERADÚRA / LETTRADÚRA
MÍNGOA / MÈNGOA
OCCIDÈNTE / OUCIDÈNTE / OUCIÈNTE
ÒVO / OUVO
PERSOVÊJO / PORSOVÊJO (39)
PLEURÍZ / PRIORÍZ
PÚBLICO / PÚLVIGO
RIDICULARISÁR / RIDICULISÁR
TRÀNÇA / TRÈNÇA
THEREBENTÍNA / TERMENTÍNA / TREMENTÍNA

Com relação aos verbetes CEBOLETA / SABOLETA e LITTERATÚRA / LETERADÚRA / LETTRADÚRA, houve falha no registro de certas formas. Em SABOLETA Morais faz remissão a CEBOLETA, que não se encontra registrada no Dicionário. O mesmo fato ocorreu com LITTERATÚRA que não foi registrada.

A relação de verbetes acima mostra que uma forma popular deveria existir ao lado de uma erudita; é o caso de PLEURÍZ, FLÈUMA e THEREBENTÍNA, considerados termos científicos. Já BARBOLETA e TIRÍCIA são ainda hoje bastante comuns entre as camadas sociais menos cultas de ambiente rural ou oriundas do campo.

Quanto à ortografia, podemos afirmar que um dicionário de uso é freqüentemente consultado para se saber qual

a grafia correta desta ou daquela palavra.

Toda língua que possui um código escrito, tende sempre a fixar um sistema ortográfico, sistema esse encontrado no dicionário de uso.

No Prólogo de seu Dicionário, Moraes afirma ser favorável à ortografia baseada nos sons, ou seja, para cada som deveria ser indicado um único sinal gráfico representativo, evitando assim, possíveis dúvidas e grafias inúteis de letras. Entretanto viu-se obrigado a seguir a ortografia vigente em seu tempo, mesmo considerando desnecessária a grafia utilizada para certos sons, como por exemplo, a duplicação de consoantes sem valor fonético algum.

Na "Epítome da Gramática Portuguesa" fez algumas críticas à ortografia de seu tempo; já naquela época observou: a inutilidade da grafia do H no início de palavras onde não existia a aspiração; a ausência de caracteres simples para lh- e nh-; a confusão de grafia com g e j; a redundância de c antes de a e o com o som de q e k e o mesmo com c seguido de e e i redundante com ç e s. Todos esses problemas ressaltados por Moraes, ainda não encontraram solução até hoje, na ortografia de nossa língua.

Moraes manteve em seu Dicionário a grafia etimológica, a duplicação de consoantes e a grafia de sons sem valor fonético; foi o que observamos nos exemplos abaixo:

- bb - : ABBÁDE
- ll - : ACASTELLÁR
- cc - : ACCEDÈR
- dd - : ADDENSÁR
- ff - : AFFEIÇOÁR
- gg - : AGGRAVÁDO
- nn - : ANNEXÁR
- pp - : APPARÁDO
- ch - : ARCHIVÍSTA
- th - : ATHÈO
- thl- : ATHLÉTA

- tt - : ATTÓNITO
- ct - : ATTRACTÍVO
- gm - : AUGMENTÁR
- mn - : CALUMNIÁR
- h - : COHABITAÇÃO
- mm - : COMMEMORAÇÃO
- pç - : DESCRIÇÃO
- pt - : DÍPTICO
- cs - : ECSTÁTICO
- ph - : GEOGRAPHÍA
- pn - : PNEUMÁTICO
- ps - : PSÁLMO
- pt - : PTERÝGEO
- rh - : RHETÓRICA
- sc - : SCISMÁTICO
- sp - : SPONDÍLO
- st - : STELLIONÁTO

Em alguns casos Morais registrou a grafia que lhe parecia mais correta, remetendo, porém, a outro verbete com a grafia usual em seu tempo. É o caso de PERÍFRASE que remete à PERÍPHRASE; fez a sua observação: "Hoje escrevemos perífrase evitando o ph".

Morais defendeu uma posição diversa da adotada no seu tempo com relação à grafia da semi-vogal i. Grafou com y a semi-vogal i quando colocada entre vogais, pois afirmou se tratar de uma consoante entre vogais; como exemplo temos PRÁIA.

PRÁIA, s. f. O mar aberto na ribeira, onde não há reparo contra as tempestades: a porção da ribeira, que o mar cobre nas maiores marés, e deixa descoberta nas menores. *ninguém poderá edificar na praia sem autoridade pública (Praya, melh. ortogr.)*

Fez a distinção entre o i de RÊI, LÊI do de PRÁIA. No primeiro caso há uma semi-vogal, e no segundo, uma semi-consoante que Morais considerou semelhante ao i molhado do francês. Este procedimento se manteve, pois buscamos outros e-

xemplos e encontramos o mesmo registro:

ALFAIATE, s. m. O que talha, e cose vestidos de homem, ou mulher. (*alfayate*, melhor ortogr.)

ALFAYA, e deriv. melhor Ortogr. que *alfia*. Ulisipo, 2. 6. *quantu necessaria alfaya* (mulheres) *para o gosto da villa são?* Eufr. 5. 1. f. 171. "*alfayou-se* (uma mereiris) de maneira que não sei outra mais rica."

SAIA, s. f. Vestidura da mulher, que lhe cobre o corpo da cintura para baixo. §. Saia de malha, armadura de aneis de ferro, que rebatete as estocadas. V. *Malha*. (*Saya* melh. ort.)

TEIA, TEIÁDA. V. *Tca*, a melhor ortografia he *Teya*, *Teyada*.

Com relação ainda ao y como semi-consoante, afirmou Morais que o mesmo deveria ser usado entre vogais em hiato como em -eo- e -ea-. É o caso de:

CADÊA, (ou antes *Cadeya*) s. f. Serie dos fuzis, ou argolas presas umas em outras, de metáes, para prender homens, feras, ou por adorno dos braços, pescoço, &c. §. *Cadeyas* de metal; dellas se suspendem os relógios de algi-beira. §. *Pellouros de cadeya*: balas encadeadas. Amaral, 3. §. *Remar sem cadeya* (metaf. titada dos torçados tão casados com sua sorte, que os Comitres os deixão soltos.): fazer sem violência coisas a que só houveramos de ceder torçadamente: v. g. "somos vis escravos do Despotismo, e dē paciencia tão amolgada, que já remamos nosso remo *sem cadeya*" §. Na *V. do Arc.* 4. c. 16. se diz, que já rema *sem cadeya* o dissoluto, e devasso escravo de suas paixões habituaes inveteradas, a quem o demonio não hi mister de tentar. §. *Cadeyas*: fig. braços da pessoa amada. §. *Cadeyas*: prisões dos arreys de bestas: v. g. *cadeyas das cabeçadas*, &c. §. *Cadeya*: serie: v. g. *cadeya de desgraças*; enfiada: — de comprimentos. §. *Anel de cadeya*; o que é composto de varios fuzis, que arrumados de certo modo fazem um *annel*. V. *Arriel*. §. *Cadeya*: casa de prisão. §. *Cadeya de monte*, ou *cadeya corrente*: corrente para levar presos. *Clar. Ord. Af.* 1. T. 22, §. *Cadeya do carro*; grade do leito.

GALANTEO, s. m. ou antes *Galantêyo*. As palavras, e acções, o adorno, enleites, gestos, com que o galante serve a dama, e tenta conseguir a sua graça, e favor; ou as mulheres fazem por namorar os homens, sendo namoradigas.

IDEA, s. f. (melhor *idéya*) A imagem do objecto, que se apresenta a alma, ou a percepção, e conhecimento d'essa imagem. *Lus.* 10. 7. *altus Barões...* cujas claras ideas vio *Protheo*; i. é, imagens de homens que havião de existir. §. Imagem, exemplar, molde, modelo. não me propoñho mostrar uma idea de santidade para todo genero de virtudes. *Resende, P. do Inf. c. 1.* §. Desenho, traça. §. *A Suprema idea*; por, Deus. *At. Conq.* 2. 87. §. Formar; ter; dar idea de alguma pessoa, ou coisa: idea clara, obscura, distincta, confusa; adequada, ou inadequada; completa, incompleta; são os diversos grãos de perfeição, ou imperfeição, com que a alma percebe, ou conhece as coisas.

RODEO, s. m. (ou antes *rodêyo*) volta ao caminho, retirando-se da estrada mais breve "nos conta dos rodeos longos em que te traz o maritado." *Lus.* 2. 110. §. "Tinhámos dado hum grão rodeyo á costa negra de Africa." *Lus.* 5. 65. volta. §. *Andar de rodeio*, pôr-se no ar de rodeyo, na volat, subir a ave fazendo voltas, ou giros espiralmente. *Arte da caça, f. 92. v. e 93. v.* §. *Rodeio do montante*, que se manda em roda. *Eleg. f. 102.* §. *Rodeio de palavras*, circumlocução, ambages. *Severim, Disc. Fol. 2.* "rodeios causados da estreiteza Latina." *Lobo.* §. *Rodeio no obrar*, quando se não faz directamente, e logo o que se havia de fazer. *Vieira.* "os vagares; e rodeyos com que se ausentou." Vazer as coisas buscando rodeyos não directamente, mas por encobertas, e terceiras pessoas. *lied. l. 376.* *taes rodeios tiveram*, para deitar a perder o Regente D. Pedro: "não ha para que gozar a vida por muitos rodeyos, pois a sua unica direita via he por a virtude." *Arrais, p. 12.* §. *Levar a vista em rodeio*, olhar em roda, ou com distreço, sem a fixar directo no objecto. *Lobo Primav. 3. P. f. 214.* e *Deseng. P. 2. Disc. 9. p. 222.* "levando como em rodeio a vista." §. *Asaraviltosos rodeios da fortuna.* *Clarim, 2. c. 10.*

A ortografia proposta por Morais naquele tempo, é a que usamos actualmente para tais palavras.

Ao longo de todo o Dicionário encontramos inúmeras correções ortográficas feitas pelo autor, das quais seleccionamos apenas as abaixo:

DEOS, s. m. O Ente Supremo, Infinito em todas as suas perfeições, Sempiterno, Criador do Universo. § Entre os Idolatras, Criaturas divinizadas, e endeadas; taes são *Venus, Jove, Marte*, e outros *Deoses* da Fábula. (*Deus* melhor ortografia, segunda o som, e a Etymologia) §. *Deus que bem*; frase elliptica; i. é, Deus seja louvado, que bem o fez com nosco. Os Medicos se acertaõ de curar o inferno "*Deus que bem* : e se não, não há morte sem achaque:" *Ulis. 2. 7. f. 148. ult. Ed.* i. é, foi servido, que bem o fez, ou seja louvado, que bem o fez, ou quiz *Deus que bem o fizesse*. Ainda se diz a frase por inteiro: *Deus que fez bem*. "se acertaõ (ouvi a varios) *Deus que fez bem*:" sem admiativa. §. *Que os Anjos da celeste companhia*
Deoses o sacro verso está chamando:
Nem nega que esse nome prebeminente
Tambem aos mãos se dá, mas falsamente.
Cam. Lus. 5. "Deus me he testemunha, e Por
Deos (modos de jurar), *são huma mesma coisa.*" *Cathec. Rom. 525.*

EPANÁFORA, ou EPANÁPHORA, s. f. O
mesmo que relação. §. Figura de Rhet. tanto
significa como repetição.

VAZIO, adj. Melh. ortogr. que vasio.

No que diz respeito à ortografia, concluímos que Morais tinha uma visão bem diversa da de sua época e ao mesmo tempo bem fundamentada, pois mesmo grafando as palavras conforme ditavam as regras de ortografia na época, não deixou de opinar a respeito, registrando, sempre que possível, a sua opinião.

Dos elementos que completam um verbete, resta - nos ainda comentar dois: os dados gramaticais e a etimologia.

Os dados gramaticais são informações sobre:

- 1) classe gramatical a que pertence a entrada: se é substantivo, adjetivo, verbo, conjunção, preposição, advérbio, artigo, numeral, pronome;
- 2) gênero da palavra entrada;
- 3) flexão irregular;
- 4) regência verbal;
- 5) concordância;

6) conjugação irregular, defectiva ou anômala.

Todas essas particularidades gramaticais devem constar de um dicionário de uso.

As inovações de Moraes foram bastante significativas e demonstraram o cuidado do lexicógrafo em fornecer variadas informações.

O primeiro aspecto em que Moraes diferiu de Bluteau foi em registrar a classe gramatical a que pertencia a palavra e o gênero dos nomes. As informações gerais que abrangem a maioria dos verbetes, Moraes as registrou na "Epítome" que integra a edição de 1813. Quando ocorreu uma exceção ou uma particularidade do verbete, Moraes registrou o fato no seu interior. Encontramos as observações dos mais variados tipos e selecionamos as seguintes:

AGENCIAR, v. at. Trabalhar, procurar, negociar, ganhar, solicitar, fazer por adquirir, v. g. bens, reputação, a conclusão da causa, negocio. §. Procurar, tratar negocio alheio, como agente delles. §. f. Conseguir, adquirir. §. Agenciar rebelliões; riquezas; um incendio; uma sedição: agenciou-lhe postos honorificos; agenciou-lhe a coroa: fazer por obter, e conseguir, que se faça, proveja; succeda. §. Dizemos: Eu agencio, tu agencias, &c no pres. do Indicar.

ALFERES, s. m. Official militar, que levava o pendão, insignia, e hoje a bandeira, quando a não tem os Portabandeiras. §. *Alferes mór*; levava, e tinha a bandeira Real nas Acclamações dos Reis, Saimentos, e batalhas. §. *O Alferes d'El-Rei*, no principio da Monarquia Portuguesa, tinha os mesmos officios, que depois teve o Condestabel. V. *Chron. Af. I. c. 48. e 49.* §. *Alferes menor*; que levava a bandeira nos impedimentos do *Alferes mór*. §. *Alferes da Cidade*, ou *Camara*; o que levava a bandeira della, a que devião acudir as milicias, ou ordenanças: hoje leva o vereador mais velho, ou o dito *Alferes da Cidade* o guião, ou bandeira da Camara nos actos de Acclamação, e da sua mão a dá ao Governador (onde os há) que a tem, quando diz: *Real, Real, &c.* §. Plural, ant. *Alferes*, *Canhões*, Lus. IV. 17. *Mausinho*. Hoje é como o singular: os *alteres* vão marchando.

CAÇADOR, s. m. O que anda á caça; o que sabe a Arte da caça. §. no fig. *Caçador de vãs glórias*; o que faz alguma coisa a fim de ganhar a vã gloria, que d'ahi lhe pôde resultar. V. do Arc. L. 3. c. 6. §. *Caçadores*, na Mi-

liza moderna, são soldados á ligeira, que seguem os miqueletes para atacarem as patrulhas inimigas, e darem rebate do inimigo ao corpo do exercito. §. Caçador, adj. com nomes femininos "cão, ou ave caçador." *Ord. 5 62, 5.* Note-se que os nossos bons Autores usavão das variações em or com nomes femininos, como dice na Grammatica.

EMINENCIA, s. f. Lugar alto. §. fig. a eminencia do Imperio; elevação: v. g. a eminencia do espirito; attiveza. *Vieira.* a eminencia de suas virtudes. *V. do Arc. 2. 18.* "grande eminencia em letras." *Id. c. 30.* §. Titulo que se dá aos Catões. *Vossa Eminencia*; mas os adjectivos attributivos, e o pronome elle usão-se mascul. *Vossa Eminencia* convencido: digemos tambem, esta Eminencia.

IR, v. n. (do Lat. *ire*, sem *h*, que é desnecessario para a pronuncia, nem para mostrar a etimologia. nem nas variações taes como *ia, ias, iam, iais, ião*; que assim o escrevem *Leão, Cron. e outros.* Para exprimir o sentido de *ir*, usamos muitas irregularidades: v. g. *voa, vais, vai, &c.* deriv. de *vado*, Lat. e *fui, foste, foi, &c.* *fora, foras, &c.* V. a Gram. nos Irregulares da terceira Conjugação.) Passar de um lugar para outro, por si, ou levado: v. g. *ir a pé, ou a cavallo, por terra, ou por mar.* §. Oppõe-se a *vir* algúas vezes: v. g. "*elle ia, e eu vinha já de volta.*" "*vai tu para elle vir comtigo, ou voltar comtigo.*" §. Mudar-se para outro estado: v. g. *a saúde vai a melhor, a doença vai a peor: o negocio vai a peor.* §. Continuar: v. g. *O negocio vai bem*; i. é, leva bom caminho. §. *ir á mão a outrem*; impedir que elle faça alguma coisa. §. Aproximar-se: v. g. *este homem vai para inipio, e impertinente.* §. *Vai para tres annos*; já vai para os 40. i. é, está perto, ou proximo aos 3. ou aos 40. annos. §. *Quanto vai?* i. é, que distan-

cia ha? v. g. *quanto vai de Lisboa a Belem*; *quanto vai do meyo dia até á noite*; i. é, o espaço que medeya. §. *Que vai nisto?* i. é, que importa? "*Já que a fortaleza delRei está segura, morra eu muito embora, que pouco vai na minha vida, e não quero mais honrada morte.*" dizia um pobre Soldado na India, *servando-se-lhe a perna.* *Conto, 8. 40.* §. *Rua, caminho que vai para a ponte*; i. é, que leva, ou guia para ella. §. Este verbo com o gerundio denota a continuação, e imperfeição da acção significada pelo gerundio: v. g. *vai-se pondo o Sol*; os *livros vão-se vendendo*; *inda vão caminhando.* §. *Ir-se a quarta, ou vaso*; soltar de si o liquido por alguma abertura. §. Passar: v. g. *vai-se o tempo.* §. Navegar: v. g. *ir vento em porpa.* §. Morrer: v. g. *foi-se como um passarinho.* §. *Ir ao fundo, ir a pique o navio.* §. *Ir debaixo*: ter mau successo. §. *Ir de mal para peor*: peyorar. §. *Nem vai para lá*; i. é, vai mui desviado, e longe. *Enfr. 3. 2.* "não só-

mente não he formosa, mas *nem para lá vai.*" §. *Imos*, primeira pessoa do plural no presente do Indicat. é usado de todos os Classicos; e *Vieira, Hist. do Fut.* n. 46. "*imds* caminhando pelo deserto." §. *Ir*: estar lançado ao longo: v. g. *de huma banda vai a terra do Preste. Albuq.* 4. 6. §. *Vai-me* nisso a vida; a honra; i. é, tenho empenhado, nisso a vida, a honra, que disso depende; importa-me. *Eufr.* 1. 1. §. *Ir-se*: sair, ausentar-se, fugir. "*Se nos serão?*" fugirão-nos. *Ferr. Bristo*, 4. 7. "*serão-se-nos* os ganhos, as esperanças;" perderão-se-nos. §. *Ir-se com* alguém; fig. seguir a sua opinião. "*vou-me com as vossas conjecturas.*" *Arraes.* 4. 24.

MEDIR, v. at. Examinar, e averiguar qualquer grandeza, ou quantidade por meyo de alguma medida, ou grandeza conhecida: v. g. uma peça de panho por varas, covados, e suas fracções; o terreno por braças; o liquido por pipas, quartos, almudes, canadas, &c. §. Examinar: v. g. medir os riscos pelo sisó. *Eufr.* 2. 1. §. Regular: v. g. medir os premios pelo merecimento. §. Medir a espada: brigar, com alguém. *Vieira.* §. Avaliar, ajuizar. "*Eu aoa meus palmos me meço.*" *Sil. Mir. Soneto* 31. *Arraes*, 5. 16. medir pelo proprio juizo o justo, ou injusto. §. Medir versos; examinar, se tem o numero de Syllabas que devem ter, e estas com as devidas quantidades. §. Medir os outros por si; i. é, julgar delles por si. §. Comparar para achar o valor, fig. v. g. mede as coisas naturdes com os deleites da carne. *Costa*, Poema, f. 44. est. 4. §. Proporcionar; regular, governar. *Eufr.* 5. 7. f. 195. *Letrados* quivem medir tudo pelas *Leis Justinianas.* *Arraes*, 10. 31. fez-se Deus tão pequeno, que se medio, proporcionou, e igualou com o homem. §. Medir-se com alguém, fig. por competir em igualdade, ou igualar-se. §. Medir o trato da sua casa pelas pessoas, ou faculdades; i. é, regular. *Paiva*, *Casam.* c. 5. e medir o exercicio das obras pelas obrigações da consciencia. §. Este verbo é irregular, mudando-se o d em ç nas variações, que hão-de acabar em a, e o: v. g. meço, meça.

MÍDA, MÍDAS, MIDAMOS, MIDAIS, MÍDÃO: variações irregulares subjunctivas do verbo *Medir*. não midas o passado e o presente. *Cam. Eleg.* 1.

PIDA, PIDE, e PIDO, variações de *Pedir*; pida Subj. pide presente do Indicat. (assim como pido) e Imperat. em vez de peça, peço, e pede, que hoje dizemos. *Ferr. Cioso*, 2. 3. "*pide, pide justiça de mim.*" Daqui: "*ninguem o impida.*" *Landim*, Poem. Pido, *Faria e Sousa. Bern. Lima*, *Ed.* 13. "*ou morte pida.*"

PROVER, v. at. Dar a alguém: v. g. es proveu do necessario para a viagem; provêr as fortalezas de munições; proveu-me de dinheiro; provemo-nos de lenha, e roupa para o inverno; i. é, procurámos, fizemos provisão della; provêr ao bem publico, fazer com que o Publico se ache bem em suas coisas. "Deus a tudo provê." B. 1. 9. 6. Deus provê a todas as necessidades; remedeia. §. Provêr com que; v. g. "provêr com que a cidade não ficasse falta de mantimentos;" dar providencia, dar ordem, por meynos. Couto, 10. 6. 2. assim provê a Providencia de Christo onde a de Pedro não provê. Vieira, Tom. 4. n. 131. f. 123. c. 2. prover a segurança publica, fazer com que a haja: prover a saude. Arraes, 3. 16. proveu as honras, e exequias, fez fazer, concorrendo com o necessario Castilho, Elog. f. 383. proveu algumas leis; i. é, fez. Castilho, Elog. f. 389. proveu os campos do Tejo com vallos, para se não alagarem. §. Prover alguém de, ou em algum officio. Arraes, 5. 5. que nos valha, e proveja de justiça. §. O Juiz dos Orfãos proveja á cerca dos bens dos Captivos. Ord. 1. 89. princ. Proveja elle á cerca d'este. Costa, Ter. 2. 255. Ord. Af. 1. 62. 5. proveja de Alcaide: tudo provê. Lus. 3. 79. §. Prover em alguma coisa, ou pessoa; olhar por seu bem, melhoramento, beneficiata, remediala. Couto, 4. 6. 3. "V. Alteza me escrevia, que provesse nelle, (Simão de Souza) lembrando-me seu pai... e dous irmãos que morrerão na India. E por não haver com que o provesse, me mandava que o fizesse eu, e por isso lhe dei aquelle cargo." prover em alguém; provê-lo com alguma coisa, que lhe faça bem, ou provê-lo d'ella. §. Prover os livros, prover os roes, os estados, as despesas, culpas, rever, examinar, para dar providencias. §. Prover ao aggravado, receber o aggravado judicial, e dar por aggravado ao aggravante. §. Provendo com muito cuidado não lhes faltassem mantimentos. (Castilho, Elog. e Arraes, 1. 18.) §. Deus proveu-nos o corpo de sentidos, os membros de força, e agiliãde; a alma de entendimento, e liberdade, &c. §. Prover officios em alguém. "proveja os officios aos criados del-Rei." B. 3. 9. 1. §. Prover os livros, revê-los para portar por lê, o que nelles se acha. §. Prover as leis, examinar, ver o que nellas falta, ou é digno de conexão. Ord. Af. Prol. Barr. Clar. Prol. prover esta Chronica; prover os mantimentos. Ined. III. f. 104. ver se os ha, quantos, e quizes são. §. Enadamente diz o vulgo prove por provê; prova por proveja; prôva por provejo, contra o uso dos classicos, e confundindo as variações do verbo provar com as do verbo provêr, que se conjuga á imitação de Ver, sua raiz.

SANTIDADE, s. f. A qualidade de ser santo. §. Sua Santidade; i. é, o Papa. N. B. nós dizemos Possa, Sua Santidade (o S. Padre) mas os outros adjectivos concordão no masculino; v. g. bem lembrado estaria sua Santidade. V. do Arc. L. 4. c. 16. §. Santidades, deidades do paganismo, Deuses, e Deusas. B. Clar. 3. c. 4. "estando os Troianos dando graças ás suas Santidades."

Colocamos em separado o verbete HAVER, onde Moraes deu uma explicação bastante peculiar e diversa daquela dada pelos gramáticos de seu tempo.

HAVER, v. at. Ter, conseguir, alcançar, obter: v. g. e houve della dois filhos: houve o perdão del-Rei; trabalhou o noivo por haver a flor da noiva antes das bençãos Trancoso, P. 2. c. 2. §. Haver um homem alguma mulher: gosa della Patmeir. Dial. 3. "houve-me hum homem." §. Haver, n. existir: v. g. ha homens virtuosos, e outros que o não são. Ha vinte dias, i. é, são passados vinte dias até hoje. Tal é a explicação, que dão os nossos Grammaticos, eu porém tenho, que HAVER sempre é activo, e significa Possuir, Ter, e nunca neutramente Existir. Ha homens, é frase elliptica, i. é, o mundo tem, contém homens: ha dias, o tempo ha decorrido dias: nesta terra ha boas frutas; a especie das frutas, tem-nas boas nesta terra, ou, a gente ha (tem) boas frutas nesta terra: e assim concorda regularmente o verbo com sujeitos subentendidos do singular, e não segundo a regra falsa de Argote, e outros, que quando o verbo significa existir, concorda no singular com nomes sujeitos do plural; e porque? "Dizer-lhe que tambem dos Portuguezes (sc. a nação, gente, povo, terra dos Portuguezes) Alguns maiores houve (teve) algúas vezes." Lusada. "Repogna haver (sc. a natureza, ou condição do homem) em tua alma, no mesmo tempo, duas consolações" "Podia haver (sc. o negocio ter, a conclusão delle) muitas, e poderosas contradizções" "Não ha, nem pode haver (sc. o cartão, ou semelhante deposito de memorias) aquellas antiquissimas escripturas." "Tambem no presente pode haver (ter, sc. a especie humana) homens tão grandes, como os que já forão." "Nem por isso deixa de haver (sc. homem, como "não ha homem geito de conseguir nada d'elle.") outros meyo menos custosos de a divertir." E deste modo se devem explicar as sentenças semelhantes, e não suppondo o verbo impessoal, que o não é; nem recorrendo a admitir uma desconcordancia tão irregular, e absurdamente idiotica. As Linguas tem menos idiotismos, do que cuidão os que não as sabem analysar, nem dar razão das apparentes irregularidades, senão parando na codea das palavras, e frases, como acontece tal-vez aos que não devião ser idiotas, ao menos

pela sua profissão. §. Haver algúna coisa a alguém, adquiri-la, consegui-la de outrem para elle. "esta vantagem, que lhe houverão." B. 1. 10. 4. "os Barás porque erão seus amigos lhe houverão a jornada (alcançarão del-Rei, que lha des-se)." Couto, 6. 10. 20. §. Haver algúna moça de sua virgindade; dellora-la. Ord. Af. 3. 15. 1. §. Possuir, ter: neste sentido parece antiquado, se não é quando o usamos com os participios; o que tambem já não é mui frequente, porque dizemos: tenho comprado, e não hei comprado, &c. §. Julgar, ou ter para si. Eufr. 3. 2. e ha que merece tudo. §. — se; portar-se: v. g. houve-se muito bem, ou mal. §. Havê-la com alguém; i. é, tratar: v. g. havia-o com homem executivo; i. é, tratava o negocio, ou corria elle com &c. Vid. do Archebisp. Hemos por havemos. "hemos de confessar &c." Cathec. Rom. 300. nov. edic.

Os verbetes que selecionamos são provas do cuidado e observação de Moraes como bom lexicógrafo que foi.

Finalmente, pode completar um verbete de dicionário, a etimologia da palavra-entrada, embora não seja tão importante quanto os dados anteriormente mencionados.

Fornecer a etimologia de uma palavra, segundo a Lexicografia moderna, significa não apenas afirmar se a palavra é latina, grega, árabe ou germânica, etc, mas também registrar todas as formas pelas quais a palavra passou até à sua forma atual; deve-se traçar a história da palavra e essa história consiste em dar, de um lado, a significação mais antiga e, de outro lado, todas as significações que a palavra teve até o seu estágio mais recente. Junto com o estudo etimológico, deve o dicionário registrar a data em que a palavra apareceu pela primeira vez na língua. Mas esse é um trabalho difícil, porque o lexicógrafo necessita de documentação escrita que comprove este primeiro registro.

O Dicionário de Moraes não documenta nenhum desses fatos. Notamos apenas que o autor se preocupou em fazer referência ao empréstimo estrangeiro.

Em mil verbetes consultados, apenas em dezesseis encontramos informações sobre a origem da palavra, e não o seu étimo, o que nos levou a concluir que a etimologia inexistente em Moraes. Contudo os empréstimos estrangeiros existentes na língua portuguesa de seu tempo, foram registrados.

ALCANZIA, s. f. Panella de barro com pólvora, ou outra matéria inflamável, com que se atirava ao inimigo. *Freire. Seg. Cerco de Diu, Cant. 18. f. 300.* "muitas bombas de fogo e alcanzias." §. Nas cavalladas são bolas de barro ocas, cheyas de flores, cinzas, &c. §. Cavalladas em que se jogão alcanzias. *Touros, cannas, argolinha, alcanzias, justas, torneios. Cron. dos Con. Regr. 2. 9. 5. n. 17.* §. Vem do Arabe, Canci, especie de barro, de que se fazem cothres, a que as alcanzias se assemelhão; ou de alquenzia, Arabe, derivado do verbo canaza, enchesourar, porque de alcanzias de barro cozido fazem os Almoros mealheiros, que enterrão. *Diccion da Academ.*

ALÇAR, v. ac. (do Francez ant. *bauli*, *bauliser*, hoje *hausser*: aindaque Duarte Nunes diga, nas Orig. da Ling. que é nativa Portugueza) Levantar, erguer, erigir: v. g. — muro, arcos, colossos: e fig. as asas. Lus. Transf. Alçar os olhos, a voz, grito, a mão: alçar as velas para navegar; frase usual, principalmente quando se navegava por singradaras. §. Alçar muros, edificios. §. Alçar a fama, celebrando, cantando. §. Alçar o pensamento aos céus: — o cantico humilde a tão sublime assumto. §. Alçar-se com seis edificios, levanta-lo. Ord. §. Levantar-se, rebelhar-se. Lavanha. §. Alçar alguém a honras; elevar. Aff. P. v. g. alçar o almocadom a adail. §. Alçar mão de alguma coisa; levantar mão della, descontinuar o que se fazia. §. Alçar o degredo; quebra-lo, não continuar a compri-lo. §. Alçar annas; não as exercer mais. Paiva. §. Alçar o conto; devassa-lo, não gnandar o privilegio do conto, coutada, &c. §. Alçar-se da demanda; desistir della. §. Alçar a folha na impressão; ajuntá-la em cadernos depois de impressa e seca. §. Alçar-se alguém com a fazenda alheya: quebrar, fallir, e talvez mudar de terra, para não ser demandado. §. Alçar-se em seu coração: ensubirbecer-se. §. Sublevar-se, rebelhar-se Resende, Miscell. os Mouros se alçarão contra os Christãos: pelejarão §. Alçar-se a alguém: levantar-se em pé, por cortesia. Lopes, Chron. 3. l. P. 1. c. 11. §. Destazer: v. g. alçar aggravos. Cron. de D. Pedro I. Alçar forças: restituir o esbulhado. Ord. Aff.

ALNA, s. f. Covado de tres palmos. (do Francez ant. *alme*) *Elucidar.*

BAGAGEM, s. m. (do Inglez *bag*) Os sacos, cargas, que vão em azemalas, ou carruagem, seguindo quem viaja, ou exercito em marcha.

BAIO, adj. Cór de besta cavallir, cór de oira desmaiado, tirante a branco. (Ital. *baio*) §. fig. Cór de mulato, ou mulato. “agolta dois frãos como elle, bayos.” “hum homem de coiros bayos.”

BALAÚSTRE, s. m. Columnazinha de madeira, pedra, metal, de que se usa nos peitoris de varandas, ao longo dos mainéis de escadas, e por adorno se vem em leitos de lavor antigo. (Ital. *balaustro*)

BARGANHA, s. f. Troca, permutação de coisas de pouco valor: é famil. (do Inglez *bargain*. Ital. *bargagno*.)

BISCÔUTO, s. m. Pão mui cosido, e estur-
rado ao forno de toda a humidade, para se con-
servar muito tempo guardado. (*Ital. biscoito, bis-*
cottare, &c.)

CADÊTE, s. m. Filho segundo, ou terceiro
de casa nobre, em que ha vínculo, neste sen-
tido é mui moderno, e figurado, porque de
ordinario os filhos segundos temão praça de Sol-
dado nobre, que goza de certas distincções. *Re-*
gul. Militar. (*Francez, Cadet*)

DEBOCHE, do *Francez débauche*, querem
alguns introduzir sem necessidade: termos de
vassão da mesma origem, e pagode, que
correspondem ás ideyas do termo *francez*. De-
bochar, e devassar, *corromper: debochar-se; de-*
vassar-se; perder-se; prostituir-se. p. us.

JÁVRE, s. m. Circulo aberto em redor da
borda das vasilhas de tanca, no qual se em-
bebem as taboas dos fundos. (*Franc. jable*)

NAPÊIRO, adj. (*do Inglez Nap*) Dormi-
nhoco: e fig. inerte, deixado. *Prestes, f. 133.*
7. Auto do Monto.

REDINCÔTE, s. m. O mesmo que sobrecas-
aca, ou casacão largo que se veste sobre a ca-
saca, ou fraque, contra a chuva, ou frio, e
para montar a cavallo. (*do Inglez reding-coat,*
que os Francezes alterarão em redingote, e des-
tes o tomámos)

ÚCHA, s. f. antiq. Caixa de guardas pão, e
outras vidualhas. (*Inglez hatch.*)

XELIM, s. m. Moeda de prata Ingleza, que
val 9 vintéis, entrão 20 dellas na libra esterlina.
(*do Inglez Shilling.*)

XIRA, s. f. (*do Francez, chere*) ter boa xi-
ra; i. é, bom pasto, e comer, como em ban-
quete lauto. *Ferr. Brito, f. 65. ult. Edig. Ulisi-*
na Comédia.

A análise anterior colocou Moraes dentro dos modelos estabelecidos pela Lexicografia contemporânea; é claro que com algumas exceções e diferenças, que podem ser, evidentemente, relegadas, tendo-se em vista que Moraes compôs sozinho sua obra lexicográfica, não contando com revisores que pudessem corrigir as possíveis falhas.

O capítulo seguinte foi destinado a um levantamento de falhas de impressão e de referência bibliográfica encontradas no corpus da obra de Moraes.

Capítulo 1.

Falhas de impressão e de referência bibliográfica no Dicionário de Moraes. (Edição de 1813)

Durante o estudo do corpus do Dicionário de Moraes, pudemos observar uma série de falhas na elaboração da obra. Desde falhas tipográficas e de abreviatura, omissão das obras de um autor, omissão do nome do autor junto à obra citada, informação bibliográfica imprecisa, até engano quanto à autoria de certas obras. Levantando estas falhas na 2ª edição de 1813, pudemos efetuar a correção e fornecer a informação exata. Algumas das falhas apontadas são de menor importância e em nada prejudicam o valor da obra. O problema maior se dá quanto às falhas bibliográficas, omissão de autor e engano quanto à autoria das obras, porque realmente fornecem ao leitor uma informação imprecisa e, algumas vezes errônea.

Para melhor esclarecimento, apontamos as falhas e sugerimos as correções.

1. Prováveis erros de impressão.

O autor da obra Arte Mínima é Manuel Nunes da Silva. Em Moraes, entretanto, encontramos Luis Mendes da Silva, nome não localizado como autor de tal obra. O erro, no caso, foi tipográfico pelo fato de ser o nome do autor seguinte Luis Mendes de Vasconcelos, o que provocou o engano.

Falha tipográfica menor mas que dificultou a localização do autor foi com relação a Frei Matinho Roa, citado por Moraes como Frei Matim Rosa, autor de Estado de Bemaventurados.

A obra de Frei João de Ceita aparece em Moraes Quadragesima, quando na realidade seu título é Quadragesima, conforme informação bibliográfica de Inocêncio Francisco da Silva, em seu Dicionário Bibliográfico. (40)

2. Falhas nas abreviaturas.

Uma falha de abreviatura dificulta muitas vezes a localização de um autor e obra. Foi o que se deu com o nome do P.Manuel Fernandes que teve seu nome abreviado:P. M. Fernandes, tornando difícil a sua identificação e a época em que viveu. Conseguimos descobrir seu autor através de sua obra Alma Instruída.

O mesmo se deu com Manuel de Azevedo Fortes, autor de O Engenheiro Português, escritor do século XVIII. Seu nome do modo como se encontrou abreviado em Morais dificultou e mesmo dificulta quem quer que seja a deduzir qual o autor em questão.

3. Omissão das obras do autor.

Gil Vicente, tantas vezes citado por Morais nos verbetes de seu Dicionário, não tem, na relação de autores e obras, o título das obras consultadas por Morais, nem mesmo junto aos verbetes.

Com Camoões ocorreu fato semelhante. Na relação de autores e obras,Morais não fez referências às obras consultadas; entretanto, junto aos exemplos citados nos verbetes indicou a bibliografia. A obra completa de Camoões foi consultada por Morais.

4. Omissão do autor na referência da obra citada.

Neste aspecto, várias foram as omissões e algumas bastante graves levando-nos, por vezes, a supor o anonimato dos seus autores.

A obra Fortificação Moderna aparece citada sem o nome de seu autor que é Manuel da Maia, militar português do século XVIII.

O autor da obra História Seráfica é Frei Manuel da Esperança que, como no caso anterior, não apareceu na relação de Morais.

Dentre as obras sobre história em geral, encontra-

mos várias omissões; é o caso da História Náutica Trágico-Marítima e da História dos Varoões Ilustres do Apelido Távora. A primeira é uma coletânea de textos sobre os trágicos naufrágios portugueses, compilada por Bernardo Gomes de Brito, no século XVII. São textos que narram as viagens empreendidas pelos portugueses a Índia e o triste fim que muitos tiveram, alcançando com sua desgraça, a glória nacional. A segunda obra, segundo Inocêncio Francisco da Silva em seu Dicionário Bibliográfico, vol.I, p.48, foi escrita por Álvaro Pires de Távora que morreu antes de publicá-la. Entretanto, por diligência de Frei Rui Lourenço de Távora, a obra foi publicada postumamente. Morais não citou nenhum desses autores.

Além dos casos anteriores, falta-nos ainda fazer referência ao poema épico Viriato Trágico, conhecido poema do Renascimento português, escrito por Braz Garcia de Mascarenhas. Morais limitou-se a colocar o título da obra, omitindo seu autor que foi escritor português do século XVII.

Um caso bastante interessante é o do autor da obra Vida do Príncipe Eleitor. Tanto Morais quanto Bluteau são omissos a esse respeito. Consultando o Dicionário Bibliográfico de Inocêncio, vol. III, p.7, localizamos o autor, o jesuíta Francisco de Mattos, falecido em 1720. Bluteau, na sua relação de obras, colocou-a dentre aquelas que tinham seu autor ignorado. Todavia as informações dadas por Bluteau sobre o impressor e data de impressão, coincidem com as de Inocêncio, ou seja, impressa por Miguel Deslandes em 1692. Bluteau e Morais atribuíram a autoria aos religiosos jesuítas da Companhia de Jesus e não apenas a um religioso.

5. Informação bibliográfica imprecisa.

A imprecisão de dados bibliográficos foi encontrada com certa freqüência na relação de obras e autores citados por Morais. Esta imprecisão consistiu na falta de um dos componentes da informação, isto é, omissão do prenome do

autor ou de seu sobrenome, dificultando a identificação; assim encontramos:

a) Cerco de Mazagão, de Gavi, ou seja de Agostinho Gavi de Mendonça; omitiu-se o nome e o sobrenome do autor.

b) Manuel de Figueiredo é o autor de Hidrografia; no entanto Moraes apenas relacionou Hidrografia de Figueiredo.

c) Consta da relação a obra Diário de Ourem, dado totalmente falho. Não nos foi possível localizar seu autor e nem obter dados sobre a obra.

d) A obra Monarquia Lusitana, a principal da historiografia alcobacense, escrita na Real Abadia de Alcobaça de São Bernardo, aparece citada inúmeras vezes, abonando os verbetes. Esta obra foi escrita em 8 partes e a cada religioso coube a redação de uma. Pela informação fornecida por Moraes não sabemos qual das 8 partes, ou se todas elas, foram utilizadas em seu Dicionário. Acreditamos que sendo ele um consulente de Bluteau, tenha se baseado na mesma parte de que este se utilizou, ou seja, a 7ª, escrita por Frei Rafael de Jesus, importante escritor do século XVII.

e) Por falta absoluta de dados não conseguimos identificar o autor da obra Foronomia do Abade Marie; de fato, a referência apenas ao nome Abade Marie não nos conduziu a informação alguma. Acreditamos que Moraes tenha consultado a obra traduzida para o português por José Monteiro da Rocha.

f) Também nada consta sobre a obra Poemas (1626), conforme citou Moraes. Seu autor, de sobrenome Fonseca, não foi identificado. O mesmo ocorre com a obra Idílios Marítimos, cujo autor, de sobrenome Oliveira, não conseguimos localizar.

6. Falha quanto à autoria de algumas obras.

De todas as imprecisões e falhas ocorridas na obra de Moraes, julgamos serem as falhas quanto à autoria das obras as mais graves, porquanto forneceram, e fornecem ao

leitor uma informação errada. São as seguintes:

a) Na relação de Moraes encontramos D. Antônio de Avelar co^omo autor de Cronografia; entretanto o autor de tal obra foi André de Avelar, Mestre em Artes e Lente de Matemática na Universidade de Coimbra no século XVI.

b) Moraes citou Frei Luís dos Anjos como autor de Jardim de Portugal e Mesa Espiritual. Todavia cada uma dessas obras foi escrita por um autor diferente mas com o mesmo nome. O autor da primeira obra era eremita augustiniano falecido em 1625; e o segundo era franciscano. Neste segundo caso há também dúvidas quanto a autoria de Mesa Espiritual. Acredita Inocêncio Francisco da Silva que a obra tenha sido escrita por Frei Antônio dos Santos, e não por Frei Luís dos Anjos como constou do Catálogo da Academia de Lisboa. (41)

A identidade de nomes levou Moraes a registrar as obras Sermões e Casamento Perfeito a Diogo Paiva de Andrade. Entretanto há dois autores portugueses com o mesmo nome, e cada um foi autor de uma obra. Somente a diferença de data de nascimento e morte é que nos levou a separar os autores.

O mesmo fato enganoso se deu com dois autores de sobrenome Pimentel, mencionados por Moraes. Da maneira como constou na introdução do dicionário, nos levou a pensar em um só autor, quando na realidade existiram dois. Assim a obra Arte de Navegar foi escrita por Manuel Pimentel, filho do cosmógrafo português Luís Serrão Pimentel, autor de Roteiro do Mediterrâneo e Método Lusitano, ambas as obras consultadas por Moraes. Este último também deixou uma obra intitulada Arte de Navegar e isto nos levou a dúvida sobre qual das duas teria Moraes consultado.

c) Moraes incluiu na sua relação duas obras: Espelho de Lusitanos e Espelho de Religiosos; atribuiu a autoria de ambas a Antônio Velloso de Lira. Na verdade houve equívoco, pois Velloso de Lira foi autor de Espelho de Lusitanos; a

outra obra teve por autor o monge cisterciense Afonso da Cruz (século XVII).

d) Novo engano de sobrenomes cometeu Moraes com relação às obras Diálogos de Várias Histórias e Regimento de Pilotos, atribuídas a primeira a Pedro de Maris e a segunda a Maris. Acontece, porém, que na sua relação as obras seguem uma à outra, levando o leitor a supor que Pedro de Maris escreveu as duas. Todavia o Regimento de Pilotos foi escrito por Antônio de Maris Carneiro, cosmógrafo do reino, que não constou da relação de Moraes.

e) No sobrenome Barreto, Moraes mencionou as seguintes obras: Prática entre Heráclito, e Demócrito, Vida de Santa Tereza e a Vida do Evangelista. Esta última afirmou Moraes ser de outro Barreto Fuseiro. Contudo todas as três obras pertenceram a um só autor de nome Nuno Barreto Fuseiro, fundador do convento das religiosas da Conceição.

7. Possíveis enganos quanto ao título de algumas obras.

Conforme a relação de autores e obras de Moraes, Lucas de Andrade foi o autor da obra Ações Episcopais; entretanto Inocêncio registrou o título como Ações Pontificais. (42) Fato idêntico ocorreu com a obra Triunfos Eclesiásticos, de Pedro Correia; Inocêncio deu por título Triunfos Eucarísticos. Em nenhum dos dois casos citados localizamos as obras com o título mencionado por Moraes. É interessante observar que o mesmo engano ocorreu com Bluteau. Isto nos leva a supor que as cópias consultadas por ambos os lexicógrafos fossem com tais títulos e somente mais tarde houve a correção, conforme informou Inocêncio. (43)

Esta parte do trabalho destinou-se não a criticar as falhas, os erros e as omissões cometidas por Moraes em sua obra lexicográfica, mas a corrigi-los procurando colaborar para o aperfeiçoamento de trabalho tão insígne. Todos os equívocos ocorridos são compreensíveis em uma obra de tal porte e natureza. Há, porém, vários fatores atenuantes como:

(42) Inocêncio F.da Silva -Dicionário Bibliográfico-vol. V, p. 201

(43) Idem - ibidem -vol VI, p. 399

a época em que foi escrito e impresso o Dicionário, e a falta de revisão da obra. Existe, sobretudo, um atenuante significativo: Moraes compôs seu Dicionário sozinho e uma obra lexicográfica nunca pode ser trabalho de um só indivíduo, mas de uma equipe de dicionaristas, pois trata-se de uma tarefa de enormes proporções. Assim, só se pode louvar Moraes por ter tido a coragem de empreender tal obra e executá-la com o apuro com que a escreveu.

Capítulo 2.

Confronto entre a 1ª e a 2ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Moraes Silva.

Nesta parte de nosso trabalho, apresentamos um confronto entre a 1ª edição de 1789 e a 2ª de 1813 da obra de Moraes.

O que nos levou a proceder a tal análise, foram duas afirmativas que julgamos importantes: a primeira de Menendez Pidal -renomado linguísta espanhol-, e a segunda do próprio Moraes.

Menendez Pidal afirma:

"... o dicionário, fotografia instantânea, no mesmo dia em que acaba de ser impresso, começa a ficar antiquado, mas levará sempre consigo, nas explicações do passado e na exata descrição do presente, a razão de ser das inovações futuras." (44)

Entre a 1ª e a 2ª edição do Moraes, há apenas uma distância de 24 anos de publicação, tempo para que o seu autor procedesse a inúmeras inovações, alterações e acréscimos na 2ª edição, não se desfazendo, entretanto, do que já continha a 1ª edição ("explicações do passado e exata descrição do presente").

E a segunda afirmativa, de Moraes, que diz no frontespício da 2ª edição:

"Dicionário da Língua Portuguesa-Recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado por Antônio de Moraes Silva".

Teria Moraes realmente emendado e acrescentado o seu dicionário, edição de 1813? A 1ª edição teria servido de base para as "inovações futuras", como afirma Pidal?

Fizemo-nos as perguntas e fomos buscar as respostas. Dos mil verbetes selecionados na 2ª edição e escolhidos aleatoriamente, procedemos ao confronto com a 1ª edição e obtivemos o seguinte resultado: 452 sofreram alteração de uma edição para outra e 548 permaneceram idênticos nas duas edições. Em um espaço pequeno de tempo, julgamos ser grande a porcentagem de alteração: 45,2%. Constatamos dez tipos de alterações, umas mais, outras menos significativas, mas que não deixaram de merecer a nossa atenção:

1. Acréscimo de novos significados.

Muitos foram os verbetes que tiveram acrescidos, na 2ª edição, outros significados, ao lado dos já existentes na 1ª edição. Este tipo de alteração evidencia o cuidado de Moraes e sua aguda visão de lexicógrafo, ao perceber novos valores polissêmicos das palavras e registrá-los na 2ª edição de seu Dicionário. A colocação dos verbetes, lado a lado, nos mostra claramente os acréscimos feitos por Moraes.

Edição 1789

ADEVINHAR, v. at. saber, e predizer o futuro; conhecer a coisa occulta por arte, ou inspiração divina, ou por sagacidade, prudência, e experiência do passado applicada a coisas connexas com o futuro. § *Adivinhar o mau anno*, presentir o mal futuro, e doer-se delle anticipadamente. *Autograf.* 115. § *Adivinhar o coração algum successo a alguém*, ter presentimento, e antevidencia delle. § *Soltar o enigma*, ou questão difficil.

Edição 1813

ADIVINHAR, v. at. Saber, e predizer o futuro por modo, e meyo sobrenaturaes. *Eufr.* 3. 2. — pelo *Y Pitagorico*. §. Conjecturar por indicios, sinaes; predizer, e prognosticar; diz-se dos homens; e fig. dos animaes. *estas aves adivinhão chuva*. §. Ter um presentimento, ou lembrança de coisa futura: *parece que adivinhava a morte, estes trabalhos*. V. *Palmeir.* 2. c. 163. *Bernard. Lima*, *Egl.* 12. §. Decifrar, — o enigma. *Vieira*. *Eufr.* 4. 6. §. — *alg. coisa a alguém*: predizer-lha, prognosticar-lha. *Veiga, Laura*, *Ecl.* 1. §. *Adivinhar o coração, o espirito*: ter presentimento. *Lus.* 6. 55: *o peito me adivinha*. *Maus. Afr.* 4. 54. §. — a vontade, os pensamentos a alguém; espreitar-lhos, e anticipar-se a satisfazer-lhos, e a contentá-lo. *Feo; Ceita*; e *Vieira*, 2. n. 236. §. *Falar a adivinhar*; i. é, a acerrar, não estando certo do que se diz! *Paiva*, 3. 58. *Y.* §. Adivinha quem te deu; frase tirada da *Cabracega*, com que indicamos, que não é possível saber quem fez alguma coisa.

Edição 1789

ALÇAR, v. at. levantar, erguer, erigir v. g. ,, muro, arcos, colossos, e f. as asas. *Lus. Transf.* alçar os olhos, &c. § — *se com seu edificio*, levanta-lo, *Ord.* § Levantar-se, rebellat-se, *Lavanha*. § *Alçar algum a honras*, elevar *H. P.* § *Alçar a folha na Impressão*, ajunta-la em cadernos depois de impressa, e seca. § *Alçar-se algum com a fazenda alheia*, quebrar, fallir, e talvez mudar de terra, para não ser demandado. — § Destazer v. g. ,, alçar agravos. *Chron. de Pedro 1.*

Edição 1813

ALÇAR, v. at. (do Francez ant. *bauli*, *baulisser*, hoje *hausser*: aindaque *Duarte Nunes* diga, nas *Orig. da Ling.* que é nativa Portugueza) Levantar, erguer, erigir : v. g. — muro, arcos, colossos : e fig. as asas. *Lus. Transf.* Alçar os olhos, a voz, grito, a mão: alçar as velas para navegar; frase usual, principalmente quando se navegava por singradoras. §. *Alçar muros, edificios.* §. *Alçar a fama*, celebrando, cantando. §. *Alçar o pensamento aos ceos*: — o canuco *bumilde* a tão sublime assunto. §. *Alçar-se com seu edificio*; levanta-lo. *Ord.* § Levantar-se, rebellarse. *Lavanha*. §. *Alçar alguém a honras*; elevar. *H. P.* v. g. alçar o almocadem a adail. §. *Alçar mão de alguma coisa*; levantar mão della, descontinuar o que se fazia. §. *Alçar o degredo*; quebrá-lo, não continuar a compri-lo. §. *Alçar armas*; não as exercer mais. *Paiva*. §. *Alçar o conto*; devassá-lo, não guardar o privilegio do conto, contada, &c. §. *Alçar-se da demanda*; desistir della. §. *Alçar a folha na Impressão*; ajuntá-la em cadernos depois de impressa e seca. §. *Alçar-se algum com a fazenda alheia*: quebrar, fallir, e talvez mudar de terra, para não ser demandado. §. *Alçar-se em seu coração*: ensubêrber-se. §. *Sublevar-se, rebellarse.* *Resende, Mi-elli.* os Mouros se alçarão contra os Christãos: pelearão §. *Alçar-se a alguém*: levantar-se em pé, por cortesia. *Lopes, Chron. J. I. P. 1. c. 14.* §. Destazer : v. g. alçar agravos. *Cron. de D. Pedro 1.* *Alçar forças*: restituir o esbulhado. *Ord. Af.*

BESTA, s. f. arma d'atirar setas, pellosos, consta de arco, corda, a qual se traz ao desparador que está no meio do pão em cuja extremidade está o arco, e solta ella despara o tiro com violencia. § *Da besta de bodoque* sahe pelouro de barro.

BESTA, s. f. Arma d'atirar setas, pellosos; consta de arco, corda, a qual se traz ao desparador, que está no meio do pão, em cuja extremidade está o arco, e solta ella despara o tiro com violencia. As bestas são de torno, que armavão com mais força, e fazião tiros mais longes: ou de garrucha, que se armão com garrucha, e são mais caras; ou de polé e roldana, que se armavão com sua folga, e polé, e estas são as mais ordinarias, que são obrigados a ter os *Besteiros do conto*, que tinham menos fazenda que os de garrucha. os que houverem combia (bens que valhão) de 17. marcos, teerão beestas de garrucha, e armas; e os que tiverem 12. marcos, teerão beesta de polé; e os que tiverem menos desto, teerão lança, e dardo. *V. Ord. Af. 1. 71. c. 1. Incd. 2. pag. 431.* donde se vê, que os lanceiros não são besteiros de conto, mas coisas diversas. §. *Besta de bodoque*: arco com duas cordas parallelas, e no meyo dellas uma rede, onde se segura com os dedos o bodoque, ou pelouro de barro para se atirar; tem empalmeira no arco. §. *Ferros de besta.* *Ord. Af. 1. f. 115.* nenhum preso traga ferros de besta, que se feixem, e desfeixem com chave. §. *Fechadura de besta*; como cadeyado, embude. *Civ. Ord. 1. 22. §. 2. Filipina, L. 1. T. 33.*

Edição 1789

CAMARA, s. f. alcova de dormir. § O corpo do Senado. § A casa onde elle se ajunta. § Casa de expediente, e officiaes de despacho dos

Bispos, e da Sé Apostolica. § A parte do canhão, da espingarda, moiteiro, no fundo, onde se ataca a polvora. *Cron. J. 3. 4. p. c. 29.* § Peça pequena de ferro, que se dispara por festa, assentando-se no chão sem reparo, sobre a culatra, perpendicularmente. § *Camara cerrada*: quantia incerta que o marido promete á mulher de arras. § *Camaras*, curso, evacuação do ventre. § *Camara*, grilhão, parece ser engano do *Bluteau* citando a *Dec. 4. de Barros* p. 750., e cuido ser *Camara d'artilharia*, atada para prender com seu peso, ou para dar fundo, ao que se lança ao mar, como no lugar, que cita dos *Comment. de Albuquerque* p. 27., e em *Castan.* 3. f. 61.

Edição 1813

CAMARA, s. f. Alcova de dormir. § O corpo do Senado. § A casa onde elle se ajunta. § Casa de expediente, e officiaes de despacho dos Bispos, e da Sé Apostolica. § A parte do canhão, da espingarda, moiteiro, no fundo, onde se ataca a polvora. *Cron. J. III. P. 4. c. 29.* § Peça pequena de ferro, que se dispara por festa, assentando-se no chão sem reparo, sobre a culatra, perpendicularmente. § *Camara cerrada*: quantia incerta que o marido promete á mulher de arras, ou talvez todo o necessario para adorno da Camera de uma Senhora, sentido que parece conforme á *Lei de 9. de Fev. 1643.* *Couto*, 5. 5. 7. diz *recamara de ouro, prata, arreyos*, que os Genizaros roubarão a Alucan. § "Cidade que foi *Camera da Ramba Sabá.*" *Barros*, 3. 4. 1. id. 3. 4. 2. a *camara em que ella (Sabá) tinha seus theouros era hum lugar chamado Acaxuma.* § *Camaras*: curso, evacuação do ventre. § *Camara*: grilhão, parece ser engano do *Bluteau* citando a *Dec. 4. de Barros*, p. 750. e cuido ser *camara d'artilharia*, atada para prender com seu peso, ou para dar fundo, ao que se lança ao mar, como no lugar, que cita dos *Comment. de Albuquerque* p. 27. e em *Cast.* 3. f. 61. § *Carta de Camara*: licença Regia para citar

Grandes do Reino, quando estavam fóra da Corte, feita pelos Escrivães da Camara delRei. *Ined. III. 381*

DEFENSOR, s. m. — ora, 1. pessoa, que defende com obras, ou palavras.

DEFENSOR, s. m. — ora, 1. Pessoa, que defende com obras, ou palavras. § *Defensores* chama a *Orden. Afons.* (L. 1. T. 63. pr.) os que militando defendem o Estado, como aos Lavradores mantedores delle, e aos Sacerdotes Oradores.

EMBARGO, s. m. estorvo á passada, tomando a porta, aberta. *Cron. J. 1. p. 1. c. 115.* § Impedimento, ou suspensão da execução de alguma sentença; do uso livre de alguns bens. § As razões, com que se requer o embargo v. g. "veio com embargos", § Razões em contrario do coisa, que passava por averiguada, e verdadeira; ou estava resolvida. *Lobo.* § *Desistir dos embargos*, não os proseguir nem sustentar; receber os embargos o juiz, avê-los por dignos de attenção, e de se admitir a sua sustentação, ou prova. § *Sem embargo de*: não obstando.

EMBARGO, s. m. Estorvo á passada, tomando a porta, aberta. *Cron. J. I. P. 1. c. 115.* § *Embargo dos membros*; impedimento, tolhimento. § Empacho, o que impede fazer alguma acção. *Ord. Af. 3. f. 99.* § *Embargo de doença.* *Cit. Ord. f. 133. prime.* § Impedimento, ou suspensão da execução de alguma sentença; do uso livre de alguns bens. § As razões, com que se requer o embargo: v. g. "veio com embargos:" i. é, allegações de factos, ou direitos, que devem obstar á execução da Sentença, Mandado, Provisão de Tribunal, &c. os quaes se oppõem, allegão, recebem, admittem, impugnão contrarião, sustentão, &c. Os de terceiro; que oppõem um que não é autor, nem réo na causa, mas, lesado por coisa sua, ou direito, que vem a disputa, ou em que se faz execução. § fig. Razões em contrario de coisa, que passava por averiguada, e verdadeira; ou estava resolvida. *Lobo.* § *Desistir dos embargos*; não os proseguir, nem sustentar. *Receber os embargos o Juiz*; havê-los por dignos de attenção, e de se discutir a sua materia, com suspensão da sentença, a que são oppostos, ou sem suspensão. § *Sem embargo de*: não obstando.

Edição 1789

— **FACTURA**, s. f. o acto de fazer, fazimento. *Alvará de 24 de Janeiro de 1764.*

JUDICIAL, adj. que pertence a juízo, foro, contestação, ou demanda, e defesa. § *Genero judicial*, na Rhet. o que trata da demanda, e defesa civil, ou criminal.

— **MAGRO**, adj. não gordo. § De poucas carnes.

— **NADAR**, v. m. Soster-se sobre as aguas do mar, ou rio, dando com os braços, ou pés, ou por ser o corpo mais leve, que o volume d'agua, que houvera de fazer-lhe lugar. § f. *Nadar a praça em sangue*, estar alagada delle; os olhos do bebado nadão em vinho; os do sonolento em sono; „ do moribundo, os frios olhos já nadando em morte. *Naufr. de Sepulv. f. 87. v. § Nadar em delicias, prazeres*, gozar de muitas delicias, &c. § *Aquella mãe em cujos olhos amorosos nadarão sempre meus desgostos.* *Arraes t. 4. i. e. forão mui chorados. § Nadão em ouro os cabellos*, i. e. são mui loiros. *Ulissea f. 26. § Nadar em pasmos*, ficar mui maravilhado de coisas sobreexcellentes. *Protes Auto dos dois Irmãos no Prologo. § Nadar o cavallo a seco*, fazê-lo passear atada a mão doente por humia corda á cernelha, para que a não assente no chão. § *Nadar contra a veia d'agua*, porfiar debalde. § *Nadar sem bexigas*, reger-se por si sem conselho, nem adjutorio de mestres, aios, conselheiros. § *Nadar, nadar, e ir morrer á beira*, dizemos de quem lutou por evitar algum dano, mas por fim não lhe escapa, quando estava para o evitar.

Edição 1813

FACTURA, s. f. O acto de fazer, fazimento. *Alvará de 24 de Janeiro de 1764. §. Rol de mercadorias, e effeitos, que se remetteem os*

negociantes com os preços; t. pica. usual no Commercio.

JUDICIAL, adj. Que pertence a juízo, foro, contestação, ou demanda, e defesa. §. *Genero judicial*, na Rhet. o que trata da demanda, e defesa civil, ou criminal. §. “*Fazer as Testemunhas, ou inquirições judiciaes*.” reperguntar as que forão inquiridas sem citação da parte nas devassas, ou requerer o réo para assinar termo de judicias, dando-se por sciente de haverem sido inquiridas contra elle, para poder pôr-lhe as contraditas, que tiver, nos casos crimes *Ord. Af. 5. 57. §. 2. e 3.* “e as inquirições principais devassamente tiradas fossem feitas judiciaes.” *V. Devassamente. §. Carta de segurança judicial*; de seguro para se defender solto o réo. *Ord. Af. 5. 57. 3.*

MAGNO, adj. Não gordo. §. De poucas carnes. §. De pouco rendimento. “*magro beneficio*” *Resende. Vida, c. 13.*

NADAR, v. n. Soster-se sobre as aguas do mar, ou rio, dando com os braços, ou pés, ou por ser o corpo mais leve, que o volume d'agua, que houvera de fazer-lhe lugar. §. fig. *Nadar a Praça em sangue*; estar alagada delle: os olhos do bebado nadão em vinho; os do sonolento em sono. Do moribundo: os frios olhos já nadando em morte. *Naufr. de Sepulv. f. 87. v. §. Nadar em delicias, prazeres*: gozar de muitas delicias, &c. §. *Aquella mãe, em cujos olhos amorosos nadarão sempre meus desgostos*: i. é, forão mui chorados. *Arraes, t. 4. §. Nadão em ouro os cabellos*; i. é, são mui loiros. *Uliis, V. 26. §. Nadar em pasmos*: ficar mui maravilhado de coisas sobreexcellentes. *Protes, Auto dos Dois Irmãos, Prol. §. Nadar o cavallo a seco*, fazê-lo passear atada a mão doente por uma corda á cernelha, para que a não assente no chão. §. *Nadar contra a veia d'agua*, fig. porfiar de balde. §. *Nadar sem bexi-*

gas: reger-se por si sem conselho, nem adjutorio de mestres, aios, conselheiros. §. *Nadar, nadar, e ir morrer á beira*, dizemos de quem lutou por evitar algum dano, mas por fim não lhe escapa, quando estava para o evitar. §. *Nadar o navio*; estar em agua que o sostenha, e não envasado, ou encalhado. *B. 3. 3. 2.* “primeiro que nadassem:” por causa da maré que era vazia. §. *Nadar no ar*, n. soster-se na atmosfera o corpo mais leve que o ar, como as bolhas de sabão, os argueiros, &c.

— **NEGAR**, v. at. dizer que não. § Não conceder, recusar v. g. „ negar a merce, negar a-gravo. § Negar a pés juntos, i. e. porfiosamente. *Eufr.* 3. 2. § Negar a Deus, a patria, os amigos, dizer que os não conhece, e faltar ao que se lhes deve. § Negar-se por fugir, evitar, se me convidão não me nego. § Mandar dizer que não está em casa. § Negar-se a si mesmo. *Arraes*, „ Negaremos a nós mesmos, se renunciarmos a nossa própria vontade, e não nos deixarmos levar dos avessos da concupiscencia do mundo. *Dial.* 7. § Não me nego dos seus, i. e. que sou dos seus. *Eufr.* 2. 7. § Negar-se a si por outrem, preferir outrem, e seus commodos, a si proprio. *Eufr.* 1. 3.

— **OBSERVANCIA**, s. f. o acto de observar as leis, ordens, decretos, regra, instituto, &c. em observancia das Reaes Ordens.

— **PADEJAR**, v. at. revolver com a pá v. g. „ padejar trigo.

— **PAIRAR**, v. n. naut. parar no mar, estar á capa, não surdir. „ *Castan.* L. 1. c. 59. col. 1. „ não podendo pairar, andavão ás voltas. *Albug.* 4. p. c. 2. § it. Não passar de certa altura fazendo bordos nella, com ventos escassos. *Eufr.* 2. 5: ou em tormenta, e talvez a arvore seca. *F. Mendes* cap. 62. § v. at. Sotter, sofrer v. g. „ pairar a tormenta sobre a amarra. § Pairar alguém, sofrer as suas paixões, iras, enfados. *Eufr.* 1. 5. *Prov. da Ded. Chron.* f. 13. col. 2. § Pairar o tempo em algum negocio, demorar o tratá-lo, ou concluí-lo para humma boa occasião, que o decurso do tempo haja de offerecer. *Eufr.* 2. 7. haveis de ser sagáz como Fábulo Romano contra Anibal, pairar-lhe o tempo, e esperar-lho. § Resistir á suberba . . . pairar o amor furioso do filbo „ *Sagramor* 1. c. 24. § *Barros D.* 1. L. 5. c. 2. „ andar pairando em algum negocio „ não vir á conclusão, delongá-lo, metter tempo.

NEGAR, v. at. Dizer que não. §. Não conceder, recusar: v. g. negar a mercê, negar a-gravo. §. Negar a pés juntos; i. é, porfiosamente. *Eufr.* 3. 2. §. Negar a Deus, a patria, os amigos; dizer que os não conhece, e faltar ao que se lhes deve. §. Negar o pai, ou o sangue do pai; fazendo coisa que deshonra; v. g. casando mal. *Ferr.* 4. 5. “filho que nega o sangue do pai.” *Eufr.* 5. 6. “nunca houve filha, que por satisfazer a seu amigo, não negue com pais.” §. Negar alguém; dizer-lhe, ou dizer a outrem, ou fingir, que o não conhece. *Ferr.* Cioso; 4. 6. “nega-o, como se elle hoje negava.” §. Negar-se: dizer alguém de si, que elle não é quem nomeyão, ou buscação. *Idem*, 5. 4. entobri-me agora, ou neguei-me, porque me temi de hum certo negocio de Gínoa. §. Negar-se: fugir, evitar. “se me convidão, não me nego.” §. Mandar dizer, que não está em casa. §. Negar-se a si mesmo. “Negaremos a nós mesmos, se renunciarmos a nossa própria vontade, e não nos deixarmos levar dos avessos da concupiscencia do mundo.” *Arraes*, 7. 10. e 4. 13. render-lhe a liberdade, e negar-me a mim mesmo. §. Não me nego dos seus i. é, que sou dos seus. *Eufr.* 2. 7. §. Negar-se a si por outrem, preferir outrem, e seus commodos, a si proprio. *Eufr.* 1. 3.

OBSERVANCIA, s. f. O acto de observar as Leis, Ordens, Decretos, Regra, Instituto, &c. em observancia das Reaes Ordens. §. Reverencia, e guarda dos respeitoos devidos. “devaçam, e observancia na Sé Apostolica.” *Ined.* 111. 66.

PADEJAR, v. at. Revolver com a pá: v. g. padejar trigo. §. Fazer trabalho, e officio de padeiro. *Leão*, *Orig.* f. 100. “padejar, fazer pão; alimpar o trigo.”

PAIRAR, v. n. t. de Naut. Parar no mar, estar á capa, não surdir. *Cint.* L. 1. c. 59. col. 1. não podendo pairar, andavão ás voltas. *Albug.* P. 4. c. 2. com provisão para pairar toda calmaria. §. no fig. Sotter trabalhos. *Ulis.* 5. sc. 2. andar irresoluto. “pairando entre a Lei de Deus de humma parte, e a sua honra da outra.” *Fco.* *Trat.* 2. f. 32. col. 1. §. it. Não passar de certa altura, fazendo bordos nella, com ventos escassos: *Eufr.* 2. 5. ou em tormenta, e talvez a arvore seca. *F. Mendes*, c. 62. §. v. at. Sotter, sofrer: v. g. pairar a tormenta sobre a amarra. §. Pairar a tormenta; resistir-lhe, aturar. *Lavanha*, *Naufr. da Ndo S. Alberto.* f. 15. §. Cruzar, bordejar em certa altura, esperando outro navio. *Freire*, 1. pag. 17. *Ed. de Paris.* Sabio a comboyar as ndos, que . . . se esperavão da India, e pairando na altura do seu regimento, houve vista de hum Corsario Francez. §. fig. Pairar alguém, sofrer as suas paixões, iras, enfados, aturá-lo até que mudem as circum-

stancias do seu máo termo com nosco, e nos melhoaremos, como navio, que paira até melhorar o vento e assim pairar com alguém; por não quebrar com elle. *Costo*, 5. 6. 5. *Reis*, com quem ia pairando por necessidade. *Eufr.* 1. 5. *Prov. da Ded. Chron.* f. 13. col. 2. §. Pairar o tempo em algum negocio; demorar o tratá-lo, ou concluí-lo para uma boa occasião, que o decurso do tempo haja de offerecer. *Eufr.* 2. 7. *havéis de ser sagaz como Fabio o Romano contra Anibal*, pairar-lhe o tempo, e esperar-lho. §. Resistir á suberba . . . pairar o amor furioso do filho. *Sagramor*, 1. c. 24. B. 1. 5. 2. §. Andar pairando em algum negocio; não vir á conclusão, delongá-lo, metter tempo. §. el-Rei desappareado de Malaca andou pairando (per ali derredor), e soffrendo grandes trabalhos naquellas matos. B. 2. 6. 6.

—QUEDA, s. f. o acto de cahir. § A declinação, ou pendor, que vai tendo o monte, e perdendo do lançamento ingreme. *Fern. Mendes.* § Ter queda para poeta, pintor, &c. i. e. ter geito, propensão. § Decadencia, ou ruína, offerece aos adúlteros a queda da castidade. *Flos Sant.* pag. LXXX. col. 2. *Arraes* 3. 19. „ houve mudança, perda, e queda nas outras. § Dar queda f. pallar da prosperidade á desgraça.

QUÊDA, s. f. O acto de cahir. § A declinação, ou pendor, que vai tendo o monte, e perdendo do lançamento ingreme. *Fern. Mendes.* §. Ter queda para poeta, pintor, &c.; i. é, ter geito, propensão. §. Decadencia, ou ruína „ offerece aos adúlteros a queda da castidade. *Flos Sanct.* p. LXXX. col. 2. *Arraes*, 3. 19. houve mudança, perda, e queda nas outras. §. Dar queda fig. passar da prosperidade á desgraça. *Queda d'estado.* *Leão*, *Cron. Af.* 5. 2. f. 181. *Ined.* 1. f. 318. e 2. f. 46. a queda do Duque de Bragança. §. Salto de rio que cahi d'alto abaixo „ o rio tinha hum queda. *Lobo Desengan.* p. 2. disc. 6. V. Quebrada.

—SACADA, s. f. na Arquit. toda a obra que fica relevada, e resaltada do nivel; daquella onde está, daqui janellas de sacada, as que se apoião sobre pedra, ou madeira que nasce da parede: *V. do Arch.* „ hum bocel, que faz sacada sobre as guarnições inferiores. „ § a Sacada do telhado, a aba delle, as telhas que correm fóra da parede. § no Manejo, soffreada. *Galvão.* § Metter garfos de sacada, na Vinhateria, he cortar a vide, como quem dá o primeiro talho á penna, que vai aparar, e feito o mesmo ao garfo que se ha de encherter, unillos, e atallos.

SACADA, s. f. na Arquit. Toda a obra que fica relevada, e resaltada do nivel; daquella onde está, daqui janellas de sacada, as que se apoião sobre pedra, ou madeira que nasce da parede. *V. do Arch.* „ hum bocel, que faz sacadas sobre as guarnições inferiores. „ §. A sacada do telhado, a aba delle, as telhas que correm fóra da parede. §. no Manejo, soffreada. *Galvão.* §. Metter garfos de sacada, na Vinhateria, he cortar a vide, como quem dá o primeiro talho á penna, que vai aparar, e feito o mesmo ao garfo que se ha de encherter, unillos, e atallos. §. Tirada, levada, exportação, saca. *Ined.* III. 505. §. Imposto, tributo, talha. „ lançar finta, e sacada. „ donde vem *Sacador*. §. Imposto sobre as exportações.

TALHAR, v. at. cortar „ e lhes talhou as cabeças. *Hist. de Isea* f. 12. § Dar talho, fender. § Talhar hum vestido, cortalo á feição do corpo de seu dono, e fig. talhar hum coisa por outra, fazela á imitação. § f. Talhar em cortezias, despezas, &c. cortar, arbitrar; ou distribuir. *M. Lus.* § Fazer officio de cortador nos talhos dos açougues. *Diário de Ourém* f. 591.

TALHAR, v. at. Cortar. „ e lhes talhou as cabeças. *Hist. de Isea*, f. 12. „ se o matar, laidar, ou talhar membro. *Ord. Af.* 5. p. 193 §. 17. e L. 2. f. 12 talhar orelhas. §. Dar talho, fender. §. Talhar hum vestido, cortalo á feição do corpo de seu dono: e fig. talhar hum coisa por outra, fazela á imitação. §. fig. Talhar em cortezias, despezas, &c. cortar, arbitrar; ou distribuir: aquinhoar a quantia que se ha de pagar; v. g. talhar soldada, neste sentido dicerão „ os

Edição 1789

— VACA, f. f. a temca do boi, em idade perfeita de parir. § *Vaca forra, na Asia, i. e. vadio, ocioso.*

Edição 1813

cativos se talharão, ou certarão em tanto, pelo seu resgate." *Ord. Af. 3. f. 133.* "soldadas, que os mancebos talhão com seus amos," talhar a empreitada d'os officiaes; ajustala. *Ined. Tom. III. f. 424.* *M. Lus. 5.* Fazer officio de cortador nos talhos dos açougues. *Diario de Ourem, f. 591.*

VACA, s. f. A temca do boi, em idade perfeita de parir; entre vacas se trazem os touros bravos, para virem onde queremos, e a isto parece alludir *Cam. Redond. f. 152. ult. Ed.* "Escudeiro de Solia, com bocaes de fidalguia, trazido quasi com vacas." (como os touros.) Vaca de chocalho, a que faz guia aos touros conduzidos, bravos, e esquivos: fig. a mulher que a-meiga, e tras outras esquivas ainda, ariscas, e novéis á conversação amorosa, e perigosa, fr. do estil. famil. §. *Vaca forra, na Asia, o vadio, ocioso.* §. Um jogo defeso na *Ord. Af. 5. 41. 11.*

A extensão dos verbetes na edição de 1813, já nos mostra o acréscimo de novos dados feito por Moraes.

2. Complementação da definição da entrada e das sub-entradas.

Onde Moraes percebeu a necessidade de completar com um dado a mais a definição do verbete, ele o fez; assim uma só palavra ou, às vezes, uma frase, constituem elementos importantes, tornando a definição mais precisa e clara.

Este tipo de alteração na 2ª edição difere do tipo seguinte, 3., pois tem por finalidade principal completar a definição e não redefini-la; a complementação de dados de monstra o aperfeiçoamento que Moraes quis dar à sua 2ª edição.

— BALAIO, f. m. especie de cesta de palhinha de que usão as faloias; outros ha que vem do Brasil, matizados de cores.

PALÁIO, s. m. Especie de cesta de palhinha, de que usão as saloyas; outros há que vem do Brasil, matizados de cores, de palha mais grossa, para varios usos. *Leão, Orig. t. 5.* "alquicé, filele, balalo."

— DEMOCRACIA, f. f. forma do Governo na qual o Summo Imperio, ou os Direitos Majestaticos residem actualmente no povo.

— DEMOCRACIA, s. f. Forma de Governo, na qual o Summo Imperio, ou os Direitos Majestaticos residem actualmente no Povo, e são por elle exercidos.

Edição 1789

—GALE', s. f. embarcação debaixo bordo, que anda a vela, e remos, com 15 até trinta remos por banda a cada hum dos quaes corresponde hum banco com 4 ou 5 remeiros, que são os galeotes, ou forçados das galés, leva hum canhão grande chamado de cuxia, e outros poucos menores. § *Condenar a galés*, i. e. ao serviço de remar nellas; hoje que não ha galés, he commutado em serviço de obras publicas. § t. d'Impreffor; peça de taboa em que o compositor mette as letras distribuidas em regras antes de dividir as paginas na rama de ferro.

—IMAGINAÇÃO, s. f. potencia, com que a alma representa na fantasia algum objecto: imaginação viva, essa potencia de conceber, ou perceber, e representar os objectos bem, e vivamente. § Objectos imaginados, ou imaginarios.

—LARANJA, s. f. fruta d'arvore de espinho com casca de cor amarella, e gomos dentro.

—SABIO, adj. que tem sabedoria, doutrina. § Prudenc. *Arrais* 5. 19.

—TALHADEIRA, s. f. instrumento de talhar, cortar fender, de varias grandezas, e para varios usos.

—VAREJO, s. m. a acção de varejar azeitonas, de varejar com artelharia, e tiros. § O varejamento dos varejadores, aquillo que rende o varejamento „*fez-lhe el-Rei merce dos varejos de Lisboa* „ *Leão Cron. Af. 5. fol. pag. 13. § f. Correção*, reprehensão aspera.

Edição 1813

GALE, s. f. Embarcação de baixo bordo, que anda a vela, e remos, com 15. até 30. remos por banda, a cada um dos quaes corresponde um banco com 4. ou 5. remeiros, que são os galeotes, ou forçados das galéz; leva um canhão grande chamado de cuxia, e outros poucos menores. “*galez* Reaes, bastardas (V. *Bastardo* s.) e sotis.” *Castanh. 8. f. 269. §. Condenar a galez*; i. e., ao serviço de remar nellas; hoje que não ha galéz, é commutado em serviço de obras publicas, mas differente da *calceta*, que não irroga infamia, como as galéz. §. t. de Impressor: Peça de taboa, em que o compositor mette as letras, distribuidas em regras, antes de dividir as paginas na rama de ferro.

IMAGINAÇÃO, s. f. Potencia, com que a alma representa na fantasia algum objecto real, ou que ella forma, ajuntando partes heterogeneas, e de outras coisas: v. g. Se um Pintor a cabeça humana unisse pescoço de cavallo, azas, e pernas &c. faria um ente de *imaginação*. §. *Imaginação viva*; essa potencia de conceber, ou perceber, e representar os objectos bem, e vivamente. §. Objectos imaginados, ou imaginarios.

“LARANJA”, s. f. Fruta d'arvore de espinho com casca de cor amarella, e gomos dentro: ha laranjas *doças*, ou da *China*; *azedas*; *Tangerinas*, com embigo em baixo; *silectas*, ou sem *carozo*, mui doças: a *Tangerina doce* no Rio de Janeiro é diversa da *Tangerina* d'outras Colonias, e de sabor mui delicado. §. *Moya* — : peso das pendulas dos relógios de parede. *Mechan. de Maric.*

SABIO, adj. Que tem sabedoria, doutrina. §. Que conhece bem o bom, e o mal, e quer o bem, e o segue; e evita o mal; que segue o caminho da verdade, e da virtude; o homem prudente, e bom. *Arrais*, 5. 19.

TALHADEIRA, s. f. Instrumento de talhar, cortar fender; de varias grandezas, e para varios usos, e cunha de ferro com gume.

VAREJO, s. m. A acção de varejar azeitonas, de varejar com artelharia, e tiros “dando hum varejo de lançadas aos que ficarão na Cidade.” *B. 2. 6. 6. §. O varejamento dos varejadores*; aquillo que rende o varejamento “*fez-lhe el-Rei merce dos varejos de Lisboa.*” *Leão, Cron. Af. 5. f. p. 13. talvez o varejo era ou a siza, que se*

Edição 1789

Edição 1813

paga das varas da fazenda; ou imposição em lugar della; ou por evitar os varejos, e exames que se fazião nas loges dos pannos, para ver se conformavão com os despachos, ou houve descaminhados; ou a pena que pagavão aquelles, que nos varejos erão achados em fraude do Lealdamento. V. *Alcaldar*, e *Alealdamento*. Ined. l. f. 237. "os varejos de 7 annos, a que os mercadores de Lisboa erão obrigados." §. *Dar varejo nos mantimentos*, averiguar os que ha, para ver se abastão. *Andrade*, *Cron. P. 2. c. 66.* e talvez a porção que por avença pagassem os mercadores a titulo de varejo, por evitar o oppressivo metodo, e exame da verdade, e pureza dos seus *alealdamentos* "ia dar varejo ás caixas que levavão nos gasalhados" (examinar se são de mais.) *Cron. J. III. P. 3. c. 70. e P. 4. c. 87.* "mandou dar varejo áquella torre, cuidando achar nella o tesouro del-Rei" dar busca; dar varejo nas loges buscando contrabandos, ou fazendas descaminhadas, ou tiradas por alto, e não lealdadas. §. fig. Correção, reprehensão aspera.

ZUMBAIA, s. f. cortezia profunda cos braços cruzados.

ZUMBÁIA, s. f. Cortezia profunda cos braços cruzados. B. 2. §. 2. *galma*, ou *gumbaia*: entre os Malayos, a qual cortezia he abaixar a cabeça até os geolhos, e a mão direita no chão, e isto tres vezes antes que cheguem ao Senhor, e chegando a elle mettem-lhe a cabeça entre as mãos, em sinal de que lha offerecem. *Barros*, cit.

Em alguns verbetes como LARÂNJA, VARÊJO e ZUMBAIA, Moraes completou a definição com dados enciclopédicos.

3. Redefinição de verbetes.

Alguns verbetes sofreram uma total alteração na sua redação, na edição de 1813; é o caso de VASSÁLO, onde a definição sofreu grande modificação. Abonando este verbete Moraes citou inúmeros exemplos de escritores portugueses e forneceu também informações sobre os vassallos portugueses.

Nos demais verbetes que relacionamos, as alterações são menores, mas sempre têm em vista fornecer a melhor definição possível.

JACA, s. f. fruta Asiat. e Brás. na Asia se chama *durião*; he como hum grande abobora coberta de hum casca, que parece como lixa vista por microscopio, e dentro hum massa branca fibrosa, entre a qual como gomos está a parte que se come, e he mui doce; o fruto pendente do tronco, e ramos por seu pé, e dá desde quasi o pé da arvore. *Barros* 3. D. f. 125. v. 6 *Bolca*. B. P. e *Cardoso* ... *levo a iaca*

JACA, s. f. Fruta Asiat. e Brasil. na Asia se chama *durião*; é como hum grande abobora coberta de hum casca, que parece como lixa mui grossa, e dentro hum massa branca ou antes amarella, quasi como *gemma de ovo*, fibrosa, entre a qual como gomos está a parte que se come, e é mui doce; o fruto pendente do tronco, e ramos por seu pé, e dá desde quasi o pé da arvore. *Barros*, 3. D. f. 125. v. 6 *Bolca*. B. P. e *Cardoso* ... *levo a iaca*

Edição 1789

— JAMBO, s. m. fruto como hum ovo, loiro, esbranquiçado, e coroadado por baixo de verde; a casca grossa que tem hum cheiro delicioso como rosas, he a que se come, tem dentro o caroço solto, que he redondo coberto de huma tunica parda, e chocalha dentro do fruto. § Pé de verso Latino, consta de huma syl-laba breve, e outra longa. § Jambo, adj. pé—y. jambico.

— SABOR, s. m. a sensação que excitão no paladar, e lingua, os corpos que a elle se che-gão. § Qualidade do corpo, a qual excita, ou causa sensação á lingua, ou paladar. § f. Gosto, ou sensação agradável de qualquer órgão, ou ainda do que só agrada ao entendimento. *Sá Mir.* „ não a sabor das orelhas, arenga estudada, e branda. „: „ correm as coisas a nosso sa-bor „ i. e. a nosso gosto, conforme aos nossos desejos. *Arraes* 1. 18. vive amigo a teu saber „ *Sá Mir.* § Discreção v. g. „ fallar com sa-bor „ *Barros.* § O prazer que causa a regulari-dade, perfeita, boa symetria v. *Arraes* *Prol.* e *D.* 1. c. 23. „ fallão-se ao sabor das suavida-des. § „ Fallar em sabor „ i. e. gracejando „ *Cron. do Condest.* f. 47. v. col. 2. fr. antiq.

— VADIO, adj. o que não tem officio, em-prego, nem modo de vida, vagamundo, ocioso.

— VASSALLO, s. m. o fujeito, subdito a re-feito do Soberano. § Antigamente os senhores, e grandes tinham vassallos, sobre os quaes go-zavam de certos direitos, e o Senhor Rei D. João 1. os tomou para si aos grandes. *Cron. do Condest.* c. 63. e *Cron. del Rei D. J.* 1. p. 2. c. 73. „ haviam vassallos da 1. classe, e erão os gran-des; da 2. que erão seus fillos; e recebão cer-tas contias, ou maravedis, ditos acontiadados, e nestes fez D. J. 1. a alteração que vem na *Cron.* p. 2. c. 73. os fidalgos da 3. classe erão homens, que tinham certa renda, e erão obrigados a ter cavallo, e armas, segundo o Censo que fez D. Fernando, D. Afonso 5. e el Rei D. Manuel, e destes se entende a Ordenação „ se for vassal-lo, e dahi para cima „ e estes se contrapõe ao peço, e delles começa o primeiro grão de no-breza. v. *Orden. L.* 5. T. 139. e *Severim Not.* *Disc.* 3. § 21.

Edição 1813

JAMBO, s. m. Fruto do Brasil, como um ovo, loiro; esbranquiçado, ou tirante a cor de gemma de oyo; e coroadado por baixo de ver-de; a casca grossa, que tem um cheiro deli-cioso como rosas, é a que se come; tem den-tro o caroço solto, que é redondo coberto de uma tunica parda, e chocalha dentro do fru-to. § Pé de verso Latino; consta de uma syl-laba breve, e outra longa. § Jambo, adj. pé jambo. V. Jambico.

SABOR, s. m. A sensação que excitão no pa-ladar, e lingua, os corpos que a elle se che-gão. § Qualidade do corpo, a qual excita, ou cau-sa sensação agradável de qualquer órgão, ou ain-da do que só agrada ao entendimento. *Sá Mir.* “ não a sabor das orelhas, arenga estudada, e branda. ” correm as coisas a nosso sabor; i. é, a nosso gosto, conforme aos nossos desejos. *Ar-raes*, 1. 18 vive amigo a teu sabor. *Sá Mir.* § Discreção; v. g. fallar com sabor. *Barros.* § O prazer que causa a regularidade, perfeita, boa symetria. V. *Arraes*; *Prol.* e *D.* 1. c. 23. “ fal-lão-se ao sabor das suavidades. ” § Fallar em sa-bor; i. é, gracejando. *Cron. do Condest.* f. 47. v. col. 2. fr. antiq. “ cujas palavias sempre trazião jogo, e sabor. ” graça, e prazer. *Azurara*, c. 25. “ teria mais sabor de fazer esta guerra. ” (por vingar seu irmão.) *B.* 3. 3. 6.

VADIO, adj. O que não tem amo, ou se-nhor com quem viva, nem trato honesto, nego-cio, ou mester, ou officio, emprego, nem mo-do de vida, vagamundo, ocioso. *Ord.* 5. T. 68. § O que não é arraigado na terra, e vive nella de sua industria; v. g. pescando, carregando, e passando gente em barcas. *Ord. Af.* 1. 70. 16. v. *B.* 1. 4. 4.

VASSALLO, s. m. Antigamente os Infantes, Condes, e Ricos homens erão os Vassallos do-Rei, que delle recebião terras, e contias para o servirem por si, e com suas mesnadas, e compa-nhas; os fillos destes Grandes; e Senhores tam-bem erão vassallos, e acontiadados por el-Rei, sen-do-lhes enviada a carta de contia logo, que nas-cião; mas estes acontiadados erão menos gradu-dos que os Vassallos Grandes, ou Mayores. V. *Ord. Af.* 4. T. 26. §. 5. 6. e 8. Havia outros vas-sallos acontiadados por el-Rei, escritos nos seus livros dos Maravidis (menos graduados que os Grandes, e seus fillos) os quaes a certos respeitoos gosavão de foro de fidalgos. *Ord. Af.* 2. T. 45. §. 3. e *L.* 5. T. 59. §. 16. “ recebião appellação (das Vereações e Juizes) nos feitos (d'injurias verbacs) dos vas-sallos, que de Nós houverem contia, e forem es-critos no nosso livro dos Maravidis; cá em esta parte queremos, que os ditos nossos vassallos hajão semelhante privilegio aos Fidalgos; e aquellos, que houverem contia de 500 libras da moeda anti-

ga: " dos aconthiados por el-Rei se formou em 1483 a classe dos *Vassallos das Lanças*, aconthiados em 20500 rs. por anno. Mas antes destes já havia *vassallos não fidalgos*, que por terem contia ou

fazenda grossa erão obrigados a servir a cavallo, e gozavão de privilegio de fidalgos a certos respeito. *Cit. Ord. 5. 59. 16. e T. 87. 5. 3. e Resposta: " dos que som nossos vassallos, e nom som fidalgos "* e esta lei he do Sr. D. João I.; por onde se vê, que os vassallos não fidalgos não os introduzio o Sr. D. Afonso V. (*V. Incd. III. 568. dos vassallos das lanças*) Os Grandes também tinham vassallos. *Ord. Cit. L. 5. T. 119. 5. 2. " todos os nossos vassallos, e do Infante, e dos Condes, e dos Riquos Homens, que de Nós, e de cada hum dos sobreditos hajão contias para nos servirem, tenham cavallo. " e L. 4. T. 26 5. 5. 6. e 8. e L. 5. f. 160. 5. 4. " vassallos d'outros nossos Vassallos Grandes, a que damos estado ... e d'outros vassallos mayores, " onde é notavel (no 5. 8.) que o fidalgo, que senão quizer assentar por *vassallo del-Rei*, ou de Grande perca a honra de fidalguia; donde vêi haver tantos fidalgos de bons foros no serviço particular dos Grandes da Corte, e talvez com foros mais accrescentados, que os dos Senhores a quem servem, que dantes erão chamados *Senhores* dessa gente, ou vassallos cujas contias recetião. (*V. Senhorio, Realengo, e Voz.*) El-Rei D. João I. os tomou para si, pelo perigo, que era haverem vassallos tão poderosos. *V. Cron. do Condestavel, c. 63. a do Sr. D. J. I. por Lopes, P. 2. c. 73.* Finalmente a qualidade de vassallo, que começou por dar-se somente a Grandes, a filhos, netos, e bisnetos de fidalgos de linhagem, (*Cron. do Sr. D. Pedro I. c. 10.*) se diffundiu aos não fidalgos, que por seus bens podião manter cavallo, e erão nullo aconthiados, e destes dizia a Lei *se for vassallo, e d'at para cima, ou se for pião.* (*Servem, Nollie. Duc. 3. 5. 21.*) e ainda que esta denominação como classe privilegiada parece extincta, e convir hoje a todos os naturaes dos Reinos, e Dominios de Portugal, todavia em razão do serviço a cavallo, e do que podem fazer quem os mantêm, temos alguns restos do direito de vassallagem na *Ord. Filip. L. 4. T. 92. 5. 1. " Cavalleiro, Escudeiro, ou de outra semelhante condição, que costume andar a cavallo ... não sendo official mecanico, nem havido por peão. " e no L. 5. T. 138. que é mais favoravel, isentando de penas vis os que tem cavallo de estribaria, posto que peões sejam; e aos mercadores grossos, analogo ao 5. 16. T. 59. do L. 5. da Ord. Af. em quanto gradua com os fidalgos aos que possuem grossas quantias, dispostos para servir a patria.**

Com relação ao verbete SABÔR, acreditamos que tenha havido mais um engano tipográfico do que propriamente uma alteração de definição.

4. Acréscimo de exemplos e expressões.

Abundante é a exemplificação apresentada por Moraes como abonação à definição de verbetes. Em alguns casos Moraes se limitou a acrescentar outros exemplos e expressões ao lado dos já existentes na 1ª edição; outras vezes, onde não havia o exemplo, Moraes o colocou. Neste aspecto Moraes demonstrou mais uma vez o seu conhecimento lexicográfico na elaboração de um bom dicionário de uso da língua, onde os exemplos constituem o segundo aspecto importante na redação de um verbete, depois da definição, segundo os modelos da moderna Lexicografia.

Edição 1789

— ABNEGAR, v. at. renunciar a própria vontade.

— ACREDITAR, v. at. dar credito, crer, v. g. *ninguém acredita o que elle diz.* § Para o mundo poder soffrer, e acreditar melhor a justiça de Deus *Paiva Serm. 1. f. 318. § f. Conciliar, e grangear credito, reputação a alguém, abona-lo, autorisá-lo o termo, com que se houve o acredita, e abona de prudente, e comedido. Lobo Corte D. 4. p. 70. ult. edic. „mas acreditão, quem os manda; e p. 76. „para acreditar o bom nome, e fama de seu Rei. Freire. Castan. 7. c. 83. „abonando o, e acreditando a El Rei de Achem. § — se, cobra credito, boa reputação para com alguém, de alguma boa qualidade. Arraes 2. 18. „acreditar-se com alguém de virtuoso.*

— ALINHAVAR, v. at. lançar, dar alinhavões a costura. § f. famil. Ir pondo em ordem pelo maior algum discurso, ou dispondo o successo do negocio.

Edição 1813

— ABNEGAR, v. at. Renunciar a propria vontade. abnegar-se a si proprio: “quem quizer saber, que causa seja humma pessoa abnegar-se a si mesma, veja como abnega a outra, que lhe fez por onde.” *Pro, Trat. 2. f. 109. §. col. 1. §. Desconhecer, tratar com indifferença, sem amizade. “coisa, que abnegar.” id. 210. §.*

— ACREDITAR, v. at. Dar credito, crer; v. g. *ninguém acredita o que elle diz. §. Para o mundo poder soffrer, e acreditar melhor a justiça de Deos. Paiva, Serm. 1. f. 318. §. f. Conciliar, e grangear credito, reputação a alguém, aboná-lo, autorisá-lo, o termo, com que se houve, o acredita, e abona de prudente, e comedido. Lobo, Corte, D. 4. p. 70. ult. edic. mas acreditão quem os manda: e p. 76. para acreditar o bom nome, e fama de seu Rei. Freire. Castan. 7. c. 83. abonando-o, e acreditando-o a El-Rei de Achem. “quem deu (a elRei) o alvitre (do estangue do anil) parece que o acreditou.” Couto, 10. 10. 6. §. — se; cobrar credito, boa reputação para-com alguém, de alguma boa qualidade. Arraes, 2. 18. “acreditar-se com alguém de virtuoso.”*

— ALINHAVAR, v. at. Lançar, dar alinhavões a costura. §. f. famil. Ir pondo em ordem pelo mayor algum discurso, ou dispondo o successo do negocio. fig. “alinhava o mysterio do altar.” *Centa, Serm. “alinhavando (na casa conegada) o que era necessario, foi fundar outra, fazendo as principais officinas.” “alinhavar quatro, ou seis versos.” D. Franc. Man.*

Edição 1789

—BAXAR, v. n. descer de alto para sitio inferior. *Encicla* 12. 202. §—vasar v. g. „ o rio, a mare. § *Baxar a consulta*, vir com despaço del-Rei. § Descer polo rio, ou costa abaixo, e saltar em terra. *H. N.* 2. 414. esperando cada dia que baxassem aqui os Ingлезes. § Abaixar, abater. *Cam. Canção V.* „ a quem Amor os rayos seus baixou „

—DAR, v. at. passar gratuitamente o dominio do que he nosso a outrem. § Entregar v. g. „ dá essa carta a teu amo. § Produzir v. g. „ a terra da copiosos frutos. § A Universidade deu grandes estudantes. *V. do Arceb.* 1. c. 3. § Prescrever v. g. „ dar regras, ordens, preceitos. § Mostrar v. g. „ dar obediencia a alguem. § Dar nos olhos, ferilos v. g. „ a luz; e talvez deslumbrar. *Vieira* „ a luz deu olhos a huns, a outros deu nos olhos. § Dar com sigo, ou com outrem no chão, atirar, ou cair. *Vieira*. § Dar

em alguem pancadas, golpes, humma bofetada. § Dar sobre o inimigo, acconmette-lo. *Mausinho* f. 128. § Dar com alguem, encontrá-lo, achá-lo, tomá-lo. *Vieira* „ quando a morte der com elle. § Levá-lo v. g. „ deu comigo no Ressio. § Dar de si, dobrar v. g. „ a viga, a trave, ceder; deu de si o alicerce, e abriu a parede. § Ir tocar v. g. „ deu a não na areia, n'hum penedo. § Acertar v. g. „ deu-lhe o tiro pelos peitos. § Dar lição, v. lição. §—a entender, ou em que entender, v. entender. §—em rosto, ou de rosto: dar de mão, a vela, á costa, as mãos, com hum pão, dar a mão, batalha, dar no alvo, dar-se a partido v. os respectivos Substantivos das frases. § Causar v. g. „ dar morte, vida. § Dar ciúmes, pedir ciúmes á mulher. *Carta de guia*. § Dar em que fallar, i. e. motivo á conversação dos censores, ou falladores. § Dar c'o o sitio, achá-lo. *M. L.* § Dar n'hum pensamento, dizemos quando elle nos vem, ou o achamos. *Vieira*. § Dar c'o a porta nos olhos a alguem, não o receber, despedi-lo mal, f. „ dar com a porta nos olhos ás boas inspirações „ *H. Pinto* p. 40. § Dar a alguem Senhoria, Excellencia, trata-lo com estes tratamentos, ou dar como el-Rei faz. § Dar vir a praticar n. v. g. „ deu em despropósitos. § Ir ter v. g. „ esta rua vai dar na praça, ou á praça. § Dar em alguem, accusar, dilatar. § Dar de pedra, e de linhas v. pedra, e linhas. § Dar annos ao estudo, passá-lo no estudo. § Dar-se, applicar-se „ dar-se á filosofia, á lição; as boas artes „ *T. d'Agora* 1. p. 5. § Dar-se por achado, mostrar que sabe alguma coisa. § Dar-se-lhe de alguma coisa, ou de alguem, fazer caso v. g. „ não se me dá lição. § Dar-se por entendido, i. e. por fazedor, ou que entende v. g. hum remoque, allusão. § Dar-se por convencido, por culpado, reconhecer-se; e confessar-se convencido, culpa-

Edição 1813

—BAXAR, v. n. Descer de alto para sitio inferior. *Encicla*, XII. 202. §. Vasar. v. g. baxar o rio, a mare. §. Baxar a consulta; vir com despacho del-Rei. §. Descer pelo rio, ou costa abaixo, e saltar em terra. *H. N.* 2. 414. esperando cada dia que baxassem aqui os Ingлезes. §. Abaixar, abater. *Cam. Canção V.* “a quem Amor os rayos seus baixou,” *Est.* 2. “que da materia se me baixou o engenho.”

DAR, v. at. Passar gratuitamente o dominio do que é nosso a outrem. §. Entregar: v. g. dá essa carta a teu amo. §. Produzir: v. g. a terra dá copiosos frutos. *fig.* A Universidade deu grandes estudantes. *V. do Arc.* 1. c. 3. arreceou el-Rei, que o Botelho se fosse para Castella, e lá desse de si outro Magallães (fazendo o que este fez). *Conto*, 5. 1. 3. §.

te potro hade dar cavallo.” §. Prescrever: v. g. dar regras, ordens, preceitos. §. Mostrar, prestar: v. g. dar obediencia a alguem. §. Dar nos olhos; ferilos: v. g. dar nos olhos a luz; e talvez deslumbrar: *Vieira*. “a luz deu olhos a huns, a outros deu nos olhos.” §. Dar com sigo, ou com outrem no chão; atirar, ou cair. *Vieira*. §. Dar em alguem pancadas, golpes, uma bofetada. Nos bons Autores acha-se dar de bofetadas, dar da vara, ou desporas no cavallo. *Clar.* 1. c. 14. e 15. *Dar de prancha* com a espada, e não com o cõte: dar de olho a alguem, fazer-lhe sinal c'os olhos, que outrem entenda. §. Dar sobre o inimigo; acconmette-lo *Mausinho*, f. 128. §. Dar com alguem; encontrá-lo, achá-lo, tomá-lo. *Vieira*. “quando a morte der com elle.” §. Levá-lo: v. g. “deu comigo no Ressio.” §. Dar de si; dobrar: v. g. deu de si a viga, a trave. Ceder: “deu de si o alicerce, e abriu a parede.” §. Ir tocar: v. g. “deu a não na areia, n'um penedo.” §. Acertar: v. g. deu-lhe o tiro pelos peitos. §. Dar lição. *V. Lição*. §. Dar a entender, ou em que entender. *V. Entender*. §. Dar em rosto, ou de rosto: dar de mão, a vela, á costa, as mãos, com um pão; dar o mão, batalha, dar no alvo, dar-se a partido. *V. os respectivos Substantivos das frases*. §. Causar: v. g. dar morte, vida, dar damno. *B.* 1. 8. §. dar perda. §. Dar ciúmes: pedir ciúmes á mulher. *Carta de guia*. §. Dar em que fallar; i. é, motivo á conversação dos censores, ou falladores. §. Dar c'o sitio; achá-lo. *M. Lus.* §. Dar n'um pensamento, dizemos quando elle nos vem, ou o achamos. *Vieira*. §. Dar com a porta nos olhos a alguem, não o receber, despedi-lo mal. *fig.* “dar com a porta nos olhos ás boas inspirações.” *H. Pinto*, p. 40. §. Dar a alguem Senhoria, Excellencia; trata-lo com estes tratamentos, ou dar como el-Rei faz. §. Dar: vir a praticar, neut. v. g. deu em despropósitos. §. Ir ter: v. g. esta rua vai dar na praça, ou á praça. §. Dar em alguem: accusar, dilatar. §. Dar de pedra, e de linhas. *V. Pedra, e Linhas*. §. Dar annos ao estudo; passá-lo no estudo. §. Dar-se: applicar-se. dar-se á Filosofia,

Edição 1789

do — § Nacer v. g. „ estas arvores não se dão perto do mar „ Couto 4. 7. 9. § Entregar-se, render-se. Ferreira Castro „ dei-me toda. § Dar-se á dor, á contemplação, á meditação. B. Lima Elogio 2. § Eu medarei a pena dessa culpa; deuse toda a diligencia. „ Sagramor 1. c. 18. „ os Fariseos vendo que Christo se dava aquella grande honra de ser elle o Messias, &c. „ Paiva Serm. 1. 1. f. 234. v. 5 — se com alguém, brigar com elle. Alegr. f. 117 — 118: ii. tratar leve amizade, ter alguma conversação.

Edição 1813

á lição; ds Boas Artes. T. d'Agora, 1. p. 5. §. Dar-se por sabido: mostrar que sabe alguma coisa. §. Dar-se-lhe de alguma coisa, ou de alguém; fazer caso: v. g. „ não se me dá disso.” §. Dar-se por entendido, i. é, por sabedor, ou que entende, v. g. em remoque, allusão. §. Dar-se por convencido, por culpado: reconhecer-se, e confessar-se convencido, culpado. §. Nascer: v. g. estas arvores não se dão perto do mar. Couto, 4. 7. 9. §. Entregar-se, render-se. Ferr. Castro. „ dei-me toda.” §. Dar-se á dor: á contemplação, á meditação. Bern. Lima, Elogio 2. §. Eu me darei a pena dessa culpa: deuse

toda a diligencia. Sagramor, 1. c. 18. os Fariseos vendo que Christo se dava aquella grande honra de ser elleo Messias, &c. Paiva, Serm. Tom. 1. f. 234. §. 5. Dar-se com alguém, brigar com elle. Alegr. f. 117 — 118. ii. tratar leve amizade, ter alguma conversação. §. Dar o relógio horas; fazer-las soar na campainha, ou em sino; e ellipticamente. „ que horas são?” dava cinco (sc. o relógio), se as já não deu.” Esfr. 2. 7. donde é erro dizer já derão 5. horas, salvo fallando de muitos relógios, ou sinos do lugar.

— DELICIOSO, adj. coisa, que causa delicia, ou deleite. § Homem —, dado a delicias. Paiva Sermões 1. 1. f. 11. v. „ edificar — o palacio. Vieira 4. n. 255.

DELICIOSO, adj. Coisa, que causa delicia, ou deleite. §. Homem delicioso; dado a delicias, que se trata com grande luxo em edificios, e móveis, &c. B. 3. 7. 4. Vasc. Sítio, f. 50. ficão os homens deliciosos, delicados, lascivos. „ São mal deliciosos em coisas de cheiros.” B. 4. 9. 3. deliciosos no traje. Id. 3. 2. 7. Príncipes deliciosos. Id. 3. 4. 4. Vieira, 4. n. 255.

— FACE, s. f. a parte do rosto dos olhos até a barba; o rosto todo. § Superficie, flor, tona. v. g. „ á face da agua „ Barros. § Apparencia v. g. „ faces da Lua v. fazes, ou Phazes. § A face de hum dado, ou de hum pedra, hum de suas superficies. Lucena „ pela face de baixo da camp. § v. Fachada do edificio. § Na Fortif. a parte do baluarte mais avançada á campainha, comprehendida entre o angulo da espalda, e o do baluarte. Fortif. Mod. § A face do negocio, o lado, ou diverso respeito por que se pôde considerar. Freire. § Andar á face, haver-se, fallar com singelleza, sem reboço, nem dissimulação. § Ver a Deus em sua propria face, ou de face a face, he o modo em que o vem, e conhecem os Anjos, e Bemaventurados. Vieira. § Recbido em face de Igreja i. é. no templo pelo Ministro competente, perante testemunhas.

FÁCE, s. f. A parte do rosto dos olhos até a barba; o rosto todo. §. Superficie, flor, tona: v. g. á face da agua: Barros. 2. 8. 1. §. Apparencia: v. g. faces da Lua. V. Fazes, ou Phazes. §. A face de hum dado, ou de hum pedra, hum de suas superficies planas. Lucena; pela face de baixo da camp: escrever em papel; em folhas d'ela (ao uso Oriental) d' ambas as faces. B. 1. 9. 3. no papel é pagina. §. V. Fachada do edificio. §. Na Fortif. a parte do baluarte mais avançada á campainha, comprehendida entre o angulo da espalda, e o do baluarte. Fortif. Mod. §. A face do negocio; o lado, ou diverso respeito por que se pôde considerar. Freire. §. Andar á face; haver-se, fallar com singelleza, sem reboço, nem dissimulação. Sá de Miranda: andava á face toda, ellas d'envers. §. Ver a Deus em sua propria face, ou de face a face, he o modo em que o vem, e conhecem os Anjos, e Bemaventurados. Vieira. §. Recbido em face de Igreja: i. é, no templo pelo Ministro competente, perante testemunhas. §. „ Com face de fingida honra encobrissem o envés do verdadeiro abatimento.” Ined. 1. f. 392.

Edição 1789

—HERDADE, f. f. prédio, casa, quinta, ou terra de lavoura, em geral, bens de raiz de toda forte.

—OBLAÇÃO, f. f. offrenda feita a Deus, ou aos Santos. § f. A coisa offerecida, altares cheios de oblações, Barros 1. D. f. 60. Arraes 1. 12.

—PALRAR, v. n. chulo, fallar, descobrir, dizer o segredo. § f. Os olhos palrão os segredos da alma. Eufr. 2. 3. § Parolar para impôr, e enganar. Arraes 1. 22.

—SALVAÇÃO, f. f. o acto de salvar, ou salvar-se do naufragio, perigo, damno, a pessoa, a vida, a fazenda. § Salvação da alma, que vai á bemaventurança. § Entrar o navio a salvação pela barra, i. e. salvo. Eufr. 1. 1. § Saudação. § a Salvação, e emparo da honra, que querião tirar á donzella. Palm. p. 2. c. 106.

—XEQUE, f. m. xefe de Cabilda, ou Tribu, Príncipe, ou Rei. Barros.

Edição 1813

HERDADE, s. t. Predio, casa, quinta, ou terra de lavoura: em geral, bens de raiz de toda sorte, bens solidos. "bem de Senhor não é herdade." Eufr. 1. 5. §. "Herdade de berrar, ou ermar," era o prazo, que quando se devolia ao direito Senhorio, este podia despovoá-lo dos moradores, se quizesse, e fazê-los ermos. Elucidário.

OBLAÇÃO, s. t. Offrenda feita a Deus, ou aos Santos. §. fig. A coisa offerecida. "altares cheios de oblações." B. 1. 8. 2. "entrassem na casa da abominação, e nella levantassem altar, para offerecer oblação accepta a Deus." Arraes, 1. 12.

PALRAR, v. n. chulo. Fallar, descobrir, dizer o segredo. §. fig. Os olhos palrão os segredos da alma. Eufr. 2. 3. e 1. 1. "o amor nasce do coração, e os olhos o palrão." §. Parolar para impôr, e enganar. Arraes, 1. 22. §. fig. "palra o estorninho." Cam. Canç. 16.

SALVAÇÃO, s. f. O acto de salvar, ou salvar-se do naufragio, perigo, damno, a pessoa, a vida, a fazenda. B. Clar. L. 2. c. 3. "rogar a Deus pela salvação de sua sobrinha." (que ançada no mar em grande tormenta.) §. Boya da salvação, a que se lança ao mar para se pgar a ella algum que cahiu, em quanto o vão tomar, é um barril grande com hum bandeirinha. §. Salvação da alma, que vai á bemaventurança. §. Entrar o navio a salvação pela barra; i. é, salvo. Eufr. 1. 1. §. Saudação. §. A Salvação, e emparo da honra, que querião tirar a donzella. Palm. P. 2. c. 106.

XEQUE, s. m. Xefe de Cabilda, ou Tribu, Príncipe, ou Rei. Barros, 2. 1. 2. "são havidos por Xeques, ainda que se chamem Reis" como hum não he subdito a outro logo se chama Xequê, ou Rei."

5. Registro do nome do autor e da obra, ou de um ou outro, documentando o exemplo.

Neste aspecto Morais seguiu os passos de Bluteau que teve o cuidado constante de registrar a referência bibliográfica. A 2ª edição procurou suprir este dado quando ele

faltou na 1ª edição. Moraes registrou o nome do autor e da obra, e outras vezes limitou-se a fornecer um ou outro da do; desta forma ele procurou ser o mais completo possível, pois o nome do autor ou da obra remetem o leitor à relação de autores e obras que se encontra no primeiro volume do Dicionário, facilitando ao leitor a identificação bibliográfica.

Edição 1789

-ABJECTO, adj. vil, baixo, desprezível. *Pai-va, Sermões*. 1. f. 284.

-AFFLIGIDO e „tem affligido „ e estar, ou ser affligido da peste, doença.

-BARÃO, s. m. dignidade de nobreza, que na graduação he immediata ao Visconde, e primeira, da qual se eleva alguém até o Ducado. § Os barões antigamente, os homens nobres, que servião na milicia, e fazião corte. § Homem esforçado, varão. C. e B. „ as armas, e os barões assinalados „ *Eufr.* 1. 2. „ bento he o barão, que por si se castiga, e por outrem não „ § nas antigas edições de Barros lê-se barões por varões v. g. „ na *Grammat.* f. 71. „ autoridade dos Barões doutos „ veja-se *Pereira de Manu Regia* ult. edição. p. 244. no fragmento „ e que o dito Rei, e seus barões, e Alcaides-mores, e conselheiros tomão, &c.

-DEMÊNCIA, s. f. loucura, falta de juizo. § Acção de louco. *M. L.* 197. t. 1.

-FACHA, s. f. tela, tocha, ou feiche de varas, vimes breados, que se accendem para allumiar, e para pôr fogo, facho. § Facha d'armas, antiga arma como machado grande usado na guerra para romper, e esmalhar a armadura do inimigo. § O feiche de varas com a machadinha que levavão os lietores dos Romanos „ foi S. Mathias apedrejado; e segundo o costume Romano ferido com hum facha „ *Flos Sant. V.* de S. Mathias pag. CXXXVIII. col. 1.

Edição 1813

ABJECTO, adj. Vil, baixo, desprezível. *Pai-va, Sermões*, 1. f. 284. e t. 3. f. 34. *Sousa, Vida*, 5. 12.

AFFLIGIDO, e „tem affligido, e estar, ou ser affligido da peste, doença. *Barros*, 1. 7. 3.

BARÃO, s. m. Dignidade de nobreza, que na graduação é immediata ao Visconde, e primeira, da qual se eleva alguém até o Ducado. § Os barões: antigamente, os homens nobres, que servião na Milicia, e fazião corte: e fig. homem esforçado, varão. C. e B. As armas, e os barões assinalados. *Eufr.* 1. 2. bento he o barão, que por si se castiga, e por outrem não, Nas antigas edições de Barros lê-se barões por varões: v. g. na *Gramm.* f. 71. autoridade dos Barões doutos. Veja-se *Pereira de Manu Regia*, ult. Edição. p. 244. no fragmento: e que o dito Rei, e seus Barões, e Alcaides-mores, e conselheiros tomão &c. *Ord.* 4. 36. §. 2. &c: e t. 100. 6. 1.

DEMÊNCIA, s. f. Loucura, falta de juizo. § Acção de louco. *M. Lus. Tom.* 1. 197. de amor. *Cron. Cist.* 6. c. 23.

FACHA, s. f. Tela, tocha, ou feiche de varas, vimes breados, que se accendem para allumiar, e para pôr fogo; facho. *Uliss.* 7. 80. § Facha d'armas; antiga arma como machado grande, usado na guerra para romper, e esmalhar a armadura do inimigo. *Ined.* 2. 289. § O feiche de varas com o machadinha, que levavão os lietores dos Romanos. „ foi S. Mathias apedrejado; e segundo o costume Romano ferido com hum facha „ *Flos Sant. V.* de S. Mathias, pag. 148. col. 1.

Edição 1789

—FALLAR, v. at. declarar os seus conceitos com palavras v. g. „a fallar a verdade; em geral dizemos fallar a alguém, ou com alguém. § Fallar por entre dentes, i. e. de sorte que se não ouve bem. § Fallar huma lingua estrangeira; fallar francez, inglez, &c. § Falla o instrumento, i. e. soa bem, e declara os affectos, que a musica pôde exprimir. § Fallar a ponto, e a favas contadas, (fr. prov.) i. e. a proposito. *Eufr.* 5. 5. 191.

—IDIOTA, adj. invariavel no genero; mulher, ou homem idiota, ignorante, sem estudos, letras nem instrução ainda leve, e ordinaria. *Flos Sanct.* p. 155. v.

—ODOR, s. m. cheiro, aroma. *Ferreira Egl.* 1. os cabellos spirão odor „ *Mausinho* f. 13. *Leão Cron. Sanc.* 1. f. 171. *Arraes* 4. 25. „ odor de santidade.

—RABISCAR, v. at. rabiscar papel, sujá-lo com rabiscas. § v. Rebuscar; rabiscar as uvas na vinha, tornar a ver se se achão os cachos, que ficarão por descuido, ou por não se verem. § no fig. *Conto D.* 8. f. 47. col. 2 „ se forão á Cidade a rabiscar o que ficou do sacco, que lhe havião dado „

—ZUNIR, v. n. fazer zunido, som agudo v. g. „zunem os ventos nas concavidades das rochas; *H. Pinto.* § Zunem os ouvidos, por doença. § Soar agudamente v. g. „reposta foi esta, que sempre houvera de andar zunindo nos ouvidos dos principes.

Edição 1813

FALLAR, v. at. Declarar os seus conceitos com palavras: v. g. a fallar a verdade; em geral dizemos fallar a alguém, ou com alguém. §. Fallar, dizer: o fallam ao Regedor. *Ined.* 3. 571.: a mim fallou-o em segredo. *ib.* pag. 36. §. Fallar por entre dentes; i. é, de sorte que se não ouve bem. §. Fallar huma lingua estrangeira; fallar Francez, Inglez, &c. §. Falla o instrumento, i. é, soa bem, e declara os affectos, que a musica pôde exprimir. §. Fallar a ponto, e a favas contadas, (fr. prov.) i. é, a proposito. *Eufr.* 5. 5. 191. §. fig. „por ella fallava a idade, o tempo, e a necessidade. “*V. do Arch.* 1. 20. (orar, advogar no fig. ou indicar, dar a conhecer.) §. — se com alguém: conversar, saudar. §. it. tratar, praticar, entender-se, aconselhar-se. *Ord. Af.* 1. 51. 4. concordar com elle em resolução.

—IDIOTA, adj. invariavel no genero. Mulher, ou homem idiota; ignorante, sem estudos, letras, nem instrução ainda leve, e ordinaria. *Flos Sanct.* p. 155. §. *Barr. Dial.* f. 234. *Vieira*, 6. f. 3. “povo idiota.” *Naufr. de Sepulv.* “hum idiota.” (sc. homem) como subst. terem os idiotas paz com a virtude. *H. Pinto, Verd. Amiz.* c. 19.

—ODOR, s. m. Cheiro, aroma. *Ferr. Egl.* 1. “os cabellos spirão odor.” *Mausinho*, f. 13. *Leão, Cron. Sanc.* 1. f. 171. *Arraes*, 4. 25. odor de santidade. *Goss, Chron. Man.* p. 57.

“o bom odor de sua vida.” *Cart. do Japão*, Tom. 2. f. 153. col. 2. “o máo odor dos vícios.” *Arraes*, 1. 9.

—RABISCAR, v. at. Rabiscar papel. Sujá-lo com rabiscas. §. V. Rebuscar. rabiscar as uvas na vinha, tornar a ver se se achão os cachos, que ficarão por descuido, ou por se verem. §. no fig. *Conto*, *D.* 8. c. 15: se forão á Cidade rabiscar o que ficou (do sacco, que lhe havião dado.) *idem* 10. 1. 12.

—ZUNIR, v. n. Fazer zuniidos, som agudo; v. g. “zunem os ventos nas concavidades das rochas.” *H. Pinto.* § Zunem os ouvidos, por doença. §. Soar agudamente; v. g. “reposta foi esta, que sempre houvera de andar zunindo nos ouvidos dos Principes”: zunião pellouras pelas orellhas. *Conto*, 5. 4. 7. zune a chama; a labareda dos engilhados folles impellida. *Alfeno Cynth.* e *Carção. Poes.*

6. Informação gramatical.

Os dados gramaticais constituem, como vimos anteriormente, um aspecto importante da redacção de um verbete. Moraes forneceu vários tipos de informação gramatical, como: ortografia, fonética, morfologia, regência, concordância.

Como na 2ª edição há a "Epítome à Gramática Portuguesa", os dados gerais sobre a gramática aí podem ser encontrados, mas as irregularidades Moraes as registrou no corpo do verbete, como podemos observar nos exemplos seguintes:

Edição 1789

—AIO, f. m. o homem que cria, e educa algum moço. *Sá Mir. Estrang. § Aio do elefante*, v. cornaca. *Castan. L. 3. p. 173. c. 2.*

—BEM, f. m. aquillo que he útil para a existência, e confervação, ou auge de alguma coisa, física, ou moralmente. *B. Clarim. cap. 62. § Beneficio v. g.* „ fazer bem, proveito, utilidade. *§ Homem de bem*, o que he moralmente bom, dotado de virtudes Christãs, e Civis; talvez se toma por homem nobre, generoso. *§ Bens pl.* fazenda, haveres. *§ Bem querer*, por ter amizade, amor.

—DATIVO, f. m. caso, ou inflexão dos nomes que equivale à preposição *a* junta ao mesmo nome v. g. em *Portuguez me* v. g. „ deu-me um livro, e outro *a João*, ou deu um livro *a João*, e outro *a mim*.

—EMINENCIA, f. f. lugar alto. *§ f.* „ a eminencia do Imperio; elevação v. g. „ a eminencia do espirito, altiveza. *Vieira. § Titulo que se dá aos Cardeaes. Vossa Eminencia.*

Edição 1813

AIO, s. m. O homem que cria, e educa algum moço. *Sá Mir. Estrang. §. Aio do elefante. V. Cornaca. Castan. L. 3. p. 173. c. 2. (ayo melh. ortogr.)*

BEM, s. m. Aquillo que é útil para a existência, e conservação, ou auge de alguma coisa, física; ou moralmente. *B. Clar. c. 62. §. Beneficio : v. g. "fazer bem;"* proveito, utilidade. *§. Homem de bem;* o que é moralmente bom, dotado de virtudes christãs, e civis; talvez se toma por homem nobre, generoso. *§. Bens, pl.* fazenda, haveres. *§. Bem querer :* ter amizade, amor. *§. Os Antigos escreverão bẽe como soa; e não bem deixando a boca para proferir o m; e dixerão bẽs no plural pela analogia, com que em muitos Nomes Latinos, entre cujas duas ultimas vogaes hi m, ou n, fizerão a penultima nasal, tirando o m, ou n : v. g. bõo de bono, affu de affui, Romão de Romano, &c.*

DATIVO, s. m. Caso, ou inflexão dos nomes, que equivale à preposição *a* junta ao mesmo nome; v. g. em *Portuguez me* v. g. deu-me um livro, e outro *a João*; i. é, deu um livro a João, e outro *a mim*. Mas este mesmo *me* serve de paciente outras vezes: v. g. feriu-me, matou-me; e quando dizemos: matou-me dois Soldados: tira-me os olhos: rouba-me a fazenda: o *me* faz vezes do Dativo Latino.

EMINENCIA, s. f. Lugar alto. *§. fig. a eminencia do Imperio; elevação : v. g. a eminencia do espirito; altiveza. Vieira. a eminencia de suas virtudes. V. do Arc. 2. 18. "grande eminencia em lettras." Id. c. 30. §. Titulo que se dá aos Cardeaes. Vossa Eminencia; mas os adjectivos attributivos, e o pronome elle usão-se mascul. Vossa Eminencia convencido : diremos tambem, esta Eminencia.*

—EMPERRAR, v. at. fazer perro, obstinado, raivoso. *Prestes*, f. 2. „isso me emperra. § Emperrar-se, &c.

EMPERRAR, v. at. fazer perro; obstinado, raivoso. *Prestes*, f. 2. “isso me emperra.” §. Emperrar-se, ou emperrar, neutro, obstinar-se: v. g. Emperrar-se nos vícios. *H. Pinto*, emperrados nos vícios; não descontinuar com obstinação. §. Emperrar tem é em empérro, empérras, empérrea, empérrão, do Indicativo: no Subj. empérre, empérres, empérrem.

NÃO, adv. com que negamos, que o attributo convenha ao sujeito de que se trata v. g. „*Pedro não he mentiroso*”, § Não já, não que, i. e. não porque, sem que v. *Encida* 9. 106. „*porém não que por isso desanime*. § Junta-se aos adjectivos, e aos substantivos tomados comprehensivamente v. g. „*o coração não-senhor de si*”, *Barros Elog.* 1. f. 374. „*3 dias de caminho, ou arses não caminho*”, *Vieira*.

NÃO: Adverbio, com que negamos, que o attributo convenha ao sujeito, de que se trata: v. g. *Pedro não é mentiroso*: i. é, existe sem o attributo mentiroso. §. *Não já*; *não que*; i. é, não porque, sem que. V. *Encida*, IX: 106. *porém não que por isso desanime*. §. Junta-se aos adjectivos, e aos substantivos tomados comprehensivamente: v. g. *o coração não-senhor de si*.

Barros, *Elog.* I. f. 374. “*tres dias de caminho, ou antes não caminho*.” *Vieira*. (Dos quaes exemplos se vê, que não equival a *in*, e desprivativos, e a *sem*: v. g. não-amante, é o que *desama*, o *sem amor*, e *sem amando* (V. o Artigo *Gerundio*): não-voluntario, é involuntario. Vê-se mais, que não se ajunta aos Verbos, para fazer sentenças negativas, excluindo da affirmação do attributo existir, que é como base, os outros attributos: v. g. *eu amo e eu existo amante*; e *eu não amo*, não diz que eu não existo, mas que existo *sem amor*, ou *não-amante*: e que este não he como os outros adverbios, modifica os attributos verbâes, e não a asserção, ou affirmação, que é o caracter essencial do Verbo: *amo muito* com effeito equival a *existo muito amante*, &c. e todos exprimem um modo, em que a nossa alma considera os attributos das coisas, e que se enuncia por uma palavra, ou mais de uma: v. g. *sem prestança, em paz, de boa mente*, &c. V. o Art. *Adverbio*.)

OBEDECER, v. n. prestar, dar obediencia, ceder á ordem, preceito, e executá-lo. § Reconhecer vassallagem, e cumprir como vassallo v. g. „*os que obedecem á Czarina*; ao *Sceptro Lusitano*, &c. § Seguir o impulso, direcção fisica v. g. „*obedecem o navio ao leme*” e milagrosamente „*que homem he este a quem os mares, e ventos, os Ceos, e os infernos obedecem!*” § Ceder ao remedio v. g. „*obedeceu a febre*; e a remedio espirital „*obedecem a ira á razão*”, o demonio aos preceitos do exorcista.

OBEDECER, v. n. Prestar, dar obediencia, ceder á ordem, preceito, e executá-lo. § Reconhecer vassallagem, e cumprir como vassallo: v. g. *os que obedecem á Czarina*; ao *Sceptro Lusitano*, &c. §. fig. Seguir o impulso, direcção fisica: v. g. *obedeceu o navio ao leme*; e milagrosamente; “*que homem é este, a quem os mares, e ventos, os Ceos, e os Infernos obedecem!*” §. Ceder ao remedio: v. g. *obedeceu a febre*; e a remedio espirital: v. g. *obedeceu a ira á razão*; o *Demonio aos preceitos do Exorcista*. Alguns Classicos dizem: *obedecer sem piepos*, v. g. “*melhor os obedecerão*,” *Vieira*, *Cart. Tum.* 1. f. 79. §. IX.

—UTENSÍLIOS, s. m. pl. os trastes do uso, v. g. da casa, do official mecanico, do soldado. *D. Fr. Manuel*.

UTENSÍLIOS, s. m. pl. Os trastes do uso; v. g. da casa, do official mecanico, do soldado. *D. Fr. Man.* outros dizem: *utensis* mais conforme á analogia da lingua em *gazis, perfis, vis*, &c.

7. Registro do nível a que pertence à palavra.

Esta alteração representa um ponto interessante da obra de Moraes. Já tratamos deste assunto à p.115 ss, onde registramos uma abundante exemplificação de verbetes que possuem registrado o nível de língua a que pertencem; muitas vezes é a indicação da linguagem especial a que pertence o vocábulo.

Edição 1789

Edição 1813

— GALARDÃO, s. m. remuneração, premio.
Lobo.

— GALARDÃO, s. m. Remuneração, premio.

Lobo. §. t. jurid. Despacho. "a parte que appareceu haja seu galardão." Ord. Af. 3. f. 101.

— HABITUAL, adj. em que temos feito habito v. g. „ defeito habitual; estudo habitual. § Peccado habitual, o que sempre nos macula a consciencia, até ser perdoada. § Doença habitual, a que alguém padecer sempre, ou quasi sempre. § Graça habitual, a que tem feito assento na alma.

HABITUAL, adj. Em que temos feito habito: v. g. defeito habitual: estudo habitual. §. Peccado habitual; o que sempre nos macula a consciencia, até ser perdoado. §. Doença habitual; a que alguém padecer sempre, ou quasi sempre. §. Graça habitual; a que tem feito assento na alma: t. theol.

— HERBORIZAR, v. n. recolher plantas, flores, frutos para examiná-las como Botânico; ou para as conservar para usos Medicos, ou de Artes.

HERBORIZAR, v. n. Recolher plantas, flores, frutos, para examiná-las como Botânico; ou para as conservar para usos Medicos, ou de Artes. t. mod. adopt.

— LANTERNA, s. f. instrumento feito de hum cylindro de lata crivado, com sua portinha, na bafe vai posta humma luz de vela: outras tem outra figura, e levão vidraças á roda da luz. § Lanterna de furta fogo, aquella, em que a luz se pôde encobrir v. furta fogo. § Lanterna Mágica, a que por vidros dispostos de certo modo faz ver em hum panno, papellão, ou na parede varios objectos. § na Artilheria, são circulos de ferro cruzados, entre os quaes se mette o envoltorio oval, de que consta o carcaz, ou carcassa, para se atirar ao inimigo. §. na Mechanica, é cylindro formado por duas rodas iguaes, e parallelas, formando o corpo do cylindro uns fuselos, ou peças roliças igualmente intervalladas, nos quaes endentão, ou entrosão os dentes de alguma roda, que os tem na periferia, ou na coroa plana.

LANTERNA, s. f. Instrumento feito de um cylindro de lata, ou prata, crivado, com sua portinha; na base vai posta uma luz de vela: outras tem outra figura, e levão vidraças á roda da luz. §. Lanterna de furta fogo; aquella, em que a luz se pôde encobrir. V. Furta fogo. §. Lanterna Mágica; a que por vidros dispostos de certo modo faz ver em um panno, papellão, ou na parede varios objectos. §. na Artilheria, são circulos de ferro cruzados, entre os quaes se mette o envoltorio oval, de que consta o carcaz, ou carcassa, para se atirar ao inimigo. §. na Mechanica, é cylindro formado por duas rodas iguaes, e parallelas, formando o corpo do cylindro uns fuselos, ou peças roliças igualmente intervalladas, nos quaes endentão, ou entrosão os dentes de alguma roda, que os tem na periferia, ou na coroa plana.

8. Acréscimo de verbetes.

De uma pequena amostragem de mil verbetes (a mesma utilizada no confronto entre as obras de Bluteau e Morais), fizemos um confronto entre a 1ª e a 2ª edição do Dicionário.

Os verbetes abaixo relacionados constam da edição de 1813 e não da edição de 1789. É interessante notar que à exceção dos verbetes GALADÚRA, HIRSÚTO e SAFÁR, todos os demais não constam também do Vocabulário de Bluteau.

ALPINO	OBCECAÇÃO
DEBÓCHE	OBRADÁR
DECISÓRIO	OBÚZ
EMISSÃO	PANTALÒNAS
EMPACHOSO	RÁBIDO
EMPAVONÁR-SE	RACIONALIDADE
FADIGOSO	RAPTÁR
GAANÇÁR	SABENÇA
GALDÚRA	SAFÁR
GAMBÍTO	SAIÓTE
GÀNA	URUPÊMBA
HASTILHA	USUCAPIR
HAVÍDO	XÁRQUE
HIRSÚTO	XOFRÁR
NAMORADEIRA	XOFRANGO
NASÁL	ZUMBÍR
OBA	

Os dois últimos tipos de alteração que constatamos são de menor importância, mas como foram por nós percebidos, fizemos o registro em nosso trabalho; são eles: registro da origem da palavra e do nome científico.

9. Registro da origem da palavra.

Este registro destaca apenas que a palavra portuguesa foi tomada de outra língua. Não há uma posição definida de Morais em sempre registrar se a palavra é empréstimo estrangeiro; por isso, consideramos de pouca importância essa

Edição 1789Edição 1813

— CADETE, f. m. filho segundo, ou terceiro de casa nobre, em que ha vinculo; nelle sentido he mui moderno, e figurado, porque de ordinario os filhos segundos he que sentão praça. § Soldado nobre, que goza de certas distincções. *Regul. Militar.*

CADETE, s. m. Filho segundo, ou terceiro de casa nobre, em que ha vinculo, neste sentido é mui moderno, e figurado, porque de ordinario os filhos segundos sentão praça § Soldado nobre, que goza de certas distincções. *Regul. Militar. (Fransez, Cadet)*

— JAVRE, f. m. circulo aberto em redor da borda das vasilhas de tanoa, no qual se embebem as taboas dos fundos.

JÁVRE, s. m. Circulo aberto em redor da borda das vasilhas de tanoa, no qual se embebem as taboas dos fundos. *(Franc. jable)*

— UCHA, f. f. antiq. caixa de guardar pão, e outras victualhas.

ÚCHA, s. f. antiq. Caixa de guardar pão, e outras victualhas. *(Inglez. hutch.)*

10. Registro do nome científico.

Dos mil verbetes que analisamos, apenas no verbete A BELHA, na 2ª edição, há o registro do nome científico. Devemos ressaltar, todavia, que Moraes registrou o nome científico de uma planta de nome Abelha e não do inseto.

— ABELHA, f. f. insecto, que recolhe o mel das flores. § n. prop. de uma Constellação meridional.

ABELHA, s. f. Insecto, que recolhe o mel das flores. § n. prop. de uma Constellação meridional. § Planta (*Ophrysmyodes*).

Q U I N T A P A R T E

QUINTA PARTE -

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Prefácio de nosso trabalho, afirmamos que o Dicionário de Moraes não se constitui apenas num repositório do léxico português dos séculos XVI e principalmente XVII, mas também num veículo da cultura portuguesa dessa época.

De fato, o dicionário apresenta aspectos reveladores da cultura de Portugal. Embora já tenhamos tratado desse assunto numa parte anterior do nosso trabalho, foi através da redação que Moraes deu aos seus verbetes e através dos exemplos por ele selecionados que pudemos comprovar a presença de certos autores e de suas obras expressando a cultura de então.

1. A presença de grande número de obras de escritores religiosos, tratando dos mais variados assuntos, evidencia a marcante influência da classe sacerdotal na época. Além das obras tratando de assuntos gerais, encontramos aquelas de cunho eminentemente religioso e moral, às quais se juntam também outras tantas sobre a vida dos santos da igreja. Entre elas destacamos: Flos Sanctorum de Diogo do Rosário, Vita Christi de Frei Bernardo de Alcobaça, Alma Instruída de Pe. Manuel Fernandes, Crônica de Cister de Frei Bernardo de Brito, História da Religião de São Domingos de Frei Luís de Sousa, além dos Sermões de Pe. Antônio Vieira e muitos outros autores consultados por Moraes.

2. Outro dado revelador foi a abundante exemplificação extraída de autores condenados pela Inquisição. Sobre este aspecto vale ressaltar que Moraes não acrescentou na relação de autores e obras, os nomes de Garcia de Horta, Bernardim Ribeiro, o mesmo acontecendo com Gil Vicente, cujas obras, na maioria condenadas, não constam da relação. Entretanto, é com certeza, que afirmamos a presença desses au

tores, porque suas obras serviram de exemplo para Moraes a bonar os seus verbetes; assim os verbetes ABANTÈSMA, AFA-NÁR e REMIDÒR são abonados por Gil Vicente; no verbete TRACILHÁDO, localizamos Bernardim Ribeiro e nos verbetes A FILÁR, DESDÉM e SAÍDA, a obra Menina e Moça; nos verbetes ACORCOBÁR, ÁMBAR e SÁRNA, a documentação é de Garcia de Horta. Possivelmente, por cuidado, Moraes tenha preferido registrar tais autores no corpo de seu Dicionário, ao invés de fazê-lo na relação de obras usadas como acervo lexicográfico. Lembre-se que ele próprio fora vítima da Inquisição.

3. Ao longo de todo o Dicionário constatamos a presença de uma variada exemplificação extraída da literatura jurídica da época, dando-nos a conhecer alguns aspectos da legislação portuguesa, principalmente naqueles verbetes onde aparecem as Ordenações Afonsinas (verbetes AFORTALEZÁDO), Filipinas (verbetes AMEÁÇA), Manuelinas (verbetes ÁRCA), as leis Josefinas (verbetes CHIFARÓTE) e Modernas (verbetes ALLICIA DO). Juntamente com essa legislação, encontramos registrados, no interior dos verbetes, inúmeras leis, decretos, forais e estatutos que eram aplicados naquela época.

4. A presença marcante de obras de exaltação à pátria, de vários autores, demonstra o espírito de autonomia reinante entre o povo português que esteve submisso ao domínio da Espanha entre 1580 e 1640. As obras de tais escritores tiveram acolhida em Moraes que abonou inúmeros verbetes com exemplos extraídos dessas obras; à título de comprovação registramos: Cerco de Diu de Francisco de Andrade, no verbete DESAFRONTÁDO; Elegíada de Luís Pereira Brandão, nos verbetes ARTÍFICE e ASSASSÍNIO; Ulissea ou Lisboa Edificada de Gabriel Pereira de Castro, nos verbetes AFUGENTÁR e ENCANECER; Ulisipo de Antônio de Sousa Macedo, nos verbetes AMEAÇÁR, FOUTÈZA e TITÉLA; Anacefaleoses da Monarquia Lusitana de Manuel Bocarro Francês, nos verbetes AGGREGAÇÃO e REFOCILLÁR.

Ao lado dos épicos acima mencionados, ao longo de

toda a obra de Morais a abonação é fornecida pelo épico da língua Os Lusíadas de Camoões, fonte inesgotável de exemplos; verbetes: DÉA, DESCRÍDO, FORTÚNA, etc.

5. Ao lado das obras pertencentes ao gênero épico, Morais também consultou com frequência as inúmeras e variadas relações de viagens dos portugueses; elas apresentavam os feitos heróicos dos navegadores e nada mais edificante para uma nação subjugada do que a exaltação de seus heróis nacionais. Das relações de viagens citadas por Morais, selecionamos apenas algumas e os verbetes onde elas aparecem citadas; nos verbetes APOUCÁDO, PENDÒR e PÉRCHA, a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto; em XAUTÉR, a Relação do Pe. Manuel Godinho; em ARRIÇÁVEL e SAMITÁRRA, o Itinerário a Índia e Portugal de Antônio Tenreiro; em PENEDÍO, PENCA e SAZOÁVEL, a História Náutica-Trágico Marítima de Bernardo Gomes de Brito, obra bastante citada por Morais; em CHOVE-DÍÇO, a Jornada de África de Jerônimo de Mendonça; e assim como essas, muitas outras foram citadas.

Percorrendo os dois volumes do Dicionário, pudemos ir extraindo uma infinidade de verbetes que nos deram a conhecer a cultura de Portugal; suas explicações, algumas vezes enciclopédicas, nos remeteram ao tempo em que o lexicógrafo escreveu e nos deram a conhecer fatos interessantes sobre os mais diversos aspectos da vida em Portugal, e também do Brasil. Com relação a Portugal, basta-nos lembrarmos informações contidas nos verbetes ESCÚDO e REAL, sobre o valor dessas moedas durante os diversos reinados portugueses; ou ainda o verbeito EXPECTATÍVA que significava naquela época a "esperança de uma comenda ou de um benefício prometido"; ou mesmo CADÉRNO que era um "conjunto de cinco folhas de papel soltas ou cosidas em livro". Do Brasil, podemos destacar CANGÍCA e MANIPUEIRA; em CANGÍCA Morais nos diz que era o milho pilado cozido em leite com açúcar, ou ainda com sal e água; e em MANIPUEIRA, era água extraída da mandioca ralada, usada para se fazer farinha; e do pó

assentado, fazia-se a goma.

A obra de Moraes teve o seu valor algumas vezes contestado por Inocêncio Francisco da Silva, em seu Dicionário Bibliográfico; foi por mera coincidência que encontramos algumas críticas de Inocêncio a Moraes. Quando procurávamos informações sobre alguns dos escritores que compuseram a relação de autores de Moraes, foi que deparamos com tais críticas, que se encontram nos seguintes verbetes: Manuel Fernandes Villa-Real, D. Fernando Alvira de Castro, Duarte de Sande e Manuel dos Reis Tavares. Nos verbetes relativos aos três primeiros nomes, Inocêncio afirmou que Moraes cometeu erro grosseiro e imperdoável, porque ao citar tais autores, ignorou que os mesmos só tiveram suas obras escritas em es^{pa}nhol. Talvez Moraes ignorasse que essas edições eram es^{pa}nholas; entretanto, seu erro pode ser plenamente justificado, tendo em vista que o nosso lexicógrafo tomou por obra básica para as suas consultas a obra de Bluteau, onde se encontravam citados os mesmos autores. É possível que Moraes não tenha tido meios para pesquisar a respeito dessas obras, seguindo apenas o que registrou Bluteau.

Quando tratou de Manuel dos Reis Tavares, Inocêncio afirmou que a obra deste escritor português se encontrava no catálogo de livros que Moraes declarou ter visto para a composição de seu Dicionário. Com relação a esta afirmativa de Inocêncio, pudemos comprovar que Moraes consultou o mencionado autor, pois nos verbetes CENTÊLHA e GLOBÍFERO se encontra registrado o nome de Manuel Tavares. Acreditamos que não tenha havido uma revisão dos autores por parte de Moraes, dado ao fato de ele ter composto o Dicionário sozinho e numa época em que tal tipo de trabalho era executado sem colaboradores. Além disso, ressaltamos que Moraes, quando da preparação da 2ª edição, já se encontrava no Brasil, exercendo o cargo de Juiz de Fora e Provedor dos Ausentes no Estado da Bahia, não tendo mais em mãos a vasta bibliografia que antes contara em Portugal para elaborar a 1ª edição.

As falhas que apontamos anteriormente e que foram cometidas por Morais, não desmerecem em nada a sua obra, pois seus valores são inúmeros e muito importantes para o estudo do léxico português.

Juntamente com o aspecto cultural a que já nos referimos antes, a obra de Morais possui um grande valor lexicográfico para os estudos atuais de Lexicografia. Sua obra serve de base para os estudos filológicos do português, principalmente no tocante à data de introdução de palavras na língua portuguesa. Nossa afirmativa se fundamenta no seguinte fato: quando consultávamos o Dicionário de Morais, edição de 1813, encontramos o verbete EMOÇÃO definido como "motim, alvoroço, união do povo", e como fonte de referência a Gaze de Lisboa de Montarroio. A definição apresentada difere bastante da atual, registrada em nossos dicionários modernos. Consultamos, então, o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado, na sua 2ª edição, para sabermos a forma latina da palavra. Com surpresa encontramos ao lado da palavra francesa "émotion", de onde veio o termo com o significado que tem contemporaneamente em nossa língua, registrado o século XVIII e a referência à 2ª edição do Dicionário de Morais. Concluímos daí que a obra de Morais foi a fonte utilizada por Machado para determinar a data de entrada dessa palavra na língua portuguesa com o significado de "motim, alvoroço, união do povo".

A partir desse exemplo, consultamos novamente o Dicionário Etimológico de Machado, onde estão registradas centenas e centenas de vezes referências às diversas edições do Dicionário, como fonte utilizada por Machado para determinar a data de entrada das palavras na língua. Como exemplificação, selecionamos alguns verbetes onde Machado registrou como referência a 2ª edição do Dicionário, ou seja, a de 1813; excluímos dessa relação abaixo todas as referências feitas à edição de 1789 e às demais edições da obra de Morais posteriores a de 1813: adamar, amenizar, baço, coagular, diartrose, eletrizar, estádio, ferimento, gana, hesita

ção, hipérbole, imaterial, joeirar, ligadura, mação, manioba, nicociana, opúsculo, pairador, quatralvo, rebocar, sigilo, soalhar, terrear, unívoco, vareta, xarque, zingrar, etc.

Se nós considerarmos agora o conteúdo lexicográfico do Dicionário, observamos que Morais avançou muito em relação ao seu tempo.

Em se tratando da definição dos verbetes, Morais utilizou os mesmos recursos que a moderna Lexicografia estabelece para a elaboração de um dicionário de uso da língua. A definição constitui o dado essencial do verbete, pois tudo gira em torno dela num dicionário. Quem consulta o Dicionário de Morais, encontra em primeiro lugar a indicação da classe gramatical a que pertence a entrada e, em seguida, a definição. Morais elaborou um dicionário que registrou a norma lingüística culta, corrente na sociedade portuguesa da época. Desta forma, as definições foram adequadas aos padroes culturas então vigentes, e por esta razão seu trabalho vem a ser um "texto cultural", no dizer de Dubois, ou seja, um testemunho da cultura portuguesa dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Tão importante quanto a definição, são os exemplos escolhidos por Morais. Nesse aspecto ele mostrou ser um hábil lexicógrafo, pois sua exemplificação é a mais abundante e mais adequada possível; extraídos das obras de escritores dos séculos XVI e principalmente XVII, os exemplos documentam os valores semânticos e os usos referidos pelo lexicógrafo. A abonação constitui um registro cultural, porque uma citação literária remete o leitor ao autor e à sua obra, e, conseqüentemente, à história das idéias da qual os escritores são as principais testemunhas. E é sobre este aspecto que reafirmamos ser o Dicionário de Morais o repositório, não só do léxico, mas também da cultura do povo português do seu tempo. Os exemplos selecionados por Morais, exceção feita àqueles produzidos por ele próprio, vêm acompanhados, regularmente, da referência bibliográfica, aspecto pouco

frequente em dicionários modernos, onde, às vezes, as referências inexistem.

Seu Dicionário, embora produzido em uma época em que as ciências estavam dando seus primeiros passos, sem auxílio de bons modelos lexicográficos e elaborado por um só indivíduo, constitui um inestimável material de estudo para os filólogos e lexicógrafos portugueses que queiram buscar informações ou modelos lexicográficos de valor.

Com base no Vocabulário de Bluteau, Morais criou o seu modelo de dicionário, enriquecendo-o com definições e exemplos da melhor qualidade. Podemos concluir afirmando que o Dicionário de Morais não constitui apenas um

"conjunto de palavras; ele é veículo de idéias e sentimentos, traduz a existência de fatos, a presença das coisas". (45)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-

1. Baião, Antônio E.S.- Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa, 3ª edição, vol.II, Coleção Seara Nova, 1973.
2. Biderman, Maria Tereza C. - Teoria Lingüística, Biblioteca Universitária de Lingüística Língua Portuguesa, vol.I, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Rio de Janeiro, 1978.
3. Bluteau, Pe.Raphael - Vocabulário Português e Latino, Colégio das Artes da Companhia de Jesus, Lisboa, 1712.
4. Carvalho e Araújo, A.Herculano - Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal, Livraria Bertrand, Lisboa.
4. Cidade, Hernani - Portugal Histórico-Cultural, Livraria Progresso Editora, Salvador, Bahia, 1958.
6. Cidade, Hernani - A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina, Armênio Andrade Editor, Coimbra, 1964.
7. Cidade, Hernani - Lições de Cultura e Literatura Portuguesas, 4ª edição, Coimbra Editora Ltda, 1959.
8. Cunha, Pe.Arlindo R. da - A Língua e a Literatura Portuguesa, Edição do Autor, Braga, 1948.
9. Dicionário Enciclopédico Salvat, Salvat Editores, S.A., Barcelona, 1955.
10. Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega, direção de Jacinto do Prado Coelho, Livraria Figueirinhas, Porto, 1979.
11. Dubois, Jean - Dictionnaire de Linguistique, Librairie Larousse, Paris, 1973.
12. Dubois, Jean et Claude - Introduction à la Lexicogra-

- phie: le Dictionnaire, Langage, Larousse, Paris, 1971.
13. Enciclopédia Brasileira Mérito, Editora Mérito S.A., São Paulo, 1958.
 14. Freire, A. Braacamp - Vida e Obras de Gil Vicente, Trovador, Mestre da Balança, Edição da Revista Ocidente, Lisboa, 1944.
 15. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Editorial Enciclopédia Ltda., Lisboa.
 16. História de Portugal, Edição Monumental, organizada por Damião Peres e Eleutério Cerdeira, Portucalense Editora Ltda., Lisboa, 1933.
 17. Machado, Diogo Barbosa - Biblioteca Lusitana, Lisboa Ocidental, Oficina de Antônio Isidoro da Fonseca, Lisboa, 1741.
 18. Machado, José Pedro - Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, 2ª edição, Editorial Confluência, Lisboa, 1967.
 19. Matoré, Georges - Histoire des Dictionnaires Français, Larousse, Paris, 1968.
 20. Melo, Gladstone C. de - Dicionários Portugueses, Coleção Brasileira de Divulgação, série III, nº 3, MEC, 1947.
 21. Vasconcelos, C. Michaélis de - Notas Vicentinas, Edição da Revista Ocidente, Lisboa, 1949.
 22. Monteiro, J. de Sousa - "O dicionarista Antônio de Moraes Silva e a Inquisição", in Boletim da Segunda Classe da Academia Real de Ciências de Lisboa, vol. I, Lisboa, 1903.
 23. Pereira da Costa, Francisco A. - Notícia Biográfica do Dr. Antônio de Moraes Silva, Pernambuco, 1906.
 24. Pidal, R. Menendez, - Estudios de Lingüística, Espasa Cal

pe S.A., Madrid, 1961.

25. Preti, Dino - Sociolinguística- Os níveis de fala, Companhia Editora Nacional, S.Paulo, 1982.
26. Saraiva, Antônio José - História da Cultura em Portugal, Jornal do Foro, 1950.
27. Saraiva, Antônio José - A Inquisição Portuguesa, Coleção Saber, Publicações Europa América, 1956.
28. Silva, Antônio de Moraes - Dicionário da Língua Portuguesa, Oficina de Simão Thadeo Ferreira, Lisboa, 1789.
29. Silva, Antônio de Moraes - Dicionário da Língua Portuguesa, Tipografia Lacerdina, Lisboa, 1813.
30. Silva, Inocêncio Francisco da - Dicionário Bibliográfico Português, Imprensa Nacional, Lisboa, 1858.
31. Silva Dias, J.S.- "O Primeiro Rol de Livros Proibidos", separata de Biblos, vol.XXXIX, Coimbra, 1963.
32. Zgusta, Ladislav - "Dicionário Unilingue", in Manual of Lexicography, tradução de José Amaral de Almeida Prado, The Hague, Mouton, Paris, 1971.